

Dez leituras sobre o léxico

Elisângela Santana dos Santos
A. Ariadne Domingues Almeida
Natal Almeida Simões Neto
[Organizadores]



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho
Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Avila
Vice-Reitor



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Diretora
Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares	Suplentes
Alan da Silva Sampaio	Agripino Souza Coelho Neto
Antenor Rita Gomes	Ana Lúcia Gomes da Silva
Darcy Ribeiro de Castro	Eduardo José Santos Borges
Elizeu Clementino de Souza	Isaura Santana Fontes
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Hugo Saba Pereira Cardoso	Marcos Antonio Vanderlei
Janaina de Jesus Santos	Marcos Aurélio dos Santos Souza
Luiz Carlos dos Santos	Marcos Bispo dos Santos
Maria das Graças de Andrade Leal	Marilde Queiroz Guedes
Reginaldo Conceição Cerqueira	Maristela Casé Costa Cunha
Rosemary Lapa de Oliveira	Marluce Alves dos Santos
Rudval Souza da Silva	Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Simone Leal Souza Coité	Mônica Beltrame
Valquíria Claudete Machado Borba	Nilson Roberto da Silva Gimenes

Elisângela Santana dos Santos
A. Ariadne Domingues Almeida
Natal Almeida Simões Neto
[Organizadores]

Dez leituras sobre o léxico

EDUNEB
Salvador
2019

© 2019 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.
Impresso no Brasil em 2019.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Diagramação e Capa

Henrique Rehem Eça

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Imagens de Capa

freeimages.com /Rafaelle Formica /Picaland

Revisão Final

Textual - Cristina da Silva Cunha

Diagramação - George Luís Cruz Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Dez leituras sobre o léxico/ Organizado por Elisângela Santana dos Santos; A. Ariadne
Domingues Almeida e Natival Almeida Simões Neto. – Salvador: Eduneb, 2019.

328 p.: il.

ISBN 978-85-7887-369-1

I. Léxico - Estudo. 2. Linguística – Estudo. I. Santos, Elisângela Santana dos.
II. Almeida, A. Ariadne Domingues. III. Simões Neto, Natival Almeida.

CDD: 413.028

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

www.uneb.br

Editora filiada à



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A. Ariadne Domingues Almeida Elisângela Santana dos Santos Natal Almeida Simões Neto	
PORRA, UM PALAVRÃO? ÀS VEZES, SIM; ÀS VEZES, NÃO: UM ESTUDO SOBRE CATEGORIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA	21
A. Ariadne Domingues Almeida	
PAREAMENTOS LEXICAIS E MODELAGEM DE <i>FRAMES</i>: UMA PROPOSTA COGNITIVA DE ANÁLISE DA ANTONÍMIA	61
Paulo Henrique Duque	
A POLISSEMIA DE ITENS LEXICAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: TESTEMUNHOS DE UMA COLEÇÃO	91
Elisângela Santana dos Santos	
O QUE ESTÁ SE PASSANDO NA SUA CABEÇA: RASTROS LEXICAIS E EVIDÊNCIAS NEURAIS EM CONCEPTUALIZAÇÕES DA ANSIEDADE E DA DEPRESSÃO	113
Natal Almeida Simões Neto	
FELIZ DIA DO [X]: UM ESTUDO CONSTRUCIONAL SOBRE TEXTOS DE FELICITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA	145
Deivid Borges Santos	

A MORFOLOGIA HISTÓRICA E A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: ENCONTROS E DESENCONTROS	173
Juliana Soledade	
A REPRESENTAÇÃO DA EXISTÊNCIA COM O VERBO “TER”: DIFERENÇAS SISTÊMICAS ENTRE PORTUGUÊS BRASILEIRO E PORTUGUÊS EUROPEU	203
Juliana Esposito Marins	
LÉXICO ESPECIALIZADO DEL DISCURSO DE LA BIOÉTICA	243
Sofia Merlino	
APLICANDO A TÉCNICA DO “PALAVRA-PUXA-PALAVRA” EM GÊNEROS DIVERSOS	273
André Conforte	
ESCOLHAS LEXICAIS: UMA ANÁLISE ANTROPONÍMICA EM CEM ANOS DE SOLIDÃO	297
Letícia Rodrigues	
SOBRE OS AUTORES	323

APRESENTAÇÃO

A Linguística, sendo o campo do saber humano que se dedica ao estudo da língua, tem o léxico como um de seus objetos. Entre as distintas subáreas dos estudos da linguagem, a Lexicologia dedica-se a estudar esse objeto de modo a refletir sobre a sua construção, sua significação, sua origem, sua participação na formação das sentenças, dos textos e dos discursos, além de proporcionar reflexões acerca do seu uso no espaço, nas sociedades, na história e nas culturas, concebendo-o como o elemento linguístico mais ligado ao mundo exterior e responsável por criar a vida sócio-histórica e cultural. Assim sendo, ao tratar das interfaces do léxico com outras áreas do estudo da língua, os lexicólogos dialogam com outros campos da Linguística: Morfologia, Etimologia e Semântica Lexical e, ainda, Lexicografia, Terminologia, Onomástica, sem deixar de contar a Dialectologia e a Sociolinguística.

Foi, então, o léxico, no âmbito da Linguística, repartido por diferentes subáreas e, também, por distintas áreas, imbuídas da urgência de compreendê-lo. Assim sendo, se a preocupação do estudioso desse sistema da língua é com sua gênese: de um lado, ele pode recorrer à Morfologia e, de outro, à Etimologia. Por outra parte, se sua preocupação é com a teia significativa dos seus elementos constituintes, ele buscará amparo na Semântica Lexical. Mas, se

ele objetiva descrevê-lo e normatizá-lo, apelará para a Lexicografia; contudo, se o recorte que ele faz não contempla o léxico categorizado como comum, mas especializado, ele precisará, sobretudo, de apoiar-se na Terminologia; todavia, se não for especializado nem comum, mas tido como constituído por nomes próprios, ele buscará recursos teórico-metodológicos na Onomástica. Ainda, se almeja entender as relações do uso do léxico em variação espacial, precisará da Dialectologia e, se for abordar os seus usos, por uma perspectiva variacional social, carecerá dos pressupostos da Sociolinguística.

Sendo todas essas áreas dedicadas ao sistema lexical, enquanto umas são, particularmente, consagradas ao tratamento das suas especificidades, outras são, apenas paralelamente, voltadas para a sua compreensão, de tal modo que foi necessário estabelecer diferentes pressupostos teóricos e, também, metodológicos, visando ao seu estudo. Na Semântica Estrutural, por exemplo, o estudo semântico do léxico deveria ser realizado a partir de um olhar sincrônico, sintópico e sinfásico; de outra parte, na Dialectologia, o estudo precisará levar em consideração a variação espacial. Então, as abordagens se diversificam, de maneira tal que os exemplos poderiam ser ampliados com garantia de diversidade.

Apesar dessas abordagens plurais, os seus diferentes pesquisadores, inspirados pelo pensamento dicotômico, pela concepção cartesiana e mecanicista da ciência moderna, estabeleceram abordagens duais para o seu estudo, que ainda persistem. Na Morfologia, por exemplo, os pesquisadores dedicados a analisar o léxico dividiram as palavras em gramaticais e lexicais; no âmbito da Etimologia, estabeleceram a delimitação dicotômica entre étimos próximos e remotos; na Semântica Lexical, dedicaram-se ao estudo do significado ora pelo viés onomasiológico, ora pelo semasiológico.

Além disso, a Lexicografia dividiu os seus produtos, a partir de macro e de microestruturas, e a Terminologia, inclusive, foi colocada em oposição à Terminografia, assim como a Lexicologia em relação à Lexicografia. A Onomástica, por sua parte, dividiu o seu objeto de estudo, particularmente, para a Antroponímia e para a Toponímia, embora haja outras subáreas da Onomástica, com menos visibilidade entre os estudos desse campo do saber sobre o léxico.

De outro lado, mesmo com essas delimitações tão propagadas e usadas no âmbito das pesquisas desenvolvidas acerca do sistema léxico, pensadores que se dedicaram e se dedicam ao seu estudo, aqui e ali, demonstraram que não poderia haver estudos restritivos, de modo que, ao olharem para os variados fenômenos concernentes ao léxico, enfocaram-nos de modo integrador, isto porque o léxico é uma rede constituída de redes e não uma lista de palavras soltas e isoladas; então, por exemplo, a sua gênese atrela-se à constituição das suas múltiplas teias de significação lexical; já elementos do léxico tidos como onomásticos podem passar a ser categorizados como parte do léxico comum e até mesmo podem ser usados em novas construções léxicas; também, um item do léxico comum pode especializar-se, assim como um termo pode ampliar a sua significação, deixando de ser categorizado apenas como um elemento a ser tratado pela Terminologia. Entre os sistemas da língua, as perspectivas do estabelecimento de diálogos expandiram-se, integrando léxico e sintaxe, entre outras inter-relações postas em destaque por diferentes pesquisadores. De outra parte, os frutos da Lexicografia já demonstraram as distintas interfaces do léxico, já que são dadas, em diversos dicionários, informações morfológicas, como as classes de palavras, e, ainda, informes de natureza sociolinguística, expressas pelas diversas marcas de uso que delimitam os espaços dos empregos léxicos na sociedade,

entre os vários outros informes constantes dos verbetes das obras lexicográficas já publicadas e que circulam em nossa sociedade.

Podemos constatar que léxico é um objeto compartilhado por pesquisadores com interesses diversificados. É esse contexto múltiplo e diverso que a obra intitulada *Dez leituras sobre o léxico* pretende explorar. As pistas deixadas pelo título tornam óbvio dizer que esta obra reúne dez artigos que versam sobre o léxico, tendo-o como seu eixo articulador. Contribuições de professores e estudantes de pós-graduação de instituições nacionais, além de um contributo internacional, constituem esta obra. Estão, aqui, reunidos autoras e autores de distintas instituições de nível superior, de diferentes regiões do Brasil e da Argentina. Entre os dez textos, alguns foram produzidos no Nordeste, especificamente, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); outros são originários de centros universitários do sudeste: da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Há, ademais, um texto oriundo do Centro-Oeste, nomeadamente, da Universidade de Brasília (UnB). Além disso, como já assinalado, não se limitando ao Brasil, e procurando integrar textos de autores de outras áreas da América Latina, compõe a obra, um artigo de procedência da Argentina, proveniente da Universidad Nacional del Sur. Esta diversidade de espaços de produção do saber acerca do léxico, ainda que ocorra a predominância de autores baianos, procura congrega leituras que ofereçam visões diversificadas acerca desse sistema, promovidas por pesquisadores representantes de espaços acadêmicos distintos, autores formados e

atuantes em diferentes espaços geopolíticos, o que propicia a propagação democrática dos saberes produzidos.

No tocante às abordagens teórico-metodológicas, a obra reúne trabalhos que se vinculam aos seguintes paradigmas: 1) Linguística Cognitiva, juntando algumas de suas diferentes ilhas teóricas: Teoria dos Protótipos; Teoria da Metáfora Conceptual; Teoria Neural da Metáfora; Semântica de *Frames*; Gramática de Construções; Morfologia Construcional; e Sociolinguística Cognitiva; 2) Linguística Histórica; 3) Gramática Gerativa; 4) Sociolinguística; 5) Linguística Sistemico-Funcional; 6) Linguística Textual; 7) Onomástica; e, não se restringindo à Linguística, a obra propõe, também, um olhar sobre o léxico pelo viés da 8) Literatura.

O seu caráter, assim sendo, é plural e multifacetado: estabelece alguns diálogos interdisciplinares e oferece, por conseguinte, leituras que são multifaces, ainda que prevaleçam trabalhos orientados pela Linguística Cognitiva, área que proporciona, por si só, uma abordagem interdisciplinar acerca do fenômeno lexical; inclusive, compreendemos que o amplo tratamento do léxico, conduzido pelo norte da Linguística Cognitiva, é a contribuição que se caracteriza como o diferencial desta obra, pois os estudos desse campo do saber ainda podem ser considerados incipientes na Bahia e em difusão em outros estados brasileiros, bem como em países da América Latina, embora já sejam solidificados em outras partes do globo terrestre.

Ao tratarmos, especificamente, dos artigos que compõem a obra aqui apresentada, devemos informar que os seus seis primeiros textos se inserem no paradigma teórico da Linguística Cognitiva. Esse arquipélago de Teorias surge, no cenário dos estudos da linguagem, nos anos 1980, como uma reação ao pensamento predominante formal que imperava nesse cenário, particularmente,

desde a criação e propagação do Gerativismo, que, por sua parte, também, é uma abordagem cognitiva da língua. Mas enquanto a Linguística Cognitiva rejeita o modularismo da linguagem, a Linguística Gerativa o concebe e o preconiza; entre outros aspectos epistemológicos, essas vertentes diferenciam-se, também, porque a primeira postula que o ser humano entende o mundo por meio da sua mente corporificada, enquanto a segunda pressupõe a existência de uma faculdade da linguagem que constrói a competência linguística do falante.

O primeiro artigo que abre a coletânea intitula-se “Porra, um palavrão? Às vezes sim; às vezes, não: um estudo sobre categorização à luz da Linguística Cognitiva” e é de autoria de A. Ariadne Domingues Almeida, professora doutora da UFBA que atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Em seu texto, a professora discute a mobilidade categorial do item léxico “porra” na categoria palavrão, a partir de um diálogo interdisciplinar estabelecido entre a Teoria do Protótipo e a Sociolinguística Cognitiva, a partir do estudo de um *corpus* coletado da internet. Quanto ao aspecto metodológico, a autora se valeu da perspectiva qualitativa, em que o estudo do *corpus* segue um viés hermenêutico conforme os princípios da Linguística Cognitiva. Seus resultados expressam a flexibilidade da organização da categoria palavrão, demonstrando que ora o item léxico “porra” é categorizado com maior, ora com menor grau de prototipicidade, dependendo do contexto que se constrói pelas pessoas categorizadoras. Esse texto oferece contribuição para os estudos do léxico, na medida em que se inscreve no seio da Sociolinguística Cognitiva, uma nova área de pesquisa em Linguística Cognitiva, abordando um fenômeno que possibilita refletir sobre a organização do

léxico das línguas em suas relações sócio-históricas, culturais e ideológicas.

O segundo texto se intitula “Pareamentos lexicais e modelagem de *frames*: uma proposta cognitiva de análise da antonímia” e é de autoria de Paulo Henrique Duque, professor doutor da UFRN, atuante na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Nesse texto, o autor discute o papel dos tipos de conhecimento e estruturas conceituais na representação lexical, a partir de uma abordagem-baseada-em-*frames*, uma vez que estes evocam esquemas, eventos, roteiros, dimensões culturais e interacionais. Em seu trabalho, ele compreende *frame* como um conjunto de complexas redes que são modeladas por esquemas simples emergidos de rotinizações com as quais atividades cooperativas são por nós executadas. É a partir dessa formulação teórica que Paulo Henrique Duque desenvolve o seu estudo de itens lexicais que formam pares antonímicos, apresentando perspectivas que transcendem os tópicos destacados nas abordagens tradicionais sobre o fenômeno da antonímia. Esse artigo, por oferecer discussão com base em modernos pressupostos da Linguística Cognitiva, fortalece a Semântica Lexical, ao traçar uma leitura desse fenômeno em interconexão com a Semântica Cognitiva.

O terceiro artigo desta coletânea, “A polissemia de itens lexicais no livro didático de língua portuguesa: testemunhos de uma coleção”, é de autoria de Elisângela Santana dos Santos, professora doutora da UNEB, atuante na graduação em Letras do Campus II (Alagoinhas) e na pós-graduação em Estudo de Linguagens do Campus I (Salvador). Nesse texto, a autora reflete sobre os destacados dados à Semântica, tratando, principalmente, das abordagens que enfocam a polissemia em livros didáticos, a partir da

observação de obras avaliadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A polissemia é um fenômeno recorrentemente abordado na Linguística Cognitiva, e, partindo dessa contribuição teórica, Elisângela Santana dos Santos discute em que medida a (não) abordagem da polissemia impacta no possível desenvolvimento da competência leitora de estudantes do ensino fundamental. Assim sendo, a autora traça um diálogo interdisciplinar entre a Semântica Cognitiva e os estudos do Letramento, possibilitando leituras sobre aspectos que impactam no cotidiano das salas de aula brasileiras, considerando que a leitura é uma das competências que, embora já tenha sido razoavelmente abordada, ainda suscita debates que promovam o seu desenvolvimento pleno no âmbito do ensino brasileiro.

O quarto texto é de autoria de Natival Almeida Simões Neto, estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA) e professor substituto da UEFS. No seu texto, que se chama “O que está se passando na sua cabeça: rastros lexicais e evidências neurais em conceptualizações da ansiedade e da depressão”, ele reflete sobre a maneira como a separação entre mente e corpo, proposta no âmbito do cartesianismo, impacta nos estudos linguísticos e nas abordagens médicas sobre transtornos mentais como a depressão e a ansiedade. Baseando-se na Teoria Neural da Linguagem, ele procura estreitar as relações entre mente, corpo, linguagem e sociedade, a partir da observação de estruturas léxico-conceptuais observadas em textos de pessoas que se categorizam ou tematizam os transtornos mentais. Ao estabelecer diálogos interdisciplinares entre Medicina e Linguística, o autor contribui, com o seu artigo, para compreender as relações entre o léxico e a sociedade,

demonstrando que os estudos acerca do léxico podem colaborar para a compreensão de fenômenos físico-psíquicos da vida humana.

Em “Feliz dia do [X]: um estudo construcional sobre textos de felicitação em língua portuguesa”, Deivid Borges Santos, estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA), utiliza o paradigma da Gramática de Construções para analisar os aspectos semânticos da variável X que preenche construções de felicitação ou comemoração em Língua Portuguesa, tal como “Feliz dia do ‘peça à sua mãe’”, para se referir ao Dia dos Pais. Com esse texto, o autor discute a integração entre léxico e gramática e a interdependência entre sintaxe, semântica e pragmática. Além disso, ele procura evidenciar emergência de protótipos e estereótipos tanto como produtos quanto como fontes de conceptualizações nessas estruturas. Com seu estudo, o autor dá sua contribuição para os estudos do léxico, por tratar da sua inter-relação com os sistemas sintático-semântico-pragmático da língua portuguesa e por demonstrar que, para a Linguística Cognitiva, dicotomias, tão caras aos estudos linguísticos tradicionais, acabam sendo postas em cheque, a exemplo da oposição dicotômica léxico x gramática, conforme evidencia o seu artigo.

Encerra a seara de textos inseridos na Linguística Cognitiva o texto “A Morfologia Histórica e a Morfologia Construcional: encontros e desencontros”, de Juliana Soledade, professora da UFBA em exercício na UnB, atuante nos programas de pós-graduação em Linguística (UnB) e em Língua e Cultura (UFBA). Nesse texto, a autora destaca a contribuição do modelo da Morfologia Construcional, desenvolvido pelo linguista Geert Booij, para os estudos morfológicos que dão aos aspectos semânticos um lugar relevante. Mesmo com essa reconhecida contribuição, a autora

procura destacar uma série de problemas do modelo, sobretudo o que toca a abordagem de fenômenos de ordem histórica. Com esse texto, a autora oferece um contributo no sentido de desenvolver um diálogo interdisciplinar produtor entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Histórica, assim como deixa sua colaboração para os estudos léxico-morfológico-semânticos, na medida em que oferece a sua leitura acerca dessas interconexões no âmbito da língua.

Os textos constantes da coletânea não ficam restritos a leituras feitas no campo da Linguística Cognitiva, de modo que, ainda inserido no âmbito das Ciências Cognitivas, mas apresentando outra compreensão do que seja a cognição humana, o artigo seguinte inscreve-se no seio da Linguística Gerativa, área dos estudos linguísticos constituída em reação à perspectiva behaviorista e que tem o linguista Noam Chomsky como mentor e principal expoente. O Gerativismo surgiu nos anos 1950 do século XX, e, ao longo das suas seis décadas, diferentes propostas teóricas emergiram no seu âmbito, procurando responder a o que é o conhecimento linguístico, entendendo que a sintaxe é o componente central da gramática de uma língua humana. Os estudos, embora destacando a sintaxe, buscam discutir interfaces com os demais componentes gramaticais com outros campos do saber humano.

O artigo de Juliana Esposito Marins, professora doutora da UFRJ, intitulado “A representação da existência com o verbo *ter*: diferenças sistêmicas entre PB e PE”, discute, com base na Teoria de Princípios e Parâmetros, da Gramática Gerativa, as realizações de construções existenciais nas variedades brasileira e europeia da língua portuguesa, mostrando que o português brasileiro contemporâneo já exhibe uma tendência bastante diferenciada de outras línguas românicas, como o português europeu, o espanhol e o

italiano. O artigo apresenta resultados preliminares de um estudo diacrônico do verbo “ter” em sentenças existenciais, constantes de peças teatrais que foram produzidas por autores brasileiros entre os séculos XIX e XX. Com a finalidade de traçar uma comparação entre o português da América e o da Europa, o artigo apresenta um breve estudo de um material linguístico coletado, também de peças, mas portuguesas, que foram criadas na primeira metade do século XIX e nos anos 80 do século XX. Enfim, seu texto caracteriza-se como uma colaboração para o entendimento das interfaces entre léxico e gramática.

Outra escrita constante desta coletânea foi erigida a partir dos pensamentos desenvolvidos pela Linguística Sistêmico-Funcional, área que emergiu como uma possibilidade para o estudo da linguagem, a partir dos estudos de Halliday, os quais foram amplamente desenvolvidos nos anos 1980. No âmbito dessa proposta, a linguagem é concebida como uma rede de possibilidades, dentro da qual são feitas as escolhas para a veiculação de significados em um dado contexto. Então, essa é uma teoria sociossemiótica e enfoca o funcionamento da língua em uso, abordando as escolhas feitas por quem a usa, no âmbito do texto e do discurso, estudando suas produções em relação ao que poderia ter sido feito e não foi. Trata-se de uma teoria fundamentada na semântica, voltando-se para o aplicado, retórico, real, funcional e para o texto, entendendo que as formas dos sistemas linguísticos são delimitadas pelas funções sociais, de modo que a natureza da estrutura inter-relaciona-se ao uso da língua em uma determinada situação comunicativa. Essa Linguística, como uma teoria social, baseada no uso, procura compreender onde, como e por que a comunicação humana acontece, relacionando-se com as comunidades.

Escrito com base na Linguística Sistêmico-Funcional, o oitavo texto desta obra, “Léxico especializado del discurso de la Bioética”, é de autoria da professora Sofía Merlino, da Universidad del Sur, da Argentina. Escrito em língua espanhola, o texto se insere no plano da Terminologia, em uma abordagem interdisciplinar que discute as formações discursivas do conhecimento científico. O trabalho tem como propósito analisar os padrões linguísticos que se registram em textos produzidos por acadêmicos argentinos que tratam da Bioética, utilizando-se, sobretudo, como já informado, do enfoque teórico da Linguística Sistêmico-Funcional. O trabalho objetiva, especificamente, proceder ao estudo linguístico de controvérsias científicas desenvolvidas no tocante a uma problemática associada à biomédica que diz respeito aos dilemas morais levantados no fim da vida, os quais se registram em publicações acadêmicas argentinas, a partir da identificação e do estudo dos recursos utilizados para a criação de um léxico particular do discurso biomédico: aquele que designa suas categorias especializadas. O estudo contribui para o desenvolvimento da compreensão do léxico terminológico e, sendo interdisciplinar, as suas contribuições não se limitam a tal área, de sorte que se expandem para a biomédica.

Traçando um diálogo entre estilística, literatura, ensino e diversos gêneros textuais, o nono texto desta coletânea, “Aplicando a técnica do palavra-puxa-palavra em gêneros diversos”, é de autoria de André Conforte, professor doutor da UERJ que atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Nesse texto, o autor se baseia em trabalhos de Othon Garcia sobre a produção textual, basicamente naqueles em que é empregada a técnica da exploração do léxico em sua plenitude. Com base nessa abordagem que coloca a evidência na matéria do texto, e não no autor, André Conforte

procura mostrar como os ensinamentos de Garcia, sobretudo a técnica chamada “palavra-puxa-palavra”, podem servir aos estudantes no que toca à produção e interpretação de textos. Compreende que não é o texto nem o autor que nos devem dizer algo; assim entende que o estudante precisa ficar a sós com seu texto, sem que suposições a propósito das intenções do autor acabem por interferir nos seus estudos de estilística, o que é uma contribuição para os estudos do léxico e suas interfaces.

O último, mas nem por isso menos importante, texto deste livro, constituído por diferentes leituras sobre o léxico, dialoga com a Literatura, demonstrando como a Onomástica e, também, a Etimologia podem colaborar para o entendimento do resultado final de uma obra, visando ao entendimento da motivação lexical e de sua possível influência no desenrolar de um enredo. Assim, o artigo, “Escolhas lexicais: uma análise antroponímica em *Cem anos de solidão*”, de autoria de Letícia Rodrigues, estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (USP), oferece a leitura da autora sobre os usos do léxico no discurso literário no livro que aparece no título do seu texto e que é de autoria de Gabriel García Marquez, um expoente da literatura latino-americana. O seu trabalho, então, é uma contribuição para o estabelecimento de discussões entre os distintos campos do estudo do léxico e a Literatura.

Terminada a leitura desses dez artigos, esperamos que os leitores tenham alguma dimensão das múltiplas possibilidades de facção de estudos lexicais, deixando claro que o que se apresenta aqui é um recorte simbólico. A escolha de dez textos experimentais e introdutórios não se deu ao acaso. Pensamos que esta obra deve estar acessível e ser interessante a estudantes e pesquisadores tanto de Letras e

de Linguística quanto de outras áreas dos estudos científicos. Dessa maneira, esperamos que os textos sejam esclarecedores e fomentem uma série de outras pesquisas no âmbito dos estudos lexicais. Oferecemos, então, nas páginas seguintes, as diferentes leituras do léxico de dez autores que se dedicam, de algum modo, ao seu estudo e concluimos esta Apresentação reiterando o nosso desejo de que os textos, aqui reunidos, colaborem para a construção de outras leituras sobre o léxico, ampliando a sua compreensão.

A. Ariadne Domingues Almeida
Elisângela Santana dos Santos
Natal Almeida Simões Neto

PORRA, UM PALAVRÃO? ÀS VEZES, SIM, ÀS VEZES, NÃO: UM ESTUDO SOBRE CATEGORIZAÇÃO À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA¹

A. Ariadne Domingues Almeida

A Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso²

O artigo ora principiado apresenta resultados de um estudo desenvolvido acerca da categorização do item léxico “porra” no português contemporâneo do Brasil. Seu primo objetivo é promover uma discussão acerca da movência da categorização desse item léxico, que ora é compreendido como parte de uma dada categoria, ora de outra. Da Linguística Cognitiva vem o aporte teórico que conduziu as reflexões elaboradas. O *corpus* foi coletado da internet por meio do motor de busca Google. A natureza da metodologia é qualitativa e o

¹ A pesquisa foi baseada em meios eletrônicos que são instáveis; por isso, *links* informados nas notas e nas referências ao final do texto poderão estar fora do ar no momento da leitura.

² Dedico este texto sobre a variação da categorização a quem, apaixonadamente, aplicou-se ao estudo da variação. Querida professora Suzana Alice, apesar de hoje a senhora já não se encontrar fisicamente entre nós, o seu exemplo não será esquecido. Faço, aqui, o meu agradecimento pelos seus ensinamentos.

estudo do *corpus* seguiu o viés hermenêutico. Para expor os resultados alcançados, este texto articula as seguintes seções: “Abordagem sociocognitiva da categorização”; “O desenho metodológico”; “O uso do item léxico porra no dia a dia”; “Consciências dialetal, histórica, de gênero e de faixa etária”; “Categorização: porra, palavrão? Às vezes, sim; às vezes, não...”; e “Da rede onomasiológica para a rede semasiológica”. Essas seções são antecedidas por este exórdio e sucedidas por um epílogo e pelas referências.

ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA CATEGORIZAÇÃO

A Linguística Cognitiva teve seus textos seminais publicados nos anos 1980, sendo os seus autores dissidentes do gerativismo, a exemplo de Lakoff, de Talmy e de Langacker, que se achavam insatisfeitos com a parca abordagem dos fenômenos semânticos nessa área dos estudos linguísticos. As reflexões que foram elaboradas acabaram por apontar diferentes rotas para o estudo da linguagem, de modo que não há uma Linguística Cognitiva fechada em si, mas um arquipélago constituído por distintas teorias, como a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais, a Gramática das Construções, a Semântica de Marcos, a Teoria da Integração Conceptual e a Teoria do Protótipo. Entre essas diferentes ilhas teóricas, mais recentemente, surgiu a Sociolinguística Cognitiva que, em conjunto com a Teoria do Protótipo, subsidiará, em um diálogo interdisciplinar no âmbito da própria Linguística Cognitiva, as discussões propostas neste texto.

Nos anos 2000, constatou-se a possibilidade de serem estabelecidas conexões entre pressupostos da Linguística Cognitiva e da Sociolinguística, o que fez surgir uma nova perspectiva para o estudo da linguagem, nomeadamente, Sociolinguística Cognitiva; essa recente abordagem já seria esperada, considerando-se que, para a Linguística Cognitiva, o estudo da linguagem, além de se orientar pelo viés da interdisciplinaridade, pauta-se no uso – sem dicotomizar, de um lado, o conhecimento linguístico e, de outro, o enciclopédico – bem como orienta-se pela compreensão de ser a cognição corporificada, sendo assim entendida como processo emergente das interações entre a espécie humana, com suas capacidades sensorio-motoras, e os ambientes físico-geo-social-histórico-cultural-político-ideológicos; ser humano e mundo são, indissolivelmente, integrados, de tal maneira que se modificam mutuamente. Assim sendo, pode-se afirmar que a Linguística Cognitiva dialoga com a Sociolinguística que, por sua parte, também, estuda, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, a língua em uso, correlacionando aspectos sociais e linguísticos e enfocando o carácter heterogêneo dos usos linguísticos.

Na abordagem da Sociolinguística Cognitiva, então, a variação do sistema linguageiro em uso é posta em destaque, bem como são consideradas as atitudes dos falantes e dos escreventes em relação à variação, quer sejam essas atitudes explícitas ou implícitas. O uso da linguagem interconecta elementos não só cognitivos, mas também aqueles chamados de extralinguísticos;³ assim, entende-se que, no uso, a atuação dos falantes e dos escreventes inter-relaciona-se com

³ A dicotomia entre linguístico e extralinguístico tem sido vencida em Linguística Cognitiva, sendo melhor compreendida entre os seus estudiosos como um contínuo, especialmente, considerando que a Linguística Cognitiva postula o realismo corpóreo compreendendo as conceptualizações humanas como frutos da experiência de uma mente corporificada.

seus distintos papéis e lugares geo-histórico-social-cultural-político-ideológicos. Entre os seus objetos de estudo, acha-se a categorização, de forma que se tem procurado compreender as interconexões entre os diferentes elementos que se entrelaçam no âmbito da criação e da realização da categorização na ecologia da vida humana.

Se a Sociolinguística Cognitiva é recente no cenário dos estudos da linguagem, a Teoria do Protótipo deu seus primeiros passos ainda nos anos 1970, no âmbito da Psicologia Cognitiva. Ao lançar a noção de protótipo, compreendido como um modelo mental mais representativo de uma categoria, como aquele que possui maior relação com os seus demais membros e a partir do qual a categoria se organiza, essa Teoria acabou balançando as estruturas dos estudos acerca da categorização que, tradicionalmente, pensavam a organização categorial por meio de condições necessárias e suficientes.

Atualmente, após quase meio século de estudos das categorias a partir dos alicerces dessa teoria, ainda que os modelos baseados em protótipos tenham se mostrado produtivos, a noção de protótipo para a organização categorial sofreu alterações, e, sob a influência da noção de semelhanças de família de Wittgenstein (1953), foi se estabelecendo, conforme Kleiber (1990), uma versão estendida da Teoria do Protótipo, de modo que o conceito de protótipo se reduziu a uma noção de superfície, tendo até mesmo cedido algum lugar para a concepção de efeitos prototípicos, isto porque o protótipo ganha formas diversas, conforme o modelo da categoria que o gera. Assim sendo, as pessoas categorizadoras concebem o conceito da categoria que contém o protótipo, compreendido, por sua parte, como um efeito de sentido alcançado pela relação de semelhança entre categorias que possibilitam os seus agrupamentos e reagrupamentos;

as propriedades organizadoras de uma categoria não precisam, então, se achar em todos os seus elementos:

Com a ideia de semelhança de família, é possível admitir que uma categoria seja formada por diversos tipos de subcategorias, relacionadas de tal forma que entre elas pode não haver nada em comum, como na organização AB, BC, CD, DE, em que a última nada tem em comum com a primeira, a não ser as relações de semelhança. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 25).

Hoje, podem ser indicados diferentes caminhos para o tratamento do fenômeno da categorização. Pelo menos, dois trajetos podem ser apontados: o percurso da Teoria Standard do Protótipo, que buscou estabelecer os alicerces deste modelo para o estudo da categorização; e o da Teoria Estendida do Protótipo, que procura, conforme destaca Cruz (2017), entender, além do funcionamento das categorias, as influências dos elementos externos ao cérebro no funcionamento cognitivo da categorização, de modo a levar em consideração, na estrutura da categoria, as diferenças de categorização entre as diversas pessoas categorizadoras em seus distintos grupos geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicos.

Por sua parte, a categorização, objeto de estudo das Semânticas do Protótipo, é um processo fundamental para a espécie humana e decorre da sua cognição; consiste na capacidade humana de organizar o mundo que ela constrói, em termos de classes. A habilidade de categorizar é essencial à vida hominal, pois possibilita que os seres humanos elaborem uma ordem para o mundo, quer seja interior, quer seja exterior aos seus corpos. A atividade de categorizar implica a ação de generalizar e distinguir. Conforme Lakoff (1987),

a categorização é algo básico para o pensamento, percepção, ação e discurso da espécie humana.

As categorias são resultado da ação de categorizar; assim sendo, não se acham dadas no mundo, de modo que podem variar de cultura para cultura, entre indivíduos de uma mesma cultura e até mesmo podem variar para um mesmo indivíduo em contextos geo-sócio-históricos-culturais-político-ideológicos distintos, sendo a variação resultante de diferentes perspectivas adotadas quer por uma pessoa, quer pelo seu grupo social, quer ainda por outro grupo da sociedade, isto porque a categorização envolve uma perspectiva sobre a realidade. Logo, a natureza de uma categoria inter-relaciona-se à interação humana em uma ecologia antro-po-bio-psyco-geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológica, de tal sorte que a organização categorial é resultante da ênfase subjetiva de saberes disponíveis e partilhados por alguém e por diversos grupos sociais.

Diante disto, compreende-se que as categorias não são fixas nem uniformes, sendo então estabelecidas segundo os diferentes contextos e intenções comunicativas das pessoas-conceptualizadoras-categorizadoras, ainda que haja fixações normativas das categorias para as pessoas nos mais diversos grupos sociais; categorias normatizadas que são internalizadas e estabilizadas, mas que, na ação da pessoa-conceptualizadora-categorizadora no discurso, tornam-se moventes; podendo ser alteradas, por serem plásticas e resultantes da experiência, da imaginação; sendo, por isso, reorganizadas nas mais variadas situações de interação, a partir de domínios cognitivos, conforme experiências e crenças humanas.

O DESENHO METODOLÓGICO

Situado teoricamente o estudo, passa-se ao estabelecimento do seu desenho metodológico. O trabalho empreendido assumiu a perspectiva qualitativa e hermenêutica para o tratamento do *corpus*, o qual, por sua parte, foi formado por usos autênticos que circularam em distintos textos coletados, nos meses de março e abril de 2018, na rede mundial de computadores, por meio do Google Custom Search. Após ter sido constituído o *corpus*, organizaram-se os conteúdos coletados dos textos em um arquivo do Word. Na sequência, foram dados os seguintes passos: 1) numeração dos exemplos em ordem crescente e em algarismo romano; 2) indicação, nas referências, das fontes dos exemplos, juntamente com o seu endereço eletrônico e a data em que ocorreu o acesso; 3) conservação da ortografia dos textos, mesmo quando localizados equívocos em relação ao uso da escrita mais monitorada do português; 4) manutenção da pontuação e da acentuação constantes do texto, assim como dos espaçamentos atinentes às suas respectivas digitação e formatação; 5) Estudo do *corpus*; 6) Elaboração do texto final para divulgação dos resultados. Descrito o desenho metodológico do trabalho empreendido, apresentam-se, a seguir, algumas reflexões sobre o uso cotidiano do item léxico “porra”; na sequência, serão expostos os resultados alcançados.

O USO DO ITEM LÉXICO “PORRA” NO DIA A DIA

Inicialmente, se poderia pensar que, por ser um tabuísmo, o item léxico “porra” ficasse limitado à oralidade informal, sendo usado, particularmente, por homens jovens. Contudo, com uma

rápida busca pelo Google, a sua vitalidade na escrita ficou evidenciada: esse item léxico consta de variados textos que circulam por diversos domínios discursivos; é utilizado por homens, mulheres e até mesmo crianças, de sorte que é empregado por pessoas que desempenham distintos papéis sociais e ocupam diferentes lugares na sociedade.

O item léxico “porra” registra-se, então, em múltiplas esferas sociais, a exemplo da jornalística. Assim sendo, em uma matéria do Jornal O Globo, o seu autor fez referência a seu uso por um senador da República, nomeadamente, por Romero Jucá. Com isso, pôde ser constatado que é possível a sua ocorrência em jornais, mas, no caso, o registro é feito a partir da fala de outrem, que se encontrava em uma conversa telefônica íntima, de modo que fez seu uso sem saber que estava sendo gravado:

Jucá [...] concordou que o caso não poderia ficar com Moro e disse que seria necessária uma resposta política. “Se é político, como é a política? Tem que resolver essa porra. Tem que mudar o governo para estancar essa sangria”, disse Jucá. (EM GRAVAÇÕES..., 2013).

Por ser esse uso transcrito da fala de alguém, poder-se-ia ponderar que esse item não fosse empregado em jornais. Contudo, “porra” ocorre com certa frequência na esfera jornalística, como ficou revelado por meio de uma busca feita no site do jornal Folha de São Paulo, no dia 02.03.2018, ao demonstrar 1633 registros do seu uso (BUSCA..., 2018). E o item léxico “porra”, inclusive, não se limita aos jornais; também se encontra documentado em revistas: localizaram-se 468 resultados em 0,10 segundos na revista Veja (GOOGLE..., 2018) e 209 registros na revista Fórum.

Na revista *Galileu*, por exemplo, encontra-se na matéria “Mulheres denunciam machismo cotidiano com hashtag #meuamigosecreto”:

Veja abaixo alguns dos posts publicados em redes sociais: #meuamigosecreto não gosta de violência contra mulher mas chama as colegas de faculdade de “depósito de porra”. (MOREIRA, 2015).

Mais uma vez, trata-se da transcrição da fala de alguém.

No dia a dia, seu uso não se restringe, porém, às transcrições de fala de terceiros em textos jornalísticos, portanto, pode ser encontrado em outras esferas sociais, sendo utilizado, por exemplo, em músicas, como “Respeita”, de Ana Cañas:

Ela vai
Ela vem
Meu corpo, minha lei
Tô por aí, mas não tô a toa
Respeita, respeita, respeita as mina, porra!
(RESPEITA, 2008).

Também, foi utilizado em “Diz que me ama porra”, interpretada por Frank Aguiar:

Com ardor no coração
Eu peço tu só não diz não
Nessa incerteza danada
Diz que é a minha amada
E diz que ama porra!
(DIZ..., 2016).

E, da mesma forma, foi usado em “Mulherão da porra”, cantada por Jerry Smith com participação de Munhoz e Mariano:

Mas eu largava dela, nunca mais beijava ela
Sumia da vida dela se ela não fosse esse
Mulherão da porra
Mulherão da porra
[...]
Mulherão da porra
Mulherão da porra
Mulherão da porra.
(MULHERÃO..., 2017).

E ainda, foi utilizada em “Universitário porra nenhuma”, interpretada por Brenno Reis e Marco Viola:

Universitário porra nenhuma
Sou cowboy sem faculdade aprendi tudo na rua
Universitário porra nenhuma
[...]/
Universitário porra nenhuma.
(UNIVERSITÁRIO..., 2010).

Os usos não se limitam aos exemplos, aqui transcritos, de sorte que a busca feita pelo item léxico “porra” no site *CifraClub* apresenta 37.800 resultados em 0,19 segundos (RESULTADO..., 2018).

Em tantos outros gêneros textuais, esse item circula livremente, como é possível depreender pelos resultados encontrados a partir da sua procura no site *Recanto das Letras* (RECANTO..., 2018), a qual demonstrou, em 0,17 segundos, seu uso em 3.360 postagens. Nesse mesmo *site*, foi encontrado em variados poemas. Assim, foi

empregado em um texto, cujo título já o revela: “Calor da porra” (LOUCA, 2011). Também, foi localizado no corpo de textos poéticos, como “Porra rala...?”:

Se a rola só rela
Mas, discreta,
Não penetra,
Só porra rala
É o que dá ela...
(MIRANDA, 2015).

E no poema “Baianês”:

Lá na casa de Xunda vai ter caruru...
Eu não vou lá nem que a véia morra.
E o lugar é feio que só fiofó aribú.
É longe que só...lá na casa da porra.
(CORREIA, 2010).

Para além dos registros em matérias, em reportagens, em músicas e em poemas, esse item léxico tem ampla adesão nas redes sociais. No Facebook, por exemplo, foi utilizado como parte dos nomes de blogs pessoais, de comunidades e até de personagens fictícios: “Não fala palavrão, porra” (NÃO..., [201-]); “Porra mãe” (PORRA MÃE, [201-]); “Porra pae” (PORRA PAE, [201-]); “Porra sapatilhas LGBT” (SAPATILHAS..., [201-]); “Amava porra nenhuma” (AMAVA..., [201-]); “Dona da porra toda” (DONA..., [201-]); “Porra crush” (PORRA CRUSH, [201-]); “Porra, cérebro” (PORRA, CÉREBRO); “Bora Bahêa minha porra” (BORA..., [201-]), “Foda-se a porra toda” (FODA-SE..., [201-]), entre tantos outros. Ademais, em diferentes postagens dessa rede social, identifica-se o seu uso: “Eita porra”

(EITA..., 2018); “Idai porra” (IDAI..., 2018); “Sou amigão da porra” (SOU..., 2018); “Determinação, porra” (DETERMINAÇÃO..., 2018). Já no Instagram, a #porra possui 114.282 registros e esse item aparece na formação de diferentes itens antroponímicos que nomeiam os seus usuários. Para além das redes sociais, uma busca feita no dia 5 de março de 2018 ao Google trouxe, aproximadamente, 32.800.000 resultados em 0,30 segundos, de modo a constatar o seu emprego em diferentes esferas sociais e em distintos gêneros textuais.

Feitas as considerações acerca do seu uso efetivo em distintas esferas da sociedade brasileira, passa-se à apresentação de algumas reflexões a propósito da consciência das pessoas-escreventes-categorizadoras acerca de como esse item léxico é usado, de como ele é historicamente formado, de quem pode utilizá-lo; enfim, tecem-se considerações a propósito dos saberes elaborados e difundidos sobre esse item em sociedade.

CONSCIÊNCIAS DIALETAL, HISTÓRICA, DE GÊNERO E DE FAIXA ETÁRIA

Sabe-se, então, que “porra” é um item léxico amplamente utilizado não só na oralidade, mas também na escrita. Tomando conhecimento disso, procuraram-se elementos que indicassem se as pessoas que o utilizam teriam alguma consciência sobre os seus espaços de uso, sua história, sobre as pessoas que o usam, como usam, etc., isto com a finalidade de refletir a propósito dos saberes constituídos pelas pessoas-escreventes-conceitualizadoras-categorizadoras a respeito desse item léxico.

No tocante à consciência dialetal, há textos postados na internet que revelam algo sobre tal consciência, como ocorre em “Palavrinhas e palavões”, *post* feito em 2008, no *blog Perdido em Salvador*, em que ocorre uma reflexão acerca do seu uso na Bahia:

Com certeza o palavrão mais usado na bahia é o porra, em todas as suas variações para todas as situações, ele dispensa qualquer acanhamento por parte de quem fala e ainda acompanha várias situações de carinho, como, “Porra! Eu te amo nêga!”, ou situações financeiras, como, “Ô desgraça da porra!”. Agora é interessante como os soteropolitanos não tem medo da “desgraça” (palavra), como nós brasilienses somos condicionados a ter, assim como o porra, a desgraça [...] é usada em todo tipo de situação [...] em salvador, a desgraça é leve, a porra é palavrinha o ódio é sincero e pesado, e a adoração é eterna e profunda. (PALAVRINHAS..., 2008).

Também no texto “Porra – a palavra mais rica do baianês”, postado em 2010, no *A tarde on-line*, encontra-se uma observação a respeito da vitalidade do uso desse item léxico no Brasil; em particular, na Bahia e em sua capital:

*Repasso e-mail contendo uma lista de significados e empregos para a palavra PORRA no dia a dia dos baianos: Esta versátil palavra pode mesmo ser considerada um curinga da língua portuguesa, principalmente em Salvador/BA.*⁴ (grifos do autor).

Nos comentários feitos sobre essa postagem, é possível perceber a consciência do escrevente-categorizador, em relação ao uso dialetal desse item léxico, de modo que um internauta comenta:

⁴ Disponível em: <<http://jeitobaiano.atarde.uol.com.br/?p=2532>> Acesso em: 29 abr. 2018.

“Essa é uma palavra curinga no dicionário baiano” e outra pessoa, além dos diferentes usos dialetais, observa a variação na sua categorização em diferentes espaços sociais:

Desde criança eu sempre escutei aí em SSA esse ditado de vcs. Aqui em minha terra, quando se fala assim temos que observar se não há gente por perto, porque pra nós aqui no Sul é uma palavra pouco usada e pra nós isso é praticamente uma palavra nada convencional. Mas cada terra com suas maneiras. Um beijão pra todos vcs baiano. VCS, MORAM EM MEU CORAÇÃO, PORRA!

Uma internauta, ainda, pondera sobre a variação da categorização desse item, em distintas regiões do Brasil:

Realmente, falo muito porra, mas como mudei para Minas Gerais, aqui em BH é considerado palavrão, então estou me esforçando muito para não dizer.

E outra internauta destaca que “porra” pode ser categorizado como palavrão, também, na Bahia: “Pois fiquem sabendo que na Bahia essa palavra é “palavrão” também”. Este comentário demonstra que a categorização desse item varia, inclusive, dentro de um mesmo espaço geopolítico, de modo que pode um grupo categorizá-lo como palavrão e outro não, em uma mesma região do país.

No texto “Porra’ é vírgula na terra dos cariocas”, do *GGN*, o *jornal de todos os Brasis* (GENRO, 2013), também, fica demonstrado algo acerca da consciência da pessoa-escrevente-conceptualizadora-categorizadora acerca do amplo uso desse item léxico no Rio de Janeiro:

“Porra” é um termo que abre toda e qualquer frase na cidade. Ainda vou a uma Igreja conferir, mas desconfio que até missa comece com “Porra, Pai nosso que estais [...]”. (GENRO, 2013).

Já nos comentários sobre esse texto, uma internauta ratifica o que escreveu o autor do *post*: “Esse cara é um gênio. Nunca vi tanta sensibilidade para descrever o carioca [...] e não é que outro dia vi um padre falar “Porra”! [...]”. Através desse *post* e comentário, poder-se-ia concluir que, no Rio de Janeiro, esse item ou não faz parte da categoria palavrão ou, se faz e quando faz, não apresenta alto grau de prototipicidade na categoria, de sorte que não sofre o mesmo estigma que outros itens desse grupo categorial, podendo, inclusive, ser usado pelo representante de uma igreja. Contudo, essa generalização é perigosa, porque as categorias são fluídas sem limites fixos, e vão se (re)organizando no discurso *on-line*.

No que concerne à consciência a respeito de questões históricas, a revista *Superinteressante* publicou, em 2002, o texto “7 palavras que surgiram com uma conotação sexual ou chula. Hoje elas são usadas sem o menor pudor”. No referido texto, trata-se da palavra “aporrinhar”, entre outras; com isso, tecem-se considerações a propósito da palavra “porra”, demonstrando como o léxico pode mudar com o tempo, de sorte que, provavelmente, a consciência sobre a história da linguagem por parte de jornalistas da redação dessa revista gerou este texto sobre curiosidades acerca da história em inter-relação com a linguagem:

É um vocábulo que faz parte do grupo dos descendentes da palavra “porra”, tais como pô, porrada (grande quantidade ou pancada), esporro (bronca, na linguagem coloquial) e porra-louca (pessoa sem noção de

responsabilidade). Todas elas perderam a conotação sexual que sua palavra de origem mantém até hoje. “Porra”, definida nos dicionários como esperma ou pênis, é um termo antigo que significava “clava com saliência arredondada num dos extremos”. Por ironia do destino, o vocábulo, até o século XV, estava longe de fazer parte do clã dos palavrões e do vocabulário chulo. Ele servia para designar um cetro eclesiástico usado por autoridades da Igreja durante procissões e outras cerimônias. (REBELLO, 2002).

Também na matéria “Palavrões começaram como termos inocentes. A estranha origem de sete palavras sujas do português”, publicada em *Aventuras na História*, a inter-relação entre história e linguagem pode ter motivado a geração do referido texto no qual o(a) escrevente-jornalista apresenta algumas considerações de natureza histórica acerca do desenvolvimento da rede de sentidos do item léxico em questão:

“Porra”, termo empregado hoje quando algo dá errado ou como sinônimo de esperma, designava uma arma de guerra medieval: era um bastão de madeira com ponta protuberante, cravejada de lanças de metal. O instrumento foi associado ao membro masculino e, com o passar do tempo, ao sêmen. (PALAVRÕES, 2017).

Constata-se, no entanto, que quem o escreveu não tem ampla consciência da polissemia de sua teia semasiológica, uma vez que, apenas, aponta dois sentidos distintos como, atualmente, usuais. Já no próximo texto, uma postagem de um *blog*, o seu autor parece ter maior consciência acerca da constituição histórica da rede semasiológica do item léxico “porra”, embora o texto não seja escrito por um profissional da linguagem, como os outros dois anteriormente

citados⁵: o seu autor buscou balizamentos em alguns pensadores da linguagem:

A HISTÓRIA DO “PORRA” [...] Hoje em dia “porra” tem alguns significados. [...] Se voltarmos no tempo, veremos outros significados [...] A partir do século 13, “porra” ganhou o sinônimo de cetro [...] significado este que durou até o século 15. A partir de então já se verifica o emprego da citada palavra com sinônimo relacionado ao sêmen, cuja tradição chegou aos nossos dias. [...] O vocábulo em questão é apenas um dentre tantos outros que mudaram de significado no percurso histórico, cuja utilização deve ser cuidadosamente estudada por quem pretende esmiuçar os textos históricos.

Após reflexão sobre o conteúdo desses textos, concluiu-se que não foram feitas reflexões acerca da categorização pelo viés da onomasiologia, de modo a discutir se esse item faz ou não parte de uma dada categoria, assim como constatou-se que as observações dos seus autores giram em torno da sua categorização pela perspectiva semasiológica, ressaltando, assim, a sua polissemia; além disso, foram salientadas as construções lexicais elaboradas a partir desse item, bem como foi posta em relevo a mudança semântica.

Relativamente ao gênero, poder-se-ia cogitar que esse item léxico ocorresse, apenas, em textos produzidos por homens; todavia, mulheres escrevem sobre os seus usos; assim sendo, foram selecionados alguns comentários feitos por elas, visando à reflexão a propósito

⁵ Seu autor é Rogério Fernandes, que se descreve da seguinte forma: “Sou evangélico, membro da Assembleia de Deus. Servidor público concursado do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, graduado em história e especialista em Direito Constitucional. A ideia de escrever este blog surgiu a partir da sugestão de um amigo virtual na época do Orkut, que me incentivou a criar uma página sobre curiosidades históricas”. Disponível em: <historiaesua curiosidades.blogspot.com.br/>. Acesso em: 29 abr. 2018.

da utilização desse item. Assim, no *blog Minha vida é um filme*, há o *post* “Fale palavrão, porra!”, em que a escrevente-conceitualizadora-categorizadora discute o uso de palavrões por mulheres, inserindo o item léxico “porra” no título do seu *post*:

Embora não pareça, sou uma mocinha do sexo feminino. Gosto de azul, falo um pouco -- de palavrão, tenho o braço direito todo tatuado, arrotto dizendo “*iabadabadu*”, solto pum com cheiro de gás e bebo cazamigas. Mas, *~pasmem~* não tenho **bigode**. (mentira, sou neta de portugueses, tem uns pelinhos aqui). Bom, pelo menos eu acho que as pessoas normalmente me veêm sem bigode. (TSAMICHELLI, 2016, grifo da autora).

Já na postagem “Que feio uma menina dessas falar palavrão” do *blog Antigos diários*, foi feita uma discussão acerca do uso do calão por mulheres, inclusive do item léxico em pauta, acreditando que seu uso expressa intensidade:

Eu falo de feminismo aqui com tanta frequência que nem sei como nunca falei sobre a mania que as pessoas têm de achar que as mulheres não podem falar palavrão. Estamos no ano de 2015, século XXI. O feminismo já obteve diversos avanços: as mulheres podem usar calça, trabalhar, estudar, ler e fazer diversas coisas sem serem julgadas. “*Mas é feio uma mulher falar palavrão, [...] e mulher que xinga demais só pode ser machorra* (o que é a porra de um preconceito contra as lésbicas).[...] O palavrão nada mais é do que uma maneira de se expressar, seja no momento da raiva (“caralho, essa internet é uma porra!”), seja por intensidade (“Porra, mas tá calor pra caralho hoje, hein?”), ou até para elogiar alguém (“Nossa, cara, esse

texto que você fez ficou muito foda”). (QUE FEIO..., 2015, grifos da autora).

A partir desses textos, pôde-se constatar o que já se sabia: mulheres usam palavrões, pensam conscientemente sobre essas palavras e podem considerar ultrapassado o preconceito social em relação à censura sofrida por aquelas que os falam. Contudo, não se pode generalizar esse uso para todas as mulheres, porque, indiscutivelmente, algumas não falam nem mesmo aqueles vistos como tendo baixo grau de prototipicidade na categoria palavrões, a exemplo de “merda” e “bosta”.

No que tange à consciência dos usos feitos desse item por faixa etária, destacam-se os comentários a respeito das suas utilizações por crianças, de sorte que, no *post* “Mamãe o que é puta?” do *blog Fernanda Reali; a gente escolhe ser feliz*, é apresentado o depoimento de Luh, psicóloga e mãe de K. 9 anos. Nesse texto, comenta-se sobre como explicar para crianças o significado de palavras como “porra”:

Porra: falei que é um líquido que sai do pênis, piru, piupiu, quando o homem sente prazer no fim do ato sexual. No caso da K. isso ficou menos complicado, porque a escola dela já entrou em educação sexual, mas acho que vale um paralelo, sai meleca quando você espirra, e sai porra quando o homem tem prazer. (REALI, 2011).

E nos comentários feitos sobre este *post*, uma internauta fez a seguinte consideração:

Oi, Fernanda, adorei o post. Sabe que tive a maior dificuldade de explicar o que é porra para minha filha quando ela perguntou. Agora, já estou preparada para

responder a segunda quando ela perguntar. Aliás, acabei de ouvir alguém gritando “porra” lá fora enquanto eu comento aqui. (REALI, 2011).

Em outro *blog* (VANESSA, 2012), uma mãe faz comentários sobre como abordar a questão do palavrão com seu filho e, para realizá-los, usa uma fala de Dercy Gonçalves (2007) em que o item léxico “porra” foi empregado:

Porra, caralho não é palavrão! [...] Palavrão, meu filho, é condomínio, palavrão é fome, palavrão é a maldade que estão fazendo com um colírio custando 40 mil réis, palavrão é não ter cama nos hospitais.

Aqui, é possível observar que há crianças aprendendo que esse item léxico pode não ser parte da categoria dos palavrões. Por outro lado, um homem, quando criança, pode ter aprendido a usar itens léxicos categorizados como palavrões, a exemplo de “porra”, com sua mãe, como demonstra este texto postado no *Projeto Semema*.⁶

Putaquepariu, falei um palavrão – pensei, logo após falar um palavrão em uma situação que eu não deveria falar um palavrão. Mas isso é culpa da minha mãe. O palavrão nada mais é do que o impulso de um sentimento personificado em palavra, um pequeno verso cheio de sentidos que consegue desafogar e externar toda mágoa ou alegria do mundo interno pro mundo aparente. Porra Lucas, dizia minha mãe, já falei que o almoço vai demorar. Eu não fazia ideia do que era porra, por isso pensava que porra estava sempre na boca da minha mãe. Hoje sei o que é porra,

⁶ Disponível em: <http://semema.com/minha-mae-palavroes-e-xadrez-com-xadrez/>. Acesso em: 30 abr. 2018.

e sei também que a ambiguidade da frase anterior é nojenta pra caralho. Mas o fato é que, entre caralhos e porras, cresci ouvindo palavras da voz mais sincera que já ouvi – a voz maternal. [...] Ela sempre usou de modo impecável, no timing certo, com uma precisão invejável. Caralho Lucas, já falei mil vezes que a porra do prato é no caralho da pia, anunciava a voz mais sincera que já ouvi. Querendo ou não, me apeguei a essas palavras tão discriminadas e, como minha mãe, passei a usá-las tão naturalmente quanto uso advérbios. Claro que sem tamanha ligeireza e competência, longe de mim! Às vezes ponho um caralho no lugar do porra e a frase fica nitidamente mal construída.

Com esse texto, pôde-se compreender que os usos categoriais não são dicotômicos como se pensou ao serem estabelecidas categorias rígidas no estudo de variáveis como homem x mulher, tendo como hipótese o entendimento que as mulheres falarão de uma forma e os homens de outra, pois os limites serão, sempre, difusos em qualquer categoria.

CATEGORIZAÇÃO: PORRA, PALAVRÃO? ÀS VEZES, SIM; ÀS VEZES, NÃO...

Nesta seção, será posta em evidência a categorização do item léxico “porra” com sua movência contextual, de modo que, com o estudo do *corpus*, ficou plenamente compreendido que ora o item léxico em questão pode ser ou não membro da categoria palavrão. Como parte dessa categoria, no *corpus*, foi feito seu uso na música “Eu te amo porra”, interpretada pelo cantor de axé Tomate:

Mulheres falam demais, gritam demais
Mas não consigo viver sem elas
E pra declarar o meu amor, minha paixão
Eu vou berrar um palavrão, berrar, berrar
Eu te amo, porra!
Eu te amo, porra!
(EU..., 2011).

Já no texto jornalístico “Palavra ‘porra’ no trailer de ‘É fada!’, estreia de Kéfera no cinema, faz classificação ser de 12 anos”, revela-se que o uso dessa palavra fez o referido filme obter uma classificação considerada injusta por seu produtor, pois ele não concebe que tal item seja “um palavrão tão palavrão”, ou seja, ele não o tem como um membro com alto grau de prototipicidade nessa categoria, já que argumenta que esse item pode ser dito em um programa televisivo de grande audiência no Brasil:

(01) ‘É fada’ censurado O trailer de “É fada!”, estreia da youtuber Kéfera Buchmann, 23 anos, no cinema, com produção de Daniel Filho, recebeu classificação do Ministério da Justiça de: “Não recomendado para menores de... 12 anos”. O motivo, segundo o cineasta, é a presença da palavra “porra” no trailer: — É um absurdo! Esta palavra, inclusive, é dita todo domingo à tarde pelo Faustão.” (GOIS, 2016).

Daí, já se pode inferir que a categorização desse item léxico se encontra em variação no português do Brasil, de sorte que pode visto como palavrão ou não.

Em outros textos, podem ser obtidas mais informações sobre como ocorre essa variação. Assim, por exemplo, em *r/brasil*, uma comunidade para publicação de notícias, para discussões,

entretenimento, depoimentos, entre outras coisas, perguntou-se: “qual é o palavrão que vocês mais utilizam?”. Por meio de alguns comentários feitos para responder a questão proposta, é possível saber algo sobre essa variação dialetal, de sorte que, enquanto na Bahia, no Rio e em São Paulo parece haver maior flexibilidade na sua categorização, pois “porra” é tido como um item de menor grau de prototipicidade no âmbito da categoria palavrão ou mesmo pode ser visto como parte de outra categoria, em Minas Gerais, a flexibilidade pode ser menor e esse item pode até ser compreendido como um palavrão com maior grau de prototipicidade na categoria:

(02) [...] Porra aqui na bahia nem é mais considerado palavrão.

(03) Aqui no Rio creio que o *porra* também é quase uma vírgula, o *foda* está chegando lá, e o *caralho* tá virando costumeiro também como medida.

(04) Não cara, realmente porra não é mais palavrão.

Um amigo meu foi estudar um semestre na UFMG. Ele falou ‘porra professor, mas..’ e todo mundo ficou olhando pra ele como se fosse o maior absurdo. Só depois que ele percebeu que era um palavrão xD

(05) [...]_Petrópolis, RJ [...]

Toda aula minha tanto aluno quanto professor fala “porra” em algum momento, ainda mais em começo de frase, tipo: “Porra, mas e se eu fizer X e Y, vai dar certo?” “Porra, tenho certeza não, tenta ai e me diz o resultado.”

(06) [...]_Santos, SP [...]

Eu vim aqui pra postar essas duas palavras. “Caralho viado” pra mim é pronome de tratamento e “porra” é todo o resto

(07) [...]_Mogi das Cruzes, SP [...]

Pô OP, quero te ajudar, mas tu gosta *muito* de caralhos. Eu curto mais porra mesmo, e uns puta que pariu, para fazer como o amigo aí disse, dar intensidade no que eu falo. As palavras formais não são a mesma coisa.

(08) [...] Ué?! Se eu gosto muito de caralhos, você curte mais porra. Tá *sussa*. (U/MRBIGLES, 2017).

A frequência e o encrustamento de um item léxico podem indicar que este funciona como membro de maior grau de prototipicidade em uma categoria, uma vez que isto indica a sua maior recorrência no uso cotidiano e a sua lembrança imediata, quando é pedido a alguém para que arrole os membros de uma dada categoria. Assim, poder-se-ia conjecturar que, junto ao item “caralho”, “porra” possuiria um maior grau de prototipicidade na categoria palavrão, como os *posts* a seguir transcritos poderiam sugerir:

(09) [...] Caralho e porra. Ambas as palavras são universais, polissêmica e se adequa a cada situação sem precisar de explicação.

(10) [...]_Volta Redonda,RJ [...] Porra Caralho a Putaqueopariu! Palavrão é algo sagrado no meu vocabulário, uso sempre e com bastante intensidade! Não tem como se expressar devidamente sem usar palavrão. Tipo, tu quer falar que algo é muito bacana, aí tu pode lançar uma versão “Nossa, muito bacana isso!” Ou então você pode falar “pqp, foda pacaralho isso aí!” Na primeira versão fica uma coisa xoxa, sem graça, quase morta. A segunda versão, porém, dá a dimensão correta dos fatos!! Palavrão hoje e sempre!

(11) [...] Sempre que eu falo eu solto pelo menos um palavrão, é mais fácil falar qual eu menos utilizo, que é buceta. Acho meio pesado, sei lá, antigamente eu só falava isso quando estava muito puto. Hoje em

dia vulgarizou e eu uso com frequência, porém bem menor do que porra, caralho e etc. Merda eu acho muito puritanismo achar palavrão.

(12) [...]_Palhoça, SC [...] Pra xingar alguém, uso mais “arrombado”. Em questões mais genéricas acho que é “foda”, seguido por “caralho” e “porra”. Um vocabulário refinado, sem dúvida.

(13)[...] porra e caralho mesmo

(14) [deleted] [...] Puta que pariu, caralho, porra, filho da puta e vai tomar no cu, que é uma frase mas é também um palavrão só lol

(15) [...] porra e va tomar no cu ou “toma no cu vey”, usados d momentos fúnebres à festas infantis :)

(16) [...]_Porto Alegre [...] Porra, mas que merda, caralho! (U/MRBIGLES, 2017).

Por outro lado, em outros comentários, “porra” parece ser membro com menor grau de prototipicidade entre os palavrões ou até mesmo parece funcionar como parte de outra categoria, o que já foi percebido em outros textos, como pontuado em outra passagem deste artigo:

(17) [...] Porra; a palavra tem uma entonação versátil. É fantástico soltar porra aqui e ali de vez em quando, só pra relaxar; sempre encho a boca na hora de falar.

(18) [...] Porra aqui na bahia nem é mais considerado palavrão.

(19) [...]_São José dos Campos, SP [...] Acho que porra ja deveria ser rebaixado apenas para uma palavra feia, tipo merda. Como eu jogo muito GTA V, eu xingo muito, mas acabo não usando palavrões a rodo.

(20) [...]_Porto Alegre, RS [...] *Pela humanização da porra!*

(21) [...] Pelo empoderamento da “PORRA”.
(U/MR BIGLES, 2017).

Yahoo respostas ratifica alguns resultados já encontrados em [Ei, /r/brasil]; assim sendo, há, naquele site, uma pergunta especificamente direcionada para saber se o item léxico “porra” faz parte ou não da categoria palavrão, de modo que foi localizada a seguinte questão: “***** se tornou uma palavra tão comum, é verdade que ***** não é mais palavrão?” e, na sequência, lemos: “o yahoo bloqueou a palavra p.o.r.r.a” (MARCOS, 2010). Aqui, vale observar que os escreventes-categorizadores, ainda, procuram uma resposta binária, como “sim” ou “não”, em termos de tudo ou nada, para a compreensão do comportamento desse item na categoria palavrão.

Entre as respostas dadas para a pergunta antes exposta, lê-se:

(22) Pelos asteriscos presume-se que é p.o.r.r.....? é um palavrão sim – pois é uma palavra pejorativa que não faz parte do vocabulário de nosso cotidiano... não é comum e a verdade é que poucas pessoas as pronunciam – imagine chegar em uma pessoa que vc não conhece e chamá-la : vem cá seu p.o.r.??? Seria bem estranho e imoral não acha ? Entre amigos é uma coisa e mesmo assim deve ser omitida esta palavra, pois é sinal de desrespeito e maus costumes e imoralidade.O termo p.o.r....., utilizado na comunidade lusófona como uma palavra de baixo calão para demonstrar espanto, aborrecimento, xingamento , etc. Existem músicas onde se pronunciam essa palavra – eu não deixaria meus filhos ouvirem com certeza- nas escolas os adolescentes pronunciam – mas não tem sentido exato da palavra , dizem por achar bonito e/ ou para chamar a atenção de outro amigo (a) ou pura brincadeira – /ac/

(23) Pelo fato das pessoas tornarem **** uma palavra corriqueira, não significa não seja um palavrão. Continua sendo um termo de baixo calão.

(24) ***** ainda é um palavrão , procura na net : ***** . que vc vai ver! (MARCOS, 2010).

Em (22), a pessoa-conceptualizadora-categorizadora que responde ao quesito, para fazer as suas considerações, não parte do seu conhecimento, mas dos saberes do outro, ponderando sobre o comportamento do *site* (“Pelos asteriscos presume-se que é p.o.r.r...? é um palavrão sim [...]”); ela, também, crê que esse item léxico é pouco usado (“[...] é uma palavra pejorativa que não faz parte do vocabulário de nosso cotidiano...não é comum e a verdade é que poucas pessoas as pronunciam [...]”), o que não corresponde aos números encontrados com a busca que, no estudo, foi feita pelo item no Google, contudo, ela parece abrir uma brecha para o uso menos tenso desse item léxico (“[...]Entre amigos é uma coisa [...]”), assim como para o uso entre os mais jovens (“[...] nas escolas os adolescentes pronunciam – mas não tem sentido exato da palavra, dizem por achar bonito e/ou para chamar a atenção de outro amigo (a) ou pura brincadeira [...]”), mesmo assim fazendo ressalvas. Apesar das restrições feitas, quem escreve parece ter conhecimento da teia polissêmica de significação desse item.

Na resposta (23), o escrevente-categorizador lança o item na categoria do palavrão, e é válido notar que o seu uso recorrente não é visto como uma abertura para que o item léxico deixe de fazer parte dessa categoria, o que demonstra, de alguma forma, a variação no âmbito do entendimento da categorização desse item (“Pelo fato das pessoas tornarem **** uma palavra corriqueira, não significa não seja um palavrão. Continua sendo um termo de baixo calão”).

Já em (24), o item lexical foi creditado na mesma categoria palavrão sem mais delongas e foi usado o registro na internet como argumento de autoridade, demonstrando a crença de ser o escrito prova de uso; esse comentário demonstra que o item flutua e a sua categorização, como membro da já mencionada categoria, é um fenômeno em variação (***** ainda é um palavrão , procura na net: *****. que vc vai ver!).

É possível compreender que, visando a entender o funcionamento do item léxico “porra” como parte da categoria palavrão, foi feita, no *Yahoo*, outra pergunta por um internauta: “Como eu vou saber se ***** é palavrão de verdade ou se o Yahoo só não gosta que coloquem essa palavra...? Em continuidade, lê-se: “Se **** não aparece, é censurado ????????? a palavra é por-ra tire o hífen” (JOÃO VITOR, 2012). Neste caso em particular, embora tenha dúvidas em relação à categorização desse item, a pessoa que pergunta procura por uma resposta binária – sim ou não – para sanar sua dúvida, de sorte que, ao que tudo indica, ela se encontra em busca de um conhecimento que lhe traga certezas, verdades, no tocante à categorização do item léxico, de modo que ela, aparentemente, deseja a elaboração de saberes por meio de uma compreensão binária entre verdadeiro e falso ou entre pertence e não pertence, como os estudos da categorização, tradicionalmente, preconizavam.

Entre as respostas dadas à questão em destaque, lê-se: “O YAHOO é heterossexual e não gosta de ***** na página dele” e ainda “Seria como jogar ***** na sua cara...vc ia gostar?” (JOÃO VITOR, 2012). Com tal resposta, a pessoa, metaforicamente, personifica o *Yahoo* e desvia-se do tema da questão e, assim, gera uma espécie de humor fora do contexto da questão posta, acionando outros conhecimentos acerca dos sentidos da categoria “porra”

normatizados, os quais deveriam ser acessados para responder a tal questão; assim sendo, a pessoa, ao que tudo indica, nesse contexto interacional, com objetivo piadista jocoso, compreende, metonimicamente, um sentido (sêmen) por todos os outros da rede semasiológica desse item. Com tal redirecionamento contextual, o respondente-conceitualizador-categorizador não oferece uma resposta à questão.

Há, ainda, outros comentários:

(25) Então... acho q é palavrão sim pq geralmente os usuários colocam os asteriscos ou mudam a palavra como vc fez para evitarem denúncias de outros usuários e terem suas respostas excluídas. As vezes pode não ser pq dependendo existem palavras que em seu sentido real não é nenhum palavrão, mas para alguns pode ser mal interpretada. Ex: ***** (filhote da galinha) e p***** (palavrão).

(26) Se voce gosta de ***** , nada contra. Curiosidade: Voce gosta da ***** morna, ou da melada?

(27) é palavrão. (JOÃO VITOR, 2012).

Aqui, as respostas, também, seguem a mesma linha daquelas que foram dadas para a pergunta anteriormente exposta, de modo que, em (26), aciona-se o sentido esperma para porra e, em (27), sem mais delongas, a pessoa-conceitualizadora-categorizadora que responde à questão o coloca na categoria palavrão; porém, (25) merece um destaque maior, dado que se verifica a compreensão da flexibilidade da categorização dos itens léxicos que podem ou não fazer parte de uma categoria no discurso, de modo que, quando se refere à compreensão do item como membro da categoria palavrão no *site*, a pessoa-conceitualizadora-categorizadora coloca-o como

membro dessa categoria, mas problematiza a categorização de outros itens. Contudo, nessa mesma resposta, a pessoa pensa em termos de uma realidade que parece existir independente do ser humano que a elabora: tratando da existência de um sentido real, ou seja, daquele que existiria independentemente das pessoas em interação, conceptualizando e assim elaborando seus sentidos e realizando as suas próprias categorizações.

Outra pergunta feita no *Yahoo* foi: “Por que ‘*****’ é palavrão?⁷. Na sequência, ainda, é possível ler, entre outras observações: “o yahoo censurou minha pergunta, a palavra é PO RR*”. Nesse caso, a questão é direcionada para os motivos que fazem esse item funcionar como membro dessa categoria, não expressando, assim, a variação que tem caracterizado, em tempos hodiernos, a sua categorização. Entretanto, a pergunta parece surgir da parte de quem a fez, devido à incompreensão da censura que sofreu do *Yahoo* por tê-lo usado, de modo que se pode inferir que a pessoa que pergunta não compreende por qual razão o *Yahoo* categoriza o item como palavrão e o censura.

Entre as respostas dadas para essa questão, acha-se:

(28) Nossa ... esta palavra é tão comum que se tornou automática. Tb não vejo razão pra censura. E se vc prestar atenção, há palavras muito mais indecentes sendo cantadas livremente nas músicas de forró e nem sofrem preconceito, pelo contrário, o povo gosta. Eu particularmente não sou adepta de palavrões, mas encaro a p. como palavra normal, embora não faça parte do meu vocabulário.

(29) Po.rr.a é uma palavra de baixo calão e interjeição. A expressão é comumente usada para designar

⁷ Disponível em: <http://bit.ly/2HhPqkV>. Acesso em: 30 abr. 2018.

colegas de um mesmo círculo de amizades (ex: olá, seu po rr.a!) ou uma frustração cotidiana (ex: **** do *****!). Se não for, deve ser algo próximo. Pode também designar o que você era antes de nascer. Muito utilizada nos processos de concepção “in vitro”, ou artificial, por quem sabe o que isso significa mas principalmente por quem não sabe (ex: inseminação artificial? que po.rr.a é essa?). kk gostou?

(30) Oláa..

Olhaa, P.o.r.r.a, Não é palavra e sim uma palavra Normal, como qualque outra, so q Inventaram isso, e como Sabemos qualquer coisaa q alguém disser, vira MODA --'

(31) Sei lah viu... acho que cada um tem uma opinião sobre isso... Eu acho normal mais tem pessoas que acham que eh uma palavra feia.... kda um com sua opinião neh? acho que isso é “intriga da oposição” tem tantas palavras piores por ai....

Inicialmente, em (28), quem responde à questão coloca o item “porra” na categoria palavrão (“[...] Eu particularmente não sou adepta de palavrões, mas encaro a p. como palavra normal, embora não faça parte do meu vocabulário”); isto porque, embora ela diga que se trata de uma palavra normal, ela não a usa, logo, pode-se compreender que ela a vê como um palavrão, porém ela a coloca como um membro de menor grau de prototipicidade nessa categoria, o que faz em termos de intensidade (“Nossa ... esta palavra é tão comum que se tornou automática. Tb não vejo razão pra censura. E se vc prestar atenção, há palavras muito mais indecentes sendo cantadas livremente nas músicas de forró [...]”).

Por outra parte, em (29), a pessoa tece considerações sobre a categoria semasiológica do item em questão, comentando, assim,

alguns dos seus diferentes sentidos. Apesar de ter consciência desses distintos sentidos, também o coloca como membro da categoria palavrão e, ainda, como elemento da categoria interjeição; no entanto, em relação aos demais sentidos, quem responde à pergunta parece desconhecer que cada um desses sentidos será parte de uma dada categoria, o que se construirá nos distintos contextos de seus variados usos e das diferentes possibilidades de elaborações categoriais.

Tanto em (30), quanto em (28), o item é categorizado como uma palavra normal; essa categorização é reveladora da existência de uma categoria em que são organizados os itens léxicos que não fogem às regras do que é tido como um uso moralmente aceitável para alguns grupos da sociedade, assim como demonstra a existência da sua contraparte, contendo essa outra categoria: o calão. No que concerne particularmente a (30), quem responde à questão constrói, nitidamente, essa oposição entre palavras comuns e os palavrões.

Por fim, em (31), fica evidente a consciência do conceptualizador-categorizador que responde à pergunta, no que diz respeito à flutuação e aos limites borrados da categorização do item léxico “porra” e da categoria palavrão (“Sei lah viu... acho que cada um tem uma opinião sobre isso... Eu acho normal mais tem pessoas que acham que eh uma palavra feia...”).

Feitas as considerações sobre a categorização do item aqui posto em destaque, como membro ou não da categoria palavrão, portanto a partir de um olhar onomasiológico, caminha-se para a apresentação de brevíssimas observações sobre a categoria de “porra” pelo viés semasiológico.

DA REDE ONOMASIOLÓGICA PARA A REDE SEMASIOLÓGICA

Os textos aqui postos em estudo permitem saber algo a respeito da teia semasiológica do item léxico “porra”, demonstrando que ele é polissêmico, constituído por diferentes sentidos; além disso, esses textos possibilitam saber que os escreventes têm consciência dessa polissemia (“Po.rr.a é uma palavra de baixo calão e interjeição. A expressão é comumente usada para designar colegas de um mesmo círculo de amizades (ex: olá, seu po rr.a!) ou uma frustração cotidiana (ex: ***** do *****!). Se não for, deve ser algo próximo. Pode também designar o que você era antes de nascer. [...]”) (? , 2010). Dito isto, é preciso destacar que a polissemia desse item, também, é um fenômeno de categorização; contudo, para abordá-la, seriam ultrapassados os objetivos propostos para este artigo; assim sendo, ela não será enfocada aqui. Por fim, para concluir este texto, serão apresentadas, a seguir, as suas considerações finais.

UM EPÍLOGO

Após o estudo do *corpus*, ficou plenamente constatado que, para algumas pessoas, o item léxico “porra” acha-se em variação, caminhando para um processo de desxingamento, conforme postulou Almeida (2016), em relação ao item léxico “foda”. Todavia, há pessoas que, sem qualquer ponderação, o consideram parte da categoria palavrão; outras, porém, apesar de o terem também como membro dessa categoria, tecem várias considerações reflexivas sobre o seu uso; assim, alguns o consideram um membro com menor grau

de prototipicidade e outros, ao contrário, o concebem como um membro com um maior grau de prototipicidade nesse grupo categorial. Com o estudo, compreendeu-se, ademais, que a categorização desse item é um processo de variação que não apresenta relações tão determinantes, ao que tudo indica, com o gênero, com a faixa etária do categorizador, com a região em que ele habita, mas antes parece atrelar-se às conceptualizações de cada um com suas mentes corporificadas em interação experiencial *on-line* com o mundo; logo, consigo, com as pessoas, com outros seres vivos e com os mundos interior e exterior. O que aqui foi colocado afina-se, de algum modo, com um comentário feito por um internauta acerca do texto “Porra – A palavra mais rica do baianês”, ao afirmar que: “cada um dê a sua porra a porra do significado que quiser”⁸. O que se destaca, então, é que os sentidos se constroem em interação antro-po-geo-social-cultural, construindo-se histórico-político-ideologicamente em inter-relação com as condições biopsíquicas do ser humano. Além disso, através da noção de efeitos prototípicos, a categoria palavrão, assim como qualquer outra, não se fecha em uma dicotomia em que um elemento, no caso, porra, lhe pertença ou não.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Histórias sobre as redes de significação do item léxico “foda” à luz do Sociocognitivismo. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: Edufba, 2016. p. 13-46.
- AMAVA PORRA NENHUMA. [201-]. Facebook: [S.l.], @amavapn. Disponível em: <<https://bit.ly/2H4WeDE>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

⁸ Disponível em: <http://jeitobaiano.atarde.uol.com.br/?p=2532>. Acesso em: 30 abr. 2018.

- BORA BAHÊA MINHA PORRA. [201-]. Facebook: [S.l.], @PBBMP. Disponível em: <<https://bit.ly/2NOWfvI>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- BUSCA: porra. *Folha de S.Paulo*, São Paulo. 2 mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2EGZWQ4>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- CORREIA, Juninho. Baianês. *Recanto das Letras*, [S.l.], 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2EUg7uN>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- DETERMINAÇÃO, porra – Pesquisa do Facebook. Facebook: 29 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2TobIjp>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- DIZ que me ama porra! Composição: Luiz Fidélis; Zé Hélio. Intérprete: Frank Aguiar. Fortaleza: Um Show ao vivo, só forró, 2016.
- DONA DA PORRA TODA. [201-]. Facebook: [S.l.], @DONADAPORRATODAOFICIAL8. Disponível em: <<https://bit.ly/2EIZEs5>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EdUFRN, 2012.
- EITA porra – Pesquisa do Facebook. *Facebook*: 29 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Tlstrgg>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- EM GRAVAÇÕES, Jucá fala em pacto para deter Lava-Jato, diz jornal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 maio 2016. Brasil. Disponível em: <<https://glo.bo/2EUq1MP>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- EU te amo, porra! Composição e interpretação: Tomate. São Paulo: Atitude (ao vivo), 2011.

FODA-SE A PORRA TODA. [201-]. Facebook: [S.l.], @paginafodaseaporratoda. Disponível em: <<https://bit.ly/2IWvTct>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

GENRO, Luiz. “Porra!” é uma vírgula na terra dos cariocas. *GGN*, [S.l.], 2 nov. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2H87wXu>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

GOIS, Ancelmo. Palavra “porra” no trailer de “É fada!”, estreia de Kéfera no cinema, faz classificação ser de 12 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 ago. 2016. Disponível em: <<https://glo.bo/2J0ET0o>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

GONÇALVES, Dercy. “Fui desmoralizada, hoje sou lição de vida”. [Entrevista cedida a] Valmir Santos e Paulo Sampaio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, +MAIS!, 22 abr. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2VRTHjB>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

GOOGLE Custom Search: porra. *Google*. 30 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2tU39GS>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

IDAI porra – Pesquisa do Facebook. *Facebook*: 29 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2HkXrG2>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

JOÃO VITOR. *Como eu vou saber se ***** é palavrão de verdade ou se o yahoo só não gosta que coloquem essa palavra...?* [S.l.], 15 jan. 2012. Yahoo! respostas. Disponível em: <<https://bit.ly/2XPz7BQ>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KLEIBER, Georges. *La sémantique du Prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LOUCA, Diária Mente. Calor da porra. *Recanto das Letras*, [S.l.], 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2TH1iEd>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MARCOS RERRE. ***** *se tornou uma palavra tão comum, é verdade que ***** não é mais palavrão?* [S.l.], 19 mar. 2010. Yahoo! respostas. Disponível em: <<https://bit.ly/2EW4eV3>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MIRANDA, Paulo. Porra rala...? *Recanto das Letras*, [S.l.]. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2SOHJ8f>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MOREIRA, Isabela. Mulheres denunciam machismo cotidiano com hashtag #meuamigosecreto. *Galileu*, Rio de Janeiro, 24 nov. 2015. Disponível em: <<https://glo.bo/2tRslhs>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MULHERÃO da porra. Composição: Diego Ferrari; Everton Mattos; Guilherme Ferraz *et al.* Interpretação: Jerry Smith, Munhoz & Mariano. [S.l.]: 2017.

NÃO FALA PALAVRÃO, PORRA. [201-]. Facebook: [S.l.], @NaoFalaPalavraoOficial. Disponível em: <<https://bit.ly/2NMA0Xo>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

PALAVRINHAS E PALAVRÕES. *Perdido em Salvador*, Salvador, 20 ago. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2H52c7l>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

PALAVRÕES começaram como termos inocentes. *Aventuras na História*, São Paulo, 22 fev. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2UqXfZL>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

PORRA, CÉREBRO. [201-]. Facebook: [S.l.], @porracerebro. Disponível em: <<https://bit.ly/2IXBmja>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

PORRA CRUSH. [201-]. Facebook: [S.l.], @Crushporra. Disponível em: <<https://bit.ly/2SPg5YA>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

PORRA MÃE. [201-]. Facebook: [S.l.], @porramae. Disponível em: <<https://bit.ly/2ETr6Vk>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

PORRA PAE. [201-]. Facebook: [S.l.], @PorraPae. Disponível em: <<https://bit.ly/2H6D93R>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

QUE FEIO uma menina dessas falar palavrão. *Antigos diários*, [S.l.], ago. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2H8qzB0>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

REALI, Fernanda. Mamãe, o que é puta? *Fernanda Reali, a gente escolhe ser feliz*, [S.l.], 11 out. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2J18PJA>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

REBELLO, Lygia. 7 palavras que surgiram com uma conotação sexual ou chula. *Superinteressante*, São Paulo, 30 abr. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2HnkRuo>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RECANTO das Letras, 2018. Página inicial. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

RESPEITA. Composição e interpretação: Ana Cañas. São Paulo: Tô na Vida, 2008.

RESULTADO da pesquisa: porra. *Cifraclub*, 29 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2ELz0P1>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SAPATILHAS LGBTQI. [201-]. Facebook: [S.l.], @sapatilhaslgbt. Disponível em: <<https://bit.ly/2NPkzh9>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SOU amigão da porra – Pesquisa do Facebook. *Facebook*, 29 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2XNpvYi>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SOUZA-CRUZ, Thalita Cristina. “*Entrando pelo youtube*” – estudo discursivo da organização semântico-lexical: em foco a categorização. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

TSAMICHELLI. Fale palavrão, porra! *Minha vida é um filme*, [S.l.], 21 jul. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2UrFIR5>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

UNIVERSITÁRIO porra nenhuma. Interpretação: Brenno reis & Marco Viola. [S.l.]: 2010.

U/MRBIGLES. *Qual é o palavrão que vocês mais utilizam?* [S.l.], 10 fev. 2017. [Ei, /r/brasil...]. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hll4hH>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

VANESSA. Porra, caralho não é palavrão! *Instantâneos*, [S.l.], 18 jan. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2SRoWJl>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1953.

PAREAMENTOS LEXICAIS E MODELAGEM DE *FRAMES*: UMA PROPOSTA COGNITIVA DE ANÁLISE DA ANTONÍMIA¹

Paulo Henrique Duque

Ao escolhermos uma palavra para expressar uma ideia em vez de outra qualquer, estamos considerando não apenas seu significado específico, mas também o contexto discursivo e situacional mais amplo dentro do qual significados serão modelados. Nesse sentido, o léxico de uma língua é bem mais do que uma lista não estruturada de palavras. Para Fauconnier (1999, p. 1, tradução nossa), as palavras que vemos e ouvimos correspondem apenas à “ponta do iceberg”² da construção invisível do significado. Quando nos envolvemos em um jogo de linguagem (DUQUE, 2018; STEELS, 2001; WITTGENSTEIN, 1999), ativamos, construímos e fortalecemos

¹ A pesquisa foi baseada em meios eletrônicos que são instáveis e, por isso, muitos *links* informados nas notas e nas referências ao final do texto poderão estar fora do ar no momento da leitura.

² “tip of the iceberg” (FAUCCONNIER, 1999, p. 1).

circuitos neurais. Tais circuitos correspondem às estruturas cognitivas com que construímos e modelamos sentidos, isto é, *frames*.

Tendo, como referência, plasticidade dos circuitos neurais, torna-se possível definir *frame* não só como estrutura estável armazenada na memória que nos permite conceber a vida qual um todo coerente, mas também, como um sistema em constante adaptação cuja plasticidade devemos às interações sociais e às práticas discursivas. Na concepção aqui esboçada, um *frame* fornece o plano de fundo para um dado conceito (nesse caso, a noção de *frame* se confunde com a de domínio conceptual, de Langacker, 1987) e a referência para categorias de ação, ou eventos. No sentido aqui defendido, essas estruturas reticuladas e dinâmicas são evocadas pelo discurso e no discurso por meio de itens lexicais e padrões gramaticais.

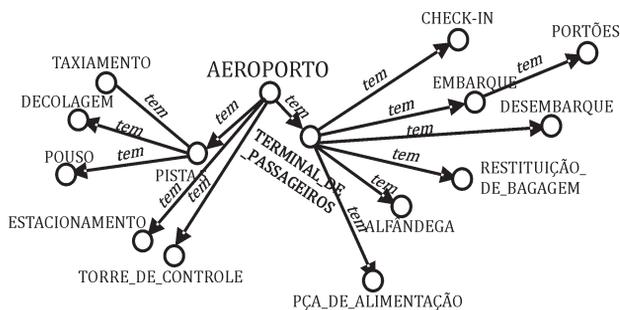
Neste artigo, discute-se o papel dos tipos de conhecimento e das estruturas conceituais na representação lexical, revelando o potencial explicativo do conhecimento baseado em *frames*. Por evocarem esquemas, eventos, roteiros, dimensões culturais e interacionais do *frame*, a depender das escolhas lexicais, itens linguísticos forjam conceitos e, conseqüentemente, reforçam ou alteram visões de mundo. Daí a relevância da proposta em tela: investigar o léxico dentro de uma abordagem-baseada-em-*frames*.

Para esclarecer em que consiste esse tipo de investigação, proponho uma breve análise das relações antonímicas canônicas, a partir de uma seleção de textos publicados na internet contendo itens lexicais formando pares antonímicos. Tal análise se fundamenta na concepção de *frame* aqui delineada, isto é, um conjunto de redes complexas modeladas por esquemas que emergem das rotinizações com que executamos atividades cooperativas que envolvem atenção conjunta e configuram domínios conceptuais específicos.

FRAME E LÉXICO

Do ponto de vista estrutural, *frames* são redes complexas modeladas por esquemas simples. Essas redes complexas são representadas aqui por meio de grafos, cujos vértices (ou nós) são *frames* mais específicos e cujas arestas (ou *links*) são esquemas simples (Figura 1). As redes complexas, e os esquemas que as modelam, são armazenadas na memória na forma de circuitos neurais.

Figura 1 – *Frame* AEROPORTO³ modelado pelo Esquema PARTE-TODO⁴



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 1, o *frame* AEROPORTO é modelado pelo esquema PARTE-TODO. Cada nó corresponde a um conceito enquadrado como parte de uma configuração. O *link* entre dois conceitos é estabelecido pela relação *X tem Y*. É graças ao esquema PARTE-TODO que, na evocação de um conceito, foi ativado o *frame* inteiro, como em (1).

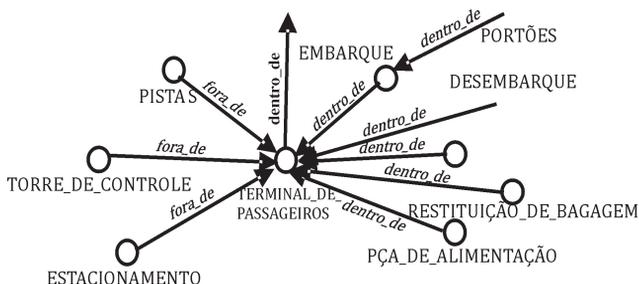
³ A fim de se estabelecer uniformidade notacional ao texto, no tratamento de enunciados linguísticos, foram adotadas aspas duplas (“sala de embarque”); no tratamento de domínios conceptuais, *frames*, esquemas, eventos e roteiros, foram adotados versaletes (AEROPORTO).

⁴ A seta indica a orientação do *link*.

- (1) [...] fizemos o *check-in* e fomos para a *sala de embarque* que, por acaso, é minúscula, com apenas 3 *portões de embarque*. (GOMES, 2016, grifos nossos).
- (2) Um rapaz da *sala de bagagem* de Brasília me disse que só eles poderiam me informar o caminho. (EXTRAUVIO..., 2017, grifo nosso).

Em (1), os itens lexicais “*check-in*”, “sala de embarque” e “portões de embarque” ativam o *frame* AEROPORTO a partir da evocação de partes específicas desse *frame*. Do ponto de vista neu-ral, a modelagem PARTE-TODO do *frame* parece corresponder ao circuito Gestalt (LAKOFF, 2014). Quando o nó Gestalt AEROPORTO dispara, os nós TERMINAL_DE_PASSAGEIROS, PISTA, ESTACIONAMENTO, TORRE_DE_CONTROLE também disparam. Da mesma forma, quando um subconjunto suficiente de nós dispara, como por exemplo CHECK-IN, SALA DE EMBARQUE e PORTÃO DE EMBARQUE, o nó Gestalt AEROPORTO dispara repercutindo no disparo dos outros nós. Um nó saliente, como SALA_DE_BAGAGEM, evocado pelo item lexical “sala de bagagem”, em (2), pode ser suficiente para ativar o nó Gestalt AEROPORTO.

Figura 2 – *Frame* AEROPORTO modelado pelo Esquema CONTÊINER



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Figura 2, o *frame* AEROPORTO é modelado pelo esquema CONTÊINER. Cada nó corresponde a um conceito que, no caso, é enquadrado como interno ou externo a TERMINAL_DE_PASSAGEIROS. O *link* entre dois conceitos é estabelecido pela relação *X dentro de Y*.

(3) No dia 25/04/2016 me dirigi ao aeroporto, fiz o check-in pelo aplicativo e *entrei na sala de embarque*. Chegando lá, percebi que o meu voo estava atrasado e *voltei para o saguão* em busca de informações. (COMPREI..., 2016, grifos nossos).

Em (3), a esquematização do *frame* AEROPORTO por meio do esquema CONTÊINER é orientada por eventos de deslocamento físico evocados por “me dirigi a”, “entrei em” e “voltei para”. Eventos de deslocamento físico são modelados pelo esquema ORIGEM-CAMINHO-META, em que os componentes *origem* e *meta* frequentemente são modelados pelo esquema CONTÊINER. A expressão “entrei em”, em especial, salienta o componente *interior* do esquema em questão.

Os esquemas em si são estruturas formadas de invariâncias perceptuais e motoras que emergem da interação organismo-ambiente. De acordo com Johnson (1987), domínios imagéticos são aqueles que se referem à experiência física, especificamente “[...] nossos movimentos corporais através do espaço, nossa manipulação de objetos e nossas interações perceptuais”⁵ (JOHNSON, 1987, p. 29, tradução nossa). A relação entre um esquema e suas origens perceptuais e motoras (isto é, sua imagética), portanto, é mediada pela esquematicidade. Segundo Clausner e Croft (1999), as imagens

⁵ “[...] our bodily movements through space, our manipulation of objects, and our perceptual interactions” (JOHNSON, 1987, p. 29).

esquemáticas não são imagens específicas. São imagens abstratas, isto é, esquemáticas. Nesse sentido, as imagens em si não são produtivas para a modelagem de *frames*, mas os esquemas dessas imagens, sim. Por exemplo, a imagem específica de substâncias sendo adicionadas a uma pilha repetidas vezes produz os esquemas MAIS e ACIMA. E esses esquemas, por sua vez, são essenciais para a estruturação dos conceitos QUANTIDADE e VERTICALIDADE.

Do ponto de vista pragmático, os *frames* capturam as rotinas com que se executam atividades cooperativas que envolvem “atenção conjunta”⁶ (TOMASELLO, 2003, p. 135, tradução nossa), isto é, cada atividade cooperativa gira em torno do objeto para o qual a atenção dos sujeitos é focalizada. Uma sequência de atividades cooperativas constitui um Jogo de Linguagem. A integração perceptual e motora entre pessoas e ambiente é a condição *sine qua non* que determina os tipos de objetivos comunicativos que os participantes de uma atividade cooperativa podem ter e que tipos de conceitos podem usar. Nesse sentido, segundo Steels (2001), se o ambiente contiver apenas objetos em preto e branco ou se os falantes e os ouvintes forem todos daltônicos, um enunciado sobre cor baseado em matiz não poderá (e nem deverá) emergir. Nessa mesma linha, caso o mundo fosse de um jeito que os objetos não se movessem, enunciados para descrever os eventos e sua estrutura temporal seriam irrelevantes.

Os jogos de linguagem envolvem atividades cooperativas de imitação (recuperação de um programa motor ao imitar uma dada postura corporal, como ficar de braços cruzados; ou uma dada ação, como articular o fone [S]), discriminação (identificação de um objeto a partir de propriedades salientes), nomeação (identificação de um objeto por meio do nome), adivinhação (identificação

⁶ “joint attention” (TOMASELLO, 2003, p. 135).

de um objeto com base em um levantamento de propriedades), classificação (identificação de semelhanças entre objetos que apresentam propriedades comuns), ações de manipulação e deslocamento, e elaboração de discursos (relato de experiências, descrição de objetos e eventos, defesa de ponto de vista, explicação de fatos e relato de procedimentos).

Normalmente, esses jogos se mesclam em jogos mais complexos. A compra de um forno micro-ondas, por exemplo, constitui uma atividade cooperativa envolvendo diretamente duas pessoas (comprador e vendedor) que direcionam sua atenção para um único objeto, apesar dos diferentes enquadramentos (compra e venda). Para isso, são executados jogo de imitação (o comprador aprende a destravar a porta imitando as ações do vendedor), jogo de nomeação (o vendedor nomeia um recurso do aparelho como “*grill*”), jogo de adivinhação (a partir do levantamento de propriedades, o comprador diferencia o forno micro-ondas de um forno convencional), jogo de classificação (o comprador procura o forno micro-ondas na seção de eletrodomésticos da loja), jogo de ação (o comprador se desloca a fim de escolher o modelo, o vendedor manipula o forno micro-ondas), jogo de elaboração de discurso (o comprador faz perguntas, o vendedor faz descrições, o vendedor argumenta, o vendedor solicita dados do comprador, o comprador lê a garantia estendida do produto, etc.).

Alguns jogos complexos, recorrentes em dada comunidade, são armazenados na memória na forma de *frames* (interacionais). Jogos de elaboração de discursos, em especial, são armazenados como padrões discursivos (DUQUE; COSTA, 2011) característicos de *frames* interacionais específicos. O *frame* interacional PEDIDO_DE_INFORMAÇÃO, por exemplo, envolve um roteiro contendo os

padrões discursivos CUMPRIMENTO, PERGUNTAS-RESPOSTAS, AGRADECIMENTO.

Do ponto de vista semântico, *frames* configuram domínios específicos, como AEROPORTO, e são constituídos de *frames* de domínios ainda mais específicos, como TERMINAL_DE_PASSAGEIROS, PISTA_DE_DECOLAGEM, PISTA_DE_POUSO, CHECK-IN, SALA_DE_EMBARQUE, SALA_DE BAGAGEM, ESTACIONAMENTO, etc., ou da hierarquização de um desses domínios, como BAGAGEM, MALA, MALA_DE_BORDO. Em virtude da natureza intercambiável das subestruturas dos *frames*, um mesmo conceito pode pertencer às estruturas de vários *frames* (MALA, no domínio VIAGEM e no domínio ESCRITÓRIO).

O princípio da abordagem-baseada-em-*frames* é que não é possível depreender o significado de uma palavra sem acessar todo o conhecimento (o nó Gestalt) que se relaciona com o conhecimento específico evocado por essa palavra. De acordo com Fillmore (1982) e Petruck (1996), não seria possível compreender a palavra “vender” se não se conhecesse nada sobre TRANSAÇÃO_COMERCIAL, que, dentre outros elementos, envolve um VENDEDOR, um COMPRADOR, MERCADORIA, DINHEIRO, a relação entre DINHEIRO e MERCADORIA, as relações entre o VENDEDOR e MERCADORIA e DINHEIRO, a relação entre COMPRADOR e MERCADORIA e DINHEIRO e assim por diante. Nesse contexto, itens lexicais desempenham duas funções:

- 1º) ativar o *frame* completo dentro do qual um conceito específico se encontra; e,
- 2º) enquadrar determinado aspecto ou componente desse *frame*.

(4) *Comprei o carro por R\$ 24.000. Na tabela FIPE ele custava R\$ 40.000 e gastei pouco para arrumá-lo.* (CARVALHO, 2017, grifo nosso).

(5) *Vendemos o carro, por um valor muito baixo em relação a tudo que já tínhamos pago, e investido nele.* (JÚNIOR, 2012, grifo nosso).

Em (4) e (5), os itens lexicais em destaque ativam o *frame* TRANSAÇÃO_COMERCIAL. Em (4), “comprei” enquadra-o na perspectiva do comprador e, em (5), “vendemos”, o enquadra na perspectiva do vendedor. De acordo com Fillmore (1982), o enquadramento explica assimetrias observadas em muitas relações lexicais.

Outro aspecto importante da noção de *frame* é que tanto conceitos, quanto propriedades e contextos podem ser representados por meio de *frames*, caso suas estruturas precisem ser explicitadas. Assim, cada nó do grafo que representa um *frame*, portanto, comprime um *frame* completo.

(6) *Ontem minha esposa comprou presunto. Ela cortou uma fatia e deu a minha filha de 5 anos. A criança reclamou do sabor. Identifiquei que estava com a consistência mole, e coloração estranha.* (MORTADELAS..., 2018, adaptado).

Em (6), o *frame* encapsulado PRESUNTO é descomprimido no discurso. Nesse caso, os atributos *forma_de_consumo*, *sabor*, *consistência* e *coloração* são preenchidos, respectivamente, pelos valores *em_fatias*, [*ruim*], *mole* e *estranha*. Sabe-se, portanto, que os eventos COMPRAR, CORTAR, RECLAMAR e IDENTIFICAR estão relacionados a PRESUNTO, uma vez que atributos do produto são recuperados discursivamente.

Embora originalmente seja aplicada com exclusividade a itens lexicais, de acordo com Duque (2015), a abordagem-baseada-em-*-frames* pode ser expandida a construções gramaticais e outras unidades linguísticas maiores e mais complexas. Devido ao escopo deste trabalho, haverá foco exclusivo nas unidades lexicais.

Dimensões do *frame*

Itens lexicais evocam esquemas, eventos, roteiros, dimensões culturais e interacionais do *frame*:

- a) Esquemas: os esquemas que estruturam *frames* são evocados por expressões prepositivas, adverbiais e verbos de deslocamento físico.

(7) [...] ele não *entrou no* colégio para confrontar o agressor durante o ataque. (REUTERS, 2018, grifo nosso).

(8) Um espaço repleto de cavidades entre os tecidos do nosso corpo foi classificado por cientistas como um novo, e possivelmente o maior, *órgão do corpo humano*. (CIENTISTAS..., 2018, grifo nosso).

(9) A maioria dos turistas que visitaram o Rio Grande do Norte no último mês de janeiro *veio de São Paulo*. (MAIORIA..., 2018, grifo nosso).

(10) A idéia de *levar a capital federal para o centro do país* surgiu com a primeira Constituição republicana, em 1891. (CAMILA, 2012, grifo nosso).

Em (7), o *frame* COLÉGIO, evocado pelo item lexical “colégio” é modelado pelos esquemas TRAJETÓRIA e CONTÊINER, evocados, respectivamente, pelos itens lexicais “corre para” (*meta*)

e “dentro de” (*interior*); em (8), o *frame* CORPO_HUMANO, evocado pelo item lexical “corpo humano”, é modelado pelo esquema PARTE-TODO, evocado pelo item lexical “de”; em (9), o *frame* SÃO_PAULO, evocado pelo item lexical “São Paulo”, é modelado pelo esquema TRAJETÓRIA, evocado pelo item lexical “veio de” (*origem*); em (10), o *frame* PAÍS, evocado pelo item lexical “país”, é modelado pelos esquemas TRAJETÓRIA e CENTRO-PERIFERIA, evocados, respectivamente, pelos itens lexicais “levar X para” (*meta*) e “centro de” (*centro*). É na dimensão esquemática que as metáforas primitivas operam na projeção de significados menos corporificados.

(11) A NASA *entrou para* o Instagram na última sexta-feira. (A NASA..., 2013, grifo nosso).

(12) Crime *entrou para* a história como a maior chacina do estado. (CRIME..., 2008, grifo nosso).

(13) O *sofrimento faz parte da* condição humana, e vem para todos nós. (BILLY GRAHAM, c2005-2019, grifo nosso).

(14) Como um time que *veio da* Série B deixa Corinthians, Inter, Galo e Flu com seus caros elencos para trás. (PEREIRA, 2013, grifo nosso).

(15) A *idéia veio da* adolescente e integrante das duas oficinas Marina Rosa. (JOVENS..., c2010, grifo nosso).

(16) Historicamente, milhões de homens e mulheres do meu país foram empurrados *para fora da sociedade* por um modelo de crescimento concentrador de renda, que reproduzia a desigualdade. (DISCURSOS..., [20--?], grifo nosso).

Em (11), INSTAGRAM é modelado pelos esquemas TRAJETÓRIA e CONTÊINER; da mesma forma, em (12), HISTÓRIA é

modelado pelos esquemas TRAJETÓRIA e CONTÊINER; em (13), CONDIÇÃO_HUMANA é modelado pelo esquema PARTE-TODO e SOFRIMENTO faz parte de sua configuração; em (14), SÉRIE_B é modelado como um CONTÊINER de onde TIMES se deslocam; da mesma forma, em (15), ADOLESCENTE é modelado como um CONTÊINER de onde ideias se deslocam; em (16), SOCIEDADE é modelado como CONTÊINER para fora de onde HOMENS e MULHERES são empurrados.

- b) Eventos: conceitos de ações específicas, como EVENTO_EMPURRAR, EVENTO_CORTAR, EVENTO_CORRER, etc. são evocados por verbos ou expressões deverbais.

(17) Homem *anda* até hospital com faca no coração após ataque. (HOMEM..., 2017, grifo nosso).

(18) Menino *corta* o próprio cabelo e vídeo viraliza nas redes sociais. (MENINO..., 2018, grifo nosso).

(19) Inspire-se no seu formato de rosto para escolher o *corte* de cabelo. (MARQUES, 2018, grifo nosso).

(20) Na imagem, o músico, que está internado desde março de 2017, quando sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), aparece *cortando* o cabelo, dentro de um hospital do Rio de Janeiro. (IMAGEM..., 2018, grifo nosso).

(21) Resolvi dar um basta na *cortação* do cabelo, e decidi liberá-lo pra crescer” (MODROX, 2017, p. 128, grifo nosso).

Eventos podem ser de deslocamento físico (17) ou de manipulação de objeto físico (18), (19), (20) e (21). A partir desses dois tipos básicos de eventos, outros tipos de eventos são estruturados, como TRANSFERÊNCIA_DE_POSSE e MOVIMENTO_CAUSADO,

por exemplo. Eventos são modelados a partir de esquemas de ação (esquema-X) (FELDMAN, 2006), como ANDAR, CORTAR, OFERECER, etc. Tal esquema fornece os *slots* de configuração do evento: por exemplo, o esquema-X CORTAR pressupõe que o evento tenha um CORTADOR – MENINO, em (18), [DEFAULT], em (19), MÚSICO, em (20), e EU, em (21) – , um OBJETO_CORTADO (CABELO) e um INSTRUMENTO_DE_CORTAR (TESOURA [DEFAULT]).

Eventos orientam o mecanismo de unificação entre conceitos e *slots* do esquema-X. Esses conceitos podem ter sido ativados anteriormente pelo discurso ou serem ativados no momento da interação por meio de informações perceptuais. Nos exemplos (18), (19), (20) e (21), CABELO(S) é unificado com OBJETO_CORTADO; MENINO e CABELEIREIRO [DEFAULT] são unificados com CORTADOR; e TESOURA [DEFAULT] é unificado com INSTRUMENTO_DE_CORTAR. Além disso, eventos evocam ajustes temporais e espaciais por meio de construtores de espaços mentais⁷ (FAUCONNIER, 1994), isto é, itens linguísticos que configuram um espaço mental na mente do leitor/ouvinte, diferente do espaço mental do mundo real. Por exemplo, em “ontem, comprei um livro”, a compra do livro ocorreu em um tempo anterior ao corrente. Logo, diz respeito a um evento passado.

- c) Roteiros: sequências de eventos rotinizadas, como CASAMENTO, ENTERRO, VIAGEM, COMPRA, FESTA_DE_ANIVERSÁRIO, etc. O roteiro VIAGEM, por exemplo, envolve uma série de eventos: COMPRA_DA_PASSAGEM, RESERVA_DO_HOTEL, EMBARQUE, DESEMBARQUE, etc. Cumpre esclarecer que um evento pode ser tomado como um roteiro dependendo da granularidade com que é analisado. Por exemplo, ATO_DE_

⁷ Mental space builders (FAUCONNIER, 1994).

CORTAR pode ser perspectivado como um roteiro contendo as fases de manipulação da tesoura, por exemplo.

- d) Dimensão cultural: a variação entre culturas resulta da forma como o *frame* é preenchido ou combinado. Quanto à variação de preenchimento, um determinado *frame* esquematizado de forma genérica pode ser preenchido diferentemente por cada cultura que o encerra; por exemplo, enquanto no Brasil, ANIMAL_DE_ESTIMAÇÃO é preenchido por CACHORRO ou GATO, nos Estados Unidos, tende-se a escolher PEIXE DE AQUÁRIO; no Japão, COELHO; na China, GRILO; na França e no Reino Unido, COBRA; e, no Peru, por ALPACA. Quanto à variação de combinação de *frames*, a constituição pode variar de cultura para cultura. Por exemplo, na Grécia, dentre os eventos do roteiro CASAMENTO, há a QUEBRA_DE_PRATOS, que, de acordo com alguns, serve para afastar maus espíritos e, com outros, para demonstrar desapego. No caso do *frame* que serve de fonte para uma projeção metafórica, essas diferenças de constituição podem influenciar a conceptualização de um domínio alvo particular.

A existência de expressões idiomáticas metafóricas diferentes em cada cultura parece estar diretamente associada à questão da constituição do *frame* no qual outro *frame* é emulado. Por exemplo, a diferença entre “chutar o balde”, no Brasil, e “kick the bucket”, nos EUA. De acordo com o *Phrase Finder Website*, tal expressão, em inglês, se originou nos matadouros de porcos da Idade Média (THE MEANING..., 2006). Nestes locais havia uma viga (*a bucket*) na qual os porcos permaneciam amarrados de cabeça para baixo para serem abatidos. Uma pessoa puxava a corda e batia o pé do porco na viga para avisar que o porco estava morto, dizendo que o porco “kicked the bucket” (*chutava a viga*), ou seja, estava pronto para ser destrinchado.

O mapeamento metafórico entre dois *frames* pode, em si, constituir um esquema genérico a ser preenchido diferentemente por cada cultura que o apresenta (KÖVECSES, 2007); e receber um conteúdo cultural único de nível específico. Por exemplo, a metáfora conceptual PESSOA ZANGADA É UM RECIPIENTE COM PRESSÃO (KÖVECSES, 2005), que existe em outras línguas (em chinês, japonês, húngaro, polonês dentre outras), é considerada genérica. Ela não revela, por exemplo, o tipo de recipiente utilizado, como se dá o aumento da pressão, a substância do conteúdo, a temperatura dessa substância, etc.; sendo assim, há um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que dele dispõe. Desse modo, segundo Schröder (2008, p. 49, grifos do autor):

A metáfora primária pessoa zangada é um recipiente com pressão torna-se, em japonês, raiva está na *hara* (estômago); em chinês, ela especifica-se de forma que a substância do container é imaginada como *qui*, isto é, energia que voa pelo corpo. Com isso, a substância não é um líquido como em outras línguas, mas sim, um gás, um conceito que é entrincheirado na história, filosofia e medicina chinesas. Em zulu, encontram-se as metáforas raiva/desejo é fome, raiva é no coração e raiva é uma força natural.

- e) Dimensão interacional: dimensão que emerge da rotinização de algumas formas de interação social. Cumpre distinguir *frame* interacional, estrutura *off-line* indexada linguisticamente, como CUMPRIMENTO, NOTÍCIA, PEDIDO_DE_INFORMAÇÃO, EXPLICAÇÃO, etc., de “Jogo de linguagem” (DUQUE, 2018; STEELS, 2001; WITGENSTEIN, 1999); execução de tarefas por, pelo menos, dois agentes visando a atingir um objetivo por eles compartilhado.

UM EXEMPLO: RELAÇÕES ANTONÍMICAS

Durante a execução de jogos de linguagem, informações linguísticas, perceptuais e motoras se integram produzindo semioses. É na prática discursiva que *frames* (estruturas cognitivas que correspondem a circuitos neurais) são ativados ou evocados por itens e padrões linguísticos.

Há, aqui, um processo cognitivo e, ao mesmo tempo, discursivo em que novos *frames* são ativados e, uma vez ativados, são reforçados. Um esclarecimento: embora as pistas fornecidas pelo ambiente de entorno (contexto situacional), sem dúvida, desempenhem papel crucial na ativação de *frames*, cabe aos itens linguísticos a incumbência de modelar *frames* de forma precisa e incremental, por meio de mapeamentos metafóricos e metonímicos, escolha lexical e do estabelecimento de relações semânticas, como antonímia, sinonímia, hponímia, hiperonímia e meronímia.

Do ponto de vista neural, de acordo com Lakoff (2014), os tipos de conectividade usados em itens lexicais e construções gramaticais, onde há uma conexão bidirecional entre um significado lexical e uma forma lexical, ou um significado gramatical e uma estrutura gramatical são promovidos por circuitos de ligação *two-way*. Há, portanto, dois nós, A1 (forma linguística) e A2 (significado linguístico); dois circuitos de ligação, L1 e L2; dois nós Gestalt, G1 e G2; e um nó Gestalt mais abrangente. O primeiro circuito de ligação conecta uma forma linguística A1 a um significado linguístico A2, tendo sua atividade orientada por G1. O segundo circuito de ligação conecta o significado linguístico A2 a uma forma linguística A1, tendo sua atividade orientada por G2. O circuito Gestalt mais abrangente G conecta L1 a L2. Quando G é ativado, ambas as ligações são ativadas.

Devido a essa circuitaria neural em especial, o indivíduo é capaz tanto de ativar um *frame* ao se deparar com determinado item lexical ou estrutura gramatical quanto de escolher o melhor item lexical ou estrutura gramatical para a modelagem de um *frame*.

Para explorar, brevemente (devido ao escopo deste artigo), a modelagem linguisticamente orientada de *frames*, a opção foi analisar as relações antonímicas. A denominação de “antônimo” é dada ao par de itens lexicais que indexa dois sentidos incompatíveis. Ora, na perspectiva aqui adotada, uma incompatibilidade de sentido só pode se circunscrever ao universo dos *frames*. Sendo assim, cabe ao discurso a tarefa de realçar incompatibilidades.

A CONSTRUÇÃO DO CONTRASTE SEMÂNTICO

Defende-se, aqui, que dois itens estão em contraste quando, além de preencher *slots* de determinadas formas linguísticas, ligam dois *frames* ou dois enquadramentos dentro de um mesmo *frame*.

(22) A cada nova gota de soro cais aos poucos na dura realidade de estares sozinho e perceberes que afinal foste mais *companhia* que *acompanhado*, mais *amigo* que *namorado*, mais *presente* que *futuro*, mais *filho* que *orgulho*, mais *remédio* que *cura*... (RUTH, 2009, grifos nossos).

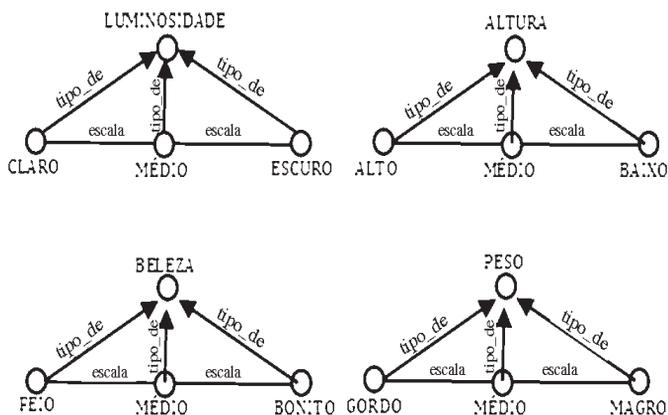
Em (22), os pares (a) *companhia*: *acompanhado*⁸; *presente*: *futuro*; e *remédio*: *cura* ligam enquadramentos de seus respectivos *frames*, a saber: ACOMPANHAMENTO, TEMPO, DOENÇA. Nos pares (b) *amigo*: *namorado*; *filho*: *orgulho*, cada item lexical liga

⁸ Adotou-se a notação x: y para relações lexicais, e X: Y para relações semânticas.

frames (domínios) diferentes, a saber: AMIZADE com NAMORO, FAMÍLIA com SENTIMENTO. Pode-se afirmar que parte da Gestalt obtida em (22) se deve ao esquema sobre o qual os *frames* são estruturados, isto é, o esquema LIGAÇÃO. Então, pergunta-se: que nos leva a caracterizar um determinado tipo de ligação como sendo antonímica?

Independentemente do contexto em que são utilizados, por convenção, alguns pares lexicais são categorizados como antônimos, como claro e escuro, alto e baixo, feio e bonito, gordo e magro, dentre outros. Esses exemplos correspondem a propriedades graduáveis que ocupam extremos de seus respectivos domínios conceptuais (*frames*) e, por isso, se opõem. Nesses casos, *frames* são estruturados pelo esquema ESCALA, como ilustra o Figura 3.

Figura 3 – Escalaridade de LUMINOSIDADE, ALTURA, BELEZA e PESO



Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de produtiva, a estruturação por escalaridade não se aplica a determinados pares antonímicos convencionais. Identificam-se casos em que os membros de um par antonímico não constituem propriedades e, portanto, nem sequer integram uma escala conceitual, mas, mesmo assim, são identificados como antônimos, como, por exemplo, cão e gato, terra e mar, céu e terra, água e fogo. Nesses casos, o contraste é criado na dimensão de evento do *frame*, modelado pelos esquemas TRAJETÓRIA e TRAJETOR_MARCO. Esses itens lexicais evocam conceitos que se opõem, respectivamente, em eventos de perseguição (perseguidor e perseguido), viagem marítima, viagem aérea (embarque e desembarque) e extinção de incêndio (causa e efeito).

Dentre os pares de antônimos canônicos, de acordo com Duque (2010), há os itens lexicais de expressões idiomáticas como “gato por lebre” e “da água para o vinho”, exemplificadas, respectivamente, em (23) e (24).

(23) A presidenta eleita Dilma Rousseff concedeu entrevista ao jornalista Leonardo Attuch, editor do Brasil 247, nesta segunda-feira (21), em Porto Alegre. Para ela, os seis meses do governo de Michel Temer (PMDB) demonstram que “venderam *gato por lebre*”. (GOLPISTAS..., 2016, grifos nosso).

(24) Entrevistado pela mídia do Portal Mantena sobre a mudança repentina e a transformação política *da água para o vinho* e do atual momento quando faz parte da situação, o Vereador fez outras colocações tentando mudar a visualização do momento. (VEREADOR..., 2017, grifos nosso).

Cumprido esclarecer que, em exemplos como (23) e (24), o contraste é uma propriedade da expressão linguística em si, não

dos itens lexicais que a integram. É provável que a expressão tenha seu uso estendido metaforicamente para além do contexto de uso inicial,⁹ em que o contraste foi originalmente criado. Pode-se demonstrar o funcionamento do mecanismo de extensão metafórica de uso, recorrendo-se a exemplos como (25) e (26).

(25) Pessoal, Bom Dia! Este é o meu segundo dia com um iMac em casa. E uma coisa está me deixando confuso. Simplesmente não funciona o comando *Control C*, *Control V* nesse teclado. Até por um momento pensei que era problema no teclado, mas não é. (SANTOS, 2012, grifo nosso).

(26) Jornalismo *control c/ control v*: uso do *release* na comunicação da informação *on line*. (MACIEL, 2006, grifo nosso).

(27) Devemos ser originais! Já ouvi muitas vezes a frase “Deus unge o que é original” e creio ser essa uma grande verdade. Porém às vezes é mais fácil dar um “CTRL+C e CTRL+V” na vida dos outros e sair por aí vivendo uma vida copiada e colada que por mais que seja legal, não é a sua!¹⁰ (grifo nosso).

Em (25), “Control C” e “Control V” nomeiam as tarefas subsequentes de pressionar teclas conjuntas do computador com a finalidade de transferir excertos de textos ou imagens de uma área para outra. Essa forma de atalho dos comandos “copiar” e “colar” constitui um roteiro típico do domínio da COMPUTAÇÃO cujos eventos CONTROL_C e CONTROL_V contrastam em termos das

⁹ Essa explicação pode ser usada para qualquer tipo de expressão idiomática, inclusive as que apresentam outros tipos de relações semânticas, como “ferro e fogo”, “pesque e pague”, “alhos e bugalhos”, “compra e venda”, etc.

¹⁰ Disponível em: <<http://verbodavida.org.br/lista-blogs/santos-modernos/ctrl-c-ctrl-v/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

funções que desempenham na tarefa. Em (26), a manchete trata de uma prática disseminada entre jornalistas: o uso do conteúdo do *re-release* de solenidades, entrevistas, lançamentos, etc. em *blogs* e jornais *on-line*. Os eventos COPIAR e COLAR, nesse caso, já não se restringem ao escopo das ações específicas em si. O domínio não é mais o da COMPUTAÇÃO (é o do JORNALISMO), mas o roteiro continua sendo o de TRANSFERÊNCIA_DE_TEXTOS. Em (27), “Control C, Control V” é usado metaforicamente. O domínio é o de VIVÊNCIA e o roteiro é o de TRANSFERÊNCIA_DE_EXPERIÊNCIAS_DE_VIDA. Nesse caso, não há nenhum indicador que remeta diretamente à tarefa de pressionar teclas, nem às ações de copiar e colar textos. No entanto, a noção de transferência é mantida. A variação de usos da expressão “Control C, Control V”, portanto, parece estar alicerçada no enquadramento de TRANSFERÊNCIA do roteiro original; e a relação de contraste é estabelecida pela oposição entre os eventos COPIAR e COLAR, presente nos três exemplos.

Ainda quanto aos antônimos canônicos, mesmo quando um item lexical do par antonímico passa a evocar novos enquadramentos ou novos *frames*, a oposição entre os dois é transportada para o novo domínio conceptual. Nesse sentido, a percepção de que uma relação é antonímica parece não ser herdada do sentido de oposição convencional. Pelo que foi exposto no início desta seção (Figura 3), BRANCO: PRETO/NEGRO constituem as extremidades de um contínuo pertencente ao domínio COR. Mesmo, quando uma dessas cores é usada para descrever algum estado de domínio diverso, a outra continua sendo avaliada como sua oposta mais adequada, como evidenciam os exemplos de (28) a (30).

(28) Uma forma simples de abraçar esse tipo de decoração é utilizando peças sanitárias de cor *branca*,

básicas, e realizar o contraste em outros detalhes de revestimento e acabamentos na cor *preta*, como pastilhas ou nichos. (MATEUS, 2018, grifos nossos).

(29) A Contra-Economia é a soma de toda a ação humana não-agressiva que é proibida pelo Estado. [...] A Contra-Economia inclui o mercado livre, o *mercado negro*, a “economia subterrânea”, todos os atos de desobediência civil e social, todos os atos de associações proibidas (sexual, racial, inter-religioso), e todo o resto que o Estado, em qualquer lugar ou tempo, opta por proibir, controlar, regular, tributar ou tarifar. A Contra-Economia exclui toda a ação aprovada pelo Estado (o “*Mercado Branco*”). (CONTRA-ECONOMIA, 2015, grifos nossos).

(30) “Teve um tempo em que a diretoria da Petrobras – não é do seu tempo, não, Sérgio [Gabrielli, atual presidente de Petrobras] – achava que era o Brasil que pertencia à Petrobras, não era a Petrobras que pertencia ao Brasil. A ponto de ter presidente que falava: ‘a Petrobras era uma *caixa preta*, ninguém sabe o que acontece lá dentro’. No nosso governo, ela é uma *caixa branca* e transparente... nem tão assim, mas é transparente. A gente sabe o que acontece lá dentro e a gente decide muitas das coisas que ela vai fazer”, afirmou Lula em discurso. (LULA..., 2010, grifos nossos).

Com exceção do exemplo (28), em que a oposição é estabelecida de fato no domínio COR, nos demais exemplos os objetos descritos não são literalmente pretos ou brancos. Nesses exemplos, parece que o uso de “preto/ negro” ou “branco”, para caracterizar um objeto cuja cor seja preta ou branca de fato, autoriza o emprego do rótulo do par para caracterizar objetos diferentes, mas que pertencem à mesma categoria. Em (29), a expressão “mercado negro” nomeia o conjunto de atividades comerciais não vistas, logo,

não controladas, pelo Estado. Parece que o item lexical “negro”, nesse caso, refere-se à cor que, por absorver toda a luz, impede a visão. Em oposição a esses tipos de ações comerciais, existem as ações que são controladas pelo Estado, as do “mercado branco”. Em (30), ocorre algo semelhante: “caixa preta” se refere à Petrobras da época em que não se viam suas transações internas e “caixa branca” corresponde à atual Petrobras, cujas transações são conhecidas. A oposição entre “mercado negro” e “mercado branco” e entre “caixa preta” e “caixa branca” é construída metaforicamente a partir da noção de um contínuo cujas extremidades são ocupadas pelo preto e pelo branco, não a partir do fato de branco e preto serem cores.

À GUIA DE CONCLUSÃO

No presente artigo, procurou-se demonstrar o potencial de uma abordagem-baseada-em-*frames* para o tratamento do léxico. Verificou-se que, para modelar conceitos, a língua dispõe de inúmeros recursos de ativação, modelagem e reforço de estruturas neurocognitivas conhecidas como *frames*. Como consequência, apesar de serem estruturados por esquemas imagéticos simples e estáveis, essas estruturas são extremamente complexas e dinâmicas e podem ser enquadradas pelos tipos de esquemas que as modelam. Sendo assim, um conceito como AEROPORTO, por exemplo, pode ser perspectivado como um todo constituído de partes ou um conjunto de contêineres em que se entra e de onde se sai. Para isso, e para além disso, escolhas lexicais desempenham o papel crucial de ativar *frames* completos, realçando-lhes conceitos específicos. A forma

como se combinam palavras, conseqüentemente, repercute na forma como *frames* são mesclados e, com isso, nos novos significados.

No entanto, palavras não são combinadas aleatoriamente, nem constituem uma lista de itens desconexos. A disposição e a distribuição do léxico refletem as formas como se concebe o mundo. Assim, conceitos contíguos e relações conceptuais recorrentes se manifestam na própria estruturação linguística do discurso, na forma de construções. Uma das primeiras relações conceptuais que os indivíduos aprendem a estabelecer é a antonímia. Por meio do esquema ESCALA, identificaram-se propriedades que ocupam os extremos de um contínuo dentro de um determinado domínio conceptual.

Assim, no domínio COR, contrastam-se BRANCO e PRETO, e, no domínio ALTURA, ALTO e BAIXO. De escalas como essas, isto é, escalas bem definidas na percepção, projetam-se metaforicamente novas escalas, agora, discursivamente construídas a fim de sustentar novos contrastes e estabelecer novas formas de oposição. E, assim, criam-se novos pares de antônimos, como PETISTA e ANTIPETISTA, dois extremos de uma nova escala conceptual, o PETISMO. Da mesma forma, contrastamos facilmente COXINHA e MORTADELA na escala POSIÇÃO POLÍTICA, a partir de *frames* destrocados, misturados, comprimidos e muitas vezes renascidos de nossas próprias práticas sociais ou mesmo da falta delas.

REFERÊNCIAS

A NASA entrou para o Instagram. *Mundo Digital*, São Paulo, 10 set. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2EWwrv9>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BILLY GRAHAM: O sofrimento faz parte da condição... *Pensador*, [S. l.], c2005-2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2XMPgIk>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

CAMILA. Que fatores justificam a mudança da capital do brasil (rio de janeiro) para o interior do país? [S. l.], 24 jan. 2012. *Yahoo! respostas*. Disponível em: <<https://bit.ly/2TpkYgu>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

CARVALHO, Isadora. As oportunidades dos leilões de automóveis. *Quatro Rodas*, [S. l.], 20 nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2H92oma>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

CLAUSNER, Timothy.; CROFT, William. Domains and image schemas. *Cognitive Linguistics*, v. 10, n. 1, p. 1-31, 1999.

CIENTISTAS descobrem órgão que pode ser o maior do corpo humano. *Gauchazh Saúde*, Porto Alegre, 29 mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2uwy8fj>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

COMPREI a passagem, estava na sala de embarque, o voo atrasou. *Reclame Aqui*, Teresina, 5 maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2Cby5Ho>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

CONTRA-ECONOMIA. *O Inimigo do Rei*, [S. l.], 23 jan. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2HsNypO>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

CRIME entrou para a história como a maior chacina do estado: confira a cronologia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 out. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2TuCYGl>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

DISCURSOS, artigos e entrevistas. *Ministério das Relações Exteriores*, Brasília, DF, [20--?]. Disponível em: <<https://bit.ly/2EWPwNK>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

DUQUE, Paulo Henrique. Construções de contraste nos jornais de Natal: as relações antonímicas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: Uerj, 2010. p. 2507-2522.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. *Revista da Anpoll*, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.

DUQUE, Paulo Henrique. Percepção, linguagem e construção de sentidos: por uma abordagem ecológica da cognição. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 31-46.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2011.

EXTRAVIO de bagagem: como evitar e o que fazer. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Melhores Destinos. Disponível em: <<https://youtu.be/hva5bucRfOo>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. Mental spaces, language modalities, and conceptual integration. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure I*. Mahwah: Erlbaum, 1999.

FELDMAN, Jerome. *From molecule to metaphor: a neural theory of language*. Cambridge, MA: Bradford MIT Press, 2006.

FILLMORE, Charles. *Frame semantics*. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

GOLPISTAS “venderam gato por lebre”, afirma Dilma ao 247. *Portal Vermelho*, São Paulo, 21 nov. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2ERjnpv>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

GOMES, Eveline. GOL não anunciou o voo, eu estava dentro da sala de embarque e perdi o voo. *Melhores Destinos*, [S. l.], 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2H9BYAN>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

HOMEM anda até hospital com faca no coração após ataque. *Curiosamente*, Pernambuco, 15 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2Janm5I>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

IMAGEM de Arlindo Cruz cortando o cabelo movimenta a web. *Fama ao Minuto*, Rio de Janeiro, 14 jan. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2u5Tw8t>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

JOVENS em ação no Aglomerado da Serra. *Instituto Elo*, Belo Horizonte, c2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2TzPeEG>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

JÚNIOR. Financiar um carro usado? [S. l.], 28 jan. 2012. Yahoo! respostas. Disponível em: <<https://bit.ly/2tU1kdj>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

- KÖVECSES, Zoltán. Variation in metaphor. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 53, 2007. p. 13-39.
- LAKOFF, George. Mapping the brain's metaphor circuitry: metaphorical thought in everyday reason. *Frontiers in Human Neuroscience*, Lausanne, v. 8, n. 958, 2014.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations to cognitive grammar*. California: Stanford University Press, 1987, v. 1.
- LULA diz que Petrobras é uma 'caixa branca', mas 'nem tão assim'. *Correio*, Salvador, 7 out. 2010. Disponível em: <<https://glo.bo/2JfStgC>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- MACIEL, Alexandre Zárate. *Jornalismo control c/ control v/*: uso do release na comunicação da informação on line. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2F3WeBA>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- MAIORIA dos turistas veio de São Paulo, aponta pesquisa. *Portal no AR*, Natal, 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2TpMNVH>>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- MARQUES, Helena. Visagismo: saiba qual o corte de cabelo ideal para o seu formato de rosto! *Purepeople*, Rio de Janeiro, 7 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ib2VVC>>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- MATEUS. Banheiro preto e branco: dicas de decoração e inspirações! *Idea Brasil*, [S. l.], 26 mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2F4Yrwr>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- MENINO corta o próprio cabelo e video viraliza nas redes sociais. *Crescer*, Rio de Janeiro, 21 mar. 2018. Disponível em: <<https://glo.bo/2CaabvG>>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- MODROX, H. *O livro negro da poesia perdida*. São Paulo: Baraúna, 2017.

MORTADELAS de frango estragada. *Reclame Aqui*, Salvador, 1 mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2J3veWO>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PEREIRA, Mauro Cezar. Como um time que veio da Série B deixa Corinthians, Inter, Galo e Flu com seus caros elencos para trás. *ESPN*, São Paulo, 26 ago. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2J1nAwe>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PETRUCK, Miriam. Frame Semantics. *In*: ÖSTMAN, Jan-Ola; VERSCHUEREN, Jef; BLOMMAERT, Jan (ed.). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

REUTERS. Policial que fazia segurança na escola não entrou no prédio. *Exame*, Rio de Janeiro, 23 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2VLOVny>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

RUTH. Estórias. *Curriqueiro*, [S. l.], 19 ago. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2VSS6i1>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SANTOS, Edson. Control C, Control V...não funciona. [S. l.], 27 abr. 2012. *Fórum MacMagazine*. Disponível em: <<https://bit.ly/2tZIkKb>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SCHRÖDER, Ulrike. Antecipações da metáfora cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 39-54, 2008.

STEELS, Luc. Language games for autonomous robots. *IEEE Intelligent systems*, 2001, p. 16-22.

THE MEANING and origin of the expression: kick the bucket. *The Phrase Finder*. [S. l.], 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2u0encW>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução: C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos).

VEREADOR reeleito muda de perfil da água para o vinho em Mantena. *Mantena Online*, Mantena, 8 mar. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2NZoo3f>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

A POLISSEMIA DE ITENS LEXICAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: TESTEMUNHOS DE UMA COLEÇÃO

Elisângela Santana dos Santos

Nos últimos anos, pesquisadores cognitivistas de diferentes partes do mundo, a exemplo de Geeraerts (2006), e, no âmbito da língua portuguesa, especialmente Silva (2006, 2010), têm se dedicado à tarefa de pesquisar a polissemia de itens lexicais sob o enfoque da Semântica Cognitiva, ainda que aleguem ter, a discussão dessa temática, caráter polêmico e inconcluso. A produção científica dos autores citados é referência para trabalhos que interpretam o fenômeno polissêmico como um exemplo de categorização prototípica; e os múltiplos sentidos de uma categoria lexical como reflexos da natureza flexível, dinâmica e corporizada do significado, considerado intrinsecamente relacionado a experiências e conhecimentos dos indivíduos que o constroem.

Concomitante à virada cognitivista a que assistimos nas últimas décadas, presenciemos, também, o interesse do governo federal brasileiro em investir em projetos e programas públicos destinados à educação básica,¹ com vistas à melhoria da qualidade do ensino de língua portuguesa e dos livros didáticos de português, sendo que, de um lado, encontramos pensadores da Semântica Lexical, voltando-se para questões da significação, área que, até algum tempo atrás, era relegada a um plano secundário no campo dos estudos linguísticos, e, de outro lado, encontramos gestores e profissionais da educação, implementando políticas públicas, direcionadas para uma das questões mais importantes da sociedade brasileira, a compreensão leitora, uma vez que a sua deficiência é apontada como um dos maiores problemas educacionais do país. Entre os programas e projetos que tiveram esse propósito, podemos citar o Plano Nacional da Educação (PNE), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada recentemente, e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sendo este último apoiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), desde 1985, e coordenado pelo Ministério da Educação (MEC), com vistas a avaliar a qualidade de livros didáticos nacionais que são distribuídos para escolas públicas brasileiras. Nesses materiais, observamos que o enfoque dado a questões relativas à significação é contemplado, ainda que nem sempre seja priorizado ou seguido a contento por alguns autores e editores das obras publicadas.

Ressaltemos, também, que não só o governo federal brasileiro buscou, nos últimos anos, desenvolver projetos que visam à melhoria da educação e dos materiais didáticos a serem produzidos e adotados

¹ Para mais informações, pode ser consultado o site: <<http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/>>.

nas escolas. Desde 2015, a rede municipal de ensino de Salvador vem desenvolvendo, com a colaboração de educadores das áreas de linguagens, ciências naturais e exatas, entre outras, um projeto pedagógico próprio, intitulado “Nossa Rede”, que visa a melhorar a qualidade da educação municipal e dos materiais didáticos utilizados em sala de aula. Para tanto, tem como objetivos a elaboração de Diretrizes Curriculares da educação infantil e das séries iniciais e finais do ensino fundamental bem como a confecção de cadernos pedagógicos de Língua Portuguesa e demais matérias, com conteúdo próprio, que levam em consideração aspectos culturais da cidade, como a sua história e musicalidade, peculiaridades linguísticas, aspectos específicos da nossa região, dentre outras questões.

No entanto, ainda que alguns cursos de Letras se interessem pela pesquisa de questões semânticas e propiciem estudos que dão ênfase à construção e compreensão de sentidos do texto por meio da leitura e da escrita, o que representa um salto qualitativo para a área da Semântica Lexical, é perceptível que alguns fenômenos da significação ainda são pouco explorados pelos livros didáticos brasileiros de Língua Portuguesa do segundo segmento do ensino fundamental, e a polissemia sequer é explorada em atividades de interpretação de textos orais ou escritos, literários e não literários, como um recurso semântico produtivo, que evidencia a dinamicidade, a economia e a flexibilidade das línguas em uso.

Dados divulgados pelo MEC sobre a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), realizada nas edições de 2014 e 2016, para medir a proficiência em leitura, escrita e matemática, mostraram que a maioria dos estudantes do 3º ano do ensino fundamental apresenta proficiência insuficiente em leitura e escrita de língua portuguesa, ou seja, grande parte tem dificuldades para elaborar devidamente

um texto e só consegue ler palavras isoladas e localizar informações explícitas em textos curtos.² Isso não só ilustra o despreparo dos nossos estudantes ao se depararem com textos mais complexos, às vezes, permeados de ideias e informações implícitas, ambiguidades e polissemia, como também o despreparo dos próprios professores, uma vez que o estudo de questões semânticas não é privilegiado pelos cursos superiores de Letras, conforme atesta Ferrarezi Junior (2008, p. 10), o que, ao nosso ver, pode gerar tanto uma formação quanto uma prática docente deficientes, isto é, com lacunas nessa área do saber. Ante o exposto, inferimos que a origem desse fato se perdeu num círculo vicioso, em que nem a educação básica nem a educação superior desempenham totalmente um dos papéis que lhes cabe: “[...] oportunizar ao estudante e ao professor a descoberta do sentido e, por conseguinte, o seu estudo”. (SANTOS, 2015, p. 71). Ao prefaciá-lo livro de Ferrarezi Junior e Basso (2013), o semanticista Rodolfo Ilari (2013, p. 9) considera, por exemplo, que essas questões se devem à pouca ênfase dada aos estudos semânticos: “A Semântica, adjetivada ou não, nunca chegou a ter no Brasil o mesmo grau de desenvolvimento alcançado por outras disciplinas linguísticas, como a Sintaxe ou a Fonologia: [...]”.

Nesse sentido, ao folhearmos as páginas dos volumes que constituíram o *corpus* da pesquisa empreendida, da Coleção Mundo da Língua Portuguesa, da Editora Positivo, cujos resultados encontram-se mais adiante apresentados, percebemos claramente a diferença entre o tratamento reduzido e superficial dado aos conteúdos de natureza semântica e o enfoque destinado aos assuntos do eixo

² Esses dados incluem o percentual de crianças em idade escolar, de jovens e adultos com ensino médio completo, de universitários ou pessoas com um curso superior concluído, consideradas analfabetas funcionais, conforme dados do Indicador de Analfabetismo Funcional (Inaf).

de conhecimentos gramaticais, por exemplo. Cabe, ainda, dizer que, embora o eixo da leitura também ocupe vários espaços dentro dessas obras, uma vez que diferentes textos estão distribuídos em todas as unidades dos livros, as atividades propostas, em vez de aprofundarem reflexões e discussões sobre as temáticas abordadas e sobre os usos e o funcionamento da língua portuguesa, fazem desses textos, na maioria das vezes, um mero suporte ou pretexto para o estudo de gêneros textuais ou de regras e conceitos gramaticais. Observamos, do mesmo modo, que as autoras da Coleção não levam em conta abordagens teóricas da Linguística Contemporânea para o estudo da significação nem enfatizam a relevância da polissemia para a compreensão de textos e dos seus contextos.

Em face dessas e de outras observações, optamos por apresentar, nas páginas que seguem, uma síntese de como ocorre a transposição didática de conteúdos semânticos, em específico da polissemia de itens lexicais, em quatro livros de língua portuguesa dos últimos anos do ensino fundamental (nomeados doravante como volume 6 (FINKLER, 2012a), volume 7 (FINKLER, 2012b), volume 8 (SOARES, 2012) e volume 9 (PACHECO, 2012), da citada Coleção, que passou pelo crivo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2014, e, mesmo não tendo sido aprovada para ser distribuída em escolas públicas brasileiras, não deixou de ser divulgada como material didático nos últimos anos, a contar pelos *sites* de vendas da própria editora e de livrarias como a Cultura e a Saraiva, entre outras.

Em síntese, são objetivos específicos deste artigo verificar se a polissemia é tratada direta ou indiretamente nos quatro volumes (da Coleção) que constituem o *corpus* da pesquisa realizada e discutir em que medida a presença ou ausência de uma proposta para o estudo

dessa temática pode contribuir para um possível desenvolvimento da competência leitora dos estudantes do ensino fundamental.

Para dar conta desse propósito, o texto encontra-se subdividido em mais duas seções, intituladas “O que entendemos por polissemia” e “O que nos revela a coleção estudada sobre a abordagem da polissemia”, sendo que esta última se subdivide em outras duas subseções: “Quais as características da Coleção” e “Onde e como é abordada a polissemia na Coleção”, além destas “Palavras Iniciais”, das “Considerações Finais” e das Referências.

O QUE ENTENDEMOS POR POLISSEMIA

Ao relembrarmos os diferentes momentos da história da Semântica Lexical, é possível notar que a pesquisa de fenômenos semânticos, como a polissemia, passou a ocupar o centro das atenções, em finais do século XX, com o surgimento da Linguística Cognitiva. Até então, os estudos sobre esse tema eram esparsos e de pouca visibilidade, se comparados com outras áreas da linguagem e da linguística.

O efeito de prototipicidade e o modelo baseado no uso caracterizam a proposta de análise semântica na perspectiva cognitivista, que se contrapõe ao modelo teórico estruturalista, uma vez que a noção de polissemia, associada à da existência de um núcleo comum de significação entre as palavras, depreendido por meio de análises componenciais e de campos léxicos, deu lugar à ideia de que esse processo se fundamenta na experiência humana e resulta de categorizações prototípicas. Nessa perspectiva, os vários significados de

um item lexical polissêmico estão ligados entre si por relações de natureza cognitiva.

Em face do que propõe a abordagem cognitiva, consideramos que a palavra polissêmica apresenta um sentido que, em relação aos outros, é mais saliente conceptualmente e, portanto, “prototípico”, isto é, formado a partir da imagem mental das suas propriedades representativas. A polissemia resulta, portanto, de uma correlação entre o sentido prototípico e encadeamentos com sentidos periféricos, conforme expõe Coimbra (2002).

Coimbra (2002) destaca, ainda, que a formação de sentidos polissêmicos emerge de outros sentidos, com os quais eles se inter-relacionam, sendo construídos por similaridades parciais e por “parecenças de família”. Essas associações são frequentemente estabelecidas por processos metafóricos e metonímicos, muitas vezes, responsáveis pela polissemização de itens lexicais, como verbos e nomes.

Nessa perspectiva, não só significado e linguagem estão intrinsecamente ligados à cognição, como a polissemia, enquanto fenômeno semântico cognitivo, pauta-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais.

O QUE NOS REVELA A COLEÇÃO ESTUDADA SOBRE A ABORDAGEM DA POLISSEMIA

Apresentaremos, a seguir, uma visão panorâmica da Coleção examinada, descrevendo brevemente como está estruturada e, depois, passaremos a pontuar aquilo que nos chamou a atenção no que se refere ao objeto do nosso estudo: o enfoque dado às questões

de significação, particularmente à polissemia, como já informado anteriormente.

Quais as características da Coleção

A Coleção é composta de quatro volumes, do sexto ao nono anos, e Manual do Professor. Cada volume apresenta quatro unidades temáticas, distribuídas em 12 capítulos, que trazem como princípio organizador a abordagem de diferentes gêneros textuais, que são, ao mesmo tempo, objetos de estudo e meio para o desenvolvimento de estratégias de leitura, de análise linguística e de produção textual. Os eixos que se destinam à leitura, à oralidade e à escrita encontram-se diluídos, ao longo das unidades, já que há, em todos os capítulos, propostas de estudo e produção de textos, a partir da exploração de características e da função dos gêneros trabalhados, com vistas à sua produção, nas subseções intituladas “Produzindo o texto oral” e “Produzindo o texto escrito” que integram a seção “Tecendo sentidos”.

Em contrapartida, o eixo de conhecimentos linguísticos está concentrado na seção intitulada “Língua em foco”, em que são estudados conteúdos gramaticais, como questões de ortografia, de acentuação de palavras e de morfologia, no v. 6; classificações e flexões dos substantivos, bem como formação de palavras, no v. 7; assim como coesão e coerência textuais, frase, oração e período, regência verbal e crase, no v. 8, e estrutura do período composto por subordinação, no v. 9, dentre outros assuntos de Morfossintaxe. Os exercícios referentes a esses conteúdos são pautados em exemplos criados pelas autoras da Coleção ou em textos não trabalhados, especificamente, no eixo da leitura, mas inseridos nessa parte, com essa finalidade.

Em princípio, observamos que, mesmo utilizando estratégias cognitivas para recuperar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca das leituras propostas, o que propicia, em várias oportunidades, um olhar reflexivo e crítico sobre os temas trabalhados, coexistem, na obra analisada, atividades de localização e retomada do texto, assim como a abordagem, predominantemente metalinguística da linguagem e a ênfase em aspectos gramaticais e ortográficos que são expostos em boxes distribuídos pelos capítulos, com grifos e cores.

Não identificamos, entretanto, destaque para questões de Semântica Lexical. A seção intitulada “Tecendo sentidos”, que consta de todos os volumes da Coleção e da qual se esperaria um trabalho voltado para o estudo da significação, traz tão somente propostas de elaboração de textos orais e escritos, cujas orientações pautam-se em dicas de como melhor estruturar suas produções, embora possamos identificar algumas tentativas de fazer o estudante refletir sobre os usos da língua em textos que circulam socialmente em suportes acessíveis e apropriados à sua faixa etária, conforme é anunciado na “Apresentação” do volume 8, por exemplo:

O bom leitor tem visão aberta, busca significados e constrói sentidos, a partir da recuperação das marcas deixadas pelo autor. O escritor competente não é quem apenas planeja e esquematiza a colocação adequada de palavras no papel, formando frases, mas, sim, aquele que entende a escrita como ato comunicativo, isto é, entende que escrevemos para comunicar algo específico em situação real a um destinatário real com propósitos reais. (SOARES, 2012, p. 3).

Verificamos, nessa “Apresentação”, que, embora não fique clara qual a concepção de significado adotada na obra, por faltarem

informações que poderiam elucidar a maneira como os estudantes leitores construirão sentidos e, por conseguinte, produzirão textos, há uma visível preocupação com a leitura vinculada à escrita e com atividades que reflitam situações sociais diversas, tendo em vista o desenvolvimento da competência leitora do seu público-alvo.

Onde e como é abordada a polissemia na Coleção

Ao avaliarmos os dados encontrados a partir do exame da obra didática que constituiu o *corpus* da pesquisa feita, percebemos que o enfoque dado às questões semânticas está disperso nos volumes e é mínimo, se considerarmos a quantidade de conteúdos gramaticais explorados. Se, por um lado, há um grande número de atividades relativas a gêneros textuais (estrutura da narrativa, tipos de rima, elementos de uma campanha publicitária, por exemplo) e a conteúdos gramaticais (crase, flexão verbal, sujeito, orações subordinadas, etc.) que costumam ser trabalhados nas últimas séries do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano; por outro lado, não há referências explícitas a conteúdos semânticos nos Sumários nem no interior dos volumes 6, 7 e 8 da Coleção, com exceção para o v. 9, sobre o qual teceremos alguns comentários mais à frente. Entretanto, o propósito apontado na “Apresentação” é corroborado em atividades como a que extraímos do v. 8 e, a seguir, transcrevemos:

7. O anúncio que você vai ler a seguir faz parte da campanha SACO É UM SACO, lançada pelo Ministério do Meio Ambiente, em 5 de junho de 2009, Dia do Meio Ambiente. [...].

- c) Nas duas primeiras orações desse parágrafo, é estabelecida uma relação de sentido marcada pelo articulador “enquanto”. Qual é essa relação de sentido?
- d) Se a frase fosse invertida, o sentido do articulador mudaria? Justifique. (SOARES, 2012, p. 27).

Há, também, exemplos no volume 7 da Coleção, em que a variação e a quantidade de sentidos de uma palavra são induzidas nos enunciados das questões ou colocadas em alternativas de múltipla escolha:

5. Releia o título da notícia: Trabalho infantil cai, mas ainda afeta 10,5% de crianças e jovens.

A forma verbal “cai” equivale a:

() tomba, vai ao chão.

() diminui, reduz. (FINKLER, 2012b, p. 31).

Analisando o conteúdo do poema, percebemos que o termo “beco” não indica somente uma rua sem saída, mas conotativamente, sugere outras leituras. O que mais pode significar beco? (FINKLER, 2012b, p. 146).

Constatamos que a noção dicotômica e tradicionalmente estabelecida entre linguagem conotativa e denotativa, por conseguinte literal e figurada, também está presente tanto no primeiro excerto da sequência anterior, quanto nos trechos, a seguir, extraídos do volume 9:

Quando uma palavra é usada em seu sentido mais comum, literal, ocorre a denotação; já usá-la em outros sentidos menos corriqueiros e de modo figurado, ocorre a conotação.

Os provérbios são gêneros textuais que exploram os usos conotativos das palavras. Leia os provérbios a

seguir e indique possibilidades de sentidos para as palavras que o compõem, diferentes de seus usos denotativos. (PACHECO, 2012 p. 204).

Já em outras passagens, verificamos que os sentidos de palavras que aparecem em alguns textos vêm antecipados em glossários, recorrendo-se a sinonímias, tal como vemos a seguir:

malogro – fracasso, insucesso, falta de êxito.

arraigadas – arraigadas; firmadas, fixadas, enraizadas.

faina – trabalho, lida.

piscatória – relativa à pesca.

veracidade – qualidade do que é real, verdadeiro. (FINKLER, 2012a, p. 71).

Diante desses exemplos e de atividades que orientam os estudantes a consultarem o dicionário para saberem os sentidos das palavras no texto, como ocorre nos volumes 6, 7 e 9, podemos supor que nem o conhecimento intuitivo do leitor nem a sua compreensão leitora são levados em consideração. Isso fica evidente em atividades que trazem conceitos prontos ou antecipam a significação das palavras em boxes distribuídos nas laterais dos textos a serem lidos e interpretados, conforme já exposto anteriormente. Também, fica evidente quando, em vez de explorarem o estudo do significado das palavras em uso, verificando o que elas têm a revelar, a partir do conhecimento de mundo dos estudantes e de suas construções de sentidos, tais atividades induzem a consulta a obras lexicográficas, conforme destacamos na sequência:

Pesquise no dicionário o significado das seguintes palavras, buscando aquele que melhor se adapta ao sentido do texto: (FINKLER, 2012a, p. 21).

O título da canção é Moda do dente. Observe os significados da palavra ‘moda,’ extraídos do Dicionário Aurélio Júnior. (FINKLER, 2012a, p. 51).

Leia os significados da palavra caipira extraídos do dicionário Aurélio Júnior. (FINKLER, 2012a, p. 51).

Em seu caderno, faça uma lista de outras palavras e expressões da letra da canção cujo significado você desconhece pelo fato de serem típicas da linguagem caipira. Com o auxílio do professor, dos colegas e do dicionário, registre ao lado de cada uma o significado encontrado. (FINKLER, 2012a, p. 52).

Pesquise em seu dicionário os significados das palavras destacadas nos trechos a seguir. Indique o(s) sentido(s) mais adequado(s) ao contexto da entrevista lida. (FINKLER, 2012b, p. 171).

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra “danado” pode significar “travesso”, “inquieto”, como em: “Ela é uma criança danada”. Por outro lado, pode significar “muito”, bastante”, como em: “Comprei um livro danado de bom”. Quando l* diz: “é mulher que só o danado!”, qual o sentido dessa fala? (PACHECO, 2012, p. 219, grifo da autora).

Pesquise em dicionários os significados das palavras destacadas nos trechos a seguir. Indique o(s) sentido(s) mais adequado(s) ao contexto do texto lido. (PACHECO, 2012, p. 259).

Procure, em seu dicionário, o significado de “anedota”. (PACHECO, 2012, p. 263).

Pesquise, no dicionário, o termo “catarata” e anote, em seu caderno, os seus significados. (PACHECO, 2012, p. 264).

Diante da recorrência desse tipo de atividade, ao que parece, apenas os significados dicionarizados são validados. Em nenhuma

das atividades transcritas anteriormente, o estudante é convidado a pensar, a acionar o seu conhecimento de mundo e a construir sentidos, a partir das suas experiências enquanto leitor e falante nativo de uma língua. Não lhe é dada a chance de reler o texto e imaginar, fazer conjecturas sobre o que essa ou aquela palavra podem significar neste ou naquele contexto e se a sua compreensão leitora coincide com a do seu colega, para, por último, verificar se corresponde também àquilo que está nos dicionários, sem considerar errado o que encontrar aproximado ou diferente.

Acreditamos que o dicionário pode ser utilizado, sim, como instrumento didático para o estudo de língua materna e de segunda língua, mas, antes de tudo, consideramos que é importante saber o que o estudante pensa, considerar o seu potencial intuitivo e suas conceptualizações. Ao referir-se a essa questão, Antunes (2012, p. 136) destaca a relevância do dicionário nas aulas de Língua Portuguesa e considera

As informações que podemos ter acesso em um dicionário ultrapassam o limite de sua configuração linguística para abranger o domínio das representações culturais ou da ‘memória social’ que a língua naturalmente registra.

Entretanto, ainda que saibamos da importância das obras lexicográficas para conhecermos um conjunto de palavras de uma língua e alguns dos seus possíveis significados, verificamos que há usos peculiares de uma dada comunidade ou de uma geração, flagrantes de um tempo, que podem escapar, até mesmo, ao dicionário mais atual.

Ao discutir questões dessa natureza, Silva (2010, p. 360) destaca que

O conhecimento de uma língua não se faz através do domínio do dicionário ou léxico, contendo os significados das palavras, e de um compêndio de gramática, contendo as regras de combinação das palavras. A razão é simples: há muita idiomaticidade numa língua.

Do mesmo modo, a aquisição de uma língua não se faz, lexicalmente, adquirindo um número fixo de significados discretos e, gramatical e textualmente, combinando um dos significados adquiridos de uma palavra com um dos significados adquiridos de outra palavra, pois este é um processo conduzido pela experiência linguística.

Para a Semântica Cognitiva, portanto, a construção de um sentido ou conceito sobre algo é flexível, é mutável e, ao contrário de ser arbitrária ou casual, é motivada, uma vez que está vinculada não só a um contexto linguístico, mas ao conhecimento de mundo do sujeito conceptualizador, isto é, à sua cognição, e, portanto, ao seu “*corpus mental*”. De acordo com a perspectiva cognitivista, o significado se constrói a partir das interações físicas, dos movimentos de corpos animados e das relações estabelecidas com o meio sociocultural em que estamos inseridos, daí expressarmos, através dos sentidos que construímos, as nossas impressões e percepções decorrentes das nossas experiências individuais, sociais, culturais e sensorio-motoras.

Desse modo, consideramos que a rede de significações de um item lexical não deve estar circunscrita a um número restrito de sentidos elencados num verbete de dicionário, visto que o estudo

da polissemia está para além disso, pois, como já havia afirmado Bréal (1992) e tem sido reiterado por Silva (2006), Coimbra (2002), Langacker (2007) e Batoréo (2009), dentre vários outros estudiosos da Linguística Cognitiva, os diferentes usos de um item lexical refletem aspectos sócio-históricos, crenças, ideologias, sistemas de valores etc., que mudam, conforme a época, a geração, o espaço, o contexto cultural em que se inserem os sujeitos que os conceptualizam.

Ao afirmar que “não se pode procurar o(s) significado(s) de uma palavra ou outra expressão, mas os usos contextualizados dessa expressão”, Silva (2010, p. 359) atesta a importância de estudarmos a significação nos contextos de uso, de modo que, para entendermos a polissemia, é preciso, pois, compreendermos quão flexível, dinâmico, perspectivista e corporizado é o significado. O foco desse tipo de estudo não está em saber quais ou quantos sentidos tem uma palavra, mas porque uma dada palavra tem múltiplos sentidos.

Daí a importância de um estudo contextualizado e da instrumentalização do professor de Língua Portuguesa, por meio de um material didático de qualidade, que propicie leituras críticas sobre o que está instituído, assim como estimule a interpretação e a construção do saber não mais fechado em sua disciplinaridade, mas interligado em redes de domínios da experiência humana.

Mas, ainda sobre o *corpus* aqui estudado, é importante salientar que a Coleção não apresenta apenas lacunas. Exemplos interessantes podem ser encontrados nas subseções intituladas “Semântica – Parte 1” e “Semântica – Parte 2”, do volume 9, o qual, diferentemente dos outros volumes, explicita, no Sumário e na seção “Língua em foco”, que integra o eixo de conhecimentos linguísticos, a multiplicidade de sentidos, que é acionada a partir de um dado texto ou de uma

determinada atividade; e, mesmo não havendo qualquer referência ao termo polissemia, o seu conceito fica, visivelmente, pressuposto. Vejamos:

Entre as diversas formas empregadas para estabelecer comunicação destaca-se o uso da palavra falada ou escrita. Esse uso não acontece ao acaso, pois depende da situação comunicativa e do sentido que se quer imprimir. (PACHECO, 2012, p. 203).

A língua apresenta muitas variedades de acordo com as diversas situações sociais em que é empregada. A mesma coisa ocorre com os significados das palavras: eles podem mudar frequentemente, porque as situações em que as palavras são usadas também mudam bastante. Por isso é muito importante compreender os contextos de uso das palavras e, conseqüentemente, os sentidos possíveis. (PACHECO, 2012, p. 203).

As palavras mudam de sentido dependendo do contexto em que são usadas. Os sentidos que as palavras adquirem dependem dos interlocutores envolvidos na interação e também do contexto em que são empregadas. (PACHECO, 2012, p. 205).

Semântica: diferenças de sentidos para uma mesma palavra, e, no lugar dos exemplos, encontrem-se os sentidos a seguir: – a palavra sinistro pode significar fúnebre, esquerdo, esquisito; – a palavra maneiro pode significar bacana ou leve, fácil de manejar. (PACHECO, 2012, p. 225).

Além disso, os significados gerados pelo uso das palavras podem mudar constantemente, porque as situações de interação também mudam. Às vezes, uma palavra usada em um contexto pode ter seu significado completamente alterado se for empregada em outro contexto. (PACHECO, 2012, p. 238).

Consideramos que esses exemplos constituem excelentes oportunidades para discussões e trabalhos dentro e fora da sala de aula sobre a importância da plurissignificação lexical e sobre a relação entre contexto sócio-histórico-cultural, conhecimento enciclopédico e cognição, no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa e no desenvolvimento da competência leitora do estudante dos últimos segmentos da educação básica.

Observamos, por último, que algumas ideias expostas, nesses excertos do volume 9, transcritos, a seguir, parecem retomar algumas noções empregadas pela Linguística Cognitiva, a exemplo de sentido mais comum, o qual pode equivaler ao significado básico, primeiro, mais representativo ou central, também denominado prototípico, pela Teoria do Protótipo em sua versão *Standard*, isto é, aquele que remete a experiências físico-motoras e serve de base conceptual para explicar e compreender os sentidos (SANTOS, 2011); trata-se daquele que, em princípio, tem maior saliência dentro de uma categoria, com o qual outros membros periféricos relacionam-se:

Embora os sentidos variem de acordo com as situações, existe um uso que é considerado mais comum, mais corriqueiro. É o uso com o qual estamos mais acostumados, ao empregar uma palavra. Esse sentido considerado mais comum é aquele em que primeiro pensamos quando ouvimos uma palavra de forma isolada, justamente porque é o sentido com o qual estamos mais acostumados ao usarmos o termo. (PACHECO, 2012, p. 204).

Provavelmente, ao ler cada uma delas, você pensou primeiramente em um sentido específico, aquele que considera mais comum. Mas o fato de as palavras terem um sentido mais corriqueiro não significa que ele seja o único possível. Nós, falantes, somos capazes de associar vários sentidos a uma palavra, diferentes daquele mais comum. (PACHECO, 2012, p. 204).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo, o sentimento é de incompletude, pois percebemos que há mais perguntas do que respostas acerca do que foi descrito e comentado. Muitas questões que nortearam o estudo realizado ainda permanecem, como as que são elencadas a seguir: Que lugar tem sido destinado à Semântica, e, mais especificamente, à polissemia, nos livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados nas escolas brasileiras? Por que há uma dualidade no tratamento dado aos conteúdos da coleção da editora Positivo? Por que as atividades referentes a gêneros textuais e a aspectos gramaticais têm maior visibilidade, nessa coleção, e as questões semânticas têm uma abordagem reduzida e superficial? Que critérios são levados em consideração para essa distribuição? Por que a polissemia não é um tema estudado em uma seção específica da Coleção, tal como substantivo, flexão verbal, usos de g e j, por exemplo? E por que o termo polissemia não é mencionado, ainda que a nomenclatura não seja tão relevante, se o seu conceito e exemplos são explorados em atividades propostas em algumas de suas páginas?

Acreditamos que só um estudo mais aprofundado e com um *corpus* mais abrangente nos permitirão chegar a conclusões mais seguras. De toda sorte, as observações feitas, a partir do que foi apresentado, nos levaram a alguns indícios que consideramos importantes. Um deles é a indiscutível necessidade de um olhar mais analítico, cuidadoso e, ao mesmo tempo, propositivo sobre o enfoque dado aos estudos semânticos e, mais particularmente, à polissemia no ensino fundamental da educação básica brasileira. Outro indício é o de que, embora a Linguística Cognitiva tenha trazido a polissemia para o centro da discussão, e estudos sobre esse e outros temas da Semântica estejam aumentando, paulatinamente, no âmbito da

educação superior, tais discussões não conseguiram chegar à outra ponta, isto é, à educação básica.

Talvez, para muitos autores de livros didáticos, a Semântica seja ainda “[...] um domínio de investigação de limites moveáveis”, conforme definiram Ilari e Geraldi (2002, p. 6), e o significado seja “nebuloso”, “impreciso”, como definiram outros linguistas.

Vimos claramente, com base nos dados identificados, que esses livros abordam a plurissignificação das palavras, mas não lhe dão o foco e o aprofundamento devidos. O mesmo ocorre com outros temas, como homonímia, sinonímia, antonímia, metonímia, metáfora, dentre outros, também pouco visibilizados na Coleção. Verificamos que, num universo de mais de 300 páginas que constituem cada um dos quatro volumes, o conceito de polissemia e a sua identificação são superficialmente explorados nas atividades da Coleção.

Em síntese, fica perceptível como essas questões precisam ser ampliadas, debatidas e como pode ser relevante o papel do linguista cognitivista na mudança do paradigma tradicional para o estudo de fenômenos semânticos nos livros didáticos e, por conseguinte, nas salas de aula. O seu enfoque possibilitará ao estudante do ensino fundamental desenvolver mais a compreensão leitora e estabelecer conexões com variadas áreas do saber, pois consideramos que adotar uma perspectiva cognitivista para o estudo da polissemia representaria uma ruptura com o paradigma existente e deveria ser, ao menos, defendida pelos professores de Língua Portuguesa, já que se trata de um fenômeno semântico-conceptual que ocupa um lugar de destaque no campo da significação e está presente nas nossas vidas mais do que muitos possam imaginar.

É nosso objetivo, portanto, realizar outros estudos, com o intuito de não apenas descrever, analisar e criticar o que está posto nos livros didáticos, mas de fazer proposições e intervenções, para

que os conteúdos semânticos não sejam simplesmente obliterados desse material e para que possamos contribuir, de algum modo, com o processo formativo de estudantes e, também, de professores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. Entre dois fogos ou a pertinência do *continuum* entre polissemia e homonímia: visão escalar na abordagem teórica em Linguística Cognitiva aplicada ao ensino do Português língua não-materna. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 24., 2009, Lisboa. *Anais [...]*. Lisboa: APL, 2009. p. 115-124.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Tradução: Aída Ferraz *et al.* São Paulo: EDUC; Pontes, 1992.

COIMBRA, Rosa Lídia. Jogos polissêmicos no discurso publicitário. In: FERREIRA, António Manuel (coord.). *Presenças de Régio: actas do 8º encontro de estudos portugueses*. Aveiro: ALAEP, 2002. p. 145-151.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

FINKLER, Aleksandra Cibelly. *Mundo da Língua Portuguesa: 6º ano*. Curitiba: Positivo, 2012a.

FINKLER, Aleksandra Cibelly. *Mundo da Língua Portuguesa: 7º ano*. Curitiba: Positivo, 2012b. GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006.

ILARI, Rodolfo. Prefácio. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LANGACKER, Ronald. Cognitive grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

PACHECO, Enilda das Graças. *Mundo da Língua Portuguesa*: 9º ano. Curitiba: Positivo, 2012.

SANTOS, Elisângela Santana dos. *A polissemia do verbo tomar ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da Linguística Cognitiva*, 2011. 291 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Elisângela Santana dos. A semântica em uma coleção de livros didáticos de língua portuguesa. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues, ZOGHBI, Denise Maria Oliveira; SANTOS, Elisângela Santana dos. *Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas*. Salvador: Edufba, 2015. p. 63-83.

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 27-53, 2010.

SOARES, Rosalina. *Mundo da Língua Portuguesa*: 8º ano. Curitiba: Positivo, 2012.

O QUE ESTÁ SE PASSANDO NA SUA CABEÇA: RASTROS LEXICAIS E EVIDÊNCIAS NEURAIS EM CONCEPTUALIZAÇÕES DA ANSIEDADE E DA DEPRESSÃO

Natival Almeida Simões Neto

Neste texto, discutem-se as conceptualizações da ansiedade e da depressão, com base em textos escritos no Twitter, localizados a partir das *hashtags* #ansiedade, #depressao, #ansioso, #ansiosa, #depressivo #depressiva, #depressaonaoefrescura e #ansiedadenaofrescura. O mecanismo das *hashtags*, na dinâmica do referido *site*, ajuda a encontrar e reunir postagens de variados usuários acerca de um mesmo tópico, revelando-se um recurso estratégico para os estudos linguísticos centrados no uso e que se interessam por entender como as línguas têm materializado a compreensão de uma série de conceitos.

A conceptualização, objeto de estudo do trabalho, é um processo recorrentemente debatido no âmbito da Linguística Cognitiva (LC) e diz respeito aos mecanismos cognitivos que os seres humanos

acionam para compreender os conceitos e as experiências, armazená-los nas suas mentes e materializá-los por meio de expressões linguísticas e práticas cotidianas. No constructo teórico da LC, a metáfora e a metonímia ganham um espaço privilegiado, pois deixam de ser vistas como figuras do pensamento e passam a ser abordadas como mecanismos de conceptualização.

A metáfora é um tipo de mapeamento mental em que se usa um domínio da experiência para entender outro. Exemplos de metáforas conceptuais, nos termos de Lakoff e Johnson (2002), são TEMPO É DINHEIRO (“Gastei duas horas na fila”) e DISCUSSÃO É GUERRA (“Ele atacou os meus argumentos”). A metonímia, por outro lado, diz respeito ao processo que envolve a seleção e focalização de partes de um domínio da experiência para o entendimento dele como um todo. Exemplos de metonímias conceptuais são CONTINENTE/ CONTEÚDO (“Como preencher uma mulher?”) e PARTE/TUDO (“Eu preciso de cinco cabeças para este serviço”).

Este trabalho procura observar, interpretar e discutir expressões metafóricas e metonímicas que têm sido utilizadas por falantes de língua portuguesa no Twitter, quando querem conceptualizar a ansiedade e a depressão. É preciso esclarecer que a conceptualização não é um processo estritamente linguístico, mas não se pode negar que os usos da língua fornecem ótimas, talvez as melhores, pistas acerca das compreensões, pois os seres humanos tendem a materializar linguisticamente, seja pelo léxico, seja pela sintaxe, seja pela morfologia, as suas visões e experiências de mundo.

A análise deste trabalho incide nas postagens daquelas pessoas que se apresentam, se categorizam ou tematizam pacientes de depressão e ansiedade, sendo excluídas postagens de carácter mais trivial, como “A viagem para o Japão está se aproximando #ansiedade”

ou “Querida estar no festival de verão #depressao”. A investigação começa com uma discussão acerca do pensamento racionalista cartesiano e as suas implicações para a Filosofia, Medicina e Linguística; passa por um debate acerca de abordagens bioquímicas e neuronais da depressão e da ansiedade e por explicações sobre a Teoria Neural da Linguagem; e segue para a interpretação dos dados encontrados no Twitter, tentando reflexões sobre a metáfora e a metonímia em perspectiva neural. Depois, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

O PENSAMENTO CARTESIANO: FILOSOFIA, MEDICINA E LINGUÍSTICA

Com base nas leituras de Bouillier (1854) e Dijksterhuis (1951), o francês René Descartes é tido como o primeiro dos filósofos modernos, ao consagrar o racionalismo como importante linha de pensamento filosófico. O racionalismo diverge das abordagens filosóficas anteriores, por considerar o raciocínio o agente central na obtenção do conhecimento. Assim, ao propor centralidade da razão humana, em sua natureza cética e dubitativa, o racionalismo descarta significativamente a experiência do mundo sensível como mecanismo de conhecimento, opondo-se, programaticamente, às abordagens experientialistas.

Além de René Descartes, foram também importantes para a consagração do racionalismo filósofos como Baruch Spinoza, natural dos Países Baixos, e Gottfried Wilhelm von Leibniz, de origem alemã. Não se pode negar que, em meio à tendência racionalista do século XVII, as ideias de Descartes foram as que mais

se destacaram. É justamente esse destaque que possibilita detectar uma linha filosófica quase autônoma, que veio a se identificar como *cartesianismo*.

O cartesianismo, segundo Bouillier (1854) e Dijksterhuis (1951), reforça todos os pontos do racionalismo, mas traz alguns fundamentos que caracterizam a sua particularidade. Um desses fundamentos é o dualismo mente-corpo. Vistos de maneira dicotômica, o corpo, no entendimento de Descartes, tem uma dimensão material, sujeita ao mundo externo e às ações naturais e às leis da Física, ao passo que a mente, de dimensão imaterial, estaria livre de todas essas ações. Além disso, o corpo não tem a capacidade do raciocínio, encargo que só a mente tem. Em face de apresentarem propriedades diferentes, um é passível de ser medido e representado, e o outro é abstrato e de natureza pensante. Descartes entendia que essas entidades poderiam ser dissociadas. Mesmo que o filósofo reconhecesse que, no plano real, essas entidades estariam conectadas, não foi essa a compreensão que se consagrou da sua proposta.

O dualismo mente-corpo se consagra no âmbito filosófico e científico, impactando em várias áreas do conhecimento. Sejam tomados aqui os casos da Medicina e da Linguística. Na Medicina, como se pode observar pela leitura do trabalho de Borges e Vicentini (2013), a dicotomia mente-corpo se verifica no contraste entre o Modelo Biomédico, que defende a separação, e o Modelo Psicossomático, que defende a integração. A respeito do paradigma biomédico, Cutolo (2006, p. 16) o define como um modelo que:

tem se caracterizado pela explicação unicausal da doença, pelo biologicismo, fragmentação, mecanicismo, nosocentrismo, recuperação e reabilitação, tecnicismo, especialização. A unicausalidade pressupõe

o reconhecimento do agente etiológico, é este que deverá ser identificado e combatido. A simplicidade da unicausalidade reside em trabalhar apenas a relação causa-efeito imediata [...]. Embora seja um modelo que permite uma abordagem direta sobre o doente, é uma explicação que, se solitária, torna-se bastante reducionista. Não se preocupa nem com o contexto social, nem emocional em que estas condições podem ocorrer.

Com base nessa citação, pode-se entender que o Modelo Biomédico tem adotado uma prática biologizante e medicamentalista no tratamento de doenças, desconsiderando agentes de ordem psicológica, emocional, social e cultural, ratificando a separação mente e corpo. Essa prática, no entanto, começa a ser questionada, em função da:

impossibilidade de oferecer respostas conclusivas ou satisfatórias para muitos problemas ou, sobretudo, para os componentes psicológicos ou subjetivos que acompanham, em grau maior ou menor, qualquer doença. (BARROS, 2002, p. 79).

Ao contrário do Modelo Biomédico, o Modelo Psicossomático, segundo Borges e Vicentini (2013), leitores de Castro (2003), tem investido na:

interação entre mente e corpo, tratando-os como uma unidade, analisando a influência das emoções no desenvolvimento de doenças, objetivando também a prevenção e o tratamento das mesmas. (BORGES; VICENTINI, 2013, p. 3).

Ainda na leitura desses autores, o modelo psicossomático tem destacado:

a necessidade de se considerar a fisiologia humana para se entender também as causas psicológicas das doenças. O estresse é um bom exemplo para se entender isso. (BORGES; VICENTINI, 2013, p. 5).

A divisão médica entre mente e corpo tem impacto também na recepção social das doenças. As doenças ditas do corpo não sofrem os mesmos estigmas que as doenças ditas da mente, pois, ao se acreditar que a mente é algo sobre o qual o ser humano tem total controle, as doenças mentais, como depressão e ansiedade têm sua legitimidade questionada, o que não acontece, por exemplo, com pneumonia e diabetes. A essa estigmatização, tem-se dado o nome de psicofobia. Porém, contrariando a compreensão popular, os avanços medicinais e científicos têm mostrado que a depressão e a ansiedade envolvem processos bioquímicos e neuronais que são comuns a uma série de outras doenças tidas como não mentais. Ou seja, essas doenças não estão relacionadas somente a aspectos de base social e cultural.

Saindo do âmbito da Medicina e entrando na seara dos estudos da linguagem, o impacto do cartesianismo na Linguística pode ser observado pelo cotejo de duas teorias linguísticas contemporâneas de orientação mentalista: o Gerativismo, que tem em Noam Chomsky (1991 apud SELL, 2002) o seu principal expoente, e a Linguística Cognitiva, cujo teórico mais destacado é George Lakoff (1993, 2008). Sobre o empreendimento gerativista, Chomsky considera que este se configura como uma linguística cartesiana. Essa aproximação ao paradigma racionalista de Descartes é controversa, na reflexão de seus leitores, uma vez que, embora Chomsky assuma

alguns princípios filosóficos do cartesianismo, a sua posição frente ao dualismo ontológico mente-corpo, que consagra o modelo de Descartes, aparenta ser contrária, como se pode ver em Chomsky:

Nós podemos, e eu penso que deveríamos, continuar a utilizar a terminologia mentalística, como eu fiz o tempo todo ao discutir representações mentais e operações que as formam e modificam na computação mental. Mas nós não vemos a nós próprios como investigando as propriedades de alguma “segunda substância”, algo crucialmente distinto do corpo que interage com o corpo de algum modo misterioso, talvez através da intervenção divina. Ao invés, estamos estudando as propriedades do mundo material em um nível de abstração no qual acreditamos, correta ou incorretamente, que uma teoria genuinamente explicativa pode ser construída. (CHOMSKY, 1991, p. 145 apud SELL, 2002, p. 26-27).

Apesar de Chomsky sugerir uma aparente rejeição à dicotomia fundante da visão cartesiana, o empreendimento gerativista, sobretudo quando comparado a outros modelos mentalistas da linguagem, parece estar mais aproximado desse modelo dicotômico cartesiano. Isso parece ainda mais claro quando se retoma um dos conceitos-chave do gerativismo, a *faculdade da linguagem*, ou o *órgão da linguagem* (CHOMSKY, 2000), que seria um componente da mente humana que se constitui de uma série de princípios inatos e determinados pelo DNA humano. Uma vez que essas faculdades teriam propriedades exclusivas e operariam por lógicas distintas, Chomsky (2000) defende que eles devem ser investigados separadamente de outras faculdades mentais, como as da visão e da percepção, e de outros sistemas cognitivos, como a memória e a emoção. Dessa forma, consagra-se a autonomia da faculdade da linguagem

nos estudos linguísticos. É por conta dessa separação que Sell (2002, p. 77-78) entende que Noam Chomsky,

embora rejeite o dualismo ontológico, ele rejeita ao mesmo tempo que a mera fisiologia possa explicar a linguagem e propõe que esperemos um pouco mais para determinar as bases físicas da linguagem justamente porque rejeita a tese de que a física atual (mecanicista) possa dar conta da explicação. Rejeita o dualismo ontológico, mas defende que continuemos utilizando a linguagem mentalista. Para investigar a linguagem, propõe uma matematização da mesma. Para estudar a mente, propõe o método da análise, da divisão em partes, da modularidade.

Nesses termos, pode-se assumir que a teoria chomskyana reforça a dicotomia mente-corpo, o que a mantém programaticamente oposta à Linguística Cognitiva, modelo que nasce como uma dissidência do Gerativismo e defende a hipótese da mente corporificada, ao invés da autonomia da faculdade da linguagem. A LC surge entre os anos de 1970 e 1980 e tem como marco inaugural a publicação do livro *Metaphores we live by* (tradução para o português brasileiro: *Metáforas da vida cotidiana*), de George Lakoff e Mark Johnson, em 1980 (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Ao se desfazer da dicotomia ‘*mente versus corpo*’, a LC se orienta para uma visão conexionista da mente, ‘*mens sana in corpore sano* (uma mente sã em um corpo são)’, em que não há um módulo exclusivo da linguagem, pois todas as áreas do cérebro operam conjuntamente para os mecanismos de compreensão que materializamos linguisticamente. É nesse contexto que reside a hipótese de uma mente corporificada que está conectada com todos os outros sistemas cognitivos e não cognitivos do corpo humano. Essa hipótese

tem sido cada vez mais ratificada pelos estudos da Teoria Neural da Linguagem (TNL). Nessa formulação mais recente, o pensamento não é imaterial e abstrato, é corporificado, pois os circuitos neurais que são ativados na execução de uma ação podem também ser ativados quando se pensa sobre ela.

É preciso explicitar que a Hipótese da Mente Corporificada não é o único aspecto que permite distinguir a LC da teoria com a qual estabelece uma relação edipiana, como diz Salomão (2009) a respeito da gramática gerativa. Para essa autora, são características fundantes do aporte teórico da LC: (1) a indistinção entre gramática e léxico; (2) o reconhecimento da idiomaticidade das línguas; (3) a valorização do pragmatismo nos processos mentais de significação.

Pode-se assumir, então, que a LC é uma teoria de orientação semântica e funcionalista (no sentido amplo), pois tem se dedicado a aspectos de uso, com o intuito principal de entender como diferentes falantes de variadas línguas categorizam e compreendem as experiências de maneiras distintas.

Diante do que foi exposto nesta seção, o trabalho tem por objetivo analisar como os falantes do português do Brasil conceitualizam linguisticamente a depressão e a ansiedade, levando em consideração as propostas conexionistas que abordam esses transtornos mentais como fenômenos bioquímicos, sem desconsiderar os aspectos da psique e da emoção. Ainda no âmbito conexionista, deve-se entender que os usos da linguagem são frutos não só de processos abstratizados e imateriais, mas também de processos sinápticos que evidenciam a sua concretude.

ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ABORDAGENS NEURAIS

Os estudos sobre as bases neurais e bioquímicas em transtornos mentais como a ansiedade e a depressão têm-se aprimorado bastante nos últimos tempos, o que tem ajudado a amenizar o discurso psicofóbico e a aprimorar os tratamentos dessas doenças. Em relação à ansiedade, Braga *et al.* (2010), leitores de May (1980), entendem-na como “uma relação existente entre a pessoa, o ambiente ameaçador e os processos neurofisiológicos decorrentes desta relação” (BRAGA *et al.*, 2010, p. 94). Na compreensão dos autores, a ansiedade é normal, quando se trata de uma “[...] resposta adaptativa do organismo, propulsora do desempenho e com componentes psicológicos e fisiológicos” (BRAGA *et al.*, 2010, p. 94). A classificação da ansiedade como patológica se dá:

quando a intensidade ou frequência da resposta não corresponde à situação que a desencadeia, ou quando não existe um objeto específico ao qual se direcione. A patologia é definida a partir do momento em que o sofrimento provocado pela ansiedade trazer prejuízo à pessoa em função dos comportamentos de fuga e esquiva de situações importantes da vida acadêmica, social e profissional do indivíduo. (ANDRADE; GORENSTEIN, 1998 apud BRAGA *et al.*, 2010, p. 94).

Quanto às bases neurais da ansiedade, Braga *et al.* (2010), leitores de Graeff e Hetem (2004), explicam que os comportamentos ansiosos estariam relacionados a mecanismos de defesa de animais, quando estão em situações de ameaça ou de perigo. Esses mecanismos acionam dois sistemas cerebrais: o Sistema Cerebral de Defesa

(SCD), um complexo de estruturas nervosas formado pela amígdala, hipotálamo medial e matéria cinzenta periaquedutal, e o Sistema de Inibição Comportamental (SIC), que “[...] tem como principal substrato neural o sistema septohipocampal” (BRAGA *et al.*, 2010, p. 95).

Em relação ao SCD, os autores explicam que, uma vez que as situações de ameaça demandam uma reação vigorosa de fuga ou de luta, há uma ativação de estruturas nervosas que trabalharão na mobilização das fontes de energia necessárias para que o corpo lide com a situação de ameaça. No que toca ao SIC, Braga *et al.* (2010) comentam:

A ativação deste sistema por sinais condicionados de punição ou frustração, estímulos ameaçadores ou situações novas provoca inibição de qualquer movimento que o animal esteja realizando, aumento no nível de vigilância, de atenção e preparo para ação vigorosa. (BRAGA *et al.*, 2010, p. 95).

Em termos neurais, a ansiedade se torna patológica quando o estímulo que se configura como ameaça se torna muito frequente ou incompatível com a ativação dos mencionados sistemas, pois esses neurônios estarão alerta o tempo todo, trabalhando como se o ser humano estivesse sempre lidando com uma ameaça iminente, gerando uma disfunção dos neurotransmissores, “[...] uma vez que eles participam, em maior ou menor grau, da modulação e regulação dos comportamentos defensivos” (BRAGA *et al.*, 2010, p. 95).

Entre os neurotransmissores que atuam no sistema de defesa dos animais, estão compostos químicos como as aminas biogênicas (noradrenalina, serotonina e dopamina). Em relação à noradrenalina, Braga *et al.* (2010, p. 96) comentam:

A teoria geral do papel da noradrenalina nos transtornos da ansiedade é que os pacientes afetados poderiam ter uma regulação noradrenérgica deficitária, com aumentos ocasionais de atividade.

No que tange à serotonina, os autores comentam que há um papel ambíguo desse neurotransmissor, uma vez que, em situações de ameaça, ele exerce um papel tanto estimulador quanto inibidor:

Os sinais de perigo estimulariam o sistema de defesa por meio da amígdala e ativariam neurônios serotoninérgicos situados nos núcleos dorsais da rafe que inervam a amígdala e a matéria cinzenta periaquedutal, facilitando a defesa na primeira e inibindo nesta última, tendo, portanto, um sentido adaptativo. (BRAGA *et al.*, 2010, p. 96).

A desregulação das atividades de neurotransmissores na produção de noradrenalina e serotonina aparecem também como uma das explicações neurobiológicas e bioquímicas da depressão. A respeito disso, Andrade *et al.* (2003) explicam que, na depressão,

Acontece uma diminuição na quantidade de neurotransmissores liberados, mas a bomba de recaptação e a enzima continuam trabalhando normalmente. Então um neurônio receptor captura menos neurotransmissores e o sistema nervoso funciona com menos neurotransmissores do que normalmente seria preciso.

Com base em Andrade *et al.* (2003), a depressão pode ser explicada por problemas no funcionamento dos neurotransmissores que não alcançam uma produção satisfatória de hormônios como a serotonina. Assim, quando há déficits nessas atividades neurais,

“[...] a pessoa começa a apresentar sintomas como desânimo, tristeza, autoflagelamento, perda do interesse sexual, falta de energia para atividades simples” (ANDRADE *et al.*, 2003).

Ansiedade e depressão podem ser explicadas por uma base comum: a deficiência no funcionamento de neurotransmissores na captação de hormônios e outros complexos bioquímicos. Certamente por isso, não raramente essas doenças são tratadas com os mesmos medicamentos que agem no intuito de corrigir o funcionamento deficitário dos neurotransmissores, seja para estimulá-los, seja para inibi-los. Ainda que exista uma base neurofisiológica responsável por explicar a depressão e a ansiedade, a interpretação dessas abordagens conexionistas não desconsidera a existência de fatores de ordem social, cultural e emocional no desenvolvimento desses transtornos, ratificando a ideia de que esses fatores devem ser abordados conjuntamente, quando há o intuito de tratá-los.

TEORIA NEURAL DA LINGUAGEM

A Teoria Neural da Linguagem (TNL) é um empreendimento teórico-científico de vários autores, entre os quais se destaca Jerome Feldman (2006). George Lakoff tem se aliado a esse empreendimento, com o desenvolvimento da Teoria Neural da Metáfora. Para a TNL,

todas as ações realizadas pelo nosso corpo são controladas pelo nosso cérebro, e cada *input* do mundo externo é sensível para o nosso cérebro. Pensamos com nossos cérebros. Não há outra escolha. O pensamento é físico. As ideias e os conceitos que os formam são fisicamente “computados” pelas estruturas cerebrais. O raciocínio se dá pela ativação de certos grupos

neurais no cérebro, que advêm da ativação prévia de outros grupos neurais. Tudo o que sabemos, sabemos em virtude do nosso cérebro. Nosso cérebro físico possibilita nossos conceitos e ideias; tudo o que podemos pensar é possível e muito limitado por conta da natureza do nosso cérebro. (LAKOFF, 2008, p. 18, tradução nossa).¹

Assume-se, nessa teoria, que circuitos neurais são moldados pela experiência, sendo possível observar, dentre eles, alguns tipos básicos e relativamente simples que estão associados a mecanismos cognitivos de conceptualização defendidos no âmbito da LC, a saber, a metáfora e a metonímia. Sejam tratados, aqui, os circuitos de ligação e os de mapeamento.

Em relação aos circuitos de ligação, Lakoff (2008) sugere que estes figurem na metonímia. Em termos neurais, há um circuito que registra a cena como um todo e um circuito para cada um dos papéis semânticos que aparecem nessa mesma cena e que são conectados na metonímia. O exemplo de Lakoff (2008) é *O sanduíche de presunto quer seu cheque*. Há a cena de funcionamento de um restaurante, que aciona um circuito específico, e o *sanduíche de presunto*, que desempenha o papel semântico de *prato* (suponha-se que esse seja um circuito X). Na sentença realizada, porém, o sanduíche de presunto não se refere ao prato, mas à entidade que desempenha o papel de cliente (suponha-se que esse seja o circuito Y). No entendimento de

¹ “Every action our body performs is controlled by our brains, and every input from the external world is made sense of by our brains. We think with our brains. There is no other choice. Thought is physical. Ideas and the concepts that make them up are physically “computed” by brain structures. Reasoning is the activation of certain neuronal groups in the brain given prior activation of other neuronal groups. Everything we know, we know by virtue of our brains. Our physical brains make possible our concepts and ideas; everything we can possibly think is made possible and greatly limited by the nature of our brains” (LAKOFF, 2008, p. 18).

Lakoff (2008), a compreensão se torna possível em função de uma ligação metonímica entre o circuito X (prato) e o circuito Y (cliente), permitindo, por exemplo, que o garçom identifique o cliente em função do prato que pediu.

Os circuitos de mapeamento, por outro lado, explicam as metáforas conceptuais em termos neurais. É muito comum, no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002), usar-se a expressão *mapeamento*, para tratar de experiências diferentes que são pareadas, com o intuito de gerar compreensão. Se considerado isso, entender os circuitos de mapeamento se torna relativamente fácil: domínios específicos da experiência acionam um ou mais circuitos neurais específicos. O mapeamento se dá pela conexão entre esses circuitos específicos.

A TNL tem ajudado a confirmar muitas formulações da Hipótese da Mente Corporificada, defendida por Lakoff e Johnson (2002). Em termos de paradigmas filosóficos e científicos, as evidências da TNL têm-se colocado como uma oposição ao cartesianismo nos estudos da linguagem. Ao mostrar que toda experiência cotidiana tem reflexos cerebrais, a TNL abole a ideia de pensamento como algo abstrato e imaterial, conforme os termos cartesianos, e explora a conexão de várias zonas do cérebro na elaboração linguística, opondo-se também aos fundamentos chomskyanos de autonomia da faculdade da linguagem.

Os estudos neurais da linguagem têm dado, igualmente, grandes contribuições para os estudos do léxico, sobretudo no que toca aos processos de aquisição e aprendizagem de vocabulário. Na abordagem neural do léxico, as palavras aprendidas e armazenadas geram estímulos, melhor dizendo, acionam circuitos neurais específicos. Nesse sentido, é preciso lembrar, com base em Lakoff (2008), que, ao nascerem,

os seres humanos já têm um cérebro extremamente complexo, com centenas de regiões neuronais que apresentam uma conectividade altamente produtiva e específica. Cada neurônio tem conexões com 1.000 a 10.000 outros. Diante dessa quantidade, é possível imaginar milhões de conexões neurais que os seres humanos podem fazer ao longo da vida, em consonância com a grande quantidade de palavras que eles podem aprender, armazenar e usar.

Se cada palavra aprendida é capaz de acionar um estímulo ou circuito neural diferente, isso ajuda a justificar a vastidão da memória lexical humana. O ser humano consegue armazenar uma grande quantidade de palavras simples e complexas, como explica Booij (2010), ao defender a Teoria da Entrada Plena no modelo teórico da Morfologia Construcional. Diante disso, associar a multiplicidade combinatória de neurônios a essa vastidão mnemônica parece bastante razoável. Isso sem contar que a abordagem neural do léxico, em termos de estímulos e circuitos, não ignora a importância dos fatores memória e frequência. Assim, relata Leite (2008, p. 6):

Quando um estímulo entra e encontra uma trilha já marcada, a ativação dessa rede será responsável apenas pela recordação de uma informação. Isso ocorre quando temos contato com uma determinada palavra que já conhecemos: ao ler/escutar o vocábulo, é ativada uma rede que já está engramada no cérebro, portanto recordamos seu significado rapidamente. Entretanto, quando lemos uma palavra que não conhecemos e então precisamos procurar seu significado, os neurônios alteram as forças das sinapses, ocorrendo, então, o aprendizado.

Leite (2008) entende que as palavras mais frequentes em termos de exposição e realização acionam mais sinapses nas redes

neuronal. Assim, essas palavras se tornam mais rapidamente compreensíveis, pelo fato de os circuitos neurais acionados por elas se realizarem também mais frequentemente. Ao ser exposto ou realizar essas palavras, o cérebro já aciona um caminho neural conhecido.

Quando se leva isso para o âmbito do estudo da conceptualização por meio de rastros lexicais, faz-se *mister* reconhecer que, embora metáforas e metonímias conceptuais vão além das palavras, estas acionam o primeiro estímulo neural o qual integrará os circuitos de mapeamento e de ligação que caracterizam os processos cognitivos de compreensão. Dessa forma, não se pode negar a importância do léxico para a conceptualização de experiências.

CONCEPTUALIZAÇÕES DA ANSIEDADE E DA DEPRESSÃO

Do ponto de vista neural, ansiedade e depressão se caracterizam por disfunções de neurotransmissores. Nos dois casos, há uma deficiência no funcionamento. Ainda que o déficit se dê por características diferentes, do ponto de vista sintomático, as duas doenças apresentam características parecidas, e não é raro encontrar pessoas que vivem com os dois transtornos. Do ponto de vista linguístico, as expressões utilizadas para se referir às duas doenças são bastante parecidas. Por exemplo, a metáfora DOENÇA É GUERRA é verificada nos seguintes registros:

(1) O que muita gente desconhece sobre ansiedade é que, por diversas vezes, ela não causa uma “pressa” no ansioso. Ela trava ele. #ansiedade temos um dia de combate? (O QUE..., 2018, grifo nosso).

- (2) Quando a ansiedade ataca #ansiedade. (QUANDO..., 2018, grifo nosso).
- (3) Se a ansiedade não me matar antes dos 40. Já estarei no lucro! #Ansiedade #Respira #NaoPira. (SE..., 2018, grifo nosso).
- (4) Super recomendo o tratamento que há 11 anos me ajudou a vencer a #depressão. Amanhã na Universal mais próxima de vc. #DepressãoTemSaída. (SUPER..., 2018, grifo nosso).
- (5) Só quem já lutou contra o suicídio sabe o que é ser “sobrevivente de uma guerra” #DepressaoNaoEFrescura #SuicidioNaoEChamarAtencao. (SÓ QUEM..., 2018, grifos nossos).
- (6) Eu tenho depressão. A luta foi e é muito grande até hoje. #DepressaoNaoEFrescura. (EU TENHO..., 2017, grifo nosso).
- (7) Não deixe um sentimento matar toda uma vida procure ajuda! #DEPRESSAO #DEPRESSIVO #DEPRIMIDO. (NÃO..., 2017, grifo nosso).
- (8) Cheguei num ponto em que não suporto conviver com as pessoas. Nem um mínimo de sociabilidade eu consigo ter, é uma tortura, me faz física e mentalmente mal #FobiaSocial #Antropofobia #Depressão #Ansiedade. (CHEGUEI..., 2018).

Nas sentenças de (1) a (8), as conceptualizações da depressão e da ansiedade evocam a cena da guerra, do combate. Note-se que essas doenças são sempre entidades inimigas que devem ser combatidas, ou mesmo oponentes que podem matar. Essa conceptualização é muito comum para doenças, sendo facilmente encontráveis expressões como “Eu venci o câncer” ou “O artista travava uma luta contra a AIDS”.

Dessas sentenças, destaque-se ainda o caráter personificante de algumas. A personificação das doenças acontece não só com a ideia de inimigo ou adversário, mas também de invasor, como se pode ver na sentença (9), a seguir, que aciona também um esquema imagético de recipiente (dentro-fora) visto nas outras expressões de (10) a (14).

(9) #ansiedade bateu na minha porta e entrou sem permissão. (#ANSIEDADE BATEU..., 2018, grifos nossos).

(10) Saudade de sei lá o quê... Tô um poço de #ansiedade... =/. (SAUDADE..., 2010).

(11) É possível um cristão entrar em depressão? [...] #depressão #suicídio #setembroamarelo #saudemental. (É POSSÍVEL..., 2018).

(12) #DEPRESSÃOOTEMSAÍDA quando colocamos a nossa fé em ação não há lugar para depressão. (#DEPRESSÃOOTEMSAÍDA..., 2018).

(13) Um dia a gente sorri, outro a gente chora, e em alguns a gente não sente, só um vazio. #Depressão. (UM DIA..., 2017, grifo nosso).

(14) Há feridas que nunca são vistas no corpo, mas que são mais profundas e mais dolorosas do que qualquer que sangre. #Depressaonaodrama #depressao-naoefrescura. (HÁ FERIDAS..., 2017, grifo nosso).

O esquema imagético de contêiner, que é visto nas expressões de (9) a (14), sugere que o ser humano é identificado como um continente ou recipiente e as doenças como conteúdo e líquidos. A interface entre as experiências do recipiente e da guerra aparecem em alguns dados, implicando talvez um esquema de força, em que a depressão e a ansiedade são conceptualizadas como coisas que podem

e devem ser controladas (mas nem sempre há êxito nesse controle), e o ser humano é visto em termos de sua capacidade de aguentar e suportar as forças e os desgastes da depressão e da ansiedade. Os dados de (15) a (18) mostram isso.

(15) Você ter que tomar remédio para te ajudar a controlar sua ansiedade, controlar seus sentimentos é a pior parte. Saber que você tem que tomar um remédio para controlar, o que você devia conseguir controlar naturalmente. #AnsiedadeNãoEFrescura. (VOCÊ..., 2017, grifos nossos).

(16) Há dias em que o melhor é fazer tudo devagar, controlando a #Ansiedade! Respire fundo. Ore e então aja! (HÁ DIAS..., 2015, grifo nosso).

(17) Só queria tá bem, sem dor, sem pressão, sem sofrimento. Queria tanto ajuda de alguém e não tenho ninguém. Não tô aguentando mais. Tá difícil viver assim. Tô segurando o máximo q eu posso mais minha cabeça vai explodir. #depressao. (SÓ QUERIA..., 2018, grifos nossos).

(18) Eu não quero me sentir tão sozinha como estou me sentindo #depressao isso está me consumindo. #sozinha. (EU NÃO..., 2017, grifo nosso).

Nas expressões encontradas, a conceptualização da doença como um encaminhamento para a morte é mais vista com a depressão. Com a ansiedade, só foi registrada a expressão em (3), analisada em uma experiência relacionada ao combate, sendo a ansiedade um adversário. Ainda que a morte envolva um evento pontual, há uma série de microeventos que a precedem. Dessa maneira, englobam-se, no domínio da experiência da morte, uma série de expressões que envolvem a letargia, o não funcionamento e a loucura, que, ao longo

da história das sociedades ocidentais, foi concebida como uma morte social (FOUCAULT, 2005). Sejam vistos os dados de (19) a (26).

(19) Sabe aquela sensação q aperta o peito e nada mais importa?nem namorada,nem faculdade,nem amigos?é assim q eu to... #depressao. (SABE..., 2011, grifos nossos).

(20) N q eu queira morrer hj, mas estar viva é mto doloroso. Tô exausta só de respirar. O corpo pesa mais do q chumbo. Manter os olhos abertos é um esforço descomunal. Eu só qria 5 minutos p respirar e sentir q tá td ok. #depressão. (N Q EU..., 2018, grifos nossos).

(21) Tô fedendo a morte, infarto, tristeza e decepção. #depressao. (TÔ..., 2014, grifos nossos).

(22) Gostaria de não desejar a morte todos os dias quando abro os olhos e vejo que estou viva, tenho tudo para ser feliz e não sou, sei que muita gente gostaria de ter a vida que tenho...mas mim sinto insatisfeita, triste e, frustrada,mim sinto um fracasso, inútil. #depressao. (GOSTARIA..., 2019, grifos nossos).

(23) Hoje foi um daqueles dias que queria apenas dormir e mais nada. #Depressao. (HOJE..., 2018, grifos nossos).

(24) Acho que vou morrer cedo. Simplesmente não enxergo um futuro para mim. #askanamia #desabafo #depressao. (ACHO..., 2016, grifos nossos).

(25) Essas palavras que escrevo me protegem da completa loucura... #Depressao. (ESSAS..., 2017, grifo nosso).

(26) Depressão é viver semanas na bagunça sem se importar, porque não faz sentido limpar, se você pode morrer amanhã, e estar arrumado ou não, não faz diferença. #Depressao. (DEPRESSÃO..., 2018, grifos nossos).

Diferentemente das palavras selecionadas para conceptualizar a depressão, na ansiedade, o léxico conceptual, se assim pode ser dito, envolve outros domínios da experiência, a hiperatividade, a aceleração e o exagero.

(27) #ansiedade não durmo bem, meus sonhos consistem em repassar acontecimentos diários e exacerbá-los, passo o dia morrendo de sono e quando chega a noite não durmo. (#ANSIEDADE NÃO..., 2018, grifo nosso).

(28) Preciso segurar minha onda, devorei um pacote de Negresco! #ansiedade. (PRECISO..., 2018, grifo nosso).

(29) É tão ruim ter ansiedade e na hora de dormir ficar pensando até na morte da bezerra. (É TÃO..., 2019, grifos nossos).

(30) Pessoas que não são ansiosas certamente vivem mais! Eu sinto dor de barriga, insônia, tremedeira, palpitação (etc), com 3 meses de antecedência às coisas. Fico igual presidiária fazendo X em cada dia passado. #ansiedade #ansiosa #aquariana. (PESSOAS..., 2018, grifos nossos).

(31) Sou muito #ansioso ... para você ter uma noção, eu penso demais no futuro que não conheço, fico louco pra saber, mas é uma coisa que nunca irei descobrir até vivê-las. (SOU..., 2018, grifos nossos).

(32) Sem sono, coração acelerado, pensamentos a mil enjoou.... Mas uma noite #ansiedade. (SEM..., 2018).

Para o argumento das diferenças conceptuais entre a ansiedade e a depressão, cabe lembrar as explicações neurais dos dois transtornos. Na ansiedade, o déficit na ativação de neurotransmissores é marcado pela hiperestimulação, ao passo que, na depressão,

o déficit se dá pela inibição. Esse contraste entre o estímulo exagerado e a inibição continuada se verifica nas escolhas lexicais: o léxico letárgico da depressão e o léxico exagerado da ansiedade. Em uma perspectiva conexionista, isso não pode ser ignorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de natureza interdisciplinar fez uma reflexão acerca da depressão e da ansiedade, procurando casar argumentos filosóficos, médicos e linguísticos, sendo ponto de partida a compreensão das correntes filosóficas, nomeadamente a corrente racionalista-cartesiana, e os seus impactos para outras áreas do saber, como a Medicina e a Linguística.

Selecionaram-se, para esta pesquisa, abordagens conexionistas tanto na Medicina quanto na Linguística. Dessa forma, elegeram-se o Modelo Psicossomático (em detrimento do Modelo Biomédico) e a Linguística Cognitiva (em detrimento do Gerativismo), pois esses aportes teóricos não corroboram o dualismo ontológico mente-corpo do cartesianismo. É preciso destacar também que se exploraram os argumentos de teorias neurais para explicar a depressão, a ansiedade, os mecanismos metafóricos e metonímicos de compreensão linguística e a aquisição e a aprendizagem lexical.

As abordagens neurais da depressão e da ansiedade têm mostrado que a elas correspondem explicações bioquímicas, o que tem contribuído para que se compreenda que essas doenças não envolvem apenas elementos de ordem social, psicológica e cultural. Ambos os transtornos se caracterizam por déficits no funcionamento de neurotransmissores. No caso da ansiedade, hormônios relacionados à

excitação, à sensação de perigo, ao pronto-ataque e à vigilância são transmitidos desenfreadamente, ao passo que, na depressão, esses mesmos hormônios são produzidos de maneira insatisfatória, abaixo do que se concebe como normal.

Quanto à abordagem neural da linguagem, observa-se que esse aporte tem contribuído para mostrar a corporificação do pensamento, tirando deste o caráter abstrato e imaterial que caracterizou as ideias cartesianas. Metáforas, metonímias e itens lexicais aprendidos e usados cotidianamente acionam circuitos neurais específicos.

Diante disso, quando se investigam as conceptualizações metafóricas e metonímicas da ansiedade e da depressão a partir de evidências lexicais, verifica-se que os transtornos compartilham aspectos conceptuais, uma vez que há uma mesma base neural que explica ambos, mas há diferenças que se verificam do ponto de vista lexical: a depressão é marcada por escolhas lexicais relacionadas à morte, à improdutividade, à inutilidade, à letargia, ao passo que a ansiedade é marcada por escolhas relacionadas à hiperatividade, ao pensamento acelerado, à rapidez dos processos e ao exagero.

Essas diferenças lexicais refletem comportamentos que podem estar relacionados a aspectos neurais. Isso não pode ser tomado como uma mera coincidência. As abordagens neurais, tanto dos transtornos mentais quanto da linguagem, são relativamente recentes e ainda precisam de maiores investimentos de pesquisa. Elas têm contribuído para a construção de sólidos argumentos contra o cartesianismo hegemônico. Espera-se que este trabalho sirva como incentivo para novas pesquisas linguísticas em perspectiva neural no Brasil, pois ainda são necessários muitos estudos.

REFERÊNCIAS

#ANSIEDADE BATEU na minha porta e entrou sem permissão. [São Paulo], 25 abr. 2018. Twitter: @fegomesfotos. Disponível em: <http://bit.ly/2VYZKqc>. Acesso em: 16 abr. 2019.

#ANSIEDADE NÃO durmo bem, meus sonhos consistem em repassar acontecimentos diários e exacerbá-los, passo o dia morrendo de sono e quando chega a noite não durmo. [São Paulo], 25 abr. 2018. Twitter: @fegomesfotos. Disponível em: <http://bit.ly/2Q0LXdb>. Acesso em: 16 abr. 2019.

ACHO que vou morrer cedo. Simplesmente não enxergo um futuro para mim. #askanamia #desabafo #depressao. [Londres], 29 fev. 2016. Twitter: @gia_wannabethin. Disponível em: <http://bit.ly/2W12FOX>. Acesso em: 16 abr. 2019.

ANDRADE, Rosângela Vieira de *et al.* Atuação dos neurotransmissores na depressão. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, São Paulo, v. 1, n. 6, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/296dd5g>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BARROS, José Augusto C. Pensando o processo saúde/doença: a que responde o modelo biomédico? *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 67-84, 2002.

BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BORGES, Greicibely Faccin; VICENTINI, Max Rogério. Descartes e a psicossomática: a relação mente e corpo no modelo médico. *Contemplação*, Presidente Prudente, v. 1, n. 6, p. 1-18, 2013.

BOUILLIER, Francisque. *Histoire de la philosophie cartésienne*. Paris: Durand, 1854. 2 v.

BRAGA, João Euclides Fernandes *et al.* Ansiedade patológica: bases neurais e avanços na abordagem psicofarmacológica. *Revista*

Brasileira de Ciências da Saúde, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 93-100, 2010. doi:10.4034/RBCS.2010.14.02.13.

CASTRO, Josué de. *Alguns aspectos da anamnese clínica: uma visão sociocultural e psicossomática do paciente*. 3. ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003.

CHEGUEI num ponto em que não suporto conviver com as pessoas. Nem um mínimo de sociabilidade eu consigo ter, é uma tortura, me faz física e mentalmente mal #FobiaSocial #Antropofobia #Depressão #Ansiedade. [S. l.], 29 ago. 2018. Twitter: @Antipipol1. Disponível em: <http://bit.ly/2JD9Kij>. Acesso em: 16 abr. 2019.

CHOMSKY, Noam. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CUTOLO, Luiz Roberto Agea. Modelo Biomédico, reforma sanitária e educação pediátrica. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 16-24, 2006.

#DEPRESSÃOOTEMSAÍDA quando colocamos a nossa fé em ação não há lugar para depressão. [Mato Grosso do Sul], 22 fev. 2018. Twitter: @jessika_adri. Disponível em: <http://bit.ly/2Vh52J3>. Acesso em: 16 abr. 2019.

DEPRESSÃO é viver semanas na bagunça sem se importar, pq não faz sentido limpar se vc pode morrer amanhã e estar arrumando ou não, não faz diferença #depressao. [Recife], 23 abr. 2018. Twitter: @cheialuna. Disponível em: <http://bit.ly/30jzrKr>. Acesso em: 16 abr. 2019.

DIJKSTERHIUS, Eduard Jan. *Descartes et le cartésianisme hollandais: Études et documents*. Paris: PUF, 1951.

É POSSÍVEL um cristão entrar em depressão? [...] #depressão #suicídio #setembroamarelo #saudemental. [Limeira], 19 set. 2018.

Twitter: @mariopersona. Disponível em: <http://bit.ly/2E5V2MV>. Acesso em: 16 abr. 2019.

É TÃO ruim ter ansiedade e na hora de dormir ficar pensando até na morte da bezerra. [Minas Gerais], 26 fev. 2019. Twitter: @jenyffersf_. Disponível em: <http://bit.ly/2VzS3qY>. Acesso em: 16 abr. 2019.

ESSAS palavras que escrevo me protegem da completa loucura... #Depressao. [Recife], 30 ago. 2017. Twitter: @tagwalmirramos. Disponível em: <http://bit.ly/2YqZn53>. Acesso em: 16 abr. 2019.

EU NÃO quero me sentir tão sozinha como estou me sentindo #depressao isso está me consumindo. #sozinha. [S. l.], 17 out. 2017. Twitter: @albaixos. Disponível em: <http://bit.ly/2W00U4G>. Acesso em: 16 abr. 2019.

EU TENHO depressão. A luta foi e é muito grande até hoje. #DepressaoNaoEFrescura. [Rio de Janeiro], 22 ago. 2017. Twitter: @TvColunaFla. Disponível em: <http://bit.ly/2Hiqzfw>. Acesso em: 16 abr. 2019.

FELDMAN, Jerome. *From molecule to metaphor: a neural theory of language*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOSTARIA de não desejar a morte todos os dias quando abro os olhos e vejo que estou viva, tenho tudo para ser feliz e não sou, sei que muita gente gostaria de ter a vida que tenho....mas mim sinto in satisfeita, triste, frustrada, mim sinto um fracasso, inútil. #depressao. [Salvador], 15 abr. 2019. Twitter: @RebecaMariadeB1. Disponível em: <http://bit.ly/2WH2lSw>. Acesso em: 16 abr. 2019.

GRAEFF, Frederico Guilherme; HETEM, Luiz Alberto B. *Transtornos da ansiedade*. São Paulo: Atheneu, 2004.

HÁ DIAS em que o melhor é fazer tudo devagar, controlando a #Ansiedade! Respire fundo. Ore e então aja! [S. l.], 16 maio 2015. Twitter: @VcPodeSerMais. Disponível em: <http://bit.ly/2WELhwJ>. Acesso em: 16 abr. 2019.

HÁ FERIDAS que nunca são vistas no corpo, mas que são mais profundas e mais dolorosas do que qualquer que sangue. #Depressaonaoedrama #depressaonaoefrescura. [S. l.], 17 nov. 2017. Twitter: @Adaf_. Disponível em: <http://bit.ly/2Hhl420>. Acesso em: 16 abr. 2019.

HOJE foi um daqueles dias que queria apenas dormir e mais nada. #Depressao. [São Gonçalo], 16 abr. 2018. Twitter: @Antonio_m4n037. Disponível em: <http://bit.ly/2LGv0WP>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. 2th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. In: GIBBS, Raymond W. (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 17-38.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LEITE, Anelise de Souza. O paradigma conexionista na aquisição lexical. *ReVEL*, [s. l.], v. 6, n. 11, ago. 2008.

MAY, Rollo. *O significado da ansiedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 66-103.

N Q EU queira morrer hj, mas estar viva é mto doloroso. Tô exausta só de respirar. O corpo pesa mais do q chumbo. Manter os olhos abertos é um esforço descomunal. Eu só qria 5 minutos p respirar e sentir q tá td ok. #depressão. [S. l.], 8 nov. 2018. Twitter:

@BeckyPanda. Disponível em: <http://bit.ly/2PYkRDm>. Acesso em: 16 abr. 2019.

NÃO deixe um sentimento matar toda uma vida procure ajuda!
#DEPRESSAO #DEPRESSIVO #DEPRIMIDO. [Porto Velho],
27 set. 2017. Twitter: @RudsonPR. Disponível em: <http://bit.ly/2HeVJEo>. Acesso em: 16 abr. 2019.

O QUE muita gente desconhece sobre ansiedade é que, por
diversas vezes, ela não causa uma “pressa” no ansioso. Ela trava ele.
#ansiedade temos um dia de combate? [Porto Alegre], 26 abr. 2018.
Twitter: @luleupolt. Disponível em: <http://bit.ly/30js2L6>. Acesso
em: 16 abr. 2019.

PESSOAS que não são ansiosas certamente vivem mais! Eu sinto
dor de barriga, insônia, tremedeira, palpitação (etc), com 3 meses
de antecedência às coisas. Fico igual presiária fazendo X em
cada dia passado. #ansiedade #ansiosa #aquariana. [S. l.], 24 jun.
2018. Twitter: @nataliafide. Disponível em: <http://bit.ly/2W4XvkW>.
Acesso em: 16 abr. 2019.

PRECISO segurar minha onda, devorei um pacote de Negresco!
#ansiedade. [Rio de Janeiro], 19 abr. 2018. Twitter: @pepe15capacia.
Disponível em: <http://bit.ly/2VztoTA>. Acesso em: 16 abr. 2019.

QUANDO a ansiedade ataca #ansiedade. [S. l.], 24 abr. 2018.
Twitter: @rgfnaza. Disponível em: <http://bit.ly/2Hh6xDp>. Acesso
em: 16 abr. 2019.

SABE aquela sensação q aperta o peito e nada mais importa?
nem namorada, nem faculdade, nem amigos? é assim q eu to...
#depressao. [S. l.], 29 maio 2011. Twitter: @Rafael_Equizema.
Disponível em: <http://bit.ly/2Je4odK>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Teorias da linguagem:
a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim;
SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do*

português do Brasil: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 20-32.

SAUDADE de sei lá o quê... Tô um poço de #ansiedade... =/. [São Paulo], 30 set. 2010. Twitter: @NaniSantiagoO. Disponível em: <http://bit.ly/2WGYMkd>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SE a ansiedade não me matar antes dos 40. Já estarei no lucro! #Ansiedade #Respira #NaoPira. [Rio de Janeiro], 26 abr. 2018. Twitter: @RafaelaCunha25. Disponível em: <http://bit.ly/2JjmY49>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SELL, Sérgio. *Quão cartesiana é a lingüística chomskyana?* 2002. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SEM sono, coração acelerado, pensamentos a mil, enjoou.... Mas uma noite #ansiedade. [Itaituba], 20 abr. 2018. Twitter: @SamiraCrisley1. Disponível em: <http://bit.ly/2VzuPRY>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SÓ QUEM já lutou contra o suicídio sabe o que é ser “sobrevivente de uma guerra” #DepressaoNaoEFrescura #SuicidioNaoEChamarAtencao. [S. l.], 23 abr. 2018. Twitter: @jessy_katarino. Disponível em: <http://bit.ly/2Q7jZww>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SÓ QUERIA tá bem, sem dor, sem pressão, sem sofrimento. Queria tanto ajuda de alguém e não tenho ninguém. Não tô aguentando mais. Tá difícil viver assim. Tô segurando o máximo q eu posso mais minha cabeça vai explodir. #depressao. [S. l.], 8 mar. 2018. Twitter: @OficialGiacomo. Disponível em: <http://bit.ly/2LCXAbL>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SOU muito #ansioso ... para você ter uma noção, eu penso demais no futuro que não conheço, fico louco pra saber, mas é uma coisa que nunca irei descobrir até vivê-las. [Rio de Janeiro], 20 abr. 2018.

Twitter: @JuanAssis. Disponível em: <http://bit.ly/2LGIbIe>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SUPER recomendo o tratamento que há 11 anos me ajudou a vencer a #depressão. Amanhã na Universal mais próxima de vc. #DepressãoTemSaída. [Juiz de Fora], 22 fev. 2018. Twitter: @ca_rolfaria. Disponível em: <http://bit.ly/2LGJEO1>. Acesso em: 16 abr. 2019.

TÔ fedendo a morte, infarto, tristeza e decepção. #depressao. [S. l.], 13 abr. 2014. Twitter: @TCovatti. Disponível em: <http://bit.ly/2HfXEtQ>. Acesso em: 16 abr. 2019.

UM DIA a gente sorri, outro a gente chora, e em alguns a gente não sente, só um vazio. #Depressão. [Minas Gerais], 21 jun. 2017. Twitter: @foryoujoelma. Disponível em: <http://bit.ly/2VnYs3s>. Acesso em: 16 abr. 2019.

VOCÊ ter que tomar remédio para te ajudar a controlar sua ansiedade, controlar seus sentimentos é a pior parte. Saber que você tem que tomar um remédio para controlar, o que você devia conseguir controlar naturalmente. #AnsiedadeNãoEFrescura. [S. l.], 21 jun. 2017. Twitter: @jeniffer_luna. Disponível em: <http://bit.ly/2VxRIoF>. Acesso em: 16 abr. 2019.

FELIZ DIA DO [X]: UM ESTUDO CONSTRUCIONAL SOBRE TEXTOS DE FELICITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Deivid Borges Santos

O texto que aqui se inicia tem por objetivo apresentar o estudo acerca dos aspectos semântico-pragmáticos da variável *X* que preenche construções adjetivas de felicitação/comemoração em Língua Portuguesa, tais como “Feliz dia do *peça à sua mãe*”, na qual o enunciado será, metonimicamente, o representante do dia em questão comemorado (nesse caso, dia dos pais, segundo domingo de agosto, no Brasil). O arcabouço teórico que serve como subsídio a essa discussão encontra-se assim registrado e dividido: a partir de Goldberg (1995), discute-se a perspectiva da gramática das construções que possibilita a integração léxico-gramática e a interdependência entre a sintaxe, a semântica e a pragmática; em Lakoff e Johnson (2002), registram-se os primeiros sinais do empreendimento da Linguística Cognitiva, seus aspectos epistemológicos e analíticos que serviram de base para a leitura das variáveis nas construções; argumenta-se,

também, a emergência do estereótipo como produto e, ao mesmo tempo, fonte de conceptualizações metonímicas, observado dessa maneira na teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados de Lakoff (1987); além disso, considera-se que tais ocorrências metonímicas geram protótipos dentro das respectivas categorias (LAKOFF, 1987).

Juntam-se a essa introdução as seguintes partes constitutivas deste texto: uma breve explanação teórica sobre variadas perspectivas sobre o léxico; em seguida, os aspectos teórico-metodológico-epistemológicos da Linguística Cognitiva e a concepção de léxico na teoria da Gramática das Construções; logo após, a metodologia do estudo; e, mais adiante, o estudo das questões semântico-pragmáticas das variáveis em *corpus* selecionado de textos escritos nas redes sociais. Encerra-se com as considerações finais, seguidas pelas devidas referências.

LÉXICO, COGNIÇÃO E CONHECIMENTO DE MUNDO: CONCEPÇÕES SOBRE O LÉXICO

Associa-se, frequentemente, o léxico à seguinte acepção: o conjunto de palavras de uma língua. Essa visão encontrou base tanto nas variadas teorias linguísticas ao longo da história do desenvolvimento dessa ciência como no conhecimento pré-científico sobre a linguagem humana (LYONS, 1979). Em Vilela (1994, p. 5), é apresentada a definição de léxico como:

o repositório do saber linguístico e ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade.

É desta forma que se pode considerar o léxico como um elemento que, ao mesmo tempo, configura e recupera a história de um povo, uma sociedade. Confirmando esse pensamento, Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7) afirmam que o léxico:

representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade.

Em concordância com a citação anterior, observa-se que os estudos iniciados pela Sociolinguística, teorias pragmáticas e, mais recentemente, pela Linguística Cognitiva, tendem, cada teoria à sua maneira, a ampliar o entendimento do léxico e passam a considerá-lo, de maneira geral, como o conjunto de possibilidades linguísticas e o repositório de palavras resultante da união entre o conhecimento cultural, social e histórico e a capacidade da mente humana de apreender e nomear a realidade que nos cerca.

Dada a relação entre o léxico, a história cultural e a sociedade, é imprescindível salientar que ele se encontra em constante desenvolvimento e renovação, pois mantém relação direta com o significado e as mudanças sociais e históricas de uma sociedade.

As mudanças sociais culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer, porém podem ser ressuscitados termos, que voltam à circulação,

geralmente, com novas conotações. (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Assim, encontramos novas formas de materializar o que se partilha em sociedade: o conhecimento lexical e o conhecimento de mundo, ambos imbricados numa teia de relações complementares, não passíveis de plena divisibilidade. Não perdendo de vista que as definições utilizadas até então para léxico encontram-se limitadas devido à complexidade do objeto em questão, assumimos:

O léxico é talvez o domínio por excelência onde se caldeiam de forma dinâmica, plurivectorial e em rede, de malha simultaneamente larga e apertada, os mecanismos cognitivos, codificação linguística e contexto sociocultural e pragmático. (RIO-TORTO, 2015, p. 367).

Por isso, é preciso tecer, ainda que brevemente, considerações que apontem para as mais variadas posições teóricas sobre o léxico e, por fim, eleger a posição que subsidiará a proposta de análise apresentada.

TEORIAS GERAIS SOBRE LÉXICO: DO ESTRUTURALISMO AO GERATIVISMO

As concepções de língua que se fizeram presentes em três grandes vertentes teóricas da história da linguística – o Estruturalismo, o Gerativismo e o Cognitivismo – subsidiaram o pensamento acerca da estrutura, léxico e gramática de uma língua.

O enfoque saussuriano, apesar de considerar a língua como conhecimento compartilhado por falantes de uma mesma comunidade (por isso, um fator social), definiu que deveria ser o sistema de signos de existência virtual, o objeto de estudo da linguística. Saussure (1997) pondera que, neste sistema de signos, a relação entre suas unidades decorre a partir da noção de valor linguístico, sendo então os signos analisáveis em traços opositivos. Nesta corrente, o léxico seria “[...] um conjunto estruturado de unidades que se inter-relacionam através dos seus elementos componenciais” (TEIXEIRA, 2015, p. 280).

O estruturalismo saussuriano e suas demais reestruturações compreendem o léxico organizado em campos nos quais as unidades lexicais são articuladas e distribuídas; tais unidades lexicais se relacionam através de uma base de significação e oposições (VILELA, 1994). Essa concepção de léxico não comporta, portanto, formações que não encontram padrões dentro da língua já que se entendia a língua enquanto sistema estruturado, estabelecendo-se diferenças entre conhecimento linguístico e conhecimento de mundo.

Essa visão bipartida entre sistema e fala é repensada a partir da leitura crítica feita por Eugenio Coseriu (1967, 1979), que revisa a proposta dicotômica saussuriana e passa a abordar a norma numa realidade linguística tripartida. Nesse sentido, o léxico ocupa lugar no nível histórico da língua, ligado tanto ao sistema como à norma, pois, duplamente, pode ser considerado como ponto de partida para a conceitualização e como a própria realização do sistema. Grosso modo, é a partir dessa visão que se ganha base para a proposta do estudo do léxico a partir da perspectiva dos campos lexicais, o que rendeu produtos como obras lexicográficas mais gerais ou específicas,

além de estudos sobre a constituição histórica do léxico em diferentes áreas ou microáreas do saber humano.

Por seu turno, segundo Basílio (2010, p. 2):

A perspectiva gerativa deu um grande impulso nos estudos lexicais, na medida em que focaliza o léxico como conhecimento, em oposição à visão tradicional do léxico como vocabulário.

A proposta do Gerativismo teve início com as ideias chomskianas da língua como fator biológico, estrutural racional, universal e inerente ao ser humano. Restou, então, às pesquisas linguísticas, estudar a competência ou as regras que regem a operação de uma língua, em detrimento do desempenho que seria o uso efetivo dessa língua.

A noção de competência, abrindo espaços para estudar as regras, legou ao léxico uma posição marginal, pois ele não obedecia aos princípios formais que regulam os fenômenos linguísticos. Assim, ao léxico é atribuída assistemática, sendo ele considerado como “[...] uma lista de exceções: tudo que não segue os princípios gerais”¹ (CHOMSKY, 1995, p. 235, tradução nossa). Os gerativistas terão, com relação ao léxico, um interesse limitado, como assegura Basílio (2010), quando informa que a atenção desses estudiosos reside

na determinação das regras lexicais e no estabelecimento de proposições descritivas falseáveis sobre as construções possíveis, de modo que seu centro de interesse não está no conjunto de palavras existentes numa língua. (BASÍLIO, 2010, p. 2).

¹ “a list of ‘exceptions’ whatever does not follow from general principles” (CHOMSKY, 1995, p. 235).

A abordagem dada à linguagem a partir da proposta do cognitivismo se contrapõe à perspectiva do gerativismo. Assim, assegura Silva (1997, p. 67):

A Gramática Gerativa interessa-se pelo conhecimento da linguagem (tomando-a, portanto, não como meio, mas como objecto da relação epistemológica) e procura saber como é que esse conhecimento é adquirido, ao passo que a linguística cognitiva interessa-se pelo conhecimento através da linguagem e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo.

A abordagem do léxico dentro da perspectiva da Linguística Cognitiva constitui um novo capítulo na história das teorias linguísticas. Sendo essa abordagem a base para este artigo, ela receberá enfoque na próxima seção.

LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva, doravante LC, surge nos finais dos anos 1970 como resposta a questões relacionadas ao estudo do significado dentro do paradigma da Linguística Gerativa, iniciado por Chomsky nos anos 1960. Como observa Silva (1997), alguns pressupostos norteadores da Teoria Gerativa são criticados por dissidentes desse programa de pesquisa, como, por exemplo, George Lakoff, Charles Fillmore, Ronald Langacker, Leonard Talmy. Tais autores são contrários, não à hipótese do inatismo, pois reconhecem que há aspectos envolvendo a linguagem que, possivelmente, são inatos aos seres humanos, o que certamente possibilita-nos usarmos a língua diferentemente dos outros seres vivos (SILVA, 1997); antes, discordam de

que essa habilidade esteja relacionada única e exclusivamente a uma faculdade da linguagem e que esta seja um módulo que age de forma independente dos demais módulos, como a percepção, memória e raciocínio lógico e matemático. Assim, para a LC, as capacidades cognitivas básicas aos seres humanos, como a capacidade sensório-motora, bem como a categorização, estão correlacionadas à competência da linguagem humana. Para comprovar essa tese, lança-se mão do estudo das estruturas linguísticas a fim de formular e ampliar os conhecimentos sobre os princípios cognitivos básicos e como estes atuam na mente humana. Como salienta Gibbs, a LC

busca a correspondência entre o pensamento conceitual, a experiência corporal e a estrutura linguística, e [...] procura descobrir os verdadeiros conteúdos da cognição humana.² (GIBBS, 1996, p. 49, tradução nossa).

Assim sendo, são temas de pesquisa do interesse da LC a conceptualização, enquanto construção de sentidos a partir de mecanismos cognitivos básicos (metáfora; metonímia; esquemas de imagens; ajuste focal); os processos de organização do conhecimento (a categorização; os protótipos; os *frames*; os modelos cognitivos idealizados); a interface entre sintaxe e semântica ou morfologia e semântica, a partir do estudo da forma e do significado; os aspectos pragmáticos, sociais, interacionistas ligados à experiência da língua em uso; questões de ordem epistemológica acerca da relação entre a linguagem e o pensamento humano; e, por fim, relação entre a cognição e a aquisição da linguagem.

² “seeks correspondences between conceptual thought, bodily experience, and linguistic structure, and [...] it seeks to discover the actual contents of human cognition” (GIBBS, 1996, p. 49).

Sobre a posição filosófica e epistemológica que dá suporte aos estudos em LC, Lakoff e Johnson (2002), na obra clássica *Metáforas da vida cotidiana*, fornecem bases que confirmam a tese filosófica do *experientialismo*. Tal concepção advoga que o sistema conceitual humano é formado por aspectos inatos e, também, por aspectos aprendidos socioculturalmente. Esta proposta contraria uma das principais dicotomias clássicas fundadoras do pensamento ocidental, a dicotomia empirismo *versus* racionalismo, exatamente por propor que alguns traços do conhecimento são inatos e outros são adquiridos. A noção do experientialismo encontra apoio junto ao conceito de mente Lakoff e Johnson (2002, 1999), e Lakoff (1987) propõem a partir dos estudos envolvendo as ciências cognitivas gerais e o estudo da linguagem humana. Por meio de dados empíricos, eles comprovaram a natureza metafórica do sistema conceitual humano, apontando para o fato de que a clássica separação entre mente e corpo não se sustenta, pois a mente humana é corporificada, ou seja, a linguagem, enquanto sistema mental, é reflexo da interação do corpo com um mundo real. Sobre a mente corporificada, afirma Ferrari que a visão experientialista da LC

encara a experiência como resultado de estruturas cognitivas e sensório-motoras corporificadas que geram significado através de interações permanentes com ambientes em constante mudança. A experiência é sempre um processo interativo, envolvendo restrições fisiológicas e neurais do organismo tanto quanto ganhos característicos do ambiente e de outras pessoas para criaturas com nossos tipos de corpos e cérebros. (FERRARI, 2009, p. 25).

A partir dessa perspectiva filosófica, borram-se as fronteiras entre conhecimento enciclopédico e conhecimento linguístico;

significado literal e significado figurado; semântica e pragmática; e gramática e léxico (CUENCA; HILFERTY, 1999), adotando-se, em alguns pontos, uma abordagem construcionista que leva em consideração o caráter do contínuo entre as partes. Feltes (2007, p. 77), a partir da leitura de Langacker (1999), estabelece aqueles que passam a ser considerados na análise linguística os seguintes fatores: ambientais, por fornecerem base para experiência; psicológicos e biológicos, devido à própria natureza da linguagem, devendo ser confrontadas as evidências já estabelecidas com os dados; desenvolvimentais, para se pensar no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem; históricos, pois a língua está sempre em constante mudança; e socioculturais, pois a linguagem é, antes de tudo, instrumento de comunicação de uma dada cultura e esse fato é refletido na estrutura linguística.

Sobre os aspectos léxico-gramaticais-semânticos das línguas humanas, dentro da perspectiva da LC, Almeida *et al.* (2010, p. 17) aponta para a

hipótese da motivação conceptual da gramática, segundo a qual fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados a partir de mecanismos cognitivos mais gerais [...], a rigor uma aposta filosófica de espessura apreciável, é a de que a estrutura léxico-gramatical das línguas naturais em alguma medida reflète a estrutura do pensamento.

Tal pensamento corrobora com os fundamentos e princípios básicos anteriormente e fundamentam uma investigação que se distancia da análise puramente estrutural e da leitura simplesmente generalista:

A LC adotou uma concepção de gramática que se afasta muito da imagem construída pelos pesquisadores

alinhados à Teoria Gerativa. Nessa nova concepção, a gramática é entendida, fundamentalmente, como uma rede de unidades simbólicas. Tais unidades, chamadas de construções gramaticais, se caracterizam por apresentar um polo formal associado a um polo semântico/pragmático/discursivo/funcional. (ALMEIDA *et al.*, 2010, p. 18).

A ideia da Gramática das Construções teve início em Berkeley (1984), durante o encontro anual da Sociedade de Linguística, e apresenta-se em diferentes vertentes³ desenvolvidas, sobretudo por Adele Goldberg a partir do trabalho de George Lakoff (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; 2006), sendo um modelo que propõe que as expressões linguísticas constituam unidades simbólicas da língua por meio da correspondência entre forma e significado (SALOMÃO, 2009). Esse modelo de análise gramatical não distingue léxico, morfologia e sintaxe, pois as regras de composição destes podem ser observadas em todos os níveis, formados a partir de uma rede de unidades simbólicas que materializam processos cognitivos e refletem padrões de pensamento (BASÍLIO, 2010).

Ao compreender a língua desta maneira, como uma rede de unidades simbólicas (pareamentos de forma e significado), a Gramática Cognitiva (GC) se difere das diferentes abordagens de análise léxico-gramatical conhecidas, como o Estruturalismo e o Gerativismo, pois ambiciona e habilita a análise de toda e qualquer construção existente na língua, por considerar a relação entre esquemas sintáticos abstratos associados diretamente a valores semântico-pragmáticos que, juntos,

³ As principais propostas são: Construction Grammar de Fillmore e Kay (1993); Radical Construction Grammar de Croft (2001); Embodied Construction Grammar de Bergen e Chang (2005); Grammatical Blending, a proposta de Mandelblit (1997); e a Gramática Cognitiva de Langacker (1987). Todas, por seus turnos, abordam a relação entre gramática e léxico, a partir da perspectiva da LC.

formam o que se entende por *construção gramatical*. Isso pode ser observado em exemplos como “Vem pra rua, Brasil!” ou “Vem pra Caixa, você também!” que se revelam como construções imperativas alicerçadas pelo padrão sintático da construção gramatical de inversão de sujeito no português brasileiro (PB) [Verbo-Sujeito] associada a uma urgência semântica-pragmática-funcional-discursiva da qual os falantes do PB fazem uso.⁴

Esse ponto de vista implica o fato de que são consideradas, então, como construções, as unidades lexicais como *sala*, representada por [N], ou *a sala*, [Art. – N] – em que [N] significa nome e [Art – N], artigo acompanhado de nome – ou a construção transitiva do português *Alice comprou o bolo* [SN1 V SN2] – em que [SN] significa sintagma nominal e [V] verbo – até construções mais específicas e idiomáticas como a Construção Condicional Universal [QUEM P, Q] como em “*quem espera sempre cansa*” ou “*quem menos corre, voa*”, pois todas, sem exceção, apresentam um polo formal associado a um polo semântico-pragmático, sendo que o sentido não será previsível a partir de simples regras de composição ou a soma de suas partes. Serve como exemplo a construção [N + eiro] no português, que dá origem a formas como *carcereiro* e *prisioneiro*, com significados que não podem ser previsíveis apenas pelo polo formal, já que a polissemia (polo semântico) fornece alicerce para que ambos os elementos lexicais se relacionem e que seu todo seja maior do que a soma das suas partes. Para a representação do conhecimento linguístico do falante, serve como base o esquema do *continuum* entre léxico e gramática, desde padrões completamente fechados, como o esquema da construção nominal [N], àqueles inteiramente abertos, como a

⁴ Tais construções foram estudadas por Pinheiro (2013) em sua tese de doutoramento, intitulada *A inversão do sujeito no português brasileiro: uma abordagem cognitivista*.

construção bitransitiva [SUJ V OD OI] – em que SUJ é sujeito, V corresponde ao verbo, OD ao objeto direto e OI ao objeto indireto.

Assim, a língua é compreendida como um complexo conjunto de construções que se relacionam formando uma rede, e seu significado simbólico, de acordo com Silva, é dinâmico, flexível, enciclopédico,

graças à categorização por protótipos, pelo que se adapta facilmente ao contexto e se organiza em redes radiais, esquemáticas e multidimensionais; [...] remetendo sempre para domínios conceptuais ou *frames* que vão para além da palavra. (SILVA, 2015, p. 185).

O falante, por seu turno e levando em consideração a motivação conceptual da gramática, memoriza e armazena esses conhecimentos, projetando-os em novas construções e em novos meios de vinculação.

Com base na Gramática das Construções e nas demais teorias da Linguística Cognitiva, a tarefa analítica deste trabalho é investigar o polo semântico/pragmático/discursivo/funcional das construções adjetivas [FELIZ DIA DO X] na Língua Portuguesa, observadas em textos que circulam em redes sociais.

O PERCURSO DE FORMAÇÃO DOS DADOS PARA O ESTUDO

Sobre os trabalhos desenvolvidos na LC, Cuenca e Hilferty (1999, p. 19, tradução nossa) assegura: “O estudo da linguagem não pode ser separado de sua função cognitiva e comunicativa, o qual

impõe um enfoque baseado no uso”⁵. Desta feita, não nos desviamos das considerações dos referidos autores quando damos enfoque aos dados de interpretação baseados em usos linguísticos, sendo datados, localizáveis e de atestado reconhecimento pelos falantes da Língua Portuguesa, isso porque os dados dos quais tratamos neste trabalho são encontrados em rede sociais e formulados para serem compartilhados por meio de mensagens e postagens.

Ainda referentemente às questões relacionadas à abordagem metodológica dentro da LC, aplica-se, neste estudo, uma pesquisa descritiva de caráter exploratório, com base numa abordagem qualitativa, por considerar que o fator preponderante é a produção de informação sobre a construção gramatical, analisada em *corpus* escrito, e não sua quantificação em números. Entretanto, por caráter organizacional e buscando-se comprovar a recorrência do fenômeno analisado, recorre-se à quantificação dos dados; além disso, trabalha-se com a perspectiva de natureza bibliográfica e documental, tendo em vista que as conclusões desta pesquisa baseiam-se em conhecimentos previamente levantados; e é, também, uma pesquisa interpretativa, pois nossos conhecimentos enquanto falantes emergem no ato da leitura e interpretação, guiando as nossas conclusões a possibilidades de concatenação entre proposições teóricas e interpretações.

Os dados hoje disponíveis oferecem ao pesquisador duas posições: considerar ou ignorar o efeito oriundo das redes sociais *on-line* no processo de criação e recriação linguísticas. Os que optam pela primeira posição consideram os efeitos, em redes sociais *on-line*, da criatividade e a produtividade nas construções de significado – ou, em termos da LC, nas conceptualizações. Em se tratando

⁵ “el estudio del lenguaje no puede separarse de su función cognitiva y comunicativa, lo cual impone un enfoque basado en el uso”. (CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 19).

da variedade de linguagens e códigos de que dispõem os usuários da língua nessas redes, encontram-se os textos mono e multimodais, como as charges, os quadrinhos e os *memes*. No caso em questão, consideramos as redes sociais como terreno fértil para manifestações criativas e inovadoras por parte dos escreventes.

FELIZ DIA DO: LEITURA E ANÁLISE DOS DADOS

A Gramática das Construções encontra-se em pleno desenvolvimento nos trabalhos realizados em território brasileiro, seguindo, além das diversas proposições teóricas a partir da noção básica da relação simbólica da linguagem, também a consideração da premissa do pareamento entre forma e significado desde os itens lexicais até as construções sintáticas abstratas. Pinheiro (2015, p. 170) informa três possibilidades de pesquisa na abordagem construcionista: a) estudo de construções particulares ou famílias de construções, como o estudo das construções argumentais (Goldberg, 1995), idiomáticas ou de estrutura informacional; b) estudo de construções que apresentam alternâncias sintáticas e diferenças semântico-pragmáticas – por exemplo, estudo das construções transitiva ativa, medial, passiva e absoluta – e das conceptualizações que estas traduzem; c) estudo da coerção e da interação item-construção, ou seja, o estudo da relação entre os itens lexicais e as construções sintáticas. Nesta pesquisa, parte-se de duas possibilidades das apontadas por Pinheiro (2015): o estudo de construções particular e a interação entre item-construção, correlacionando-se os demais aspectos advindos das outras ilhas que compõem o arquipélago teórico da LC.

A construção adjetiva de felicitação em língua portuguesa é uma estrutura que se encontra no limbo entre o padrão completamente fechado e o padrão completamente aberto. Essa construção armazenada no cérebro dos participantes de redes sociais apresenta uma estrutura que pode ser descrita em termos de [Adjfeliz SNdia SPdo X]. É comum em português o uso dessa construção nas expressões “Feliz dia do professor”, “Feliz dia dos pais”, “Feliz dia das mães”, “Feliz dia da mulher”. Observa-se, então, que, em tais exemplos, a construção é parcialmente preenchida, com estrutura complexa; e a variável *X* corresponde ao caráter aberto dessa construção.

No *corpus* deste trabalho, encontram-se construções adjetivas de felicitações acerca do dia do professor, do irmão, das mães, do amigo, dos pais e dia da mentira. Em todos os casos, observa-se que a variável é preenchida com orações formadas por expressões de base sociocultural, a partir da metonímia PARTE PELO TODO, com base num estereótipo, explicitado por um enunciado representativo, ou seja, um recorte cognitivo dos elementos proeminentes num determinado modelo cognitivo idealizado, além de ter base perspectivista da relação entre indivíduos. Como veremos a seguir:

Dia do professor

- (1) Feliz dia do copiem rápido, já vou apagar.
- (2) Feliz dia do é para deixar quantas linhas?
- (3) Feliz dia do é pra copiar?
- (4) Feliz dia do que dia é hoje?
- (5) Feliz dia do vale quantos pontos?
- (6) Feliz dia do dá para repetir tudo do começo?
- (7) Feliz dia do vai cair na prova?
- (8) Feliz dia do por que o senhor nunca falta?
- (9) Feliz dia do pode ser em dupla?

Nas sentenças de (1) a (9), as construções se referem e foram postadas no dia do professor, comemorado no Brasil na data de 15 de outubro. A construção [FELIZ DIA DO X] apresenta-se a partir de orações que representam um enunciado prototípico dentro de determinado modelo cognitivo idealizado. O conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (doravante, MCI) foi proposto por Lakoff (1987) ao utilizar do conceito de *Gestalt* para explicar aspectos importantes da cognição humana, como os efeitos prototípicos (FELTES, 2007). O MCI pode ser definido como conhecimento construído a partir das representações cognitivas e estereotipadas de base cultural.⁶

A TMCI se relaciona com a Semântica Cognitiva desenvolvida por Lakoff e Johnson (2002) para explicar o processo de significação. Tal processo é o centro dos estudos em LC; por sua vez, Lakoff (1987, p. 292, tradução nossa) informa que o significado

não é uma coisa; envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significação deriva da experiência do funcionamento como um ser de certo tipo em um meio ambiente de certo tipo.⁷

Tais construções são significativos elementos do *frame* ou enquadre no qual é construído o MCI da *sala de aula*. Comumente, entende-se que; numa sala de aula, encontram-se o professor em interação com os alunos, assim, os exemplos em questão materializam

⁶ Segundo explica o próprio Lakoff, no capítulo 4 da obra *Women, fire and dangerous things* de 1987, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) se baseia nos estudos da Semântica de *Frames* de Fillmore (1982); na Teoria da Metáfora e Metonímia de Lakoff e Johnson (2002); na Gramática Cognitiva de Langacker (1986); e na Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1985); e forneceu base para o desenvolvimento da Gramática das Construções de Adele Eva Goldberg (1995).

⁷ “Is not a thing: it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort” (LAKOFF, 1987, p. 292).

dois ajustes focais distintos para cada um dos enunciados: no primeiro caso, a variável do esquema construcional é preenchida com “copiem rápido, já vou apagar”; esse enunciado explicita que o ajuste focal ficou restrito ao papel do professor em sala de aula e ao enunciado que ele profere ao concluir anotações no quadro. Esse fato torna válida a noção de que a base pragmática se constitui como elemento fundamental na interpretação do significado não composicional.

Observando os exemplos de (2) a (9), percebemos que o ajuste focal muda de direção. Já não estamos diante do enunciado proferido pelo professor: dessa vez, ele está ouvindo as perguntas rotineiras de seus alunos. No MCI da sala de aula, os alunos são estereotipados como pessoas que estão sempre com dúvidas e questionamentos. Assim, os elementos que preenchem a variável *X* no esquema construcional apresentado são enunciados que correspondem a falas: no primeiro caso, a uma fala pronunciada pelo professor; nos demais, a falas ouvidas por ele. Esse tipo de construção ainda ocorre quando os membros da família estão no centro da questão, como nos exemplos a seguir:

Dia do irmão / dos pais / das mães

- (10) Feliz dia do ou você me dá ou vou falar para mãe que você me bateu.
- (11) Feliz dia do pergunta para sua mãe.
- (12) Feliz dia do quando chegar em casa a gente conversa.
- (13) Feliz dia do se correr vai ser pior.
- (14) Feliz dia do eu não vou falar de novo, na próxima você apanha.
- (15) Feliz dia do quando eu morrer vocês vão dar valor.
- (16) Feliz dia do tudo eu nessa casa.
- (17) Feliz dia do se eu for aí e achar vou esfregar na tua cara.

O aspecto semântico-pragmático que envolve a variável X nos exemplos (10) a (17) diz respeito ao MCI da família e dos seus componentes e são fundamentais na construção do sentido que reelabora a felicitação do dia de cada membro representado. O dia do irmão é comemorado, no Brasil, na data de 5 de setembro; o dia dos pais, no segundo domingo de agosto; e o dia das mães, no segundo domingo de maio: essas são, aqui, as datas comemorativas representadas.

Na construção “FELIZ DIA DO ou você me dá ou vou falar pra mãe que você me bateu”, encontramos um estereótipo do irmão dentro do MCI da família composto por pai, mãe e filhos. Nesse caso, há o apoio na metonímia ENUNCIADO PELO FALANTE (PARTE PELO TODO). O estereótipo, enquanto elemento sociocognitivo, define expectativas acerca dos elementos constituintes do MCI e acerca das suas atitudes (LAKOFF, 1987). A construção do estereótipo do irmão dentro do domínio cognitivo da família é alimentada pela metonímia PARTE PELO TODO, no qual um comportamento, culturalmente saliente, ao qual alguns irmãos podem aderir quando disputam por algum objeto ou espaço, serve como base para caracterizar todos dessa classe. Assim, conseguimos construir a informação semântico-pragmática do DIA DO IRMÃO a partir do enunciado estereotípico relacionado a ele.

O dia dos pais é retomado a partir do enunciado: “FELIZ DIA DO pergunte pra sua mãe”. Para a construção do aspecto semântico-pragmático, toma-se como estereótipo o pai negligente, que abdica da sua responsabilidade, passando para a mãe as decisões sobre a vida do filho. Novamente, o estereótipo confirma-se como um importante elemento sociocognitivo na construção do significado que circula entre os falantes, visto que é possível ter acesso ao DIA DOS PAIS pela frase que representa esta classe. Apresenta-se, mais uma

vez, a metonímia PARTE PELO TODO, no qual o enunciado caracteriza o falante, que, por seu turno, serve de protótipo para toda a classe.

No que se refere aos exemplos (12) a (17), usados para o dia das mães, podemos observar que há uma quantidade acentuada de enunciados que caracterizam diversos estereótipos de mães. Assim temos para “FELIZ DIA DO quando chegar em casa a gente conversa / se você correr será pior / eu não vou falar de novo, na próxima você apanha / se eu for aí e achar, vou esfregar na sua cara”, o estereótipo da mãe que ameaça e pune os seus filhos de acordo com seus erros; em “você não é todo mundo / é de casa pra escola, da escola pra casa” o estereótipo da mãe cuidadora, que protege a seus filhos; em “quando eu morrer vocês vão dar valor / tudo eu nessa casa” temos o estereótipo da mãe queixosa dos trabalhos domésticos ou do pouco valor que recebe em casa e assim por diante. Independentemente do estereótipo representado, podemos afirmar que são socialmente reconhecidos e contribuem para acessar imagens da figura materna que, generalizados, fornecem base para que a construção FELIZ DIA DO X (mães) seja compreendida pelo falante.

Dia do amigo

(18) Feliz dia do “me manda o *print* da conversa”

(19) Feliz dia do “pede para minha mãe, se eu pedir ela não deixa”

O dia do amigo é comemorado no Brasil no dia 20 de julho. Nos exemplos (18) e (19), a variável X da construção foi preenchida por duas frases: “me manda o *print* da conversa” / “pede para minha mãe, se eu pedir ela não deixa”. A estruturação do sentido ocorre a partir do estereótipo dentro do domínio cognitivo da relação

interpessoal de amizade. Socialmente, o sentido ativado pela palavra “amigo” requer o acionamento do conhecimento que se circunscreve em torno desse domínio cognitivo. A variável, enquanto enunciado metonímico que remota a parte da interação social entre dois amigos, serve como acesso ao elemento “amigo”, construído a partir do protótipo de amigo como aquele a quem confidenciamos os nossos segredos, contamos informações íntimas, inclusive, mostrando *prints* de conversas pessoais (captura, em forma de imagem, da tela do computador ou do *smartphone*, permitindo a leitura do elemento *printado*). O *frame* da amizade é recortado a partir do ajuste focal nos segredos compartilhados, no primeiro exemplo deste ponto.

Em (19), o ajuste focal recai sobre a seguinte situação hipotética: dois amigos conversam enquanto um deles faz um convite ou pedido, esse pedido será negado pela mãe do outro; porém, caso o próprio amigo peça, a mãe liberará. Há, então, outro tipo de enquadre na relação de amizade, que é o significado dela na interação com outros. O protótipo de amigo seria aquele em quem os pais confiam e, por isso, não negam a ele um pedido. Observa-se que o estereótipo é compartilhado socialmente e pode ser livremente acessado por falantes da língua portuguesa que conheçam essas relações sociais dentro dos domínios experienciais cognitivos idealizados.

Dia da mentira

(20) Feliz dia do: prometo que vai ser só a cabecinha.

Na última parte constituinte do *corpus*, temos a variável X da construção adjetiva de felicitação: “prometo que vai ser só a cabecinha”, representando, metonimicamente, o dia da mentira. A alusão ao dia da mentira ocorre a partir de conhecimentos e estereótipos acerca do papel masculino no ato sexual: afirma-se isso

por se levar em conta o critério semântico-pragmático da metonímia PARTE PELO TODO: o aspecto verbal da variável *X* retoma parte do órgão sexual masculino.

Entende-se, estereotipadamente, que o papel do homem na relação sexual é convencer a sua contraparte à realização do ato e conduzir o sexo, a partir da introdução do seu órgão sexual. Ainda que essa dualidade no ato sexual não seja universal e natural, a construção dos papéis sociais sobre a atividade sexual ocorreu dessa maneira ao longo da história. Em algum ponto dessa história, a seguinte situação se tornou socioculturalmente marcada: durante as preliminares sexuais, o homem avisa à parceira ou parceiro (aquela ou aquele que for, a quem interpreta, prototípico como contraparte na relação sexual) que só irá introduzir a parte inicial do membro sexual, sem, propriamente, isso acarretar numa relação; contudo, uma vez introduzido o órgão, a relação sexual ocorre, constituindo-se então como uma mentira que circula socialmente a partir do modelo cognitivo da relação sexual, com ajuste focal na penetração ou não penetração. Assim, dentro do modelo cognitivo da mentira, tem-se o enunciado “prometo que vai ser só a cabecinha” como representativo da categoria, ou seja, o protótipo de mentira nesse domínio cognitivo.

O motivo pelo qual foi escolhido esse domínio para focalizar a mentira pode ser explicado com base no fato de que o sexo atravessa, em algum ponto, a vida de todos os seres humanos, sendo essencial para a existência e procriação da vida; dessa forma, os aspectos semântico-pragmáticos da relação sexual são socioculturalmente salientes a todos ou quase todos e, por isso, serve como enunciado metonímico para representar o dia da mentira, comemorado nacionalmente na data de primeiro de abril.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com as análises empreendidas neste trabalho, é possível confirmar a hipótese de que o modelo cognitivo metonímico constrói protótipos com base nos estereótipos sociais, pelos submodelos e exemplos típicos, entre outras maneiras (LAKOFF, 1987). Além desse fato, observa-se que o interessante no tipo de análise léxico-gramatical empreendido é que as fronteiras rígidas entre léxico e gramática, delimitadas por teorias anteriores à LC, deixam de existir. Observou-se, também, que o papel do enunciado que completa a variável *X* na construção adjetiva de felicitação é fundamental para a construção do *frame* representado e recortado metonimicamente; e sua motivação é fundamentalmente sociocognitiva, advinda do processo histórico-cultural de construção de conhecimento que se tem sobre as estruturas do mundo.

Constatou-se que, de fato, o sistema conceptual humano é complexo e formado, além das metáforas conceptuais, por metonímias que servem à categorização, como informaram Lakoff e Johnson (2002). Como o modelo de análise se baseia nos usos linguísticos, verificou-se que os exemplos utilizados são representativos, não só pela quantidade (foram arrolados mais de 20 exemplos e escolhidos 8 para a análise), como também, pela alta produtividade na era de propagação das redes sociais. Esse fato evidencia o papel da sociedade e das redes sociais *on-line* e a pressão que elas exercem sobre a configuração e a reconfiguração da realidade.

Finalmente, buscamos acentuar a relação entre o modelo de análise da GC e os procedimentos teórico-metodológicos da LC, identificando o papel da metonímia na esquematização da construção adjetiva de felicitação. Para além do *corpus* selecionado,

encontram-se ainda, multimodais com os mesmos exemplos escritos, que, a partir das suas configurações pictóricas, atestam o fato de que a habilidade cognitiva humana de conceptualizar perpassa os diferentes níveis de apresentação, do imagético ao verbal.

Espera-se que, com este trabalho, os objetivos para a discussão acerca do polo semântico-pragmático da construção analisada tenham sido alcançados e forneçam algum entendimento sobre os processos de constituição do conhecimento dos falantes e a relação com os aspectos léxico-gramaticais da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. *et al.* Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de *et al.* *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010. p. 15-52.
- BASÍLIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 11-26, dez. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2XRPKgi>>. Acesso em: 4 maio 2017.
- BERGEN, Benjamin; CHANG, Nancy. Embodied construction grammar in simulation-based language understanding. In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (org.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: Jonh Benjamins, 2005. p. 147-190.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001. p. 13-22.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1967.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presenla; São Paulo: Ed. da USP, 1979.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1985.

FELTES, Heloisa Pedrosa de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, Lilian Vieira. A Linguística Cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 23-29, 2009.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul. *Construction grammar*. Berkeley: University of California, 1993.

GIBBS, Raymond W. What's cognitive about cognitive linguistics? In: CASAD, Eugene H. (ed.). *Cognitive Linguistics in the Redwoods: the expansion of a new paradigm in Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. p. 27-53.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions At Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: Maria Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LANGACKER, Ronald W. *Grammar and Conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

MANDELBLIT, Nili. *Grammatical Blending: Creative and Schematic Aspects in Sentence Processing and Translation*. Thesis (Doctor of Philosophy) – University of California, San Diego, 1997.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

PINHEIRO, Diogo. *Inversão do sujeito no português brasileiro: uma abordagem cognitivista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PINHEIRO, Diogo. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-184.

RIO-TORTO, Graça. Léxico, gramática e processamento. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: Edufba, 2015. p. 367-394.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. *In*: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 33-74.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

SILVA, Augusto Soares da. Léxico, cognição e contexto: saliência, conceptualização situada e evidência quantitativa. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: Edufba, 2015. p. 185-216.

TEIXEIRA, José. O léxico também usa Prada? Léxico, cognição e publicidade. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: Edufba, 2015. p.279-314.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

A MORFOLOGIA HISTÓRICA E A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: ENCONTROS E DESENCONTROS

Juliana Soledade

Quando se pondera sobre Linguística Histórica (LH), em geral, pensa-se em mudança linguística, que talvez tenha sido o objeto central dessa disciplina em sua origem. Contudo, observando os rumos que a LH tomou, através dos trabalhos produzidos na Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo Programa para história da língua portuguesa (Prohpor), Mattos e Silva apontou para a possibilidade de uma Linguística Histórica *lato sensu*, que daria conta da descrição de estágios pretéritos da língua, sem ter como foco a observação da mudança em percurso diacrônico.

O tema deste trabalho não é a extensão desse debate, mas sim a Morfologia Histórica. O fato é que o nosso entendimento do que seria LH mudou, como também mudou o próprio conceito de História entre historiadores. Em *História e memória*, o historiador francês Jacques Le Goff (1990) apresenta as reflexões de Marc Bloch – com as quais concorda –, que se mostra contrário à abordagem da

História como ciência que investiga o passado, preferindo entendê-la como a ciência que estuda o homem nos tempos.

Em relação à Linguística especificamente, destaca-se o pensamento de Maria Clara Paixão de Sousa, no texto “Linguística Histórica” (2006) em que coloca em questão a tradição dos estudos linguísticos de considerar que a Linguística Histórica é a disciplina que se interessa por dados passados da língua e por como ela muda com o passar dos tempos. Essa autora considera que a LH deve se alinhar às agendas da História e se interessar por qualquer observação da língua situada historicamente. Complementando essa argumentação, Mattos e Silva (2008) vai mais adiante e propõe que a LH seja a área da Linguística que trabalha com dados datados e localizados, podendo investigar estritamente a mudança linguística. Assim, passa-se a assumir que a LH se interessa também por dados sincrônico-contemporâneos das línguas, desde que disponham de fontes (*corpora*) que possam ser marcadas em seu tempo histórico.

Desse modo, a Morfologia em perspectiva histórica supera a proposta da Morfologia Diacrônica, de Joseph (1998), voltada essencialmente para as questões atinentes às mudanças, e passa a admitir em seu seio qualquer estudo de dados datados e localizados.

Mas, se se trata como Morfologia Histórica a reflexão sobre dados diacrônicos – e sincrônicos –, em que esse tipo de morfologia difere da lexical ou de outras perspectivas? A resposta é que, essencialmente, assume-se que todo estágio sincrônico de uma língua é consequência de etapas anteriores ao momento pesquisado, ou seja, não se admite que a língua possa ter uma descrição absolutamente sincrônica, pois se considera improdutivo desprezar as informações de natureza histórica para a compreensão de fenômenos sincrônicos.

SINCRONIA *VERSUS* DIACRONIA NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS

Pretende-se, nesta seção, apontar alguns exemplos que ilustram a inter-relação entre presente e passado nas abordagens de alguns fenômenos morfológicos, a fim de defender a ideia de que uma Morfologia histórica tem muito mais a nos dizer que uma a-histórica.

Destaca-se, em primeiro lugar, o exemplo do plural dos nomes terminados com o ditongo nasal *-ão*. No olhar sincrônico, há três possibilidades morfofônicas de realização: *-ãos*, *-ães* e *-ões*. Mas, o que a grande maioria dos falantes não sabe é que isso decorre do fato de que, na passagem do latim vulgar ao português, o sistema fonológico foi alterado, com a queda da consoante nasal [n], quando em posição intervocálica. Isso gerou uma série de ditongos nasais, que, por processos assimilatórios e dissimilatórios, acabaram por convergir no ditongo nasal *-ão*. Contudo, o plural desses nomes resguardou a forma etimológica latina, obedecendo a regra da síncope do [n] intervocálico, como se pode ver nos exemplos em 1 a 3:

- (1) *leones* > *leões*
- (2) *manus* > *mãos*
- (3) *panes* > *pães*

Embora se possa argumentar que muitas palavras do português contemporâneo terminadas em *-ão* não são herdadas do latim, isso não descarta uma explicação histórica mais aprofundada, uma vez que os falantes dispõem de três esquemas construcionais para a instanciação do plural dos nomes em *-ão* e, por sua vez, isso só se

explica, recuando a investigação ao processo de formação da língua portuguesa.

Um olhar estritamente sincrônico sobre formas como *leão/leoa* poderia buscar explicações morfofonológicas para o *-o* que se apresenta na forma *leoa*, mas qualquer explicação que se possa aventar é simplesmente falseável pela explicação histórica *leona* > *leõa* > *leoa*. Devemo-se partir do princípio de que a língua é um misto de inovação e conservação, mas, em cada sincronia, o uso de formas herdadas será sempre muito superior ao de formas criadas.

Outro caso exemplar é o advindo da gramaticalização do substantivo latino *mens, mentis*, que nos deu o substantivo *mente* e originou o sufixo formador de advérbios *-mente*. Durante muito tempo, na morfologia lexical do português, debateu-se um meio de explicar o *-a* que seria depreendido na segmentação mórfica de advérbios como:

(4) bafonicamente > *bafonic-a-mente

Em estudo sobre o processo de gramaticalização do sufixo *-mente*, Ione Pereira dos Santos (2014) aponta que, no período arcaico da língua portuguesa, o processo de afixação ainda estava em curso, havendo ocorrências em que o formativo *mente* ocorria como forma adjunta mas não afixada, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(5) *E lançouse ã | oraçom e orou muy perlongada mente. (DSG-fl27v-c2) (XIV)*

(6) *E todos | aquelles queo seguem deuota |mente som juntos cõ elle per deuaçõ. (DSG-fl34 v-c1) (XIV)*

O que se sabe historicamente é que *mens, mentis* era um substantivo feminino, portanto, só poderia ser acompanhado de adjetivos femininos. Assim, quando se deu a gramaticalização, o processo derivacional de formação de advérbios de modo herdou esse modelo de construção: adjetivo feminino + sufixo *-mente*.

Desse modo, o esquema construcional que o português herdou para formações de advérbios de modo já está condicionado ao emprego de adjetivos femininos:

$$[X_{\text{adjF}}\text{-mente}]_{\text{Adv}} \leftrightarrow [\text{modo de } X_{\text{adjF}}]_{\text{Adv}}$$

Um terceiro exemplo para demonstrar o papel da história na sincronia trata não só de história interna, mas também de externa e tem relação com a antroponímia. Diz respeito ao trabalho de conclusão de curso de Rodrigues (2016) sobre os neologismos de nomes próprios no Brasil. Durante a pesquisa, foram feitas duas descobertas interessantes.

Primeiro, observou-se que é patente a recorrência de estruturas biformativas, tanto com o emprego dos temas do léxico comum, como *Brisamar, Luzimar, Mariluz, Rosaflor, Rosaluz*, quanto com o emprego de formativos próprios do sistema onomástico pessoal, como *Cristinaldo, Carlealdo, Franclidean, Julisson, Narajulia, Analice*; ou, ainda, combinações de temas comuns com formativos antroponímicos, como *Analuz, Flormaria, Luzana e Luzemilia*.

Ao que tudo indica, a opção por neologismos de estrutura biformativa tem paralelo com os nomes de origem germânica que entram no sistema antroponímico do português na Idade Média (sobretudo entre os séculos IX e XIII). Piel (1989) explica que o sistema de nomeação germânico, assim como o grego e o indo-europeu, normalmente utilizava uma formação bitemática, em que

dois elementos do léxico comum se unem para formar um composto personativo, como no caso de *Teodorico* (*Teodo* “povo” + *rikus* “rico, poderoso”), podendo o segundo componente ser amputado (*Teoda*) ou substituído por um sufixo (*Teod-* + *-ila*).

Quadro 1 – Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos

ADALFREDO: do germânico <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>frid</i> , al. mod. <i>Friede</i> , <paz>
ADALBERTO: do germânico <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>bertho</i> , <brilhante>
ARNALDO: do germânico <i>Aar</i> , <águia> e <i>wald</i> , <forte, potente>

Legenda: al. mod = alemão moderno

Fonte: Rodrigues (2016).

A segunda descoberta é que muitos dos formativos de nomes germânicos continuam a ser usados para formar novos nomes no Brasil, ou seja, elementos mórficos de nomes da tradição germânica (que entram no Brasil via colonização portuguesa e, depois, via contatos culturais com o francês e com o inglês) apresentam alta vitalidade no sistema antroponímico do Brasil.¹

- Elementos da margem direita (com especificação de gênero):

[X-berg]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero masculino]_{NP}

Ex.: *Ivanberg* e *Jhosemberg*.

[X-(i/e)lma]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero feminino]_{NP}

Ex.: *Delma* e *Gracielma*.

¹ O conjunto de nomes que exemplificam os esquemas aqui destacados foram recolhidos por Rodrigues (2016).

[X-(i/e)lz(a/e)]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero feminino]_{NP}

Ex.: *Dailze, Elzenita, Gilza, Ilza, Jailza e Joelza.*

[X-ild(a/es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero feminino]_{NP}

Ex.: *Cazildete, Edmildes, Ivanilda, Ivanildes, Josenilda, Renilda e Roquildes.*

[X-ildo]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero masculino]_{NP}

Ex.: *Edenildo e Wanildo.*

[X-mir(o)]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero masculino]_{NP}

Ex.: *Valmiro.*

- Elementos da margem direita (sem especificação de gênero):

[X-mar(a)]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Edmara, Gilmara, Josimara, Lucimara, Lucimar, Nilmara; Lindomar Eliomar, Gilcimar, Gilsimar, Lucimar, Neomar e Neumar.*

[X-val]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Ederval, Gerval, Josival, Julival, Rudival, Sonival.*

[X-van]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Denivan, Rosivan, Marivan, Julivan.*

- Elementos da margem esquerda (sem especificação de gênero):

[Del-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Delci, Deleni, Delma, Delsilene e Delson.*

[ED(i/e)-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Edclea, Edeilice, Ediana, Edijane, Edileide, Edilene, Edilla, Edineia, Edirlainne, Edjane, Edmara, Edmildes e Edvania, Edemario, Edenildo, Edenilton, Ederaldo, Ederval, Edinaldo, Edmagno e Edwardes.*

[Ger-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Gersinio e Gerval.

[Gil-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Gilmar, Gilmara, Gilneia, Gilsie, Gilza, Gilcimar e Gilsimar.*

[Val-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Valdelia, Valdir, Valdir, Valmiro, Valnei.*

[Van-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Ex.: *Vandilsom.*

Para entender esse cenário atual, é preciso levar em conta (1) como se deu o contato linguístico na Península Ibérica durante a Idade Média; (2) qual antroponímia migrou de Portugal para o Brasil; (3) quando e como começa a difusão dos nomes da tradição lusitana no Brasil (quais nomes entraram e permaneceram); e, por fim, (4) quais nomes neológicos começam a se difundir no Brasil a partir desses formativos. Nesse caso, não se trata apenas de estudos de aspectos intralinguísticos, pois fatores de ordem sócio-histórica serão fundamentais para a compreensão do fenômeno morfológico que dá origem a nomes neológicos no Brasil.

Com esses exemplos, quer-se demonstrar que trabalhar com Morfologia Histórica é essencialmente contribuir para uma compreensão mais ampla dos fenômenos linguísticos. Embora uma das propostas da Linguística Cognitiva seja justamente ampliar o olhar sobre a língua, admitindo uma maior complexidade – advinda não só das interconexões das nossas habilidades cognitivas, mas também das influências que a história e as culturas têm sobre as línguas –, ainda preponderam, mesmo na LC, estudos de vieses sincronicistas, no sentido saussuriano do termo.

PROLIFICIDADE *VERSUS* VITALIDADE

Há um problema central, quando se estuda a Morfologia em uma perspectiva histórica, a partir de um conjunto de dados datados e localizados: a oposição entre criações inovadoras e formas herdadas.

Numa língua em dado momento histórico, o número de criações inovadoras (quanto à morfologia, geradas por processos morfológicos de construção) será sempre inferior ao de formas herdadas; por sua vez, quanto maior for o número de formas herdadas com determinado formativo, mais forte será o modelo capaz de gerar esquemas que permitam criar novas instanciações.

Por exemplo, no português arcaico (PA), as ocorrências de nominalizações em *-çom* e *-mento* herdadas do latim são muito superiores às formas herdadas em *-nça* e *-ncia*. O resultado é que as nominalizações geradas no PA utilizam uma quantidade muito superior daqueles dois sufixos e, raramente, o último. Esse fenômeno se desdobra até os dias atuais, quando as nominalizações em *-ção* e *-mento* são claramente preferidas em detrimento dos alomorfes *-nça* e *-ncia*.

Está em jogo algo que, em sua dissertação, Soledade (2001) chamou de produtividade \times vitalidade, e que, mais tarde, Viaro (2010) irá denominar de prolificidade \times vitalidade.²

O termo *produtividade* é bastante utilizado em estudos morfológicos, sobretudo nos de orientação gerativista, entendida como a capacidade de dada regra de formação de palavras (RFP) produzir novos itens lexicais, nos termos de Aronoff (1976). Porém quando se trata de morfologia em perspectiva histórica, esse conceito

² A substituição do termo produtividade por prolificidade é muito bem-vinda, uma vez que o primeiro já estava bastante comprometido com as concepções gerativistas do termo.

implica alguns problemas de aplicação, uma vez que dada regra, ou esquema pode ter sido produtiva em um estágio pretérito da língua, legando uma série de itens lexicais derivados, mas já não ser capaz de gerar novos itens em sincronias posteriores. Por isso, os termos *vitalidade* e *prolificidade* vêm dar conta do caráter polissêmico que produtividade encerra. A *vitalidade* será entendida como a capacidade sincrônica de ainda gerar novos itens lexicais na língua. Por sua vez o termo *prolificidade* vem dar conta de regras ou esquemas que em algum momento do passado da língua foram capazes de produzir itens lexicais, mas perderam a sua vitalidade no tempo presente.

Esses dois conceitos devem sempre ser vistos por meio de um parâmetro de gradualidade. O grau de prolificidade deve ser julgado pela quantidade de palavras herdadas em que figure um dado formativo; assim, por exemplo, pode-se dizer que o prefixo latino *ob-*, embora tenha alguma prolificidade no português (*obstante, obstar, obscuro, obstruir, obstáculo*), já não apresenta vitalidade, sendo, portanto, o grau de vitalidade relacionado com o número de formas novas geradas ou prováveis de serem geradas por aquele formativo, numa dada sincronia. No caso de *ob-*, podemos dizer que, atualmente, ele não apresenta nenhum grau de vitalidade.

As perguntas, aqui, são estas: sendo *ob-* um prefixo sem vitalidade no português atual, seria necessário abandonar as instanciações com esse formativo e tratá-las como formas primitivas? Ou se deveria recuperar seu processo formativo via dados de como foram instanciadas no passado histórico da língua? Seria possível dizer que, uma vez sem vitalidade numa sincronia, esse formativo está morto e não será jamais utilizado?

Para responder a essas perguntas, é possível observar o sufixo *-íneo* (advindo do latim através da fusão dos sufixos *-inus, -ina* com

os sufixos *-eus*, *-ea*), que se apresenta em cerca de uma vintena de palavras em português, formadas ou no latim (*gramíneo* < *gramineus*, *sanguíneo* < *sanguineus*) ou em português, no jargão científico (*betulíneo* < *betula* + *íneo*).

Também se pode observar, hoje, nas redes sociais, certa moda de uso do sufixo *-íneo* (*gatíneo*, *cachoríneo*, *fofíneo*, *cheirosíneo*, *gostosíneo*). Considere-se, contudo, que esse não seja exatamente o *-íneo* latino, mas sim uma forma despalatalizada do sufixo *-inho*. Ainda assim, é possível admitir que a confluência da forma gráfico-fônica com o antigo *-íneo* é que legitima e impulsiona a seu uso.

O que se quer dizer, com esse exemplo, é que, na língua, nada é e tudo pode ser, a depender do uso que seus falantes façam dela; assim, não se pode decretar que uma forma está morta e não será mais usada. Levante-se a hipótese de que uma figura pública tenha usado o verbo *obstar* num discurso e que, daí, surja uma série de “memes” que o retomem e os falantes interpretem que o *ob-* indica “obstrução, impedimento” e comecem a criar formas como *obcurtir*, *obfazer*, *obcompartilhar*, etc. Seria então a retomada do prefixo *ob-* latino, antes dado como morto, agora ressuscitado.

Com essas observações, conclui-se que, em Morfologia Histórica, todo dado, e mesmo o “não dado”, é relevante. Por exemplo, nos dados do PA (SOLEDADE, 2001; 2004), não aparecem, entre os sentidos do sufixo *-dor*, objetos agentes (apenas, objetos instrumentos). São chamados objetos agentes aqueles capazes de efetuar a ação sem a intervenção da mecânica do corpo humano (*ventilador*, *refrigerador*, *liquidificador*, etc.). São óbvios os motivos dessa ausência, já que, entre os séculos XII e XVI, não havia energia elétrica que possibilitasse a existência desse tipo de instrumento. Assim, esse sentido parece ser implementado, no Brasil, a partir de fins do

século XIX e início do XX, quando, impulsionados pela indústria de geração e venda de energia elétrica, os primeiros eletrodomésticos surgiram no Brasil.

Em suma, a Morfologia Histórica é aquela que vai em busca da origem dos processos de constituição da morfologia atual e leva a compreender que as línguas do passado estão vivas e pulsantes na nossa morfologia de hoje.

PROBLEMAS DE APLICAÇÃO DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL A DADOS EMPÍRICOS HISTÓRICOS

O modelo boojiano foi aplicado, nesta pesquisa, a dados históricos em diferentes estudos dedicados à investigação da polissemia de três sufixos distintos, a saber: *-eiro*, *-dor* e *-udo* (SOLEDADE, 2013; SOLEDADE, 2019). Nessas tentativas de aplicação da morfologia construcional, foram levantados alguns problemas de aplicação, quer quanto a sua inserção na corrente teórica da linguística cognitiva, quer quanto à descrição do componente morfológico em relação a usos concretos da língua.

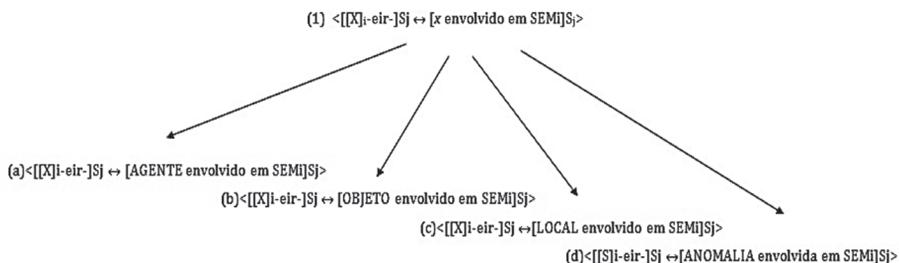
Elegeram-se cinco questões a serem problematizadas: as duas primeiras de caráter mais geral, considerando-se a concepção de língua e léxico na linguística cognitiva; e as três subsequentes de caráter mais específico, considerando-se problemas na representação descritiva de dados empíricos historicamente datados.

Em primeiro lugar, destaca-se a relevância da vitalidade para a proposição de subesquemas. Segundo Booij (2010, 2017), o critério

básico para a proposição de subesquemas é a produtividade ou vitalidade de cada subpadrão: se é produtivo, é uma boa razão para supor um subesquema. Em segundo lugar, é importante ter clareza acerca da relação evidente entre produtividade e frequência – quanto mais frequente um modelo, mais reforçado será o esquema para produzir novas formas. Por outro lado, um esquema ou subesquema derivacional produtivo, ou com vitalidade implica maior frequência de uso de determinado componente morfológico, isto é, um afixo. Por sua vez, um afixo polissêmico associa-se a graus de frequência com variação bastante significativa.

Observe-se o caso da representação da rede esquemática polissêmica do sufixo *-eiro* no português arcaico (SOLEDADE, 2013):

Quadro 2– Esquema e subesquemas de formações X-eiro



Fonte: Elaborado pela autora.

A ordem atribuída aos subesquemas acima representados como (a), (b), (c) e (d) teve como motivação a prolificidade de cada um dos sentidos, i.e., os agentivos em *-eiro* tiveram maior recorrência, apresentando-se em 47 itens lexicais do *corpus* analisado, seguidos das construções com sentido de objeto e local, com 12 ocorrências cada, e, por fim, o sentido de anomalia com apenas uma ocorrência.

Contudo, essa opção de organização gráfica de subesquemas, tomando a ordem como representativa de um grau de prolificidade, não está prevista nas premissas da Morfologia Construcional. Na verdade, não se observa, embora se aponte sua importância, qualquer preocupação de que a prolificidade, ou mesmo a prototipicidade, sejam valores a considerar quando da representação das redes polissêmicas dos construtos morfológicos.

Por outro lado, mesmo essa nossa opção pela ordenação não dá conta dos graus de prolificidade, haja vista que o primeiro subesquema (agetivo) é 47 vezes mais recorrente que o último (anomia), e que o segundo e o terceiro apresentam o mesmo número de ocorrências no *corpus* analisado, não sendo possível, nesse modelo de representação gráfica linear, dar conta desses aspectos.

A pergunta que se deve fazer no momento: de fato é relevante esse tipo de informação para o modelo de descrição morfológica dentro de uma perspectiva cognitivista?

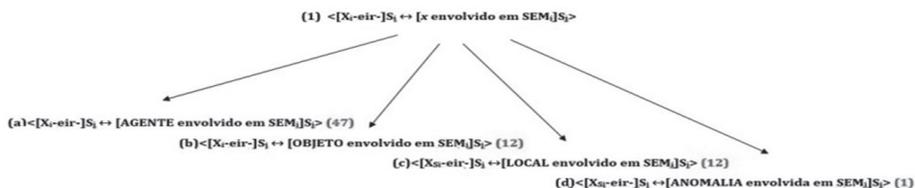
Se é objetivo da Linguística Cognitiva pautar as análises de língua em seus usos concretos, considerando que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da linguagem, a resposta só pode ser positiva. Logo, partindo da ideia de que qualquer representação deve ser feita com base em usos reais de língua, e não em informações selecionadas a partir de suposições acerca do conhecimento linguístico de um falante ideal, sempre será possível ter dados para subsidiar a reflexão acerca da produtividade, ainda que sobre recortes de língua. Destarte, a problemática se volta para como incluir essa informação no modelo proposto por Booij.

A nosso ver, apenas quando houver condição de construir representações em modelos tridimensionais – que se apresentem em constante movimento – será possível de fato estabelecer alguma

associação mais eficaz entre o modelo analítico-descritivo e a realidade da organização mental ou cognitiva do léxico.

Por ora, enquanto não for possível transpor a representação monoplana das representações gráficas escritas para uma representação em terceira dimensão, a alternativa é propor adequações à formulação dos esquemas construcionais. No caso da prolificidade, seria possível, para além da ordem dos subesquemas, acrescentar, ao final da formulação de cada um deles, o número de ocorrência ou o percentual de produtividade no quadro geral dos dados analisados:

Quadro 3 – Esquema e subesquemas de formações X-eiro com indicação de produtividade



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, ainda que de maneira preliminar, seria possível, de alguma forma, incluir os usos reais na formulação das redes abstratas. Afinal, sem os dados empíricos, as construções esquemáticas serão apenas objetos do olhar do teorizador sobre a realidade que ele deseja descrever. Segundo Lee (2001, p. 19, tradução nossa)

Nenhum ser humano percebe a Realidade Absoluta em sua totalidade. Em vez disso, vemos uma espécie de realidade limitada pelo tempo e espaço que experimentamos; interpretamos e reconstruímos essa

experiência em esquemas ou padrões, em nossas próprias mentes.³

A segunda questão⁴ a que esta pesquisa se dedica tem relação direta com a concepção de língua dentro da Linguística Cognitiva. Langacker, em *Foundations of Cognitive Grammar* (1987), argumenta a favor da ideia de que a gramática de uma língua é reflexo de distintos processos de conceptualização, ou seja, os padrões de combinações das diversas estruturas de uma língua são resultados de processos que ocorrem no nível do sistema conceptual humano. Essa afirmação sugere que a linguagem é simbólica em todos os seus aspectos, incluindo os morfossintáticos. Tal perspectiva tem implicações sobre a descrição de padrões linguísticos e, no nosso caso, sobre a descrição de padrões morfológicos.

Segundo Booij (2010), esquemas são padrões gerais formulados a partir de unidades de forma-significado-função (*form-meaning-function*) e implicam uma relação de coindexação entre forma e significado que será representada no esquema pela seta dupla (\leftrightarrow); assim, um esquema construcional não pode prescindir das propriedades semânticas, que constituem o aspecto central da organização do sistema cognitivo.

Na representação gráfica de redes polissêmicas, tal qual proposta pela Morfologia Construcional de Booij, existe um esquema dominante cuja contraparte semântica é generalizada, o qual é formulado sem nenhuma especificação de sentido, para dar conta de abrigar os diversos sentidos polissêmicos dos subesquemas. No caso

³ “No human being perceives Absolute Reality in its totality. Instead we see a kind of reality limited by the time and space we experience; we interpret and reconstruct that experience into schema, or patterns, in our own minds”. (LEE, 2001, p. 19).

⁴ Essa reflexão se origina de um questionamento acerca da legitimidade do esquema dominante de caráter semântico geral levantado pelo doutorando Mailson Lopes, em reunião de orientação.

do sufixo *-eiro*, (1) $\langle [X_i\text{-eiro}]S_j \leftrightarrow [x \text{ envolvido em SEM}_i]S_j \rangle$, a posição ocupada por X corresponde ao ponto onde deveria ocorrer a especificação do valor semântico do afixo.

Pergunta-se: de fato, o cérebro humano chega a gerar esse esquema dominante, com o polo semântico da construção caracterizado por uma especificação geral o suficiente para abrigar as diversas possibilidades de significação das instanciações desse esquema? Não parece ser o caso.

Booij (2010) afirma que a categoria morfema não deve figurar entre a relação de construções, uma vez que não consiste em um pareamento independente de forma e significado. Os morfemas fazem parte de esquemas morfológicos e sua contribuição significativa é acessível apenas por meio do significado da construção morfológica como um todo. Por sua vez, a contraparte dessa formulação deve ser levada em conta, ou seja, esquemas morfológicos só são abstraídos a partir de construções morfológicas plenamente especificadas. Portanto, um esquema dominante com a contraparte semântica geral pode ser visto como mais um recurso metodológico do que uma descrição de um componente real da estrutura hierárquica do léxico. A solução seria, então, abolir essa representação.

Quadro 4 – Esquemas de formações X-eiro com indicação de produtividade

(a) $\langle [X_i\text{-eir-}]S_j \leftrightarrow [\text{AGENTE envolvido em SEM}_i]S_j \rangle$ (47)

(b) $\langle [X_i\text{-eir-}]S_j \leftrightarrow [\text{OBJETO envolvido em SEM}_i]S_j \rangle$ (12)

(c) $\langle [X_s\text{-eir-}]S_j \leftrightarrow [\text{LOCAL envolvido em SEM}_i]S_j \rangle$ (12)

(d) $\langle [X_s\text{-eir-}]S_j \leftrightarrow [\text{ANOMALIA envolvida em SEM}_i]S_j \rangle$ (1)

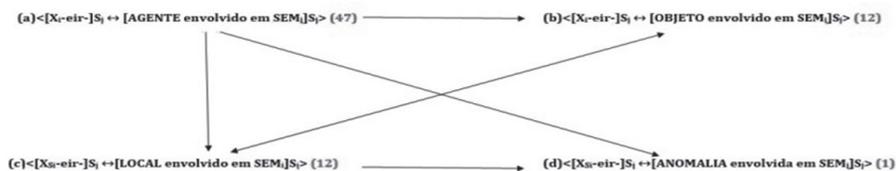
Fonte: Elaborado pela autora.

Contudo, coloca-se um novo (terceiro) problema: como representar a polissemia de (sub)esquemas relacionados entre si por mecanismos metafóricos ou metonímicos sem que se precise criar essa “especificação geral”, que na verdade corresponde a uma *inespecificação*?

Na verdade, o elo entre os esquemas polissêmicos são as relações de sentido (metafóricas e metonímicas) que eles estabelecem entre si. Como se pode observar, essas relações não estão, de forma alguma, contempladas na formulação proposta por Booij (2010) de um esquema dominante de caráter geral.

Assim, em uma tentativa preliminar de representar as relações de polissemia entre os esquemas de *-eiro*, segundo os dados analisados no PA, sem um esquema dominante, chega-se à seguinte formulação, em que as setas representariam as relações metafóricas ou metonímicas que os esquemas estabelecem entre si:

Quadro 5 – Esquema de formações X-eiro explicitando a polissemia e a produtividade



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Booij (2012, p. 20), existem esquemas de extensão conceitual (possivelmente universais) que permitem que objetos ou instrumentos sejam concebidos como agentes impessoais (extensão metafórica) ou que a noção de agente possa ser ligada ao instrumento ou ao local de ação (extensão metonímica). Os dados analisados

no PA revelam que as relações entre os múltiplos sentidos de *-eiro* parecem se dar em uma rede mais complexa, em que a linearidade da representação esquemática não faz qualquer sentido.

Além disso, os esquemas descritos no Quadro 4 se desdobram em subesquemas também polissêmicos (agentes podem ser classificados como habituais, profissionais e vegetais; objetos podem ser classificados como instrumentos e recipientes; e locais podem ser classificados como recipientes e relacionados a atividades ou objetos). Assim, a teia de significados desse sufixo, já no português arcaico, não parece admitir um desencadeamento contínuo da polissemia, mas apresentaria antes uma rede de relações bem mais complexa, semelhante ao nosso sistema neuronal. E se se pretende estabelecer esquemas que de fato representem, imagetivamente, as relações entre os diversos sentidos de um esquema polissêmico, as formulações teriam de assumir um caráter tridimensional e se aproximar de algo como as redes neurais ou neuronais utilizadas no âmbito da inteligência artificial.

O quarto problema de aplicação do modelo boojiano a dados empíricos está relacionado à herança semântica das bases, pois, em alguns casos, a polissemia do esquema está intimamente relacionada a um tipo de restrição semântica imposta pelos tipos de bases a ele associados.

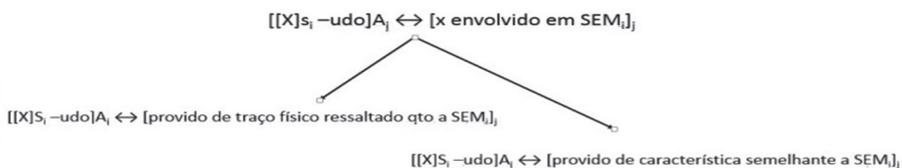
Tomem-se, como exemplo, os esquemas do sufixo *-udo* em português, que podem atribuir às suas instanciações um sentido construído pelo esquema, que se pode representar com a paráfrase “provido de característica física ressaltada relativa a [sentido da base]”: *barbudo*, *bundudo*, *narigudo*, *cabeludo*, etc. Porém, quando as bases não são partes de corpo humano, o esquema dá origem a instanciações cujo sentido pode ser reproduzido na seguinte paráfrase: “que se assemelha a [sentido da base]”: *abelhudo*, *carrancudo*, *pontudo*, *taludo*, *troncudo*, *varudo*, etc. Observe-se que, nesses últimos

casos, o sentido das bases não licencia o sentido destacado para aquele primeiro grupo de palavras construídas; contudo, obviamente, por extensão metafórica, tem-se um segundo esquema, derivado do primeiro, mas, ao fim e ao cabo, é a natureza semântica da base que determinará o sentido da construção.

Booij (2017), em seu artigo “Inheritance and Motivation in Construction Morphology”, assume a importância das relações de herança. Segundo ele, as palavras complexas existentes podem assumidamente herdar informação dos nódulos mais dominantes, estabelecendo uma relação vertical entre o esquema de formação de palavra e a palavra complexa (instanciação). Assim, um esquema de formação de palavras tem duas funções: especificar como novas palavras podem ser criadas e motivar o seu significado. Por sua vez, a informação concernente à palavra derivada está também relacionada àquela da palavra base. O significado de *eater* (*comedor*) é parcialmente um reflexo do significado de *to eat* (*comer*) – relação de subparte. Isso implica que herança não é somente uma relação entre o esquema abstrato e a palavra complexa, mas também entre a palavra complexa e a sua base.

Porém, na proposta de representação da polissemia dos esquemas construcionais, a herança semântica da base não encontra espaço para ser especificada:

Quadro 6 – Esquema e subesquemas de formações X-udo segundo o modelo de Booij (2010)



Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, nesse tipo de formulação esquemática, não há como tratar da natureza semântica da base, ou seja, a herança da base não se enquadra na especificação dos subesquemas formulados; no entanto, como foi visto, essa polissemia é parcialmente motivada pela herança da base, o que nos deixa o questionamento acerca de como adequar o modelo para dar conta desse aspecto. A nosso ver, essa é uma tarefa muito complicada se se quiser manter o modelo de representação booiijiano, uma vez que a inclusão de especificações semânticas quanto às bases determinaria que os esquemas assumiriam uma extensão que impossibilitaria as representações lineares e verticais de subesquemas polissêmicos.

Por fim, a última questão diz respeito à relação entre os sentidos agentivos das instanciações com o sufixo *-dor*. Estudiosos do sufixo em questão têm apontado, com alguma variação, sentidos polissêmicos para suas formações agentivas. A distinção entre agentes profissionais ou ocupacionais e agentes habituais ou frequentativos parece ser consensual, diferentemente da inclusão de agentes experienciadores, que não é unânime. Em todo caso, esses três sentidos são apontados como polissêmicos e independentes, embora relacionados entre si por metáfora ou metonímia.

Analisando-se de dados do PA (SOLEDADE, 2019), observa-se que qualquer agente habitual, em tese, pode ser recategorizado como profissional, ou seja, é uma questão de conceptualização que depende do uso, da necessidade expressiva dos indivíduos, das relações interacionais e socioculturais dos agentivos em dada comunidade linguística, e de que essa conceptualização em nada depende das relações de herança da base.

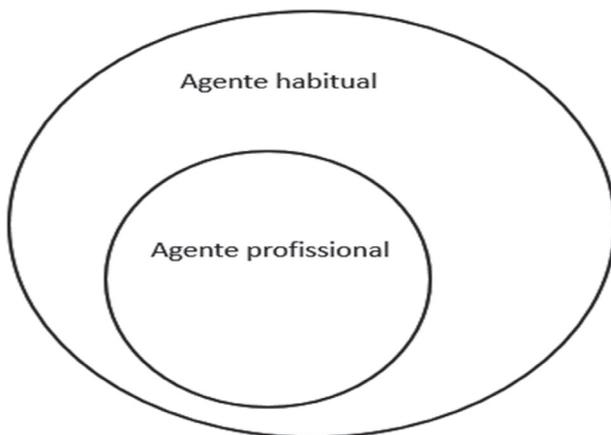
A distinção entre agente habitual e agente profissional parece residir no fato de que todo agente profissional habitualmente pratica a ação expressa pelo verbo; contudo, dessa prática decorrem pelo menos dois comportamentos socioculturais que o especificam,

a saber: 1) o retorno financeiro a fim de subsistência e 2) o acúmulo de conhecimento ou de prática específica para o exercício da ação.

Assim, o *corredor* profissional se distingue do *corredor* amador ou habitual, não por uma maior frequência ou habitualidade da ação, mas sim pelo fato de o profissional utilizar-se de conhecimentos teóricos e práticos que lhe permitam realizar a ação com maior eficiência; além disso, os corredores profissionais são financeiramente recompensados, o que lhes possibilita, em casos de atletas de elite, viver economicamente apenas dessa profissão.

Portanto, a relação polissêmica que se dá entre os agentes habituais e os profissionais nos parece de natureza metonímica, sendo uma relação parte-todo, ou, ainda, continente-conteúdo, como explicitado no Quadro 7, a seguir.

Quadro 7 – Metonímia entre as noções agentivas habituais e profissionais



Fonte: Elaborado pela autora.

Outra observação importante suscitada pela análise dos dados do PA refere-se à necessidade de incluir um subesquema, relativamente produtivo, referente a agentes experienciadores. Percebe-se que, embora eles sejam nitidamente distintos dos habituais, o mesmo não se dá em relação ao sentido profissional. Bases verbais de natureza semântica existencial também licenciam a criação de agentes que atuam profissionalmente em relação ao verbo; por exemplo, tem-se formações do tipo: *animador (de festa)* e *passeador (de cães)*, construídas sobre bases de verbos experienciais. Ao que tudo indica, novamente, a atribuição do caráter profissional à agentividade depende de opções de categorização desencadeadas pela necessidade dos indivíduos inseridos em uma dada cultura, em dado momento sócio-histórico. Representando simbolicamente essa relação, encontra-se, novamente, uma polissemia desencadeada pela metonímia (parte-todo ou conteúdo-continente).

Quadro 8 – Metonímia entre as noções agentivas experienciais e profissionais



Fonte: Elaborado pela autora.

Seja retomada a esquematização da polissemia dos agentivos em *-dor*, segundo o modelo construcional, tal qual vem sendo proposto por Booij (2010, 2012, 2017):

Quadro 9 – Esquemas e subesquemas de formações X-dor



Fonte: Elaborado pela autora.

Novamente, não há como incluir a representação das relações semânticas entre subesquemas. A relação metonímica entre os sentidos habituais e profissionais e entre os sentidos experienciadores e profissionais fica completamente apagada, até mesmo perdida, na análise linguística. Assim, o modelo de esquematização ou representação em hierarquização vertical proposto por Booij não dá conta, até então, dos efeitos metonímicos ou metafóricos que incidem nos subesquemas e os relacionam entre si. Afinal essa relação não depende apenas do compartilhamento de um mesmo esquema dominante, mas, sobretudo, das relações horizontais, ou seja, do fato de os subesquemas estarem ligados uns aos outros, sob efeitos semânticos.

Assim, é importante que a descrição da morfologia e do léxico da língua dentro da Linguística Cognitiva também faça um movimento em direção a um modelo mais complexo, que pretende ser holístico, incorporando de forma mais comprometida os aspectos

semânticos implicados na organização desses componentes linguísticos. Há, no modelo de Booij (2010, 2012, 2017), um forte apego a métodos de representação usuais dentro do modelo gerativista, bem como uma preocupação, ainda incipiente, de descrição da contribuição semântica para os processos de construção morfológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o modelo de Morfologia Construcional, de Booij (2010), oferece fundamentos essenciais para a compreensão da estruturação do léxico em termos de construção e esquemas. Contudo, ele ainda não é suficiente para dar conta de aspectos importantes, levantados nas análises aqui desenvolvidas, sobretudo as mais variadas relações semânticas que demandam especificação, como as que se dão entre bases e palavras complexas, entre esquemas e palavras complexas, entre esquemas e subesquemas, entre subesquemas e subesquemas.

Enfim, uma análise, ainda que preliminar, de dados empíricos no âmbito da morfologia histórica, aplicados a uma metodologia em elaboração, revela que muito há que se avançar em termos de representação do que seja a língua, o léxico, a morfologia e as relações semânticas que os engendra.

Por sua vez, como bem se demonstrou neste estudo, as contribuições que a investigação histórica das línguas pode dar para a compreensão da morfologia são de caráter fundamental; prescindir dessa investigação abre caminho para a armadilha de atribuir a falantes sincrônicos a atuação em processos que foram desencadeados em momentos recuados da língua, por falantes de outrora.

Assim, é fundamental que a Morfologia Construcional e a Linguística Cognitiva como um todo promovam, cada vez mais, o encontro com a Linguística Histórica, pois, como quer Tomasello (2003), é preciso compreender que as línguas naturais são instituições sociais simbolicamente incorporadas que surgiram historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes.

Pensando na Morfologia Histórica, é preciso compreender que, ao longo da história da língua portuguesa, os falantes criaram, interpretaram, categorizaram e perspectivaram, em colaboração uns com os outros, um conjunto complexo de conhecimento e categorizações sobre objetos, eventos e relações; e incorporaram esses modos de ver o mundo, ao longo do tempo histórico, no modo como se expressam sobre o mundo através dos processos genolexicais. Assim, se há dúvida sobre por que uma palavra, hoje, apresenta certa forma e expressa certos sentidos, deve-se levar em consideração que isso também decorre de narrativas que se desenvolveram em vários pontos diferentes no trajeto histórico de uma língua. Desse modo, qualquer explicação que prescindia dessas informações poderá contradizer fatos linguísticos.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1976.

BOOIJ, Geert. Construction morphology. *Language and Linguistics Compass*, New York, n. 4, p. 543-555, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2XXzever>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

BOOIJ, Geert. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (org.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BOOIJ, Geert. Inheritance and motivation in construction morphology. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (org.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

FILMORE, Charles. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA. (ed.). *Linguistic in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hansin Publishing Co., 1982.

JOSEPH, Brian. Diachronic morphology. In: SPENCER, Andrew; ZWICK, Arnold (org.). *The handbook of morphology*. Hoboken, NJ: Wiley, 1998. p. 351-373.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LEE, David. *Cognitive linguistics: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: "ouvir o inaudível"*. São Paulo: Parábola, 2008.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, Cláudia; NUNES, José Horta (org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. v. 3, p. 11-48.

PIEL, Joseph-Maria. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: INCM, 1989.

RODRIGUES, Leticia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Ione Pereira dos. *Gramaticalização de advérbios formados com o morfema -mente: uma proposta de categorização semântica*. 2014. 264 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOLEDADE, Juliana. *Aspectos morfolexicais do português arcaico: sufixação nos sécs. XIII e XIV*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SOLEDADE, Juliana. *Semântica morfolexical. Contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2004. Tese (Doutoramento em Letras, área de Linguística Histórica) – Universidade Federal da Bahia, 2004. 2 v.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi -EIR-]Nj no português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, número especial, p. 83-111, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hszlcs>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

SOLEDADE, Juliana. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. S. *Livro em homenagem aos 50 anos da edição do Livro das Aves*. [S.l.: s.n], 2019. No prelo.

TOMASELLO, Michael. First steps toward a usage-based theory of language acquisition. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 11, n. 1/2, p. 61-82, 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2F8dGVH>>. Acesso em: 20 maio 2015.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIARO, Mário Eduardo. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de Lingüística Galega* [Santiago de Compostela], n. 2, p. 173-190, 2010.

A REPRESENTAÇÃO DA EXISTÊNCIA COM O VERBO “TER”: DIFERENÇAS SISTÊMICAS ENTRE PORTUGUÊS BRASILEIRO E PORTUGUÊS EUROPEU

Juliana Esposito Marins

Ao longo das últimas décadas, muitos foram os trabalhos que contribuíram para mostrar empiricamente significativas modificações no comportamento do português brasileiro (PB) no tocante ao feixe de propriedades relacionadas ao parâmetro do sujeito nulo (PSN). De fato, quanto à representação do sujeito pronominal de referência definida, o PB contemporâneo já exhibe comportamento bastante afastado de outras línguas românicas, como o português europeu (PE) (DUARTE, 1993, 1995), o espanhol (SOARES DA SILVA, 2006) e o italiano (MARINS, 2009), o que parece apontar para uma remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) – do polo positivo para o negativo – no PB. Além disso, seguindo o percurso dos sujeitos de referência definida, as sentenças com sujeitos de referência arbitrária (CAVALCANTE, 1999, 2006; DUARTE, 2003a, 2006; DUARTE;

MARINS, 2005) também vêm sendo afetadas pela mudança na marcação do PSN no PB: emergem no sistema estratégias de indeterminação alternativas às prescritas pela tradição gramatical, foneticamente realizadas.

Ademais, parece que a remarcação na marcação do PSN no PB tem atingido também os sujeitos não-argumentais. O PB parece rejeitar verbo em primeira posição, seja com pronome nulo referencial seja com expletivo nulo (KATO; DUARTE, 2005). Nesse sentido, pode-se destacar as sentenças com verbos de alçamento (entre eles *parecer*, o mais prototípico), que permitem a ocorrência de diferentes estratégias para o preenchimento da sua posição não-argumental: (a) o alçamento clássico, em (1), em que o sujeito da oração encaixada é movido para a posição estrutural de sujeito do verbo da oração matriz, deixando o verbo da subordinada na forma infinitiva; e o hiperalçamento, em (2), em que, após o alçamento do sujeito do verbo da oração encaixada para a posição de Spec de IP¹ de *parecer*, observa-se a flexão de ambos os verbos, o da oração principal e o da subordinada (DUARTE, 2007; HENRIQUES, 2008, entre outros).

(1) [_{IP} As crianças_i parecem [_{InfP} *t_i* querer o sorvete]].

(2) [_{IP} Os meninos_i parecem [_{CP} que *t_i* sabem onde está o brinquedo]].²

Outro aspecto que parece estar relacionado com a remarcação do PSN é a emergência de *ter* em contextos existenciais no PB. Estudos mostram que, a partir do século XIX, no PB, o verbo

¹ Spec = specifier (Especificador); IP = Inflectional Phrase (Sintagma de Flexão); CP = Complementizer Phrase (Sintagma Complementizador); InfP = Infinitive Phrase (Sintagma Infinitivo); DP = Determiner Phrase (Sintagma Determinante); ti = Trace (Vestígio). Cf. Henriques (2008). Martins e Nunes (2005, 2008) apontam duas possibilidades diferentes de análise para estruturas como em (2).

² Cf. Henriques (2008). Martins e Nunes (2005, 2008) apontam duas possibilidades diferentes de análise para estruturas como em (2).

possessivo *ter* começa a tomar corpo na representação da existência, invadindo um contexto anteriormente dominado pelo verbo *haver*.³ Callou e Avelar (2000, 2002) confirmam no PB contemporâneo a hegemonia de *ter* na representação da existência, restando a *haver* os casos em que o argumento interno exhibe o traço [+abstrato], como ilustrado em (3) e (4).⁴

(3)[...] não *há vantagem* assim de imediato[...]

(4)[...] não *há tempo* para que ele participe de atividades [...]

Avelar e Callou (2007), usando uma abordagem não-lexicalista (EMBICK; NOYER, 2004) da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995), defendem que, para as estruturas existenciais, possessivas e copulativas ou estativas há uma mesma estrutura subjacente. A “roupagem” lexical que tal estrutura subjacente receberia entraria no caminho rumo à forma fonológica, ou seja, depois do processamento sintático. Outros verbos existenciais, frequentes em contextos apresentativos, como *existir*, não sofreriam o mesmo processo, já que participariam desde o início do processamento sintático, o que justifica uma frequência de uso razoavelmente constante.

Os autores apresentam ainda evidências de que a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no PB – o que parece não ter ocorrido no PE – pode ter relação com a redução do paradigma flexional do verbo e com a consequente perda da possibilidade de licenciamento ou identificação do sujeito nulo pelo sistema.

³ Duarte (1996) já apontava no PB contemporâneo a presença de DPs plenos em estruturas com o verbo *ter* em contextos existenciais, como exemplificado em (i): “(i) *Você não tem mais comércio no centro da cidade*”. Além disso, Duarte (2003b) aponta que a entrada do verbo *ter* existencial parece ter relação com os “desdobramentos” da mudança na marcação do PSN no PB, dada a presença de uma posição estrutural de sujeito – inexistente em *haver* – passível de ser preenchida.

⁴ Callou e Avelar (2000, p. 93).

Tendo em vista as noções de *gradualismo e catástrofe* nas mudanças sintáticas (LIGHTFOOT, 1999) e *gramáticas em competição* (KROCH, 1989, 1994, 2001), nos moldes da Teoria Gerativa; e com base nos estudos mencionados, o presente trabalho pretende mostrar os resultados preliminares de uma análise diacrônica do verbo *ter* em sentenças existenciais, em face dos verbos *haver* e *existir*, em peças teatrais escritas entre os séculos XIX e XX, por autores brasileiros. Buscam-se, a princípio, elementos que forneçam evidências de que *haver* teria passado de um *verbo funcional* representante da existência, tornando-se um *verbo substantivo*, como é o verbo *existir*, e que *ter*, em virtude do seu caráter *funcional*, teria passado a figurar nas construções existenciais assim substituindo *haver* (AVELAR, 2006; VIOTTI, 1999) no PB, em concomitância com o caminho percorrido pela mudança em curso na marcação do PSN. Com isso, espera-se encontrar um decréscimo nas frequências de *haver*, na medida em que vem sendo substituído por *ter*, o qual revelaria um aumento em suas taxas. Por outro lado, espera-se que as frequências de *existir* se mantenham mais ou menos constantes.

Apresenta-se também, para efeito de comparação, uma breve análise de dados oriundos de peças portuguesas escritas na primeira metade do século XIX e nos anos 80 do século XX. O intuito é tentar esboçar um paralelo entre PE e PB. Este, no primeiro período, exibia características de língua de sujeito nulo, como apontado nos estudos mencionados, mas já se encontra bastante afastado de suas irmãs românicas em fins do século XX.

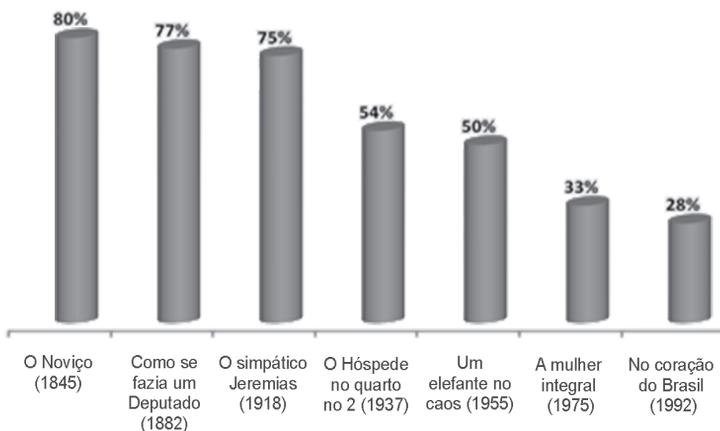
Outro aspecto contemplado é o surgimento de DPs (*Determiner Phrases* – Sintagmas Determinantes) na posição de sujeito de *ter* existencial. De fato, a presença de um DP nessa posição sintática deveria induzir a uma interpretação possessiva, o que não acontece.

UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE OS SUJEITOS REFERENCIAIS

Em estudo sobre a representação do sujeito pronominal no PB ao longo do tempo, Duarte (1993), examinando peças teatrais dos séculos XIX e XX, divididas em sete períodos, apresenta indícios de mudança na marcação paramétrica no sentido do preenchimento. Esse processo seria consequência do enfraquecimento da morfologia verbal (DUARTE, 1993, 1995, 2003a), devido às mudanças efetivadas no quadro pronominal do PB.

Veja-se o Gráfico 1 abaixo, adaptado de Duarte (1993), que mostra a progressiva redução no percentual de sujeitos nulos nas peças analisadas:

Gráfico 1 – Sujeito nulo nas peças teatrais dos séc. XIX e XX



Fonte: Duarte (1993).

Com base no gráfico, podem ser identificados dois momentos em que houve redução significativa no percentual de sujeitos nulos: a primeira, a partir da terceira década do século XX; a segunda, no último quarto do mesmo século. Para justificar essa situação, entra em jogo a relação entre a mudança do sistema pronominal, o enfraquecimento da morfologia verbal e a identificação do sujeito nulo. A autora observou que, nas três primeiras peças, o paradigma flexional do verbo era constituído de seis oposições (às vezes cinco), ou seja, era formalmente “rico”, o que garantiria a identificação do sujeito nulo. Por isso, observa-se no gráfico a preferência pela não expressão do sujeito, com percentuais acima de 75%, mostrando que o PB se comportava como língua [+ *pro drop*].

Por outro lado, nas duas peças seguintes, a redução percentual de sujeitos nulos estaria ligada à neutralização das formas distintivas no paradigma flexional do verbo, promovida pela substituição dos pronomes *tu* e *vós* por *você* e *vocês*. Assim, o número de oposições na morfologia verbal teria passado de seis para quatro, dada a presença de dois sincretismos no paradigma: o morfema <ø> tanto para a segunda, quanto para a terceira pessoa do singular, e o morfema <-m> compartilhado pela segunda e terceira do plural. Com isso, segundo Duarte (1993), a manutenção de quatro oposições no paradigma começa a mostrar os reflexos da erosão na morfologia verbal, o que denuncia o início do processo de mudança, com a segunda pessoa como a que revela os maiores índices de preenchimento.

As peças correspondentes aos últimos 25 anos do século XX evidenciam que o comportamento do sujeito no PB, em relação ao século XIX, já não é mais o mesmo. A entrada da forma *a gente* em competição com o pronome *nós*, cada vez menos frequente na fala, teria feito com que fosse ultrapassado o limite de dois sincretismos,

estabelecidos por Duarte (1993) como máximo para que uma língua possa identificar ou licenciar o sujeito nulo.⁵ Assim, o paradigma flexional do verbo no PB teria deixado de ser funcionalmente “rico”, provocando, então, a preferência pela expressão do sujeito, como se pode ver nas duas últimas colunas do Gráfico 5, em que o percentual de sujeitos nulos é bastante baixo (33% e 28%).

A ADOÇÃO DO VERBO *TER* EM CONTEXTOS EXISTENCIAIS

Neste ponto, serão abordadas duas questões fundamentais no que se refere ao tratamento da implementação do verbo *ter* em contextos existenciais. A primeira delas diz respeito à substituição de *haver* por *ter* no PB, tomando-se como base a possível mudança categorial por que *haver* teria passado. A segunda tem relação com a “variação” entre *ter* e *haver* no PB contemporâneo, de acordo com estudo empíricos.

Mudanças estruturais no sistema: a substituição de *haver* por *ter*

Sobre a implementação do verbo *ter* em contextos existenciais, no PB contemporâneo, Avelar e Callou (2007), partindo da existência de uma mesma estrutura abstrata subjacente para sentenças existenciais, possessivas e copulativas (FREEZE, 1992; HORNSTEIN; ROSEN; URIAGEREKA, 2002), defendem que o enfraquecimento

⁵ Segundo a autora, na última peça foram encontradas ocorrências do pronome tu, mas com verbos já sem a marca de flexão <-s>.

da morfologia verbal no PB teria relação com a ausência de dados robustos o suficiente para fazer com que os indivíduos, à medida que as gerações se sucedessem, pudessem interpretar como possessivas sentenças com verbo *ter* impessoal e sujeito nulo. Essa condição geraria uma reanálise de tais sentenças, que passariam a admitir sintaxe impessoal.

Em linhas gerais, retomando o paralelismo semântico entre construções com *ter* e *estar*,⁶ os autores lançam mão da noção de *v* (CHOMSKY, 1995), núcleo correspondente à categoria funcional de *verbo leve*, na sua versão estativa. Assim, na computação sintática, *v* entra em cena sem qualquer matriz fonológica. Desse modo, *v* seleciona como complemento uma categoria com força predica-tiva, aqui tratada como uma *small clause*. Assumindo a posição de Viotti (1999), para quem o traço não interpretável EPP no núcleo funcional T(*ense*) é opcional no PB, o que leva a crer que não há necessidade de se pensar em uma categoria expletiva nula em Spec,TP, os autores assumem que, quando o DP pós-verbal encontra-se em Spec,TP, ele deve apresentar caso nominativo; e, quando numa posição interna a *v* estativo, caso partitivo (BELLETTI, 1988; LASNIK, 1995). Valendo-se do fato de que o especificador de uma categoria portadora de EPP deve ser preenchido, quando T traz EPP, o DP pós-verbal deve checar caso nominativo e a derivação se configura como locativa ou estativa, o que leva à seleção de *estar*, no caminho para a forma fonológica. Se T não traz EPP, o DP pós-verbal checa caso partitivo (e não nominativo) no interior da projeção *v* estativo, constituindo uma sentença existencial, selecionando a matriz fonológica *ter*.

⁶ Os autores não incluem o verbo *ser* no artigo, alegando especificidades que fogem ao escopo do estudo proposto. Para a observação sobre esse verbo, ver Avelar (2004).

A questão da substituição de *haver* por *ter* em construções existenciais no PB contemporâneo parece, para os autores, encontrar resposta no fato de que, se hoje EPP em T é opcional, em períodos anteriores ao século XIX isso não acontecia. O enfraquecimento da flexão verbal teria feito com que os traços que garantem a checagem do caso nominativo de um DP em T deixassem de ser completos. Então, o PB teria passado por um estágio em que T obrigatoriamente portava EPP para o caso em que isso ocorre opcionalmente.

Associando o empobrecimento da flexão verbal com a perda de pro_{ref} , os autores assumem, conforme Viotti (1999), que sentenças impessoais no PB contemporâneo não apresentam a categoria pro_{exp} , o que não ocorria em outros períodos da história do PB. Ora, a materialização de *haver* em sentenças existenciais dependia da presença da categoria pro_{exp} no sistema. Com sua inexistência no estágio atual da língua, tem-se sua substituição por *ter*, matriz fonológica que não depende de tal categoria.

Desse modo, se o PB não conta mais com a categoria pro_{ref} o aprendiz da língua fica impedido de interpretar como possessivas sentenças com sujeito nulo, o que não acontece com um falante do PE, que conta com tal categoria. Para interpretar corretamente sentenças dentro desse padrão, valendo-se do paralelismo semântico que se identifica entre construções existenciais e possessivas, resta ao aprendiz interpretá-las como existenciais, saída que os autores consideram menos ‘custosa’ e ‘prejudicial’.

A conclusão da análise feita pelos autores é a de que *haver*, que ainda figura no inventário de itens do PB atual, mesmo que com uma frequência baixa e em contextos específicos, teria deixado de ser um *verbo existencial funcional*, lugar ocupado por *ter*, para se tornar um *verbo existencial substantivo*, ao lado de outros verbos existenciais

ou apresentacionais como *existir*, *acontecer* e *ocorrer*. Ou seja, *haver* teria deixado de corresponder a uma matriz fonológica de *v* para se tornar um verbo que não necessita de especificações pós-sintáticas para se inserir na estrutura. Isso permite chegar à conclusão de que, hoje, *ter* e *haver*, no PB, não se encontram em variação, pois já não correspondem a uma mesma categoria.

A “variação” *ter-haver* no PB contemporâneo

O artigo de Avelar (2006) analisa dois fenômenos de variação do português brasileiro – a alternância entre *ter* e *haver* em contextos existenciais e a variação *de-em* em constituintes adnominais preposicionados – a partir de dados de fala e de escrita, culta e popular, com o objetivo de (a) investigar como o processo de variação pode revelar propriedades de uma gramática internalizada, (b) definir se a variação é interna a uma gramática ou se resulta da sobreposição de gramáticas distintas e (c) traçar uma diretriz teórica que contribua para estudos de estágios de língua em que se dispõe apenas de dados de escrita. Considerando os objetivos deste trabalho, será dado foco à variação *ter-haver*.

Na tentativa de ilustrar as possibilidades de explorar dados de sincronias diferentes, à luz da Teoria Gerativa, os dois fenômenos de variação mencionados anteriormente foram analisados na perspectiva da noção de “*blocking effect*” (*beff*) – efeito que impede a coexistência de *doublets*, ou seja, formas que se equivalem funcionalmente geradas por uma mesma gramática. Tal efeito atua impedindo essa coexistência, suprimindo, portanto, uma das duas formas. A coexistência de *doublets* no sistema só ocorre por um período, em uma “competição instável” entre duas formas que se excluem mutuamente, provenientes de gramáticas distintas, nos moldes de Kroch (1989,

1994). Para isso, foram usadas duas amostras de língua oral, uma de indivíduos com nível superior – proveniente do Projeto Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro (Nurc-RJ), da década de 1990 –, e outra de indivíduos sem nível superior – do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul), da década de 1980. Além disso, foi usada uma amostra de língua escrita de textos produzidos entre 2003 e 2005, composta de textos de jornal, anúncios de revistas e livros de diferentes gêneros (um científico, dois romances, um de crônicas, um humorístico e um de autoajuda).

Em síntese, o que se pode notar sobre a variação entre *ter* e *haver* é que fala e escrita apresentam comportamentos diametralmente opostos: enquanto na fala o verbo *ter* aparece com um percentual de 87% sobre *haver*, na escrita, é *haver* que se mostra mais proeminente, com 86%.

Tal variação se mostrou sensível a fatores extralinguísticos, sobretudo a faixa etária, escolarização e tipo textual. Assim, quanto maior a faixa etária e a escolarização, maior o uso de *haver*, embora, ainda assim, o uso de *ter* seja sempre superior ao de *haver*. Quanto à amostra de escrita, os tipos menos formais, como piadas e anúncios, exibem maiores percentuais de *ter*, o que pode ser explicado pela necessidade de aproximação com a língua oral.

Como não foram selecionados fatores de ordem interna que motivassem tal variação, o autor lança mão dos conceitos de *gramática nuclear* e *gramática periférica*. É nítido que o verbo *haver* é a variante de prestígio e, por isso, é preferido na escrita, embora *ter* não seja exatamente uma forma estigmatizada.

A fala espontânea parece ter acesso mais direto à gramática internalizada do que a escrita, então *ter* e *haver* assumem papéis diferentes na representação da existência nessa gramática. O autor sugere, que, como há contextos existenciais que só admitem o uso de *ter* e não de *haver* (*Teve / ??Houve muitos docinhos na festa que a*

Maria deu), o verbo *haver* não pode ser tratado como funcional no PB contemporâneo. Se *ter* passou a ser uma categoria funcional e *haver*, um verbo existencial substantivo de caráter apresentacional, ao lado de outros, como *acontecer*, *existir* e *surgir*, pode-se afirmar que não há variação entre *ter* e *haver* na gramática internalizada do falante de PB, porque cada verbo entra em construções para as quais é licenciado. Assim, tem-se o padrão das existenciais canônicas, prototipicamente com o verbo *ter* e existenciais mais gerais, de caráter apresentacional, com o verbo *haver*. Essa conclusão explica a não atuação do *Beff*, uma vez que ele só poderia atuar caso *ter* e *haver* tivessem comportamentos funcionais idênticos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para fornecer evidências empíricas sobre o fenômeno, procedeu-se a uma análise diacrônica, a partir do método quantitativo largamente usado nos estudos sociolinguísticos, de sentenças existenciais em que aparecem os verbos *haver*, *ter* e *existir* em aparente contexto de variação, ou seja, em que a mudança de verbo não provoca alterações no valor de verdade das sentenças, conforme ilustrado em (5):

(5) *Havia/Tinha/Existia* um homem na esquina.

Não foram levadas em conta sentenças formando expressões mais ou menos fixas e expressões cristalizadas. Também não foram incluídas na análise quantitativa – mas contabilizadas separadamente –, sentenças com *ter pessoal*, com a posição estrutural de sujeito nula ou plena, de referência definida ou arbitrária, e que mantêm uma interpretação existencial, *a priori*, como ilustrado em (6) e (7):

(6) *Você não tem* mais costureira boa por aí.

(7) *João tem* mercado no bairro.

Note-se que as sentenças em (6) e (7) podem originar paráfrases com o verbo *haver*, em que o sujeito de *ter* ocuparia uma posição na construção, como ilustrado em (8) e (9):

(8) *Não há* mais costureira boa *para você* por aí.

(9) *Há* mercado no bairro do João (onde João mora).

O *corpus* utilizado para a constituição da amostra de PB é um conjunto de nove peças teatrais, pertencentes ao gênero “comédia de costumes”, escritas entre 1845 e 1992 por autores cariocas, agrupadas em sete períodos (seguindo a mesma classificação de Duarte, 1993), conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Relação das peças teatrais (PB) e sua distribuição em períodos de tempo

Período	Ano	Título	Autor
1	1845	O noviço As solteiras casadas	Matins Pena
2	1882	Como se fazia um deputado Caiu o ministério!	França Junior
3	1918	O simpático Jeremias	Gastão Tojeiro
4	1937	O hóspede do quarto n° 2	Armando Gonzaga
5	1955	Um elefante no caos	Millôr Fernandes
6	1975	A mulher integral	Carlos Eduardo Novaes
7	1992	No coração do Brasil	Miguel Falabella

Fonte: Duarte (1993).

Os dados do PE foram extraídos de quatro de peças teatrais, do mesmo gênero que as do PB, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 – Relação das peças teatrais (PE)

Ano	Título	Autor
1843	Uma cena de nossos dias	Paulo Midosi
1848	Casar ou meter freira	Antônio Pedro L. de Mendonça
1849	Nem tudo o que reluz é ouro	João de Andrade Corvo
1986	D. João no jardim das delícias	Norberto Ávila

Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha desse gênero textual, em particular a comédia de costumes, foi motivada por seu caráter informal, que sugere proximidade de dados da fala espontânea. Evidentemente, apesar de se tratar de representações da fala, o registro escrito, não escapa de escolhas conscientes e possíveis pressões normativas. Assumiremos, pois, que, no tocante à “variação” em análise, com a associação entre os conceitos de *blocking effect* e *competição de gramáticas*, é possível ultrapassar a superfície da escrita, o que permitirá, portanto, fazer considerações sobre processos que se operam na língua-I.

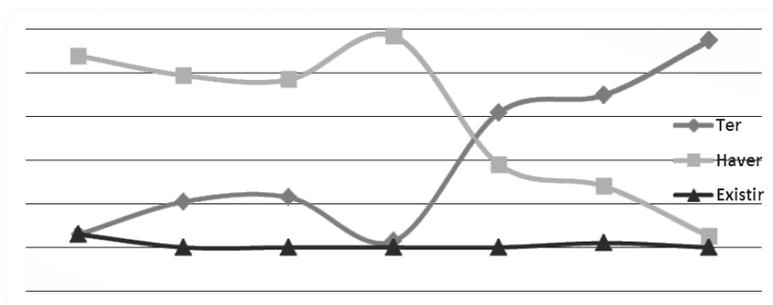
Outro aspecto que deve ser levado em conta é o fato de que os dados ilustrarão fenômenos que refletem aspectos estruturais – tanto da gramática nuclear, quanto da sua contraparte periférica –, específicos de cada autor, frutos de seus processos particulares de aquisição ou aprendizagem da linguagem. Então, com base no modo como a mudança se dissemina pela comunidade de fala (LIGHTFOOT, 1999), os resultados poderão apenas indicar uma possibilidade do que teria ocorrido no sistema do PB ao longo dos séculos XIX e XX quanto ao fenômeno em análise.

Para o processamento quantitativo dos dados de PB, foi utilizado o pacote de programas Varbrul (PINTZUK, 1988), que permitiu determinar não só as frequências de uso das variantes em questão em cada período de tempo, como os fatores⁷ que parecem ter entrado em jogo no processo de sobreposição de uma forma pela outra no curso do tempo.

RESULTADOS GERAIS DO PB

Na amostra, foram computadas 243 sentenças, das quais 138 exibiam o verbo *haver*; 102, o *ter*; e apenas 3, o *existir*. O Gráfico 2 e a Tabela 1 abaixo mostram a distribuição dos usos dos três verbos ao longo dos 7 períodos:

Gráfico – Distribuição de *haver*, *ter* e *existir* ao longo dos 7 períodos de tempo



Fonte: Elaborado pela autora.

⁷ Os três verbos (*haver*, *ter* e *existir*) foram submetidos à análise em relação aos seguintes grupos de fatores, de acordo Avelar (2006): (a) elemento à esquerda do verbo; (b) tempo verbal; (c) posição do argumento interno; (d) traço semântico do argumento interno; (e) tipo sintático da oração e (f) período de tempo.

Tabela 1 – Distribuição de *haver*, *ter* e *existir* ao longo dos 7 períodos de tempo

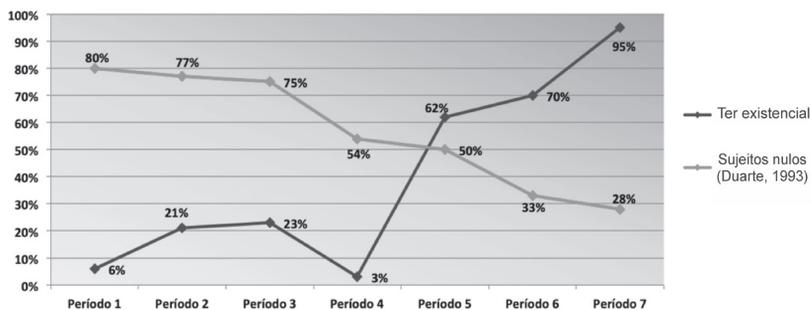
Período/ano de publicação	Item lexical (ocorrências - %)			
	Haver	Ter	Existir	Total
Período 1 – 1845	28 – 88%	2 – 6%	2 – 6%	32 – 100%
Período 2 – 1889	27 – 79%	7 – 21%	-	34 – 100%
Período 3 – 1918	23 – 77%	7 – 23%	-	30 – 100%
Período 4 – 1937	35 – 97%	1 – 3%	-	36 – 100%
Período 5 – 1955	12 – 38%	20 – 62%	-	32 – 100%
Período 6 – 1975	11 – 28%	28 – 70%	1 – 2%	40 – 100%
Período 7 – 1992	2 – 5%	37 – 95%	-	39 – 100%
Total	138	102	3	243

Fonte: Elaborada pela autora.

Em consonância com o que se esperava, as frequências de uso de *haver*, nos três primeiros períodos, revelam índices bastante altos, acima da casa dos 75%, enquanto os períodos 5, 6 e 7 demonstram o declínio dessa forma. Em situação diametralmente oposta, encontra-se o verbo *ter*, que apresenta baixos índices de ocorrência nos períodos 1, 2 e 3, não atingindo sequer a marca de 25%. Entretanto, a partir do período 5, a forma ultrapassa o uso de *haver*, chegando a 95% no último período.

Os resultados mostrados aqui estão de acordo com o que observa Duarte (1993), conforme se vê no gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3 – Distribuição de *ter* vs. decréscimo de sujeitos nulos ao longo dos 7 períodos de tempo



Fonte: Elaborado pela autora.

Deve-se notar, porém, a situação encontrada no quarto período, no qual há ruptura em relação aos demais índices de aparecimento de *ter* existencial. O autor da peça analisada nesse período, entretanto, em nossa análise exibe o maior índice de uso de *haver* e apenas uma ocorrência de *ter* existencial, ilustrada em (10):

(10) Dr. Leocadio, ___TEM um senhor aí a sua procura. (*O hóspede do quarto n° dois.*)

Como sugerem Avelar e Callou (2007), as mudanças no sistema do PB que geraram a substituição de *haver* por *ter* como *verbo existencial funcional* poderiam ter ocorrido em algum ponto do século XIX. Armando Gonzaga, autor da peça, nasceu no final desse século (1884), o que pode sugerir a aquisição de mais de uma gramática: uma gramática ainda representativa de um estágio anterior à perda pro_{ref} e pro_{exp} e outra em que pro_{ref} já se encontrava a caminho do desaparecimento, mas pro_{exp} ainda se mantinha no sistema. Isso poderia explicar o índice de sujeitos nulos próximo ao de sujeitos

plenos (54% de nulos), mas ainda o largo uso de *haver* em contextos existenciais.

Outro argumento que pode ser aventado para justificar a preferência de *haver* na peça do referido período é o fato de que todos os personagens, de alguma maneira, demonstram pertencer a uma camada social mais elevada. Todos, em maior ou menor grau, demonstram-se pessoas de posses, e mesmo o personagem principal, que “atravessa uma má fase financeira”, frequenta a mesma esfera social dos demais. Apenas os criados compõem outro estrato. Desse modo, seria possível pensar que a preponderância do uso de *haver* nas construções existenciais, variante de prestígio, poderia estar ligada à tentativa de aproximar a fala dos personagens não da realidade do PB falado na época, mas de um discurso, de alguma maneira, mais erudito. Não seria de se estranhar que o único dado de *ter* existencial, ilustrado em (10) acima, ocorresse na fala de um criado, supostamente menos sensível às questões linguísticas ligadas à erudição.

Examinem-se, por outro lado, mais detalhadamente, as duas únicas ocorrências de *haver* no período 7, abaixo em (11) e (12):

(11) No caso dela IA HAVER uma multidão [de homens, de namorados, de amantes] na plataforma! (*No coração do Brasil*)

(12) Era como se HOUVESSE uma armadilha me esperando [...] (*No coração do Brasil*)

O exemplo (11) foi retirado da fala da personagem mais velha – D. Irene –; e o (12), da fala do personagem mais jovem – Gabriel. Entretanto, a fala desse personagem ocorre no final da peça, momento

em que, sozinho no palco, faz uma reflexão sobre os fatos relatados no texto, segundo sua ótica. O personagem, ao longo da peça, se escolariza, deixa a convivência dos demais e chega ao fim do texto já adulto. Ou seja, *haver* aparece justamente na fala dos dois únicos personagens escolarizados. Assim, os dois usos de *haver* podem ser um reflexo da recuperação parcial de aspectos da gramática de uma sincronia passada, através do processo de letramento (pelo qual, de diferentes modos, os dois personagens passaram). Corrobora, ainda, essa hipótese a diferença discursiva entre a última cena da peça, em que o tom é mais dramático, e o restante do texto.

As três únicas ocorrências do verbo *existir*, duas no primeiro período e uma no sexto, estão reproduzidas abaixo, nos exemplos (13) – (15):

(13) E o meu silêncio depois deste tempo, devia ter-vos feito conhecer que nada mais EXISTE de comum entre nós. (*O noviço*)

(14) Esta outra linha faz-me conhecer que EXISTE um grande obstáculo à vossa união; é preciso superá-lo, seguir aquele que amas; do contrário, acabarás em um convento. (*As casadas solteiras*)

(15) Espelho, espelho meu, EXISTE alguma feminista mais feia do que eu? (*A Mulher Integral*)

Como se pode notar, todas as ocorrências do verbo *existir* aparecem no presente do indicativo: as duas primeiras, em orações encaixadas, e a última, em uma matriz. Dada a escassez de dados, não é possível fazer generalizações sobre os contextos em que *existir* aparece ao longo do tempo. Entretanto, é possível notar algumas peculiaridades nos três dados encontrados na amostra.

Os dois primeiros dados ilustrados, encontrados nas peças do primeiro período, exibem argumento interno (sujeito do verbo inacusativo) com o traço [+abstrato] – que no exemplo em (13), aparece anteposto ao verbo; e no exemplo em (14), posposto. A escolha de *existir* nesses dois contextos parece ter relação com o fato de ser este um *verbo substantivo* representante da existência – que veio a se tornar *haver* posteriormente – ou seja, um verbo que entra na computação sintática, o que implicaria usos mais específicos, mais restritos que os dos *verbos funcionais* – como o caso de *haver* no período em questão e o de *ter* mais adiante.

O que nossos dados mostraram, na análise do contexto pragmático em que as ocorrências se inserem, é que *existir* parece denotar maior contundência e ser mais incisivo, no sentido de atestar ou negar a realidade de dado elemento no mundo, que *haver*, menos marcado semântico-pragmaticamente. Observe-se que o exemplo em (13) é uma fala do personagem Ambrósio, o qual, supostamente, falava com sua primeira esposa, Rosa, de quem não se divorciara e quem abandonara no Ceará havia seis anos. Na cena em questão, Carlos, sobrinho da segunda esposa de Ambrósio, fazia-se passar por Rosa, enquanto Ambrósio deixava claro para sua primeira mulher suas pretensões de continuar casado com a atual.

Os contextos em que se inserem os exemplos (14) e (15) evidenciam o mesmo aspecto de atestação da veracidade de um fato. Em particular, o exemplo (15) constitui caso em que a personagem faz uma paródia da famosa fala da madrasta da Branca de Neve, em frente ao espelho, quando questiona a existência de mulher mais bela que ela mesma. Em sua versão mais conhecida – a escrita pelos

irmãos Grimm – no conto de fadas *Branca de Neve e os sete anões*, a mais famosa fala da madrasta tem sido traduzida para o português muito comumente como “Espelho, espelho meu, *existe* alguém mais bonita do que eu?”, para a manutenção da rima e do ritmo, utilizando-se, no mais das vezes, o verbo *existir*.

A opção *existir* parece ter, mais uma vez, relação com a condição de realidade de algo no mundo, expresso de modo contundente.

Contextos linguísticos no PB

Nesta seção, serão examinados dois contextos linguísticos para tentar identificar se *ter* teria encontrado “vias propícias” de entrada no sistema, ao longo do tempo, no processo de substituição de *haver*. Com isso, será possível verificar se os verbos, ao longo da transição, são encontrados nos mesmos contextos, constituindo “variantes” no sistema ou se, de alguma forma, *haver* teria encontrado uma função específica para permanecer no PB. A partir da análise de Avelar (2006), serão examinaremos apenas dois contextos, com o objetivo de fazer uma comparação com os resultados do autor.

Elementos à esquerda do verbo

De acordo com os resultados encontrados em alguns trabalhos, como o de Duarte (2003), para os sujeitos de referência

definida e indeterminada, Kato e Duarte (2005) concluem que, tanto para sentenças com sujeitos referenciais nulos, quanto para sentenças com sujeitos expletivos nulos, o PB parece rejeitar o verbo em primeira posição. Levando em conta essa afirmação, observem-se as Tabelas 2 e 3, a seguir, sobre a presença de elementos à esquerda dos verbos *haver* e *ter*, respectivamente, ao longo dos 7 períodos em análise:

Tabela 2 – Distribuição de elementos à esquerda de *haver* nos sete períodos do tempo

Elementos - HAVER	Período 1	Período 2	Período 3	Período 4	Período 5	Período 6	Período 7
Nenhum elemento	5 - 17%	7 - 20%	3 - 10%	4 - 11%	5 - 17%	3 - 8%	1 - 2,5%
Negação	11 - 36%	8 - 23%	13 - 44%	21 - 58%	5 - 17%	6 - 15%	-
Advérbios leves	2 - 7%	2 - 6%	-	1 - 3%	-	-	-
Advérbios e Sprep	7 - 23%	3 - 9%	3 - 10%	3 - 8%	-	1 - 2,5%	1 - 2,5%
Arg. int. topicalizado	-	1 - 3%	1 - 3%	1 - 3%	-	1 - 2,5%	-
Elementos em núcleo de CP	2 - 7%	2 - 6%	-	3 - 8%	-	-	-
Elementos em Spec CP	1 - 3%	4 - 12%	3 - 10%	2 - 6%	1 - 3%	-	-
Total	30 - 100%	34 - 100%	30 - 100%	36 - 100%	32 - 100%	39 - 100%	39 - 100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 3 – Distribuição de elementos à esquerda de *ter* nos sete períodos do tempo

Elementos - TER	Período 1	Período 2	Período 3	Período 4	Período 5	Período 6	Período 7
Nenhum elemento	-	2 - 6%	-	1 - 3%	8 - 25%	9 - 23%	16 - 41%
Negação	2 - 7%	3 - 9%	5 - 17%	-	9 - 29%	8 - 21%	12 - 31%
Advérbios leves	-	-	-	-	1 - 3%	2 - 5%	4 - 10%
Advérbios e Sprep	-	1 - 3%	1 - 3%	-	-	4 - 10%	1 - 3%
Arg. int. topicalizados	-	1 - 3%	-	-	-	-	-
Elementos no núcleo do CP	-	-	-	-	2 - 6%	3 - 8%	4 - 10%
Elementos em Spec CP	-	-	1 - 3%	-	-	2 - 5%	-
Total	30 - 100%	34 - 100%	30 - 100%	36 - 100%	32 - 100%	39 - 100%	39 - 100%

Fonte: Elaborada pela autora.

As Tabelas 2 e 3 revelam que, em primeira instância, tanto com o uso de *haver* quanto com o de *ter*, houve preferência por não deixar vazia a posição à esquerda do verbo, se forem comparados percentuais totais de sentenças em que não há nenhum elemento na posição anterior ao verbo e o somatório das demais sentenças, nas quais se verificou a presença de algum elemento, o que nos remete a uma preferência no PB por não deixar o verbo em primeira posição absoluta (KATO; DUARTE, 2005).

Outra observação relevante é o fato de que o elemento de negação aparece com mais frequência que os demais. Observando-se o período 1, os dois únicos dados de *ter* surgem, justamente, antecidos pelo advérbio *não*, conforme se vê em (16):

(16) Batem! São eles, não TEM dúvida. (*O noviço*)

Na sequência, nos períodos 2, 3 e 4, a negação mantém os maiores percentuais nos contextos com *haver*; e os demais elementos mantêm uma taxa mais ou menos constante, entre 3% e 12%. Do mesmo modo, nos períodos 2 e 3, em contextos com *ter*, a negação exibe os maiores percentuais (9% e 17%, respectivamente), mas tanto ocorrências com *ter* em primeira posição quanto outros elementos à esquerda do verbo começam a aparecer. Contrariando as expectativas, a única sentença com *ter* existencial do período 4 exibe o verbo em primeira posição.⁸

Quanto aos períodos 5 e 6, quando o número de ocorrências de *ter* suplanta o de *haver*, pode-se observar o seguinte: nas ocorrências de *haver*, cada vez mais escassa, a negação continua como elemento que apresenta os maiores percentuais (17% e 15%, respectivamente). Por outro lado, com a disseminação de *ter* pelo sistema, os demais elementos começam a aparecer com maior expressão nessas sentenças, tornando a distribuição menos irregular, mas a negação continua com índices maiores que os demais (29% e 21%, respectivamente). É curioso notar que, nos períodos 5 e 6, sentenças com *ter* em posição inicial, ilustradas em (17) e (18), concorrem percentualmente com a negação, chegando a 23% – contra 21% de negação – no sexto período.

(17) Isso aqui é um apartamento pobre, não tem esses luxos.

Quarto, sala, banheiro, cozinha. TEM o meu quarto e o meu filho dorme aqui mesmo. (*Um elefante no caos*)

⁸ Na sentença em questão, exemplificada em (7), há um vocativo, que, portanto, se encontra em uma posição estrutural fora dos limites da sentença. Linearmente, entretanto, o verbo *ter* não se encontra em primeira posição absoluta.

(18) TEVE um escritor que disse que o homem e a mulher depois de 15 anos de casados se tornam parentes. (*A Mulher Integral*)

Por fim, é interessante observar que, nas sentenças com *ter* no período 7, apesar de a negação permanecer como o elemento mais recorrente, com 31%, houve um aumento significativo de estruturas com a posição à esquerda do verbo vazia, alcançando um percentual de 41%. Ou seja, numericamente, as quantidades de *ter* em primeira posição absoluta e algum elemento antes do verbo são praticamente iguais, o que não havia ocorrido até então.

A situação que se delineia sugere que *ter* parece se implementar no sistema nos mesmos contextos anteriormente ocupados por *haver*, mantendo preferencialmente a posição a sua esquerda preenchida, majoritariamente por um elemento de negação. A análise do último período, por outro lado, pareceu sugerir que *ter* ofereceria menos resistência que *haver* à posição inicial da sentença. O exame desse contexto linguístico não mostrou qualquer distribuição complementar entre *haver* e *ter*, desenhando uma situação de instabilidade no sistema, o que aponta para a substituição de uma forma por outra.

Traço semântico do argumento interno

Conforme apontam trabalhos como os de Callou e Avelar (2000, 2002) para o PB contemporâneo, o verbo *ter* parece de fato ter se tornado o verbo existencial por excelência. Tais estudos mostraram que, quando ocorre, *haver* aparece mais frequentemente associado a argumentos internos com traço [+abstrato].

Observem-se as Tabelas 4 e 5, a seguir:

Tabela 4 – Traço semântico do argumento interno através dos sete períodos – verbo *haver*

Traço semântico – HAVER	Período 1	Período 2	Período 3	Período 4	Período 5	Período 6	Período 7
[+humano]	3 – 10%	4 – 12%	3 – 10%	5 – 14%	3 – 9%	-	1 – 2,5%
[+material]	4 – 13%	4 – 12%	3 – 10%	6 – 16%	1 – 3%	-	-
[+abstrato]	20 – 67%	14 – 41%	17 – 56%	24 – 67%	8 – 25%	5 – 13%	1 – 2,5%
[+evento]	1 – 3%	5 – 15%	-	-	-	6 – 15%	-
[+locativo]	-	-	-	-	-	-	-
Total	30 – 100%	34 – 100%	30 – 100%	36 – 100%	32 – 100%	39 – 100%	39 – 100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 5 – Traço semântico do argumento interno através dos sete períodos – verbo *ter*

Traço semântico - TER	Período 1	Período 2	Período 3	Período 4	Período 5	Período 6	Período 7
[+humano]	-	1 - 3%	2 - 7%	1 - 3%	1 - 3%	8 - 21%	13 - 33%
[+material]	-	2 - 5%	2 - 7%	-	12 - 38%	7 - 18%	8 - 21%
[+abstrato]	2 - 7%	4 - 12%	3 - 10%	-	4 - 13%	11 - 28%	12 - 31%
[+evento]	-	-	-	-	1 - 3%	2 - 5%	-
[+locativo]	-	-	-	-	2 - 6%	-	4 - 10%
Total	30 - 100%	34 - 100%	30 - 100%	36 - 100%	32 - 100%	39 - 100%	39 - 100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se pode notar na Tabela 4, até o período 5, o verbo *haver* com argumento interno [+abstrato] é o que apresenta os maiores percentuais, conforme se esperava. No período 6, dos 11 casos de *haver*, 5 aparecem com o traço [+abstrato], correspondendo a 13%; e 6, com o traço [+evento], referentes a 15%, ilustrados, respectivamente, em (19) e (20):

(19) HÁ diferença de cromossomos. (*A Mulher Integral*)

(20) No entanto, nunca HOUVE tanto divórcio, tanta separação como agora. (*A Mulher Integral*)

Se, entretanto, forem considerados os traços [+abstrato] e [+evento] de um lado e os demais traços de outro, será possível perceber que, no período 6, *haver* continua aparecendo em contextos em que o argumento interno é [-concreto].

Quanto ao período 7, a quantidade extremamente reduzida de dados não nos permite fazer assunções de caráter generalizante: dos dois dados com *haver*, um (2,5%) aparece com o traço [+abstrato], comportamento esperado; e um (2,5%), com o traço [+humano], que manteve certa estabilidade percentual (entre 9% e 13%) nos cinco primeiros períodos, mas desapareceu no período 6.

Quanto ao verbo *ter*, logo no primeiro período, é possível notar que os dois únicos casos de *ter existencial* aparecem associados a argumentos internos com o traço [+abstrato], correspondendo a 7% do total de dados no período.

Nos dois períodos posteriores, a tendência encontrada para *haver* se mantém nas sentenças com *ter*: o traço [+abstrato] continua aparecendo com percentuais maiores (12% e 10%), mas já há a presença de argumentos internos com os traços [+material] e [+humano], sendo este o único a ocorrer no período 4.

Entretanto, no período 5, diferentemente da tendência apontada anteriormente, observa-se que *haver*, com uma quantidade de dados muito menor que *ter*, continua exibindo preferencialmente argumento interno [+abstrato], traço que corresponde a 25% do total de dados do período, contra 13% do mesmo traço nas sentenças com *ter*. É curioso notar o aumento significativo do traço [+material], ilustrado em (21), e o aparecimento de ocorrências com o traço [+locativo], ilustrado em (22), que, juntos, somam 44% do total de ocorrências no período:

(21) É. Mas durante a noite refresca um pouco mais, porque TEM água em abundância. (*Um elefante no caos*)

(22) E TEM o quarto da empregada, lá fora. (*Um elefante no caos*)

No período 6, enquanto *haver* continua ligado a argumentos internos com as noções mais abstratas, *ter* demonstra uma distribuição bem menos irregular quanto aos traços [+humano] (21%), [+material] (18%) e [+abstrato] (28%). Além disso, comparando-se o caráter [-concreto] dos argumentos internos de *haver* e *ter*, encontram-se percentuais muito semelhantes: 28% e 33%.

Por fim, no último período, observa-se um ambiente muito mais estável quanto à semântica do argumento interno nas ocorrências de *ter*: [+humano], [+material] e [+abstrato] correspondem, respectivamente, a 33%, 21% e 31%. Se forem somados [+locativo] e [+material], obtendo-se um total de 31% do total, o equilíbrio se torna ainda mais visível.

Conforme esperado, os dados mostraram que, quando ocorre, *haver* tende a estar associado a argumentos internos que revelem conteúdo semântico relativo à menor concretude ([+abstrato] e

[+evento]). Esse fato reforça a perda do caráter funcional de *haver*, já que são os itens lexicais – e não os funcionais – que interferem nos traços semânticos de seus argumentos. Por outro lado, enquanto se implementa no sistema, *ter* também exhibe argumentos internos com os mesmos traços semânticos, em maior ou menor grau, o que demonstra não *haver*, também nesse contexto, distribuição complementar entre os dois verbos.

As sentenças existenciais com *ter* pessoal no PB

Na amostra em análise, foram encontradas, em todos os 7 períodos, 41 ocorrências de *ter* pessoal em sentenças existenciais, ilustradas em (23)-(29) – e parafraseadas com *haver* e *ter* impessoal:

(23)

- a. [...] pode ser algum espião que TENHAMOS em casa.
(*O noviço*)
- b. [...] pode ser algum espião que haja em nossa casa.
- c. [...] pode ser algum espião que tenha em nossa casa.

(24)

- a. [a rua do Ouvidor] É clara como o dia e TEM mais gente que o arraial no dia de festa de Santo Antonio. (*Como se fazia um deputado*)
- b. [a rua do Ouvidor] É clara como o dia e há mais gente nela que no arraial no dia de festa de Santo Antonio.
- c. [a rua do Ouvidor] É clara como o dia e tem mais gente nela que no arraial no dia de festa de Santo Antonio.

(25)

- a. O Napoleão de louça, que ela TEM na mesa de cabeceira, segurando a lâmpada elétrica. (*O simpático Jeremias*)
- b. O Napoleão de louça, que há na mesa de cabeceira dela, segurando a lâmpada elétrica.
- c. O Napoleão de louça, que tem na mesa de cabeceira dela, segurando a lâmpada elétrica.

(26)

- a. Você TEM ou não TEM alguma coisa pra me dizer? (*O hóspede do quarto nº dois*)
- b. Há ou não há alguma coisa para você me dizer?
- c. Tem ou não tem alguma coisa para você me dizer?

(27)

- a. Eu TENHO ainda umas roupas e uma porção de louças de ontem para lavar. (*Um elefante no caos*)
- b. Há ainda umas roupas e uma porção de louças de ontem para eu lavar.
- c. Tem ainda umas roupas e uma porção de louças de ontem para eu lavar.

(28)

- a. Nós TEMOS uma aluna que, tocando espanholas, não só recuperou o marido [...]. (*A Mulher Integral*)
- b. Há uma aluna nossa que, tocando espanholas, não só recuperou o marido [...].
- c. Tem uma aluna nossa que, tocando espanholas, não só recuperou o marido [...].

(29)

a. Nós não PODEMOS TER a Paixão sem o Santo Sudário.

(*No coração do Brasil*)

b. Não pode haver a nossa Paixão sem o Santo Sudário.

c. Não pode ter a nossa Paixão sem o Santo Sudário.

Como mostram os exemplos, ainda que apareça em construções pessoais, *ter* não se vincula ao estabelecimento da posse. Por outro lado, as paráfrases com *haver* não deixam dúvida quanto ao valor possessivo, ainda que não evidente, desse tipo de sentença existencial. Em outras palavras, sentenças existenciais que apresentem *ter* pessoal parecem constituir um subtipo da representação da existência no PB, em que se pode verificar certa nuance possessiva, o que sugere que essas duas noções estão imbricadas. Ora, o surgimento desse tipo de construção no PB permite o preenchimento da posição de sujeito, ao contrário das sentenças existenciais com *haver*. De fato, observando-se o comportamento de *ter* pessoal ao longo dos sete períodos, verifica-se uma tendência ao preenchimento, a exemplo do que se verificou para os sujeitos referenciais (DUARTE, 1993): nos dois primeiros períodos, todos os dados apresentavam a posição de sujeito vazia; nos períodos 3, 4 e 5, há um equilíbrio entre o preenchimento e o não preenchimento; e nos dois últimos, o preenchimento aparece com predominância.

Algumas considerações sobre o PE

Na amostra de PE só foram encontrados dados com *haver*, tanto com argumento interno posposto, quanto anteposto, com

traço [+animado] ou [-animado], conforme ilustrado em (30) e (31), respectivamente:

(30) Se não fossem as compras e os caídos, juro, à fé de Ambrósio, que não HAVERIA vivente que quisesse servir.
(*Uma cena de nossos dias*)

(31) Ah! Estás aí, barão! Que notícias HÁ? (*Casar ou meter freira*)

Não foram encontrados dados de *ter* em sentenças existenciais, o que está de acordo com as expectativas, e apenas um dado de *existir*, ilustrado em (32), o que parece confirmar o caráter marginal dessa estratégia de representação da existência no sistema, a exemplo do que tinha sido encontrado no PB.

(32) Muitas outras harmonias DEVEM EXISTIR entre nós.
(*Nem tudo que reluz é ouro*)

Por outro lado, foram encontradas sentenças existenciais com *ter* pessoal, todas com sujeitos nulos, ilustradas em (33)-(34):

(33)

a. Mas, pelo que parece, TEMOS mouro na costa! (*Uma cena de nossos dias*)

b. Mas, pelo que parece, há mouro em nossa costa!

(34)

a. Sou bonita, e não TENHO aqui ninguém para mo dizer [...]. (*Casar ou meter freira*)

b. Sou bonita, e não há ninguém aqui para mo dizer [...].

Ora, o surgimento de sentenças existenciais com *ter* pessoal no sistema do PE, semelhantes às encontradas no PB, parece revelar que tais construções não estão associadas intrinsecamente à remarcação do PSN no Brasil. A diferença sistêmica parece se dar no âmbito do preenchimento ou não-preenchimento do sujeito em cada uma das variedades. Um exame mais detalhado desse tipo de estrutura se faz necessário, no sentido de estabelecer uma tipologia para determinar o que é possível no PB, mas não no PE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível notar, a análise confirmou a substituição de *haver* por *ter* no PB, fenômeno que não se aplica ao PE. As taxas de *haver* mostram uma redução muito significativa com a passagem do tempo, em oposição a *ter*, que apresentou índices cada vez mais elevados. Nenhum dos dois contextos linguísticos analisados no PB mostrou qualquer tipo de complementaridade na distribuição de *ter* e *haver* ao longo do tempo, o que poderia levar a crer que *haver* estaria em vias de extinção no PB contemporâneo, dada a concomitância instável que as duas formas apresentam. Por outro lado, a análise dos contextos discursivos em que *haver* aparece na peça do período 7 permite supor que essa é uma forma recuperada pela escola, no processo de letramento, e seu uso parece estar relacionado com o tipo de registro mais formal. Faz parte, portanto, de uma outra gramática que não a *gramática nuclear* do indivíduo. Assim, como consequência disso, *ter* e *haver* não são formas variantes e se mantêm no PB: o primeiro como verbo existencial canônico e o segundo, resgatado pelo letramento, mais marcado, tanto do ponto de

vista da frequência, quanto das questões discursivo-pragmáticas, a exemplo do que também se verificou para o verbo *existir*. Ou seja, as formas pertencem a gramáticas diferentes, coexistentes no mesmo indivíduo (KROCH, 1989, 1994, 2001). Ora ele lança mão de uma operação em uma de suas gramáticas internalizadas, ora de outra, atendendo às demandas comunicativas.

Os dados sugerem que, em consonância com os resultados de Duarte (1993) para os sujeitos referenciais, o *status* de *ter* como *verbo existencial funcional* no PB fica mais evidente por volta da metade do século XX, o que corresponde aos períodos 4 e 5, apontados por Duarte como o momento em que a mudança começa a poder ser percebida empiricamente. O aumento do uso de *ter* existencial até o último período, chegando a 95% das ocorrências, acompanha o aumento do preenchimento do sujeito, com taxas aproximadas. Isso pode indicar que, abruptamente, a remarcação do PSN já havia ocorrido antes no sistema, mas os dados a revelam gradativamente. Se se pensar em uma língua de sujeito pleno, como parece ser o comportamento que o PB está tomando, a mudança observada nas sentenças existenciais parece estar de acordo com as novas demandas do sistema: *haver* depende da existência de *pro_{exp}*, inexistente em línguas de sujeito pleno, ao contrário de *ter*.

Além disso, as sentenças existenciais com *ter* pessoal, presentes tanto em PB quanto em PE, revelaram que também aqui a tendência ao preenchimento se verifica: enquanto em Portugal tais construções exibiram apenas sujeitos nulos, no Brasil há uma curva ascendente ao longo dos períodos.

Em suma, o enfraquecimento da morfologia verbal, a perda de *pro_{ref}* a progressiva redução da robustez de dados com sujeitos nulos e a perda de *pro_{exp}* parecem ter criado um ambiente propício

para a entrada do verbo possessivo em contextos existenciais, fazendo de *ter* um *verbo existencial funcional*, o que ainda contribuiu para o surgimento de sentenças existenciais com a posição de sujeito preenchida, situação impossível com o verbo *haver*.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito. *Dinâmicas morfossintáticas com 'ter', 'ser' e 'estar' em português brasileiro*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- AVELAR, Juanito. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/e* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 99-143, 2006.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sobre a Emergência do Verbo Possessivo em Contextos Existenciais no Português Brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba et al. (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 375-402.
- BELLETTI, Adriana. The case of unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 19, n. 1, p. 1-34, 1988.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Estruturas com 'ter' e 'haver' em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, Tânia (org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002. v. 3, p. 47-68.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-114, 2000.
- CAVALCANTE, Sílvia Regina de O. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX*. 1999.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CAVALCANTE, Sílvia Regina de O. *O uso de 'se' com infinitivo na história do português: do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos*. 2006. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. (org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003a.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A posição do sujeito expletivo no português do Brasil: estratégias para seu preenchimento*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003b. Projeto de pesquisa.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Aspectos do sistema pronominal nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 11., 1996, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: Anpoll, 1996. p. 501-509.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 107-128.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento.

In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de *et al.* (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 35-48.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *Sujeitos referenciais e não referenciais: mudança e conservação na escrita padrão*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Projeto de pesquisa.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia.; MARINS, Juliana E. Uma análise comparativa das construções de indeterminação na fala e na escrita. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9., 2005, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: CFEFL, 2005. p. 22-26.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. *Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface*. Ms., 2004.

FALABELLA, Miguel. *No coração do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes, 1992.

FERNANDES, Millôr. *Um elefante no caos*. Porto Alegre: LPM, 1979.

FRANÇA JÚNIOR, Joaquim J. de. *Teatro de França Júnior*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro: Fundação de Arte, 1980. t. 2.

FREEZE, Ray. Existentials and other locatives. *Language*, Washington, DC, v. 68, n. 3, p. 553-595, 1992.

GONZAGA, Armando. *O hóspede do quarto n° 2*. Rio de Janeiro: Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes, 1937.

HENRIQUES, Fernando P. *Construções com verbos de alçamento: um estudo diacrônico*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HORNSTEIN, Norbert; ROSEN, Sara; URIAGEREKA, Juan. Integrals. In: URIAGEREKA, Juan. *Derivations: exploring the dynamics of syntactic*. London: Routledge, 2002. p. 179-191.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Changes in the pronominal system in Brazilian Portuguese: the case of the third person. *In: NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION*, 34., 2005, New York. *Proceedings [...]*. New York: NWAV, 2005.

KROCH, Anthony. Morphosyntactic variation. *In: BEALS, Katharine et al (org.). Papers from the REGIONAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTICS SOCIETY*, 30., 1994, Chicago. *Papers [...]*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1994. p. 180-201.

KROCH, Anthony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 1, n. 3, p. 199-244, 1989.

KROCH, Anthony. Syntactic Change. *In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (org.). The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Malden, MA: Blackwell, 2001.

LASNIK, Howard. Case and expletives revisited: on Greed and other human failings. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 26, n. 4, p. 615-633, 1995.

LIGHTFOOT, David. Gradualism and Catastrophes. *In: LIGHTFOOT, David. The development of language: acquisition, change, and evolution*. Malden, MA: Blackwell, 1999. p. 77-110.

MARINS, Juliana E. *O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS PENA, Luiz C. *As melhores comédias de Martins Pena*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with topics across a Finite CP. *In: PHOEVOS PANAGIOTIDIS, E. (org.). The complementizer Phase:*

Subjects and Operators. Oxford: Oxford University Press, 2008.
p. 143-163.

MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. Raising Issues in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 53-77, 2005.

NOVAES, Carlos Eduardo. *A mulher integral*. Rio de Janeiro: Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes, 1975.

PINTZUK, S. VARBRUL programa. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

REBELLO, Luiz Francisco (org.). *Teatro Português em um acto (1800 – 1899)*. Lisboa: Imprensa nacional: Casa da Moeda, 2003.

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

TOJEIRO, Gastão. *O simpático Jeremias*. Rio de Janeiro: Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes, 1918.

VIOTTI, Evani. *A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil*. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LÉXICO ESPECIALIZADO DEL DISCURSO DE LA BIOÉTICA¹

Soffa Merlino

Si bien la imagen tradicional de la ciencia se asocia a la enunciación racional y objetiva de hechos y leyes, este discurso involucra sin duda una práctica “cargada de decisiones” idiosincrásicas (KNORR CETINA, 2005) y de capas de selectividad y opciones en el orden lingüístico y retórico funcionales a las operaciones cognitivas típicas de las ciencias. De ahí que el estudio del discurso científico se presente como una tarea de singular interés en la medida en que provee de señales fundamentales para la comprensión y evaluación de los mecanismos implicados en los procesos de producción científica, y asimismo conlleva responsabilidad social, en tanto proporciona un panorama más claro y amplio acerca de la habilidad en la utilización del discurso para lograr objetivos que, incluso, pueden llegar a ser otros que los específicamente científicos (BEAUGRANDE, 2000).

¹ El presente trabajo ha sido realizado en el marco del proyecto Aspectos de la textualización de los saberes científicos (Secretaría General de Ciencia y Tecnología, PGI 24/I164), subsidiado por la Universidad Nacional del Sur, bajo la dirección de la Dra. Patricia Vallejos Lobet.

Precisamente, el lenguaje de la ciencia ha sido objeto en las últimas décadas de numerosos estudios desde distintas áreas de la Lingüística (lexicología, sintaxis, semántica, lingüística textual, pragmática)², que abordan los discursos especializados con el propósito de identificar sus rasgos específicos y develar así su carácter retórico, comunicativo, interpretativo y simbólico (BAZERMAN, 1994).

Siguiendo tal interés creciente en la formulación discursiva del conocimiento científico como proceso social de negociación situado en el tiempo y en el espacio, el propósito de este trabajo concierne al análisis de los patrones lingüísticos que se registran en los textos producidos en el campo de la Bioética, por medio de las herramientas conceptuales y metodológicas que ofrece el modelo de la Lingüística Sistémico-Funcional en su orientación hallideana. El objetivo específico del presente artículo atañe al análisis lingüístico de controversias científicas desarrolladas en torno a una problemática de aquellas típicamente asociadas a la Bioética, relativa a los dilemas morales suscitados en el fin de la vida, que se registran en capítulos de libros de diferentes autores, así como en artículos y ponencias presentes en publicaciones académicas argentinas. Se propone aquí realizar una tarea de identificación y análisis de los recursos destinados a la creación de un léxico propio del discurso de la Bioética para designar sus categorías especializadas, dentro del encuadre teórico que ofrece la Lingüística Sistémico-Funcional, en la medida en que este enfoque ha desarrollado herramientas conceptuales específicas para el abordaje de los discursos de las ciencias en un amplio espectro de contextos sociales (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MARTIN, 1993; MARTIN; MATTHIESSEN;

² Para un panorama más amplio acerca de los estudios que en torno del discurso científico emprendieron las ciencias del lenguaje, véase Swales (1998, 2004).

PAINTER, 1997; MARTIN; VEEL, 1998; CHRISTIE; MARTIN, 2000; WEBSTER, 2004; LEEUWEN, 2008).

En particular, se delimitará un *corpus* conformado por una muestra ejemplar de quince artículos de investigación en español, que ofrecen una reflexión sistemática y crítica sobre los dilemas éticos suscitados en el final de la vida, compilados en el libro – *Iniciación a la bioética con algunas reflexiones desde los trasplantes* (2008)– editado por el Departamento de Docencia e Investigación del Instituto Universitario Escuela de Medicina del Hospital Italiano de Buenos Aires; y presentes en publicaciones académicas nacionales –específicamente en *Perspectivas Bioéticas* (2005, n° 19; 2006, n° 20), editada por Flacso.; *Vida y Ética* (2002, n° 2; 2006, n° 2; 2008, n° 2), publicación de la Universidad Católica Argentina; y *Medicina Antropológica*, revista de la Sociedad Argentina de Medicina Antropológica (2006, n° 2)–. La selección de los artículos a examinar se ve condicionada tanto por el carácter reciente del desarrollo de la disciplina en nuestro país cuanto por la delimitación de un área temática en particular de aquellas que constituyen el foco del interés bioético.³

LA TERMINOLOGÍA DEL CAMPO DE LA BIOÉTICA

La terminología es el estudio relacionado con la recopilación y la descripción de términos, es decir, los elementos léxicos que pertenecen a áreas especializadas de uso en una o más lenguas (Cfr.

³ Los datos bibliográficos de los quince artículos que conforman la muestra analizada se encuentran en la sección Referencias de esta presentación.

SAGER, 1993, p. 21). Siguiendo el espectro de recursos disponibles para la creación de terminología en los dominios especializados establecidos por White (1998) y los procesos de formación de vocabulario en los léxicos especializados, referidos en particular a la lengua española, expuestos por Clavería y Torruella (1993), se pretende reunir un conjunto de términos pertenecientes a un campo temático correspondiente a la Bioética, como es el caso del área referida a los problemas morales suscitados en el fin de la vida.

Dentro de la perspectiva de la Lingüística Sistémico-Funcional, uno de los supuestos básicos es aquel que sostiene que la gramática de cada lengua natural es una teoría de la experiencia humana (HALLIDAY, 1998, p. 185). Lo que la gramática hace es transformar la experiencia humana en significado; lo material deviene semiótico, primariamente por intermedio del léxico. Para ello, construye un universo de cosas y relaciones, al imponer una categorización “de sentido común” sobre nuestra percepción de las entidades del mundo. Frente a esta teoría “de sentido común”, una teoría “científica” reconstruye diferentes aspectos de la experiencia humana, a partir de su investigación, observación y explicación (Cfr. HALLIDAY, 1998, p. 185-195). Cuando esa experiencia es reconstruida científicamente, las categorías son definidas, recortadas con límites precisos y organizadas en espacios taxonómicos sobre la base de criterios estables, diferentes a los criterios del sentido común. Se trata de categorías técnicas que funcionan para construir una interpretación alternativa de la realidad.

Los términos técnicos constituyen el recurso primario para esa categorización y organización taxonómica de la experiencia como conocimiento especializado. La terminología especializada bien designa categorías concretas, entidades físicas, o bien construye

lo que Halliday (1998) llama “entidades virtuales”. Éstas últimas comprenden las abstracciones, es decir, conceptos, nociones, propiedades, hechos o ideas no tangibles y constructos metafóricos, producto de un proceso de metáfora gramatical: la nominalización, procedimiento por el cual un proceso o cualidad es transcategorizado a la categoría gramatical de nombre. No obstante, ya sea que denoten entidades concretas o entidades virtuales, los términos técnicos son en sí mismos abstracciones teóricas que, por su naturaleza compactada y por su condición de articular espacios taxonómicos, permiten formular teorías sistemáticas acerca de la constitución del mundo natural.

RECURSOS DISPONIBLES PARA LA CREACIÓN DE TERMINOLOGÍA ESPECIALIZADA EN BIOÉTICA

La gramática del discurso científico reconstruye la experiencia como conocimiento técnico, alejado del saber de sentido común y anclado en una taxonomía de unidades léxicas peculiares. En este punto, Halliday (1993) introduce, en la categoría de los términos técnicos, una distinción entre términos “científicos abstractos” y términos “tecnológicos concretos”. White (1998) identifica en cada uno de los dominios de la ciencia y la tecnología patrones sistemáticos de preferencias, en lo que atañe a los recursos léxicos utilizados para desarrollar nueva terminología especializada.

El espectro de recursos léxicos disponibles para la formación de terminología en los campos especializados incluye (cfr. WHITE, 1998, p. 268-269) los siguientes:

- La reutilización de ítems léxicos de la lengua general⁴, un proceso de extensión de significado resultado de una evolución del sentido del término en el vocabulario común o de la transferencia de una palabra de una a otra esfera especializada (Cfr. CLAVERÍA; TORRUELLA, 1993, p. 334-335). Por ejemplo: *cuidado, decisión, dignidad, persona*. No se trata de un mero préstamo interno dentro de la lengua, sino de un cambio semántico que conlleva una especialización semántica, puesto que la ciencia redefine los términos que toma del léxico común y los incluye en un sistema alternativo de relaciones de valor (Ej.: *lexicon revaleurisation*. Cfr. WHITE, 1998, p. 267).
- El empleo de grupos nominales constituidos con ítems léxicos del vocabulario común, en los que la referencia específica es establecida por intermedio de la modificación. Son construcciones sintagmáticas que equivalen a un único concepto, se han originado a partir de una lexicalización de lo que inicialmente era una combinación ocasional de elementos léxicos de la lengua general, por lo que funcionan como una unidad conceptual (Cfr. CLAVERÍA; TORRUELLA, 1993, p. 327-329). Es el caso de sintagmas nominales formados por un sustantivo y uno o varios adjetivos: *caso clínico, cuidados paliativos, ensañamiento terapéutico, paciente incurable terminal*, y de sintagmas nominales formados por un sustantivo determinado por un complemento preposicional de valor especificativo: *agente de la salud, derecho a la información, final de vida, sacralidad de la persona*. En los textos producidos en el campo de la Bioética que conforman el *corpus* examinado se registra, además, el uso de compuestos sintagmáticos formados por dos sustantivos con distintas relaciones de coordinación: *acogida y escucha*, así como la presencia de sintagmas coordinados, esto es, estructuras

⁴ El recurso de reutilización de ítems léxicos del vocabulario común señalado por White (1998) corresponde a lo que en teoría de la terminología recibe el nombre de *terminologización* (ARNTZ; PICHT, 1995) y al gunos autores describen como *neología científica de sentido* (GUTIÉRREZ RODILLA, 1998).

sintagmáticas combinadas con algún tipo de coordinación:
formulario de petición de análisis o consulta.

- La neologización, o creación de términos no vernaculares derivados mediante préstamos del griego y del latín (Ej.: *donum vitae*). Involucra no sólo la adopción directa de la forma y el significado de unidades lingüísticas pertenecientes a las lenguas clásicas (préstamos léxicos) y los préstamos adaptados en el plano morfosintáctico y gráfico, sino también la construcción de palabras vía la combinación entre bases léxicas de la lengua moderna y afijos o partículas grecolatinas (derivación), así como la formación de compuestos integrados por unidades léxicas de origen culto o compuestos híbridos (composición). Ejemplos: *autoconservación, biotecnología.*
- La formación de vocabulario en los léxicos especializados de la lengua española está dominada por un factor cultural muy importante: la dependencia de sociedades tecnológicamente de vanguardia. Este hecho determina que los procesos de formación de neologismos se originen a menudo, primero, en otra lengua y, posteriormente, con la difusión de los elementos o fenómenos nuevos que designan sean importados por el español. Ello se manifiesta especialmente en los términos construidos mediante formantes cultos, con frecuencia acuñados en lengua inglesa (Cfr. CLAVERÍA; TORRUELLA, 1993, p. 315, 335-339). En el caso del español, se recurre también al inglés como lengua fuente, por medio de préstamos léxicos con y sin procesos de adaptación, semánticos (una unidad léxica propia de la lengua receptora incorpora un significado originado en una sociedad extranjera) o calcos (reproducción de la forma de la unidad lingüística de la lengua donante con la traducción de los elementos que la componen). En nuestro *corpus* de textos, se verifica este fenómeno en la presencia de términos como *hospice, medicalización*, del inglés *medicalization*; *extraordinariedad*, que traduce *extraordinary measures* e incorpora el significado de “tratamiento que, por sus expectativas de producir resultados, las

molestias que puede provocar al enfermo, el costo y los problemas familiares o sociales que puede originar, no es razonable aplicar”, *consentimiento informado = informed consent*.

- La construcción de grupos nominales cuyo núcleo es un ítem del léxico común, pero también en los que los elementos modificatorios son de origen no vernacular. Tal es el caso de: *muerte neocortical*.
- La formación de grupos nominales en los que el núcleo es un ítem del léxico no vernacular y la modificación contiene ítems lexicales de la lengua general o elementos no vernaculares. Por ejemplo: *eutanasia activa, biotecnología médica*.
- La acronomización⁵, procedimiento de compresión por el cual la forma reducida de una unidad conceptual, a partir de la combinación de las letras iniciales de cada una de las palabras que la forman, genera una variante del grupo nominal expandido como modo de referencia. Las formas obtenidas presentan mayor o menor integración dentro del sistema morfológico de la lengua y distintos grados de lexicalización. Ejemplo: ONR *Órdenes de No Reanimación*, acrónimo internacional generado a partir de la traducción de la denominación desarrollada en lengua original inglesa *DNR orders Do Not Resuscitate orders*. En este caso, se advierte la primacía lexical del acrónimo por sobre la forma expandida del término, en la medida en que se menciona la forma abreviada en primer lugar, seguido del sintagma nominal desarrollado entre paréntesis, a modo de definición (ONR [Órdenes de No Reanimación]), lo que White llama “presentación reversa del acrónimo”. Este modo de presentación es indicador de una tendencia a la lexicalización, es decir, cuando el acrónimo entra en procesos productivos dentro

⁵ El proceso de acronomización como un modo de abreviación descrito por White (1998) es análogo al mecanismo de reducción de bases léxicas que, en el marco de la teoría de la terminología, resulta en la formación de *siglas* (Cfr. CLAVERÍA & TORRUELLA, 1993, p. 330-332).

del grupo nominal, ya sea como clasificador de un sustantivo, o como núcleo con modificación (WHITE, 1998, p. 282-283).

Este rango de recursos léxicos es utilizado tanto en la ciencia como en la tecnología para el desarrollo de nueva terminología especializada, sin embargo, se advierten patrones diferenciados de preferencias por recursos particulares para construir los fenómenos de sus respectivos dominios ideacionales. Mientras el discurso científico favorece el empleo de términos simples o básicos (forma de palabra única) contruidos mediante la neologización y el uso de grupos nominales con ítems léxicos creados también por intermedio de este mismo recurso, en el discurso tecnológico predominan la terminologización, el uso de grupos nominales constituidos con ítems léxicos tomados del vocabulario común y las formas acrónimas derivadas de esas estructuras sintagmáticas (Cfr. WHITE, 1998, p. 267).

Al respecto, dice White, los diversos propósitos comunicativos y operacionales de cada ámbito se traducen en diferencias léxico-gramaticales: por un lado, en los textos científicos el léxico técnico establece categorías experienciales cualitativamente distintas de aquellas pertenecientes al sistema de relaciones de valor del conocimiento de sentido común, al punto de desafiarlo y reconstruirlo (*lexicon revaleurisation*), por otro lado, la terminología especializada del discurso de la tecnología desarrolla nuevas categorías que expanden el rango potencial de la experiencia vernacular (*lexicon extension*).

Así, existen diferencias notables en las preferencias léxicas de los discursos especializados de la ciencia y de la tecnología. Nuestro interés, centrado en el discurso de la Bioética, es precisamente analizar los patrones que se registran en tal sentido dentro de este

campo pluridisciplinar, considerando la posibilidad de encontrar diferencias de grado entre los distintos subdominios del ámbito científico en lo concerniente a la mayor o menor preferencia por la utilización de recursos léxicos de la tecnología.

LÉXICO ESPECIALIZADO DE LA BIOÉTICA: ALGUNOS PATRONES PREFERENCIALES

En los textos pertenecientes al dominio de la Bioética que conforman el *corpus* analizado, se advierte, del espectro completo de recursos léxicos disponibles, el claro predominio de la terminologización, es decir, la ampliación del rango semántico de un ítem del vocabulario común mediante metáforas léxicas que reflejan una semejanza ontológica entre el dominio ideacional especializado y las categorías de la experiencia vernacular, para la construcción de términos simples o básicos, junto al uso de grupos nominales con elementos de la lengua general, para la creación de términos complejos. Estos patrones preferenciales permiten inferir la tendencia dentro del campo a la utilización de recursos característicos del léxico tecnológico, pese a la baja recurrencia del uso de expresiones reducidas vía acronomización, situación típica del discurso de la tecnología.

En el Cuadro 1, a seguir, se muestra la distribución de una selección de los términos recopilados según el tipo de recurso léxico:

Cuadro I – Distribución de los términos recopilados según el tipo de recurso léxico (continúa)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. o no vernac.	Acronomización
<i>agonía</i>	<i>autoconservación</i>	<i>abandono de pacientes</i>	<i>caso clínico</i>	<i>bioética personalista</i>	DNR
<i>alivio</i>	<i>biotecnología</i>	<i>acogida y escucha</i>	<i>decisión clínica</i>	<i>deontología médica</i>	ONR
<i>autonomía</i>	<i>consentimiento informado (calco morfológico)</i>	<i>agente de la salud</i>	<i>decisión ética</i>	<i>ética biomédica</i>	EVP
<i>caso</i>	<i>donum vitae</i>	<i>apoyo vital</i>	<i>dilema ético-clínico</i>	<i>ética clínica</i>	
<i>comunitariedad</i>	<i>don de la vida (calco morfológico)</i>	<i>autonomía del paciente</i>	<i>dilema clínico</i>	<i>ética de la virtud</i>	
<i>conciencia</i>	<i>eutanasia</i>	<i>buen samaritano</i>	<i>encarnizamiento terapéutico</i>	<i>ética médica</i>	
<i>corporeidad</i>	<i>holismo</i>	<i>conservación de la vida</i>	<i>estado vegetativo persistente</i>	<i>eutanasia involuntaria</i>	

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
<i>cuidado</i>	<i>hospice</i>	<i>cuidados intensivos</i>	<i>evolución clínica</i>	<i>eutanasia legal</i>	
<i>curación</i>	<i>humanae vitae</i>	<i>cuidados paliativos</i>	<i>juicio ético</i>	<i>eutanasia pasiva</i>	
<i>decisión</i>	<i>medicalización (préstamo adaptado)</i>	<i>defensa de la vida</i>	<i>movimiento hospice</i>	<i>eutanasia voluntaria</i>	
<i>diagnóstico</i>	<i>medios extraordinarios (calco morfológico)</i>	<i>derecho a la información</i>	<i>muerte cerebral</i>	<i>lógica pericorética</i>	
<i>dignidad</i>	<i>medios ordinarios (calco morfológico)</i>	<i>derecho a la vida</i>	<i>muerte neocortical</i>	<i>medicina paliativa</i>	
<i>dolor</i>	<i>ordinariedad (calco semántico)</i>	<i>derecho a la información</i>	<i>obstinación terapéutica</i>		
<i>enfermedad</i>		<i>educación para la salud</i>	<i>situación clínica</i>		

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
<i>enfermo</i>		<i>eficacia médica</i>			
<i>fallecer</i>		<i>enfermo incurable</i>			
<i>futilidad</i>		<i>enfermo terminal</i>			
<i>morir</i>		<i>escucha activa</i>			
<i>muerte</i>		<i>final de vida</i>			
<i>mundanidad</i>		<i>formulario de petición de análisis o consulta</i>			
<i>paciente</i>		<i>información al paciente</i>			

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
<i>persona</i>		<i>moral cristiana</i>			
<i>personalidad</i>		<i>morir humano</i>			
<i>personcidad</i>		<i>muerte asistida</i>			
<i>paternalismo</i>		<i>muerte digna</i>			
<i>principalismo</i>		<i>paciente incurable terminal</i>			
<i>principismo</i>		<i>paciente terminal</i>			
<i>proporcionalidad</i>		<i>persona humana</i>			

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
<i>pronóstico</i>		<i>práctica asistencial</i>			
<i>protocolo</i>		<i>preservación de la vida</i>			
<i>responsabilidad</i>		<i>principio de autonomía</i>			
<i>riesgo</i>		<i>principio de beneficencia</i>			
<i>salud</i>		<i>principio de justicia</i>			
<i>secularismo</i>		<i>principio de no maleficencia</i>			
<i>sufrimiento</i>		<i>principio del buen acompañamiento</i>			

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
<i>sobrevida</i>		<i>principio moral</i>			
<i>supervivencia</i>		<i>profesional de la salud</i>			
<i>tratamiento</i>		<i>prolongación de la vida</i>			
<i>Trascendencia</i>		<i>punto de vista católico</i>			
<i>utilitarismo</i>		<i>punto de vista médico</i>			
<i>veracidad</i>		<i>relación asistencial</i>			
<i>vida</i>		<i>relación médico- familia</i>			

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
		<i>relación profesional- paciente</i>			
		<i>sacralidad de la persona</i>			
		<i>santidad de la vida humana</i>			
		<i>sentido de la vida</i>			
		<i>ser Absoluto Personal</i>			
		<i>ser mortal</i>			
		<i>sostén vital</i>			

(continuación)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
		<i>suicidio asistido</i>			
		<i>suspensión de tratamiento</i>			
		<i>toma de decisiones</i>			
		<i>tratamiento paliativo</i>			
		<i>valor de la vida humana</i>			
		<i>verdad de la vida</i>			
		<i>verdad del mundo</i>			
		<i>verdad global / integral</i>			

(conclusión)

Terminologización	Neologización (préstamos y calcos)	Grupo nominal: núcleo y modif. vernaculares	Grupo nominal: núcleo vernac./ modif. no vernac.	Grupo nominal: núcleo no vernac./ modif. vernac. o no vernac.	Acronomización
		<i>verdad objetiva</i>			
		<i>vida física</i>			
		<i>vida humana</i>			
		<i>verdad del mundo</i>			
		<i>verdad global / integral</i>			

Fuente: Ballesteros (2008), Belli (2005), Butera (2008), Copati (2008), Fraix (2006); García (2002); Gherardi (2006), Lukac de Stier (2008), Maglio, F. (2006), Maglio, I. (2006), Pace (2008), Padron (2008), Perazzo (2008), Pineda (2008); Poblete (2008).

De las muestras organizadas en el Cuadro 1 es posible inferir las consideraciones que siguen.

En nuestros datos encontramos que el uso del procedimiento neológico que consiste en dotar de un nuevo sema especializado a una palabra ya existente en el sistema del lenguaje común, y de la formación de lexías complejas mediante procesos de sintagmación de unidades del vocabulario general, son ampliamente mayoritarios en los textos que tratan los conflictos éticos en torno al fin de la vida. El proceso que parece utilizarse para la adscripción del nuevo sentido a un ítem de la lengua general no se basaría en la analogía –meramente simbólica o inherente a la naturaleza de las realidades representadas por los términos de la comparación–, sino en una operación de especificación del significado.

En otras palabras, si se concibe un lexema no como una unidad plena, sino como el resultado de un trabajo de selección en un espacio de posibles semánticos delimitado por el universo discursivo (MAINGUENEAU, 1980, p. 61-62), podría decirse que el discurso de la Bioética explota una parte de las posibilidades sémicas de una pieza del vocabulario común, relegando las otras a la sombra. Pero no se trata sólo de colocar en primer plano una de estas posibilidades de la lengua: el discurso de la Bioética aprovecha la carga semántica de un lexema dentro del repertorio de los posibles de la lengua y la especializa, marcándola para su circulación dentro de un sistema de relaciones de valor fuera del sentido común. Esta operación de reducción semántica correspondería a lo que el modelo componencial de análisis lexicológico llama *monosememización*, esto es, “cuando el número de los sememas de una unidad polisém(ém)ica en lengua se reduce a uno solo, durante la actualización discursiva y

en virtud de los efectos del contexto lingüístico y/o extralingüístico” (Cfr. KERBRAT-ORECCHIONI, 1983, p. 272).

En el ámbito bioético, este proceso de monosememización redundaría en la creación de una *unidad terminológica*, es decir, una unidad léxica de función denominativa definida en relación con otras unidades del mismo tipo en el seno de un dominio de actividad especializado (Cfr. CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2005, p. 546-547). La superposición de sentidos complementarios, que coexisten pacíficamente con el término definido por el discurso de la Bioética, obliga a tomar precauciones metalingüísticas para desterrar ambigüedades involuntarias que trascienden, por ejemplo, al recurso del paréntesis metalingüístico o a un diccionario técnico para determinar las pautas de uso de aquellos ítems léxicos de origen común. Así, por caso, mientras el Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española define “alivio” como “acción y efecto de aliviar o aliviarse” y “aliviar” en términos de “quitar a alguien o algo parte del peso que sobre él o ello carga”, con una cuarta acepción que se expresa como “disminuir o mitigar las enfermedades, las fatigas del cuerpo o las aflicciones del ánimo”, en cuanto la palabra deviene un término bioético alude a la

[...] sensación subjetiva de mejoría en los síntomas molestos de una enfermedad que es, junto con la curación y el apoyo moral al enfermo, uno de los objetivos de la Medicina. (PARDO, 2000, p. 2).

Como puede verse, el uso de tecnicismos creados mediante neologización⁶, es decir, a partir de raíces, prefijos y sufijos

⁶ El proceso de creación léxica aquí referido como *neologización* corresponde a lo que, según la teoría de la terminología, recibe el nombre de *neología científica de forma* (GUTIÉRREZ RODILLA, 1998).

procedentes de las lenguas latina y griega o mediante préstamo léxico, semántico o calco, siguiendo en particular los cauces del inglés (incluso como lengua de transmisión de elementos que etimológicamente provienen de las lenguas clásicas), no registra un número considerable de apariciones en las celdas del cuadro. Se advierte la presencia de préstamos léxicos cuya falta de adaptación se refleja en formas fieles a la lengua de origen, como sucede con denominaciones latinas propias del lenguaje teológico (cfr. por ejemplo: *donum vitae*).

Cabe señalar la recurrencia de términos especializados formados mediante la reproducción, con elementos autóctonos, de la forma de unidades lingüísticas del inglés como lengua donante (calcos). Son destacables los casos de los compuestos nominales del inglés del tipo adjetivo + sustantivo, que se traducen en español con un sintagma nominal que mantiene la estructura del compuesto inglés, con cambio de orden de sus componentes: *informed consent* = *consentimiento informado*. El influjo del inglés es consecuencia del hecho de que gran parte de la terminología bioética se acuña en esa lengua, en la que se ha desarrollado básicamente la disciplina en cuestión. Así, puede resultar difícil distinguir los casos en los que se trata de un proceso de creación propio del español de aquellos en que el origen de la denominación procede de dicha lengua.

Del mismo modo, tampoco es frecuente la aparición, en el *corpus* de textos examinado, de lexías complejas construidas a partir de formantes exclusivos del ámbito científico. En contraste, se aprecia una tendencia progresiva hacia la construcción de términos complejos a partir de ítems léxicos del vocabulario común. Este recurso para crear terminología especializada es característico del discurso tecnológico, aunque parece funcionar aquí más bien con los

rasgos propios del léxico científico, ya que estos términos complejos, al igual que aquellos que incluyen elementos no vernaculares, forman parte de estructuras taxonómicas. Es el caso de: *muerte asistida / muerte cerebral / muerte digna / muerte encefálica / muerte neocortical; ética biomédica / ética clínica / ética de la virtud / ética médica; eutanasia activa / eutanasia involuntaria / eutanasia legal / eutanasia pasiva / eutanasia voluntaria*. Por otro lado, se observa el hecho peculiar al discurso bioético de que los términos básicos o complejos que no se insertan dentro de estructuras taxonómicas, sí pueden formar parte de diadas conceptuales, como sucede con los ítems *curación / cuidado; proporcionalidad / desproporcionalidad*.

Los resultados hasta aquí expuestos nos sugieren una serie de reflexiones que planteamos a continuación.

La Bioética no permanece estacionaria, sino sujeta a la provisionalidad, la constante experimentación y las revisiones permanentes del área de la investigación tecnocientífica que constituye el foco de su reflexión. De allí que los modos de designación propios de la tecnología puedan resultar adecuados en este ámbito científico para nombrar las nuevas categorías que se van construyendo. De manera que en el campo disciplinar bioético, la frontera entre lo científico y lo tecnológico es más difusa que en otros dominios de la ciencia.

La razón que podría aducirse para explicar la tendencia de la Bioética a favorecer la neología por intermedio de la extensión semántica de piezas básicas procedentes del lenguaje estándar, y de procesos de sintagmación mediante mecanismos de yuxtaposición

o coordinación de palabras de la lengua común⁷, se vincula a la realidad que los términos nuevos están llamados a nomenciar. Puesto que la Bioética designa un ámbito en el que la complementariedad de las ciencias y las humanidades promueve la reflexión sobre las cuestiones éticas suscitadas por las tecnociencias biomédicas contemporáneas, su dominio ideacional se expande en paralelo con el permanente avance de la innovación tecnológica. Esto obliga a la disciplina a disponer de un potencial para responder a las necesidades designativas de una realidad inherentemente inestable, en la medida en que nuevos dispositivos, procesos y modos de interacción resultan del desarrollo tecnológico.

Por otra parte, el carácter controversial del campo de la Bioética no puede traducirse en los mismos criterios de categorización sistemáticos, estables, verificables y teóricamente motivados que prevalecen en las definiciones del discurso científico. La polemicidad intrínseca al ámbito bioético tiene su correlato, en contraste, en categorías flexibles y asistemáticas, aunque pasibles de configurar relaciones taxonómicas. De ahí la baja frecuencia de aparición de ítems léxicos simples de origen no vernacular, típicamente asociados a categorías definidas en términos absolutos, tal como lo demuestran los artículos examinados.

Para justificar la preferencia del campo de la Bioética por los patrones típicos de la tecnología en la construcción de terminología técnica, verificada en el *corpus* bajo análisis, podría esgrimirse, por último, el hecho de que el foco central de interés de la disciplina es tanto teórico como pragmático. Tal como es instrumental el

⁷ En la teoría de la terminología, la formación de lexías complejas mediante procesos de combinación sintáctica jerarquizada de palabras recibe el nombre de *complejificación*. Cfr. Gutiérrez Rodilla (1998, p. 132-134).

propósito del dominio tecnológico, en relación con el desarrollo de técnicas e instrumentos o herramientas, la teorización bioética está directamente vinculada a la resolución de los problemas morales surgidos en el ámbito de la biomedicina y la investigación.

COMENTARIOS FINALES

Hasta aquí hemos expuesto las consideraciones en torno a los rasgos lingüísticos propios del discurso de la Bioética que nos permiten confirmar la hipótesis propuesta acerca de la peculiaridad que signa sus posibilidades expresivas.

Este campo pluridisciplinar demuestra haberse forjado un vocabulario técnico distintivo, preferentemente por intermedio de los patrones léxico-gramaticales típicos del registro de la tecnología, aunque con ciertos rasgos propios del léxico científico. Así, por un lado, la reutilización de ítems léxicos de la lengua general, previa especialización semántica en función de un sistema alternativo de relaciones de valor, y, por otro, el empleo de construcciones sintagmáticas que equivalen a un único concepto, originadas a partir de una lexicalización de lo que inicialmente era una combinación ocasional de elementos léxicos del vocabulario común, prevalecen como recursos particulares para construir los fenómenos de su respectivo dominio ideacional, característicos del discurso tecnológico. Sin embargo, el influjo de los patrones propios del lenguaje científico para construir terminología técnica se revela en las relaciones taxonómicas, que suelen establecer las categorías del ámbito bioético, aunque flexibles y asistemáticas.

En este sentido, la muestra ejemplar aquí analizada, referida al área de los problemas morales suscitados en el fin de la vida –un campo temático propio de la Bioética– verifica tales patrones diferenciados de preferencias para el desarrollo de nueva terminología especializada. Las unidades léxicas peculiares relevadas, creadas mayoritariamente mediante la extensión semántica de piezas básicas procedentes del lenguaje estándar, sugieren, además, dada la superposición de sentidos complementarios que coexisten con los términos definidos en el seno del dominio especializado, el compromiso del discurso de la Bioética de desterrar ambigüedades involuntarias.

Se destacan, por otra parte, los procesos de formación de neologismos a partir del inglés, como resultado de la dependencia general de los léxicos especializados del español respecto de sociedades tecnológicamente de vanguardia.

Estos resultados inferidos a partir del estudio sistemático del soporte empírico nos permiten afirmar –consideramos que lícitamente– que la Bioética rinde también justicia, en su transdisciplinariedad, a lo que Clifford Geertz (1983) ha denominado, para el caso de las humanidades, “géneros confusos” (*“blurring genres”*), en referencia al carácter difuso de las fronteras entre los subdominios científicos. Así, la Bioética se ofrece como un espacio ideológico diversificado del que emerge tanto un vocabulario técnico propio que sigue los cauces de diferentes comunidades intelectuales cuanto una pluralidad de cánones de evaluación y patrones argumentativos pertinentes en un único sitio de combate.

REFERENCIAS

- ARNTZ, Reiner; PICHT, Heribert. *Introducción a la terminología*. Madrid: Pirámide, 1995.
- BALLESTEROS, Juan Carlos Pablo. La filosofía y la muerte del anciano enfermo consciente. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 249-254, 2008.
- BAZERMAN, Carles. *Constructing experience*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1994.
- BEAUGRANDE, Robert de. La saga del análisis del discurso. In: DIJK, Teun A. van (org.). *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 67-106.
- BELLI, Laura F. Las prácticas eutanásicas y el argumento de la pendiente resbaladiza. *Perspectivas Bioéticas*, Buenos Aires, año 10, n. 19, p. 89-102, 2005.
- BUTERA, Juan M. La enfermedad en fase terminal. In: PACE, Rosa Angelina; CAFFARO HERNÁNDEZ, Norma (org.). *Iniciación a la Bioética con algunas reflexiones desde los trasplantes*. Buenos Aires: Delhospital, 2008. p. 203-247.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Diccionario de análisis del discurso*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- CLAVERÍA, Glória; TORRUELLA, Joan. Formación de términos en los léxicos especializados de la lengua española. In: SAGER, Juan C. *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Madrid: Pirámide, 1993. p. 315-349.
- COPATI, Haydée. Vivir la verdad. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 139-144, 2008.
- CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (eds.) *Genre and institutions*. London: Continuum, 2000.

- FRAIX, Teresa Maria. La ética del morir desde la medicina: la muerte biológica. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 7, n. 2, p. 157-168, 2006.
- GARCÍA, José Juan. Muerte y eutanasia. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 3, n. 2, p. 133-144, 2002.
- GEERTZ, Clifford. Blurred genres: the refiguration of social thought. *The American Scholar*, Washington, DC, v. 29, n. 2, p. 165-79, 1983.
- GHERARDI, Carlo R. La muerte intervenida: una visión comprensiva desde la acción sobre el soporte vital. *Perspectivas Bioéticas*, Buenos Aires, año 11, n. 20, p. 102-121, 2006.
- GUTIÉRREZ RODILLA, Bertha. *La ciencia empieza en la palabra: análisis e historia del lenguaje científico*. Barcelona: Península, 1998.
- HALLIDAY, Michael Alexander K. An introduction to functional grammar. London: Edward Arnold. 1994.
- HALLIDAY, Michael Alexander K. Things and relations. In: MARTIN, James Robert; VEEL, Robert (org.) *Reading Science*. London: Routledge, 1998. p. 185-235.
- HALLIDAY, Michael Alexander K.; MARTIN, James Robert. *Writing Science: Literacy and Discursive Power*. London: The Falmer Press, 1993.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La connotación*. Buenos Aires: Hachette, 1983.
- KNORR CETINA, Karin. *La fabricación del conocimiento: un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia*. Buenos Aires: Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2005.
- LEEUWEN, Theo van. *Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

LUKAC DE STIER, María L. Sentido y límite de la visión filosófica sobre el dolor y la Muerte. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 261-272, 2008.

MAGLIO, Francisco. La medicina, la vida y la muerte: una mirada antropológica. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 7, n. 2, p. 113-124, 2006.

MAGLIO, Ignacio. El derecho a decidir en el final de la vida: morir con dignidad y testamento vital. *Medicina Antropológica*, Buenos Aires, n. 2, p. 30-34, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Introducción a los métodos de análisis del discurso*. Buenos Aires: Hachette, 1980.

MARTIN, J. R., MATTHIESSEN, C. ; PAINTER, C.. *Working with Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1997.

MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (org.). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London: Routledge, 1998.

PACE, Rosa Angelina. Acerca de la muerte. La cuestión de la muerte encefálica. In: PACE, Rosa Angelina; CAFFARO HERNÁNDEZ, Norma (org.). *Iniciación a la Bioética con algunas reflexiones desde los transplantes*. Buenos Aires: Delhospital, 2008. p. 249-267.

PADRÓN, Héctor Jorge. Consideraciones sobre la agonía y el morir humano. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 211-248, 2008.

PARDO, A. *Léxico de bioética: diccionario Espasa de Medicina*. Madrid: Espasa, 2000.

PERAZZO, Gerardo. La comunicación de la verdad global a la persona con una enfermedad incurable. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 145-162, 2008.

- PINEDA, Rafael. El caso del cáncer avanzado del cuello uterino. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 179-186, 2008.
- POBLETE, Ricardo Augusto. El principio de lo éticamente adecuado. *Vida y Ética*, Buenos Aires, año 9, n. 2, p. 187-194, 2008.
- SAGER, Juan C. *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Madrid: Pirámide, 1993.
- SWALES, John M. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SWALES, John M. *Research genres: explorations and applications*. Cambridge: Cambridge, 2004.
- WEBSTER, J. J. (ed.). *The Language of Science: Collected Works of M.A.K.*
London: Continuum Books, 2004. v. 5.
- WHITE, P.R.R. “Extended reality, proto-nouns and the vernacular”
In: Martin, J.R. & R. Veel (eds.) Reading Science. London: Routledge, 1998. p. 266-296.

APLICANDO A TÉCNICA DO “PALAVRA-PUXA-PALAVRA” EM GÊNEROS DIVERSOS

André Conforte

Doze anos antes de lançar no mercado seu consagrado *Comunicação em prosa moderna* (pela editora da FGV, em 1967), obra de referência nos estudos de produção textual no Brasil, Othon Moacyr Garcia já estreava no movimento chamado de *Análise estilística* com a publicação de *Esfinge clara* (pela Livraria São José, em 1955), obra pioneira sobre a produção poética de Carlos Drummond de Andrade. Sendo uma das vertentes da chamada *Nova crítica* no Brasil, corrente cuja implantação se deveu ao empenho de Afrânio Coutinho em sua luta com a assim chamada crítica de rodapé, a Análise estilística, de certa forma, levou às últimas consequências a técnica do *close reading*, no seu empreendimento de privilegiar os aspectos formais do texto literário, em especial do poético. Era, de fato, uma abordagem que pretendia confirmar na própria estrutura linguística do texto literário sua semântica global, constituindo-se, em última análise, numa busca de iconicidade, de motivação máxima do signo verbal, de uma

relação forma ou conteúdo quase que biunívoca; e que encontraria ambiente mais propício para tal manifestação, como não poderia deixar de ser, na chamada função poética da linguagem. Roger Fowler (1994, p. 3) afirma que “[...] entre a melhor crítica literária do século XX conta-se a que incide sobre a linguagem dos textos de que se ocupa”; defende ser possível “[...] aceder diretamente ao significado e valor de um texto a partir da sua própria estrutura linguística” e, ainda, ser “[...] perfeitamente viável tomar um texto e esquadrihá-lo para se avaliar o significado das suas estruturas” (FOWLER, 1994, p. 290-291), ainda que ele mesmo considere este um ponto de vista “muito otimista” (FOWLER, 1994, p. 291). Para Fowler, uma vez que as estruturas que interessam ao analista estão no próprio texto, “qualquer crítico minimamente cuidadoso e metódico pode facilmente fazer o seu levantamento por meio de uma apropriada técnica analítica” (FOWLER, 1994, p. 291). O procedimento, o método, enfim, a abordagem do texto literário preconizada por Fowler, não diferem do trabalho empreendido por Garcia e por tantos outros desbravadores da análise estilística:

O recurso, de forma fundamentada, às estruturas da língua contribui muito para melhorar a qualidade do debate entre críticos literários acadêmicos reconhecidos como tal. De fato, estes foram-se desabitando de discutir literatura em função dos seus próprios sentimentos, das presumíveis intenções do autor, de qualidades estéticas abstratas ou de simples juízos morais. [...] Numa fase muito recuada, a obra de I.A. Richards, *Practical Criticism* (1929), embora não fosse linguisticamente muito sofisticada, já defendia com firmeza que se devia prestar rigorosa atenção aos elementos que o próprio texto oferecia. (FOWLER, 1994, p. 4).

É, contudo, uma forma de se trabalhar o texto literário que, principalmente no meio universitário e nas disciplinas ligadas aos estudos literários – talvez, em parte, pelo advento recente dos chamados “estudos culturais” –, caiu em desuso e já não goza de muito prestígio, se é que de algum. Mas à época, de fato, o opúsculo sobre a obra drummondiana foi recebido com elogios quase que unânimes da crítica no Brasil, sendo imediatamente considerado como obra renovadora dos estudos literários em nosso país.

É fato também que o trabalho analítico empreendido por Othon M. Garcia (1996, 1967) privilegiou os mais diversos recursos linguísticos utilizados nos textos literários com que trabalhou. Salta aos olhos, porém, a predominância do estudo do léxico (ou, mais exatamente, do vocabulário, mas não faremos esta distinção aqui) em todos os seis ensaios por ele empreendidos. Fowler (1994, p. 35) já ressaltava:

O *vocabulário* é a parte da língua que, de um modo mais evidente, classifica a nossa experiência do mundo segundo conceitos e sistemas de conceitos.

Embora reconheça outros aspectos importantes no desempenho dessa função, como a *sintaxe*: “[...] sintaxes diferentes codificam significados diversos, embora as palavras possam ser as mesmas e não mude sequer ‘o que dizemos’” (FOWLER, 1994, p. 35). Analisando-se o que privilegiou Garcia em suas análises estilísticas, percebe-se que o autor contemplou, para falar apenas dos elementos linguísticos, não só a sintaxe, mas também a semântica, a fonologia, a iconicidade do signo (sem ter utilizado esse termo), os tropos, etc., mas, acima de tudo, explorou o vocabulário dos poetas estudados, as associações semânticas e linguísticas entre as palavras, sobretudo os substantivos

(mesmo porque não há palavra mais “palavra” que o substantivo). Garcia escreveu diversos ensaios de análise estilística sobre a obra de seis poetas brasileiros. Ao longo de 23 anos, ocupou-se em investigar detidamente aspectos parciais (procedimento que, de certa forma, também distingue a análise da crítica) da obra destes escritores, a saber: Carlos Drummond de Andrade (*Esfinge clara*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955), Gonçalves Dias (*Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956), Augusto Meyer (*A janela e a paisagem na obra de Augusto Meyer*. Separata da Revista Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958), João Cabral de Melo Neto (*A página branca e o deserto. Luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto*. Separata da Revista do Livro, do Instituto Nacional do Livro, 1957-1958), Raul Bopp (*Cobra Norato: o poema e o mito*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962) e Cecília Meireles (*Exercício de numerologia poética: paridade numérica e geometria do sonho num poema (“Canção excêntrica”) de Cecília Meireles*. Separata da Revista de Cultura Vozes, 1978). Todos esses ensaios só vieram a ser reunidos em 1996, em segunda edição, pela editora Topbooks (GARCIA, 1996). Outros ensaios dispersos, escritos em jornais e revistas, sobre a obra de autores como Mauro Motta e Aníbal Machado (CONFORTE, 2011, 2014), continuam a esperar publicação. Para este artigo, faremos uso basicamente do ensaio primeiro de Garcia (1996), por entendermos que é lá que se emprega a técnica de exploração do léxico em sua plenitude, embora em seus demais ensaios estilísticos o léxico (como no caso das análises que empreende sobre a poética cabralina) também exerça papel fundamental nas análises empreendidas pelo crítico (predicado que Garcia rejeitava peremptoriamente, mas que empregamos aqui em seu significado mais amplo). Nosso objetivo, portanto, é, por meio do

resgate e da demonstração, de forma resumida e prática, do chamado “palavra-puxa-palavra”, fornecer, aos professores e estudantes, um método de análise estilística que proporcione resultados satisfatórios e também práticos no árduo exercício de interpretação de textos com que quase cotidianamente nos embatemos em sala de aula.

O “PALAVRA-PUXA-PALAVRA”: O QUE É E COMO SE FAZ

Ao publicar *Esfinge clara* pela editora São José, em 1955, Othon M. Garcia instaurou um método praticamente sem precedentes na análise da poesia drummondiana – ou na poesia brasileira, de um modo geral –, detectando, na obra do escritor itabirano, o “processo poético” a que denominou *associação semântica e paronomástica* ou *jogo de palavra-puxa-palavra*. Deixemos que o próprio Garcia explique em que consiste o termo:

O sistema consiste, em linhas gerais, no encadeamento de palavras, quer pela afinidade ou parentesco semântico, quer pela semelhança fônica (paronímia, homofonia, aliteração, rima interna), quer, ainda, pela evocação de fatos estranhos à atmosfera do poema propriamente dito (frases-feitas, elementos folclóricos, reminiscências infantis, circunstâncias de fato, resíduos de leitura). (GARCIA, 1996, p. 15).

O autor alertava, no entanto, para o fato de que essa técnica não consistia em novidade absoluta, mas podia ser uma boa chave para decifrar a esfinge que se erguia, até então intransponível, frente à poesia de Drummond:

Trata-se de recurso não inteiramente novo na poesia contemporânea – e mesmo na de todos os tempos –, mas habilmente aproveitado pelo autor de *Brejo das almas*, para com ele, até certo ponto, compensar as naturais deficiências da linguagem poética. (GARCIA, 1996, p. 15).

O “sistema” foi esquematizado da seguinte maneira:

A: sugeridor inicial explícito / a: sugeridor inicial implícito

B, B¹, B²...: sugeridos explícitos / b, b¹, b²...: sugeridos implícitos

em que *A* e *a*, de modo explícito e implícito, respectivamente, “puxam” outras palavras, também explícita ou implicitamente (*B* e *b*) ao longo do poema. Assim, em um poema como *Desfile*,

O rosto no travesseiro,
escuto o tempo fluindo
no mais completo silêncio.
Como remédio entornado
em camisa de doente;
como dedo na penugem
de braço de namorada;
como vento no cabelo,
fluindo: fiquei mais moço. [...]
A montanha do colégio.
Colunas de ar fugiam
das bocas, na cerração.
(ANDRADE, 2012, p. 99).

Garcia (1996, p. 16-17) empreende a seguinte análise:

O primeiro elo da corrente, isto é, a ideia sugeridora inicial, é *travesseiro*, implicitamente associado à de *cama*, pois ambos são termos contíguos da mesma área semântica; mas desse elemento subentendido, passa o poeta ao segundo elo, *remédio*, reversivamente sugerido por *doente*, no 5º verso, ou, mais certamente, evocado pela situação total reconstituída, vale dizer, a do enfermo no silêncio do seu quarto.

Ou seja:

A (travesseiro) → b (pena) →

→ B (doente) → B¹ (remédio)

O mesmo procedimento é realizado ao se analisar *O amor bate na aorta*:

O amor bate na porta
O amor bate na aorta,
Fui abrir e me constipei,
Cardíaco e melancólico,
O amor ronca na horta
Entre pés de laranjeira
Entre uvas meio verdes
E desejos já maduros.
(ANDRADE, 2013, p. 17).

À primeira vista, adverte o autor, a associação seria apenas paronomástica (*porta*, *aorta*, *horta*) e contrastante (*verdes* - *maduros*), mas Garcia acusa outras relações de sentido, esquematizadas da seguinte forma:

A (amor) → b (coração) → B (cardíaco) → {B¹ (aorta) / B¹ (ronca)}

Nas palavras de Garcia (1996, p. 45),

O poeta associou no plano linguístico elementos que, no plano real, são materialmente interdependentes ou contíguos: *coração* (ideia latente em cardíaco) e *aorta*.

O jogo de “palavra-puxa-palavra” permite, então, que o poema alterne dois campos semânticos por meio da polissemia evocada pelo signo linguístico *coração*. Um de ordem mais espiritual, outro de ordem mais material. Do mesmo modo, a associação paronomástica *porta-aorta-horta* permite também a incursão em campos semânticos ligados ao terceiro termo: *pés de laranjeiras, uvas meio verdes*, já que, implicitamente (b¹), o termo *horta* é sugerido:

A (porta) → B (aorta) → B¹ (horta) → b (pomar) →
B² (pés de laranjeira)

E, assim por diante, exaustivamente, Garcia (1996, p. 30) demonstra-nos as ocorrências de “palavra-puxa-palavra” em diversos poemas do *gauche* mineiro, até concluir mais adiante:

Sob a aparente desordem formal, sob o alogismo característico da poesia de Drummond de Andrade, subsiste uma estrutura íntima, rígida e ordenada, que sustenta e amalgama os elementos arquitetônicos do poema, pois a lógica do poeta não é a da língua gramaticalizada, é a da intuição, é a lógica das imagens.

FORTUNA CRÍTICA

A recepção crítica ao ensaio sobre o processo poético de Drummond foi, salvo restrições pontuais, absolutamente positiva. A coluna “Escritores e livros” do jornal *Correio da manhã* (28/1/1956), assinada por José Condé (1956), anunciava:

Foi Augusto Meyer, sem dúvida, com a sua “análise e interpretação” do “Bateau Ivre”, de Rimbaud, o primeiro a realizar um trabalho de crítica científica e linguística entre nós. [...]

Agora, o Sr. Othon Moacyr Garcia acaba de apresentar um trabalho que se encarta no mesmo gênero do de Augusto Meyer. Intitula-se “Esfinge clara” e é uma análise linguística da poesia de Carlos Drummond de Andrade. [...]

Esse importante trabalho editado pela Livraria São José vem esclarecer extraordinariamente o mecanismo poético do autor de “Fazendeiro do Ar”, onde o seu justo título “A Esfinge Clara” [*sic*].

Evaristo de Moraes Filho, na sua coluna “O homem e o mundo”, publicada em março de 1956 na revista *A cigarra*, vê no ensaio inaugural de Garcia um processo de *investigação* literária, por seguir o crítico um método indutivo – de dentro para fora – na exegese da poética drummondiana, julgando-o, portanto, capaz de desvendar uma poesia que, ao que tudo indica, era de fato considerada um enigma ainda não muito claro:

De posse desse instrumento de interpretação [o “palavra-puxa-palavra”], torna-se clara e límpida a esfinge, conhecido o seu segredo, como alguém que desarticula todas as peças de um “puzzle”. O crítico caminha

de dentro para fora, e não de fora para dentro, veste-se inteiro do poema analisado, como quem se tranca dentro de um fecho éclair. Penetra na intimidade da obra poética, mas de cabeça fria, caminhando de “flash” na mão, a iluminar os refulgos da vida anímica do criador do poema. Mas não procura fazer o caminho inverso do poeta, nem antecipar-se ao seu próprio trabalho, como quem já sabe de antemão os resultados a que deve chegar. (MORAIS FILHO, 1956).

O resenhista filia a obra de Garcia aos trabalhos da nova crítica americana e à técnica do *close reading*, na esteira dos estudos de I. A. Richards, autor que de fato influenciou sua prática de análise literária:

A técnica levada a efeito por Othon Garcia pode-se enquadrar dentro dos modernos princípios de crítica de Richards e do “criticism” literário que procura fazer da obra de arte um todo fechado em si mesmo, capaz de uma análise profunda, pura, através de seus elementos constitutivos. Requer, sem dúvida, honestidade de propósitos e humildade de esforços, lembrando por vezes a paciência do trabalho artesanal, a bico de alfinete, na procura do verdadeiro segredo que sustenta todo o restante da criação artística ou literária. (MORAIS FILHO, 1956).

Otto Maria Carpeaux, na seção “Livros na mesa” do jornal *Correio da Manhã* (17/11/1956), escreve longa e detalhada resenha sobre o ensaio de Garcia. Reconhece sua obra como renovadora dos processos críticos no Brasil:

Passou o tempo em que se podia escrever sobre poesia, durante vinte anos ou mais, como fez o sr.

Tristão de Athayde, sem dar atenção aos aspectos formais dela, como observou bem o sr. Ledo Ivo. (CARPEAUX, 1956).

Sobre o método empregado por Garcia, não obstante a aprovação dos resultados, Carpeaux faz ressalvas:

Parece-me que o crítico poderia encontrar a mesma lógica alógica e os mesmos processos associativos em vários e até em muitos outros poetas: por exemplo, em Gôngora e em todos os gongoristas. (CARPEAUX, 1956).

O recorte no qual se encontra esta resenha, pertencente ao arquivo da família de Othon M. Garcia, tem anotações marginais feitas pelo próprio autor. Apontando para essa restrição de Carpeaux a sua obra, sobrescreveu à caneta: “Ver Esfinge Clara, p. 75:⁸ ‘poderíamos reconhecê-la (essa técnica associativa) como um dos vezos do barroco gongorino’, etc.”. De fato, a memória deve ter traído o crítico austro-brasileiro, que não se lembrou dessa passagem, nem daquela em que o autor, ainda no começo do ensaio, afirma não se tratar o “palavra-puxa-palavra” de nenhuma novidade na poesia brasileira de hoje ou mesmo na poesia de todos os tempos.

O ensaio de Carpeaux, intitulado “Limites da estilística”, busca demonstrar exatamente a ideia que se encontra no título: não obstante suas virtudes, a análise estilística peca ao não situar historicamente os autores e obras estudados. Conquanto haja um tanto de verdade em sua argumentação, cometeu o resenhista o pecado, a nosso ver, de fundamentar seus pontos de vista num pressuposto inexistente, ou

⁸ Essa anotação manuscrita se refere, é claro, à edição da Livraria S. José, de 1955. A mesma citação, na edição da Topbooks (GARCIA, 1996) se encontra na página 67.

seja, o de que Garcia não “individualizou” o “palavra-puxa-palavra” em Drummond, analisando o processo da mesma forma que faria caso estivesse analisando um poema gongorista. Nada mais falso, já que o próprio Garcia afirma que, em Drummond, novos são os usos desse processo. E o problema é que esse falso pressuposto conduzirá a resenha de Carpeaux *da capo al fine*, como se pode ver em suas palavras finais, que parecem desconsiderar flagrantes contextualizações históricas no ensaio de Garcia; além disso, seu desfecho soa até mesmo, a nosso ver, contraditório:

Por isso mesmo o crítico especializado em análise estilística pode analisar, com a mesma gravidade, os poemas de um Carlos Drummond de Andrade, e os de um poetastro qualquer. E quem sabe se os resultados não seriam os mesmos?

Eis o limite estético da estilística. Não acredito, aliás, que possa ser atravessado, tomando-se como guia uma estética dogmática. Estou com Auerbach, Devoto e a maioria dos italianos: a importância de um poeta só pode ser demonstrada como ponto de encontro entre a expressão individual de uma personalidade poética e o momento histórico. Para entender e compreender a poesia de Carlos Drummond de Andrade, é preciso compreender seu mundo, seus problemas e sua época. Carlos Drummond de Andrade, falando em seu próprio nome, tem autoridade para falar em nome de seu tempo; por isso estou convencido de que falou para todos os tempos. (CARPEAUX, 1956).

Já M. Cavalcanti Proença, no *Jornal de Letras* (fevereiro-março de 1956), prevê que *Esfinge clara* “ficará entre as melhores coisas escritas sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade”:

Este resultado a que chegou é suficiente, por si só, para valorizar o trabalho que se aplica a outros autores, além de contribuir decisivamente para o esforço de levantamento crítico que se vai lentamente fazendo das obras principais da literatura brasileira. Crítica de perspectiva intrínseca da obra, como diria Afrânio Coutinho que tanto vem aconselhando e recomendando essa atitude. (PROENÇA, 1956).

Proença parece achar tão sugestivo o método de Garcia que, na mesma resenha, se arrisca a aplicá-lo a versos de Mário de Andrade:

“A passiflora! o espanto! a loucura! o desejo!
Cravos! mais cravos para a nossa cruz!”

Quem não percebe logo, passiflora: flor de maracujá, flor da paixão? E, por isso, paixão de amor: espanto, loucura, desejo. E porque passiflora é flor, temos cravos, mas da paixão sofrimento é cravo de martírio: mais cravos para a nossa cruz.

Mais curioso ainda:

“Quimera viva! Vlan! Lança pelo infinito
o bico em curva e o voo arca sobre o deserto.”

Quimera viva, sonho, fantasia, carnaval. Vlan, marca de lança-perfume, creio que, hoje, desaparecida. De lança perfume veio o Lança pelo infinito. (PROENÇA, 1956).

O método parece mesmo entusiasmar Proença, que sugere sua aplicação imediata ao ensino, como uma possível estratégia para vencer as dificuldades de interpretação de texto por que passam os alunos, numa consideração que soa bem atual:

Como se vê, o método apresenta condições de emprego didático e seria bom difundir-lo entre estudantes

de literatura, para responder à infalível pergunta “que quer dizer este poema?” – pergunta muito natural em adolescentes, racionalizados pelo uso de compêndios didáticos e orientados desde cedo para a busca, a qualquer preço, de uma significação em tudo. (PROENÇA, 1956).

E é a partir desse “experimento” realizado por Proença que nos inspiramos a pensar que a técnica do “palavra-puxa-palavra” pode, de fato, ser recuperada e se aplicar a outros fins que não somente os de análise do texto poético.

O próprio Cavalcanti Proença, anos depois, em estudo introdutório de uma edição da *Invenção de Orfeu*, complexa obra poética de Jorge de Lima, cita o sintagma proposto por Garcia e tenta utilizá-lo com o fito de analisar algumas partes do longo e complexo poema:

Associações puras geram o processo de palavra-puxa-palavra, e o poema se vai construindo numa como anadiplose mental, palavra final de uma frase repetindo-se no início de outra: “Nobre apenas de memória, vai lembrando-se de seus dias, / dias que são as histórias, / histórias que são porfias / de passados e futuros / naufrágios e outros apuros, / descobertas e alegrias”. (LIMA, [198-?]).

Queremos demonstrar, portanto, a possibilidade do emprego da técnica de “palavra-puxa-palavra” como fator desencadeador de coerência (se é que a coerência pode ser “desencadeada”, mas cremos tratar-se apenas de um recurso a mais para “fechar o circuito”) textual; e da descoberta, por meio das trilhas lexicais, de como se estabelece a progressão temática de um texto.

Senão vejamos, ainda que por meio de dois pequenos exemplos tirados de outros gêneros textuais. Na aplicação de uma prova de vestibular em sala de aula, propusemos a seguinte questão, referente a um trecho do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo:

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, [...]

O enunciado acima apresenta uma sequência de sensações. Aponte o valor semântico dessa sequência e identifique no texto outro exemplo em que a disposição das palavras produza efeito similar. (UERJ, 2011, grifos do autor).

A resposta dada por um dos alunos demonstra que o “palavra-puxa-palavra”, a par de ser um sistema “norteador” de sentido, pode ser também “desnorteador”, uma vez que a simples evocação de um signo pode levar o leitor a fazer interpretações por vezes não tão seguras ou defensáveis. Vejamos a resposta do aluno:

O valor semântico desta sequência é de um trabalho árduo, que aliado ao calor solar, se aproxima de um cenário dantesco. Outra construção que indica similar interpretação é “um punhado de demônios revoltados”, pois adjetiva ainda mais as personagens do cenário.

A expectativa da questão era que o candidato entendesse haver um processo semântico de *gradação*, e ainda que destacasse outra frase do excerto dado na prova, em que semelhante figura se manifestasse; essa frase seria “a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra”, em que a sequência de verbos produz efeito similar de *gradação*. Pois bem, vejamos como, em nossa opinião, o aluno se deixou levar pelas invocações sugeridas por um mero elemento sugeridor

inicial: a ideia de calor árduo evocou na mente do aluno a imagem do *inferno*, daí o sintagma “cenário dantesco”, automaticamente manifesto por alusão ao *Inferno de Dante* – que, para muitos alunos, é o próprio nome da *Divina Comédia* – é bom lembrar que simples fragmentos de informação sobre certas obras literárias e demais bens culturais fazem parte do repertório geral dos leitores tanto quanto ou, provavelmente, mais do que a própria leitura dessas obras; não é à toa que, em seguida, o aluno recorre à imagem dos “demônios revoltados” – sintagma, aliás, presente mais abaixo no próprio texto do autor naturalista. O esquema, à moda de Othon M. Garcia, ficaria então da seguinte maneira:

A → (calor associado ao trabalho árduo) → **b**¹ → (inferno de Dante) → **B**¹ (cenário dantesco) → **B**² (demônios revoltados)

Ora, se numa prova de vestibular é pouco provável que uma banca tenha um gabarito tão elástico que possa aceitar a resposta dada pelo aluno, numa aplicação em sala de aula (como foi o caso), o professor pode, se não validar a resposta, ao menos tentar compreender os mecanismos que fizeram com que o aluno chegasse a ela, até mesmo para que possa alertá-lo quanto às armadilhas que as palavras nos pregam. Ao mesmo tempo, poderá, não sem algum esforço, mostrar ao estudante que o mesmo sistema de associações semânticas que o “desnor-teou” em sua resposta poderia, com um pouco mais de método, “nor-teá-lo” na direção da resposta desejável. É um grande desafio para o professor de Língua Portuguesa, mas cremos ser um desafio possível, a partir do momento em que ele reconhece os mecanismos “nor-teadores” e “desnor-teadores” da análise. Essa “boa vontade” do professor, ou seja, a vontade de fechar o circuito da coerência, deve ser sempre, à medida do possível,

exercitada, sob pena de, algumas vezes, desperdiçar possíveis boas respostas e encaminhamentos dados pelo aluno. É o que, *mutatis mutandis*, propõe Costa Val (2001) acerca da suposta incoerência de redações de alunos. A autora defende a ideia aparentemente radical – mas jamais absurda, porque bem fundamentada – de que não existe texto incoerente; não é com isso queremos dizer que *não há resposta errada*, é claro. O que queremos aproveitar das ideias da autora é justamente o esforço colaborativo do professor em entender os processos semânticos (em última análise, cognitivos) que determinaram o encaminhamento do texto do aluno. A rede de associações semântico-lexicais poderia ser um caminho apenas, mas um caminho razoavelmente eficiente.

O exemplo seguinte é um dos que, numa possível aplicação didática da técnica proposta por Garcia (1996), demonstram que o “palavra-puxa-palavra” não se aplica somente ao texto literário, poético, mas até mesmo à seção de carta de leitores de um jornal – foi exatamente o que ocorreu na carta de um leitor do jornal carioca *O Globo*, indignado com a soltura de um bandido cujo apelido evocava, paronimicamente, o nome do deus dos deuses da mitologia grega:

Como foi possível ao nosso sistema jurídico-penal conceder a **Zeus** o benefício do chamado regime semiaberto, marginal condenado pelo hediondo crime que vitimou o jornalista Tim Lopes? Certamente, não foi com a bênção de **Zeus**, nem de qualquer outro **deus do Olimpo**. Agora, resta-nos parabenizar quem o recapturou e rogar ao **verdadeiro Deus** que o mantenha no seu devido lugar, ou seja, **depois do caudaloso rio**, cuja travessia é conduzida pelo barqueiro **Caronte**, onde, por paradoxal que pareça, não são possíveis as **diabólicas** chicanas jurídicas que, aqui, em Pindorama, costumam livrar essa e outras **bestas**

humanas dos **castigos** que em qualquer outro lugar desse mundo lhes seriam infligidos. (PINHEIRO, 2010, grifos nossos).

As associações mostram-se claras na leitura da carta, e os nomes que são evocados pelo sugeridor inicial explícito “Zeus” aparecem todos em negrito; com isso, assim fica esquematizado o jogo de “palavra-puxa-palavra” da carta do leitor:

A (Zeus, apelido de um bandido) → B (Zeus, por associação paronomásica) → B1 (deus do Olimpo) → B2 (*verdadeiro* Deus) → b¹ (inferno, por oposição ou por associação com a mitologia) → B4 (depois do caudaloso rio) → B5 (Caronte) → B6 (diabólicas) → B7 (bestas) → B8 (castigos)

Acreditamos firmemente que, para os professores que veem na exploração do léxico um recurso produtivo para as aulas de Português, o “palavra-puxa-palavra” pode ser uma ferramenta útil e até mesmo agradável para o aluno, já que o vocabulário de um texto, literário ou não, é o que há, para ele, de mais visível, certamente mais visível do que, por exemplo, os arranjos sintáticos que, não menos importantes do que o inventário lexical, podem constituir uma etapa posterior na exploração de determinada obra literária.

O crítico José Paulo Paes, em resenha sobre a edição de 1996 dos ensaios de Garcia, sintetizou sua técnica por meio da seguinte alegoria:

Se me pedissem para resumir, numa frase, o tipo de crítica a que Othon Moacyr Garcia se aplica, eu diria que se trata de uma crítica por itálicos. Durante a leitura do texto poético, o lápis do crítico vai nele sublinhando as ocorrências verbais que lhe afigurem

mais características e mais significativas dele, texto, e de seu respectivo autor.

Esse levantamento seletivo, por cuja maior ou menor pertinência se pode aferir o mérito da visão analítica, possibilita ao analista ir além dos dois ponteiros até as entranhas do relógio, para ali examinar de perto e entender “o milagre e o engenho do seu movimento sincrônico”.

A imagem relojoeira é do próprio Othon Moacyr Garcia a certa altura do seu estudo acerca da técnica de palavra-puxa-palavra, que ele vê como a marca de fábrica da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Por meio de associações analógicas, o poeta alcança revivificar, enriquecendo-a de novos matizes, a semântica de “frases-feitas, imagens estereotipadas e resíduos de leitura”. É o que o autor de “Esfinge Clara” cuida de mostrar em peças das várias fases da trajetória de Drummond, por meio de análises que ajudam o leitor a compreendê-las melhor e lhe estimulam a imaginação a ir ainda mais adiante. (PAES, 1996).

Talvez seja essa, a nosso ver, a tarefa do professor: transformar o aluno num “relojoeiro do texto”. O que nosso artigo propôs, portanto, sem maiores pretensões, foi tão somente o “resgate” de uma ferramenta de trabalho que já se encontra há mais de 60 anos no fundo da gaveta, mas que, apesar da aparência enferrujada, pode-se mostrar ainda bastante útil na tarefa de decifração de textos diversos. É bom lembrar ainda que, também em *Comunicação em prosa moderna*, Garcia (1967) dedicar-se-ia ao estudo do léxico em diversos momentos, mas principalmente na segunda parte, “O vocabulário” (GARCIA, 1967, p. 171-215). De especial importância é o capítulo III dessa parte do livro, intitulado “Famílias de palavras e tipos de

vocabulários” (GARCIA, 1967, p. 195). No item 3.2, “famílias ideológicas e campo associativo”, o autor lembra:

As palavras se associam também por uma espécie de imantação semântica: muito frequentemente, uma palavra pode sugerir uma série de outras que, embora não sinônimas, com elas se relacionam, em determinada situação ou contexto, pelo simples e universal processo de associação de ideias, pelo processo de palavra-puxa-palavra ou de ideia-puxa-ideia. É o agrupamento por afinidade ou analogia, que poderíamos chamar de “campo associativo” ou “constelação semântica. (GARCIA, 1967, p. 197).

Também no *Correio da manhã*, em 20/3/1965, escreveria Garcia (1965), sobre o romance *João Ternura*, de Aníbal Machado (1894-1964), uma resenha em que, novamente, encontramos o crítico literário à vontade com as ferramentas da análise estilística que o consagraram dez anos antes, como quando observa, manifesto na prosa de Machado, o mecanismo do “palavra-puxa-palavra” (ainda que não utilize o termo) ao analisar o trecho intitulado “Embolada do crescimento”; chame-se a atenção para o fato de que se trata, nesse caso, de um texto em *prosa*, e não em *verso*, o que demonstra não haver limitações, de fato, à aplicação desta técnica. Será, talvez, a maior ou menor expressividade do texto que tornará possível ao analista aplicá-la com maior ou menor êxito. Leiamos o trecho do pitoresco romance de Aníbal Machado (1964, p. 16 *apud* GARCIA, 1965, n.p.):

Enquanto a criança crescia a mãe arrumava a casa esperava o marido dormia ia à igreja conversava dormia outra vez regava as plantas arrumava a casa fazia compras acabava as costuras enquanto a criança crescia as

tias chegavam à janela olhavam o tempo estendiam os tapetes imaginavam o casamento ralavam coco liam os crimes e os dias iam passando enquanto a criança dormia crescia pois o tempo parou para esperar que a criança crescesse.

A análise que Garcia faz desse trecho, ainda que longa, merece ser citada quase na íntegra:⁹

Essa ideia de sucessão dos dias, na expectativa do tempo desejado, está habilmente sugerida numa forma verbal efficacíssima (posto que insólita, porque traduzida em frase caótica) para expressar continuidade: uma série de orações em fieira, justapostas, sem conjunção nem vírgula. Mas só os dias correm: o tempo, não. O tempo está “parado”, o tempo é de expectativa, em compasso de espera. Tudo isso está insinuado nas três orações iniciadas por “enquanto”, orações que indicam tempo concomitante, duração: “enquanto a criança crescia”, “enquanto a criança dormia crescia”.

[...]

Ao titular esse parágrafo de “embolada”, teria o autor pensado em sugerir a ideia de “dois tempos”, de compasso binário, que caracteriza a embolada nordestina? A estrutura da frase faz lembrar o ritmo e o tom dessa forma poética-musical do Nordeste. Aquele “ralar coco” das tias não será o resultado de uma associação de ideias com “embolada de coco”, ou simplesmente “coco”, de que há inúmeras variedades pelo Norte e pelo Nordeste? É pelo menos curioso tenha o Autor especificado essa atividade das tias, quando todas as

⁹ Toda essa passagem, incluindo o trecho que se encontra nas reticências entre colchetes (sobre o “tempo bergsoniano” sugerido nesse parágrafo) é oportunamente aproveitada por Garcia, com algumas modificações, em *Comunicação em prosa moderna*, no capítulo referente às *frases de ladainha* (p. 130-131).

outras referidas fazem parte da rotina doméstica em geral. Mais curioso ainda, porque ralar coco, embora seja comum em todo o Brasil, não é tão característico da região mineira, onde Ternura nasceu e crescia, quanto do Nordeste. Deve ter havido uma associação de ideias, talvez despercebida do próprio Autor, entre os dois tempos ou compasso binário da embolada de coco e os dois tempos da “embolada de crescimento”. (GARCIA, 1965).

Note-se que, para o crítico, não importava, como não deve importar, se o escritor *tinha ou não* consciência das associações de ideias evocadas pelo texto. Quem tem de nos dizer algo é o texto, não o autor, e esse talvez seja um dos maiores corolários que os prógonos da Nova crítica e da técnica do *close reading* nos deixaram. Por conseguinte, deve-se deixar o estudante a sós com seu texto, sem deixar que impertinentes suposições acerca das intenções do autor interfiram em seus exercícios de análise estilística. O sistema de “palavra-puxa-palavra” já pressupõe, em essência, os processos inconscientes de construção textual, e a legitimação de certo elemento particular se dará caso esse elemento isolado estabeleça comunicação com os demais elementos e, enfim, com o todo semântico do texto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Brejo das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CARPEAUX, Otto Maria. Limites da estilística. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1956. Livros na Mesa.

CONDÉ, José. “Esfinge Clara”, de Othon Moacyr Garcia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1956. Escritores e livros.

CONFORTE, André Nemi. *A esfinge clara em prosa moderna: a contribuição de Othon Moacyr Garcia para os estudos linguísticos, literários e textuais*. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CONFORTE, André Nemi. Os dispersos de Othon M. Garcia. *Idioma*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 104-124, 2014.

COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos (org.). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FOWLER, Roger. *Crítica linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1967.

GARCIA, Othon Moacyr. *Esfinge clara*. São Paulo: Livraria São José, 1955.

GARCIA, Othon Moacyr. *Esfinge clara e outros enigmas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. João Ternura: herói erótico, mas sem malícia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1965.

LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Ediouro, [198-?].

MORAIS FILHO, Evaristo de. A estreia de um quarentão. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, mar. 1956. O homem e o Mundo.

PAES, José Paulo. Dois ponteiros do relógio até seu mecanismo: Topbooks reedita 'Esfinge Clara e Outros Enigmas', de Othon Moacyr Garcia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano, n., 27 out. 1996.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Esfinge clara (resenha). *Jornal de Letras*, Lisboa, n. 80, p. 14-15, fev./mar. 1956.

PINHEIRO, Antonio Peixoto. Carta ao Globo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2010. Seção de carta dos leitores.

UERJ. *Exame discursivo: Língua Portuguesa / Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Uerj, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2u5hekY>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

ESCOLHAS LEXICAIS: UMA ANÁLISE ANTROPONÍMICA EM *CEM ANOS DE SOLIDÃO*

Letícia Rodrigues

Estudar as escolhas lexicais que atuam no discurso literário significa lançar um olhar baseado nos ditos (e também não ditos), a fim de tentar compreender a expressividade que cada palavra imprime no resultado final de dada obra. No rol dos trabalhos recentemente publicados em Onomástica e Etimologia, este artigo objetiva integrar tais áreas da Linguística de modo associado à literatura, mais especificamente ao livro *Cem anos de solidão* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015), doravante CAS, um reconhecido clássico latino-americano. Salientamos que este estudo é bastante cauteloso no que tange às análises e interpretações literárias, pois nosso foco de investigação é o de, por meio da perspectiva lexical, empreender uma busca a respeito da informação etimológica referente aos nomes dos personagens, de modo a entender o motivo dessa escolha e se ela influenciará o desdobramento do enredo, incorrendo na

possibilidade de estudo dos aspectos ideológicos e das visões de mundo que estão por trás das escolhas e das criações lexicais que surgem como resultado de uma necessidade de expressão pessoal e dos efeitos de sentido que geram no discurso literário. (CARDOSO, 2015, p. 335).

Para tanto, acreditamos ser necessário elencar algumas considerações a respeito das duas áreas responsáveis por guiar mais profundamente esta pesquisa. A Onomástica seria, então, a

área da linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios, quer se direcionem para as suas origens, quer para os seus processos de formação, quer para a sua organização no léxico das línguas e também no meio social. (RODRIGUES, 2016, p. 13).

Vários podem ser os seus objetos de estudo, a exemplo de nomes de santos, corpos celestes, marcas comerciais, etc. Dentre os mais conhecidos, destacam-se os nomes de pessoas - antropônimos - e os nomes de lugares - topônimos -, referindo-se, respectivamente, às subáreas da Antroponímia e da Toponímia.

Lembramos que este trabalho se volta para a análise dos antropônimos encontrados no livro, em sua maioria, pertencentes aos integrantes da família Buendía-Iguarán. Desse modo, no que tange à Etimologia, a partir de Viaro (2011, p. 99), consideramos que ela seria “o percurso entre o étimo ou a origem e a palavra investigada”. Contudo, a tarefa de realizar um estudo etimológico dos nomes próprios é particularmente mais difícil, sobretudo diante da dificuldade de conservação e da veracidade das informações, pois mesmo os

melhores dicionários cometem equívocos e são passíveis de revisão. Ainda nos diz Viaro (2011, p. 102):

Não basta abrir um dicionário etimológico e ler as propostas oferecidas pelos autores como “verdade acabada”. As respostas não estão prontas: os autores discordam entre si, propõem várias soluções, elegem esta ou aquela solução e, não raro, erram.

A metodologia utilizada se fará a partir do uso de três dicionários etimológicos, a saber: *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa – Tomo II*, de Nascentes (1952), *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Mansur Guérios (1981), e *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de Machado (2003). A questão do significado referente aos nomes próprios levanta controvérsias e debates entre os estudiosos. Acreditamos – e guiamos nossas análises – numa perspectiva de que não há construção linguística totalmente desprovida de significação, em consonância com o embasamento teórico da Linguística Cognitiva.¹ Assim, além da função designativa que desempenham, acreditamos que os nomes de pessoas apresentam significados parcialmente opacos, pois remontam, na grande maioria dos casos, a sincronias pretéritas, deixando seu significado primeiro encoberto aos olhos dos utentes hodiernos, porém recuperado por meio da pesquisa de caráter etimológico-documental.

Ressaltamos, também, que a função social está imbuída no ato de nomear, considerada uma das primeiras práticas sociais, e que se desconhece a existência de sociedades que não atribuam nomes

¹ O paradigma teórico da Linguística Cognitiva, mais bem consolidado nos anos de 1980, refere-se a um entendimento da linguagem em conexão indissociável com a cognição; e a experiência humana com o mundo que a circunda (seu meio social).

designativos a pessoas, animais ou até mesmo a objetos. Portanto, concordamos com Mota (2013, p. 29) ao afirmar que:

O uso linguístico faz parte do comportamento dos indivíduos, por esse motivo, não acontece isoladamente, e, estando esse uso relacionado à cultura e à história das comunidades linguísticas, o estudo de como as pessoas são chamadas e “tratadas” pode desvendar importantes aspectos históricos e culturais de um povo.

Adiante, passaremos ao entendimento de algumas das principais características em CAS, seguindo para a análise dos antropônimos e os prováveis motivos de suas escolhas.

O LIVRO

Escrita em 1967, *Cem anos de solidão* é uma das histórias de maior sucesso não só do colombiano Gabriel García Márquez, mas também da América Latina. Carinhosamente conhecido como “Gabo”, Márquez nasceu no dia 6 de março de 1927, em Aracataca. Foi considerado um dos precursores da corrente literária chamada de “realismo mágico” (ou fantástico), apontada como uma característica própria da literatura latino-americana,² na qual o conceito do que viria a ser a realidade não é tão bem definido. Este artigo é também uma homenagem a este que é uma das maiores vozes da literatura mundial, considerado um dos escritores mais traduzidos

² Também presente em *Pedro Páramo*, do escritor mexicano Juan Rulfo.

no mundo, conquistando, inclusive, o Prêmio Nobel da Literatura, em 1982, pelo conjunto da sua obra.

A escolha de *Cem anos de solidão* se deu, sobretudo, pela tendência onomástica muito acentuada que apresenta. Trata-se de uma obra que, de fato, proporciona as mais diversas formas de interpretação. Vários teóricos de literatura dedicaram-se com fascínio ao estudo de suas páginas, colhendo inúmeros aspectos para análise que, em conjunto, compõem e explicam o porquê da sua genialidade e popularidade, decorridos mais de 50 anos de sua publicação. Como já mencionado, não nos debruçaremos na investigação do aspecto literário da história, que, muitas vezes, é o alvo exclusivo dos estudos produzidos. Intentamos, na verdade, demonstrar, assim como Carvalhinhos (2002), o modo como a Onomástica pode oferecer subsídios para diversas outras análises. Outrossim, a reflexão aqui proposta não tem a intenção de abordar exaustivamente toda a história do século de solidão vivenciado pelos Buendía, mesmo que, a fim de corroborar nossas hipóteses, nos seja necessário abordar alguns acontecimentos ou passagens isoladas.

Distintamente de obras literárias que se constroem a partir de um parco elenco de personagens, CAS demonstra profunda complexidade no rol de indivíduos que a compõe, fazendo com que muitos leitores tenham, inclusive, dificuldade em acompanhar todos os envolvidos na história. Para tanto, traremos, a seguir, uma figura da genealogia da família (Figura 1), que intenta guiar nosso estudo.

Salientamos que, até mesmo durante uma simples leitura do livro, é possível perceber diversas passagens que consideram a importância que a Onomástica ocupa. Dessa forma, acreditamos que a escolha dos nomes em *CAS* não foi aleatória e atribui características idiossincráticas a cada indivíduo, de modo que o nome então,

traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai se transformando em signo lingüístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, ao menos intuído. (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 63).

Em se tratando das escolhas lexicais, ao nomear um indivíduo, estão em questão diversos motivos, como: o desejo de homenagear parentes, amigos, santos, personalidades famosas, etc.; o aspecto fonético (atrelado comumente à justificativa de “acho um nome bonito”); superstição (que pode envolver o uso de letras repetidas ou determinada quantidade destas); influência da mídia, etc. Para as obras literárias, tais critérios podem aparecer com maior ou menor grau de importância, mas em específico para a obra *Cem anos de solidão*, propugnamos dois principais, a saber: o conhecimento etimológico e a unicidade.

Quanto ao conhecimento etimológico, acreditamos que, em *CAS*, o autor faz uma espécie de brincadeira com os antropônimos e seus respectivos significados, de modo a traçar características das personalidades dos personagens, além de fazer algumas previsões dos seus destinos na obra. Tal hipótese ficará mais bem esclarecida a seguir, no decorrer da nossa análise dos dados. Ainda, evitando nos aprofundar exacerbadamente nas questões que se referem à diferença entre os nomes próprios e os nomes comuns – motivo ainda de muitas discrepâncias entre os estudiosos –, apresentamos

o critério da unicidade - já pensado desde o século II a.C. pelo gramático Dionísio da Trácia e retomado por Ullmann (1967) - que se refere à particularização de um indivíduo por seu nome, de modo a distingui-lo e singularizá-lo dos demais, reforçado por um item do onomástico pessoal. Dentre uma pequena comunidade de pessoas, por exemplo, é possível distinguir seus membros a partir dos nomes, o que não seria possível com um conjunto de cadeiras ou mesas. Contudo, a existência de homônimas pode comprometer a validade desse critério:

É a unicidade do nome que faz do homem um indivíduo. Onde essa particularização não ocorre, os limites da individualidade se apagam. (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 42).

Nesse sentido, a repetição dos nomes na obra culmina na sensação de tempo cíclico, como se os descendentes fossem um reflexo das personagens que já existiam, resultando na “comprovação de que o tempo não passava [...], e sim dava voltas redondas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 361).

ANÁLISE DOS ANTROPÔNIMOS

Nesta seção nos deteremos ao estudo dos nomes de alguns³ personagens da obra, associando, à perspectiva onomástica e etimológica, traços da personalidade de cada indivíduo, segundo descritas pelo próprio García Márquez.

³ Diante da lauta quantidade de personagens que compõem a obra, o estudo exaustivo de todos os nomes não se mostra plenamente necessário para a proposta aqui apresentada.

A primeira geração

Iniciamos nossa análise pelos nomes do primeiro casal que se apresenta na história, formado por José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán. Uniram-se quando Úrsula tinha 19 anos e “[...] estavam ligados até a morte por um vínculo mais sólido que o amor: um remorso comum de consciência. Eram primos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 27). Essa ligação consanguínea sempre despertou em Úrsula diversas angústias, pois temia que seus filhos, frutos daquela união, nascessem com partes não humanas (em referência a um primo que nasceu com rabo de porco e morreu ao tentar decepá-lo). Para José Arcádio Buendía, isso não era um problema: “Não me importa ter leitõesinhos, desde que consigam falar” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 27). Assim, foi uma grande felicidade, principalmente para Úrsula, quando do nascimento de seus três filhos com todas as suas “partes humanas”.

Da perspectiva onomástica, a partir da definição atrelada ao antropônimo José, observamos a referência à figura bíblica do grande construtor, com relação tanto à família quanto aos trabalhos manuais. De fato, acreditamos que exista realmente essa atribuição referente ao personagem, pois é ele quem vem a ser o responsável não só pela criação da família, por meio da qual se desenvolve o enredo, mas também pela própria aldeia, de nome Macondo. Somado a isso, está o antropônimo Arcádio que, para Nascentes (1952), seria aquele vindo da Arcádia. Nessa região mitológica viviam cantores e pastores de simplicidade e singeleza, em contato com as manifestações da natureza, o que confirma alguns outros aspectos peculiares do personagem. Ainda segundo Nascentes (1952, p. 24):

A referência cabe melhor a Árcade, pois o filho de Zeus e Calisto se metamorfoseou na constelação da Ursa Menor [...]. Drummond interpreta por “sustentáculo”.⁴

Para Guérios (1981, p. 60-61, grifos do autor), Arcádio: “lat. *Arcadius*, gr. *Arkádios*, da *Arkadia*, terra dos *Arkádes*, ‘homens-ursos ou ursinos’; deriv. de *árk(t)os*, ‘urso’”. Não seria coincidência que Úrsula signifique, segundo os dicionários mencionados, como veremos a seguir, o diminutivo de “ursa”.

Fato é que José Arcádio Buendía era um homem visionário, empreendedor e criativo, “[...] cuja desaforada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e muito além do milagre e da magia” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 7). No momento inicial da narrativa, ele aparece estritamente dedicado à cidade e à família. Entretanto, isso muda ao conhecer Melquíades, um cigano solitário que o apresentou às novidades oriundas de outras regiões – é preciso considerar que Macondo é sempre descrita como um local isolado geograficamente, o que dificultava o acesso de seus habitantes até mesmo a coisas, hoje, consideradas triviais, como o gelo e o ímã. Sobre Melquíades, ressaltamos que ele foi o primeiro personagem a figurar a obra e que, não coincidentemente, desempenha um papel importantíssimo, dado que a sua influência no patriarca dos Buendía atua nas demais gerações, os quais também passam a se interessar pela alquimia, pelas invenções do “mundo exterior”, pelo laboratório montado nos fundos da casa, além dos manuscritos do cigano, que

⁴ Também conhecido como Arcas, Árcade era, segundo a mitologia grega, filho de Zeus e de Calisto. Sua mãe teria sido transformada em uma ursa, mas existem várias versões a respeito dessa transformação. Uma delas diz que Arcas quase matou Calisto, já transformada em ursa, ao alvejá-la com uma seta. Por conta disso, foi transportado junto com ela para o céu, transformados ambos nas constelações da Ursa maior e da Ursa menor.

contêm os mistérios da dramática história da família, os quais não devem ser desvendados antes de se completarem cem anos.

Em Machado (2003), apesar de não existir certeza quanto à origem etimológica desse nome, encontramos uma associação a um famoso e inteligente general ateniense, de nome Milcíades, ao que podemos relacionar justamente a essa forma de comando que o cigano exercia em José Arcádio Buendía por meio dos objetos inovadores que a ele apresentou. Guérios (1981, p. 175, grifos do autor) confirma tal suposição ao dizer que resulta do “cruzamento de *Melciadès* com *Melquias*” que, por sua vez, significa “Javé (*Iah*) é rei (*malk*)”.

No decorrer da narrativa, é perceptível a queda da participação do patriarca nos assuntos relacionados à família, diferentemente de Úrsula, que sempre acompanhou de perto (quase) todas as gerações descritas no livro. Sobre ela, encontramos a seguinte definição:

Ativa, miúda, severa, aquela mulher de nervos inquebrantáveis, e que em nenhum momento de sua vida alguém ouviu cantar, parecia estar em todas as partes do amanhecer até alta noite, sempre perseguida pelo suave sussurro de suas anáguas rendadas. Graças a ela, os chãos de terra batida, os muros de barro sem cair, os rústicos móveis de madeira construídos por eles mesmos estavam sempre limpos, e as velhas arcas onde era guardada a roupa exalavam um perfume morno de alfavaca. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 15).

Como já mencionamos, sua etimologia referente à “pequena ursa” demonstra, a partir de elucubrações metafóricas, exatamente o enlace das características físicas, mas também psicológicas da personagem, que se mostra como o alicerce de toda a família – a pessoa

mais forte e com os melhores nervos para lidar com as situações mais diversas que lhe se apresentam no decorrer da obra. Não à toa viveu entre 115 e 122 anos (de acordo com o próprio livro) e, como uma das maiores ironias encontradas na história, a família desapareceu justamente com a morte do menino que nasceu com rabo de porco por ser filho de uma tia com seu sobrinho, uma vez que Úrsula, já falecida, não pôde vigiar ou impedir esse relacionamento. Além disso, é possível perceber que a prosperidade da casa e do povoado caminhava lado a lado, o que, portanto, atribui boa parte dos méritos à principal mantedora do lar. Ela compreende com paciência as ideias inovadoras do marido e cuida dele quando acaba louco e amarrado a uma árvore, vive a fuga do seu filho José Arcádio, apoia (coronel) Aureliano, mesmo quando este passa muitos anos distante em virtude da guerra e regressa quase como um morto, além de ajudar na criação das crianças, trabalhar e cuidar da casa, mesmo quando fica cega e bastante estiolada.

A segunda geração

Da união entre José Arcádio Buendía e Úrsula nascem, em ordem cronológica, os filhos José Arcádio, Aureliano e Amaranta. O primogênito se mostra muito semelhante ao pai na força física e na virilidade – característica comum a todos os que recebem esse nome (ou suas variações) –, mas, apesar de apresentar “[...] o mesmo impulso de crescimento e solidez, já naquele tempo era evidente que carecia de imaginação” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 21). Também a ele é atribuída a personalidade sociável e impulsiva. Já Aureliano não puxou a corpulência do pai e se mostra mais silencioso, introspectivo, estudioso e dedicado à alquimia. No decorrer da obra,

observamos as modificações que transformaram Aurelito (como era chamado, carinhosamente por seu sogro) no coronel Aureliano, pois já a adolescência “[...] havia tirado a doçura da sua voz e feito com que ele se tornasse silencioso e definitivamente solitário” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 47). Ainda, para Guérios (1981, p. 65, grifos do autor), o nome Aureliano é derivado de Aurélio, que, por sua vez, significa “de *aurum*: ‘ouro’ ou ‘o áureo, o dourado’, mas, em verdade, baseia-se no etrusco *úsil*, ‘sol’”. Lembramos, nesse ponto, o hábito adquirido pelo personagem de fabricar peixinhos de ouro para, logo em seguida, trocá-los por moedas também de ouro que, completando o ciclo, eram desmanchadas para serem transformadas em peixes. Adiante, veremos como essas particularidades atribuídas aos José Arcádios e aos Aurelianos se desenvolvem, engendrando uma repetição cíclica de personalidades e tragédias.

Sobre a filha caçula, Amaranta: ao passo que vivia sua infância com a família, com apenas 11 anos passa a não ser a única menina da casa, devido à chegada de Rebeca, vinda da antiga aldeia de José Arcádio e Úrsula, mas carregando consigo pouquíssimas informações a respeito da sua origem, inclusive sobre quem seriam seus pais. Apesar de algumas manias estranhas, como as de chupar dedo e comer terra, logo Rebeca é considerada uma filha do casal Buendía (inclusive passando a adotar o sobrenome da família). Por sua etimologia, verificada a partir de Nascentes (1952, p. 259), depreende-se que Rebeca remete àquela “[...] que está presa (do amor ou afeto), ou [...] a que com sua beleza prende os homens”. As duas possibilidades encontradas a partir da recuperação etimológica seriam possíveis, visto que se trata de uma personagem dotada de muita beleza e que, após a dramática morte do marido, passa o resto da vida reclusa em uma casa diferente da qual foi criada pelos

Buendía, de modo que os demais sequer sabiam se estava viva ou morta, ficando esquecida e sozinha.

De outro lado, “Amaranta, a menor, era assim meio sem graça, mas tinha a distinção natural, a fidalguia interior da avó morta” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 63). A respeito da etimologia, segundo Machado (2003, p. 120, grifos do autor), o nome Amarantho significa: “Do gr. *Amarantos*, ‘que não murcha, imortal; s.m., o amaranto (flor)’”, confirmado por Guérios (1981, p. 55): “‘imarcescível; n. do amaranto (flor dos amores)”. De fato, sua personalidade forte e seus nervos inquebrantáveis como os da mãe fazem de Amarantho uma personagem que, mesmo diante de inúmeras tristezas e tragédias no decorrer da história – como ter sido relegada pelo homem que acreditava amar em detrimento de sua irmã, ou a morte de seu irmão, o coronel Aureliano, que foi a pessoa que ela mais amou no mundo –, se mantém serena e paciente em face aos desígnios da vida.

A terceira geração

Como fruto da relação entre Pilar Ternera com José Arcádio e Aureliano, nascem, respectivamente, Arcádio e Aureliano José. O nascimento de Arcádio não foi algo bem aceito por José Arcádio, de modo a perder o apetite, o sono e ter sucumbido ao mau humor, o que, posteriormente, o levou a fugir com os ciganos. Sua criação como uma criança solitária e assustada em meio às diversas confusões que circundaram a casa engendrou nele sequelas que mais tarde se traduziriam na sua postura absurda como chefe civil e militar de Macondo, de modo a acarretar sua morte por fuzilamento. A obra registra como seu último desejo que nomeiem o filho, que esperava de Santa Sofia de la Piedad, caso menina, com o nome de Úrsula,

como a avó, ou, caso menino, de José Arcádio, como o avô, apesar de logo em seguida se arrepender por não ter dito que batizassem sua filha com o nome de Remédios - nome da esposa do primeiro Aureliano, seu pai. Esse fato acabou se concretizando, como observamos na passagem: “Contra a última vontade do fuzilado, batizou a menina com o nome de Remédios. ‘Tenho certeza de que foi isso o que Arcádio quis dizer’, alegou. ‘Não vamos pôr Úrsula, porque sofre-se demais com esse nome’” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 145). Nesse ponto, ressaltamos a influência religiosa associada aos nomes de Sofia, Pilar e Remédios em referência à Santa Sofia da Piedade e, segundo Guérios (1981), à invocação de Nossa Senhora do Pilar e de Nossa Senhora dos Remédios.

Sobre Aureliano José: apesar de ter contato com a mãe biológica, foi logo adotado por Remédios, então esposa de seu pai, como um filho. Com a morte prematura da moça, passou a conviver mais proximamente com sua tia Amaranta, com quem, inclusive, inicia uma breve relação amorosa. No decorrer da obra, podemos constatar uma semelhança entre pai e filho realçada por meio do nome, quando Amaranta diz: “Você está idêntico ao Aureliano quando ele tinha a sua idade” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 156), e com o fato de, assim como seu pai, também ter se envolvido com as forças militares.

Completando a terceira geração, estão também os 17 Aurelianos, filhos do coronel Aureliano com moças diferentes que conhecera nas suas andanças de guerra, todos batizados com o nome do pai e o sobrenome de suas respectivas mães. Eram “[...] homens dos mais variados aspectos, de todos os tipos e cores, mas todos com um ar solitário que seria suficiente para identificá-los em qualquer canto da terra” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 234). Uns muito

parecidos, outros nem tanto, mas todos recebidos com muito prestígio na casa dos Buendía quando, com o tempo e a grande quantidade com que se apresentavam, Úrsula passou apenas a anotar seus nomes e residências até que Aureliano retornasse da guerra e indicasse o que fazer. Se mostravam “[...] todos artesãos hábeis, homens de casa, gente de paz” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 236), mas também eram todos fadados a uma trágica morte por um tiro de fuzil bem na cruz de cinza, ostentada na testa e que os identificava como filhos do coronel Aureliano Buendía.⁵

A quarta geração

Os três representantes da quarta geração são fruto da união entre Arcádio e Santa Sofia de la Piedade,⁶ a saber, Remédios, que de tão conhecida por sua beleza recebeu a alcunha de “a Bela”, além dos gêmeos Aureliano Segundo e José Arcádio Segundo.

Os gêmeos que, quando pequenos, exibiam atitudes sincrônicas e que, inclusive, desenvolveram o hábito de trocar de identidade, quando adultos passaram a apresentar personalidades bem distintas. O que ficou com o nome de Aureliano Segundo “[...] ficou monumental como o avô” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 199) e, além de ser mulherego, extrovertido e de personalidade festeira, também desenvolveu o hábito de ver fantasmas, como o de Melquíades, e de se interessar pelos seus manuscritos. Já o que ficou com o nome de

⁵ No retorno para casa, todos os que compareceram à missa, inclusive Amaranta, conseguiram limpar a cruz da testa, exceto os 17 Aurelianos, que passaram a carregá-la como uma marca de família, mas sem saber que essa mesma marca os levaria à morte.

⁶ Assim como a santa da qual leva o nome, também teve três filhos e ficou viúva. O comportamento dessa personagem na obra é mesmo como o de uma santa, pois suportou sem jamais reclamar todo tipo de agruras, sem nunca receber o devido reconhecimento da família.

José Arcádio Segundo, além de calado e com um ar pensativo, “[...] tornou-se ósseo como o coronel; e a única coisa que conservaram em comum foi o ar solitário da família” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 199), desobedecendo ambos às características que até então acompanhavam os demais Arcádios e Aurelianos. Isso, porém, pode ser atribuído às suas brincadeiras da infância, em função de que Úrsula realmente acreditava que nem eles mesmos sabiam quais seus reais nomes de batismo. Segundo indícios do próprio livro, os gêmeos, que morreram ao mesmo tempo e, assim, tornaram a ficar idênticos como na infância, apenas foram destrocados nos túmulos.

Ademais, Úrsula sempre vigilante, percebeu que José Arcádio Segundo era dado às rinhas de galo (que outrora foi motivo de grande desgraça na família) e que Aureliano Segundo tinha o costume de se refestelar em ruidosas festas na casa de sua amante, Petra Cotes, além de desperdiçar muito do seu dinheiro de maneira frívola. Quando isso aconteceu, ela sentiu

como se os gêmeos tivessem concentrado em si todos os defeitos da família, e nenhuma de suas virtudes. Então decidiu que ninguém tornaria a se chamar Aureliano e José Arcádio. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 206).

Isso, porém, não se confirma, já a partir da próxima geração.

Caso inovador na quarta geração é o da repetição do antropônimo feminino Remédios, que outrora pertenceu à viúva do coronel Aureliano. Ainda mais bela que a anterior, na verdade, dona de uma beleza mortal e mesmo de outro mundo, Remédios, a Bela, também exibia uma postura semelhante à sua antecedente homônima no que tange à “ingenuidade” de ambas. Para o coronel Aureliano, Remédios,

a Bela, não era de forma alguma retardada; ao contrário: “Parecia que uma lucidez penetrante permitia que ela visse a realidade das coisas muito além de qualquer formalismo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 215). Úrsula tinha sua própria opinião:

Dava graças a Deus que tivesse premiado a família com uma criatura de uma pureza excepcional, mas ao mesmo tempo sua beleza a perturbava, porque parecia uma virtude contraditória, uma armadilha diabólica no centro da sua candura. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 215).

Motivo este que a fez afastá-la do contato social, inclusive, quando Remédios, a Bela, passa a sempre usar uma mantilha negra a cobrir-lhe o rosto.

A quinta geração

Os representantes da quinta geração – José Arcádio, Renata Remédios (Meme) e Amaranta Úrsula – são os filhos da união de Aureliano Segundo e Fernanda del Carpio. Quando do nascimento de José Arcádio, o último a carregar esse nome na estirpe da família,

Úrsula não conseguia ocultar um vago sentimento de aflição. Na longa história da família, a tenaz repetição dos nomes tinha permitido que ela chegasse a conclusões que lhe pareciam definitivas. Enquanto os Aurelianos eram retraídos, mas de mentalidade lúcida, os José Arcádio eram impulsivos e empreendedores, mas estavam marcados por um destino trágico. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 198).

Portanto, diante desse receio, já centenária e muito debilitada, a matriarca dos Buendía decide cuidar atentamente da educação de José Arcádio, com a intenção de que um dia ele se ordene Papa.⁷ Talvez devido ao excesso de mimo empregado por Úrsula na sua criação, ele apresenta uma personalidade muito parecida com a de sua mãe – criada para ser uma rainha –, porém, e como um legítimo Buendía, também encara o destino trágico que cerca sua família, ao morrer afogado, vítima de latrocínio. Do nome de José Arcádio para seu filho também discordou secretamente Fernanda. Contudo:

Não se atreveu a se opor, porque fazia apenas um ano de sua chegada (à casa dos Buendía). Mas quando nasceu a primeira filha expressou sem reservas sua determinação de que se chamasse Renata, como sua mãe. Úrsula tinha decidido que se chamaria Remédios. Após uma tensa controvérsia [...] foi batizada com o nome de Renata Remédios. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 231).

Fato é que por todos da aldeia, exceto Fernanda, Renata Remédios era tratada carinhosamente pelo hipocorístico⁸ “Meme”. Ao recuperar a etimologia referente ao nome Renato,⁹ encontramos, em Nascentes (1952, p. 260), a seguinte definição: “renascido, nascido segunda vez”, que, associado ao nome Remédios, poderia indicar o retorno da esposa do coronel Aureliano. Apesar de não ser especialmente bela, característica das duas primeiras, “[...] era simpática, descomplicada, e tinha a virtude de agradar desde o

⁷ Esta, na verdade, nunca foi a intenção do rapaz – fato omitido da família.

⁸ Corresponde a uma derivação do nome próprio a fim de diferenciá-lo, geralmente utilizado em âmbitos familiares para expressar afetividade (RODRIGUES, 2016).

⁹ Nas obras etimológicas, a um nome feminino geralmente se segue uma indicação de consultar a forma masculina, que seria a anterior. Assim, em Renata, há a indicação de que seria o feminino de Renato.

primeiro momento” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 294), além de não carregar o estigma da solidão que assombrava a todos os Buendía. Com o passar dos anos, a verdadeira personalidade de Meme foi se revelando. Herdou muito pouco do gênio da mãe e, como seu pai, gostava das festas ruidosas, dos namoricos secretos e de passar longas horas com suas amigas fazendo todo tipo de coisa que sua mãe desaprovava.

A caçula Amaranta Úrsula, que também recebeu esse nome contra a vontade da mãe, foi concebida quando Aureliano Segundo e Fernanda já estavam com o casamento bastante desgastado em razão do relacionamento extraconjugal com Petra Cotes. Amaranta Úrsula apresentava

[...] corpo miúdo, o cabelo solto e longo e os olhos vivazes que Úrsula teve na sua idade, e a forma como se despedia sem chorar mas sem sorrir revelava a mesma fortaleza de caráter. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 380).

além de uma espontaneidade e natureza empreendedora, o que a identificava mais ainda com sua homônima. Em dado momento da obra, é realçada, novamente, a similaridade de Amaranta Úrsula com outros membros da família Buendía: “Ativa, miúda, indomável, como Úrsula, e quase tão bela e provocativa como Remédios, a Bela” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 405). Assim como os irmãos, também foi mandada ao exterior para estudar e, ao retornar, já aparece casada. De maneira repentina, apaixona-se por Aureliano Babilônia sem saber que é seu sobrinho, passando a viver com ele sob a benção, inclusive, de seu ex-marido. Tinha como projeto a restauração da casa da família, mas, com os rompantes do amor, acaba

se esquecendo do seu antigo propósito. Tem como destino trágico a morte após o parto.

A sexta geração

Moça de espírito livre e dada aos passeios, assim como o pai, Meme conhece, em uma de suas andanças, Maurício Babilônia, “[...] jovem amulhado, com uns olhos escuros e melancólicos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 307), corroborando a informação observada em Nascentes (1952, p. 195), de que o nome Maurício corresponde a “escuro como um mouro”. A aparência e a posição socioeconômica ocupada pelo rapaz, que era aprendiz de mecânico, despertam em Fernanda o repúdio, que acarreta, inclusive, a invalidez de Maurício. Ele é atingido por um tiro, que fica incrustado em sua coluna vertebral, quando invadia a casa dos Buendía para relacionar-se com Meme.

Desse romance secreto nasce Aureliano Babilônia. Meme, isolada em um convento a mando de sua mãe e sem proferir nenhuma palavra desde o acidente de Maurício, dá à luz longe de Macondo, de forma que seu filho chega à aldeia por meio do diretor do convento, o qual informa, por carta,

que havia nascido dois meses antes, e que tinham se permitido batizá-lo com o nome de Aureliano, como o avô, porque a mãe não desgrudou os lábios para expressar sua vontade. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 322).

Após um tempo sendo criado às escondidas por Fernanda, que, na verdade, gostaria de tê-lo afogado em uma tina de água, é descoberto por Aureliano Segundo, que cuida e o agrega à família,

mesmo sem conhecer a sua origem, assim, “[...] num instante viu-se que era um legítimo Aureliano Buendía, com seus pômulos altos, seu olhar de assombro e seu ar solitário” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 341). Outro momento do livro relata a similaridade de Aureliano Babilônia com o coronel Aureliano:

Nenhum de seus filhos foi tão parecido com ele [o coronel], nem mesmo Aureliano José, sobretudo por causa dos pômulos pronunciados e a linha firme e um pouco impiedosa dos lábios. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 382).

Aureliano Babilônia apenas sai da nuvem de mistério que o rondava e do hermetismo que impôs a si mesmo quando, como já mencionado, se apaixona por sua tia e é correspondido. Porém, e como Úrsula temia, disso resulta o trágico fim da estirpe dos Buendía. Ele também é o responsável por, enfim, ser decifrado o grande mistério escondido nos manuscritos de Melquiádes.

A sétima e última geração

Da união entre Amaranta Úrsula e seu sobrinho Aureliano Babilônia, nasce o último representante da família: Aureliano, o menino que foi comido pelas formigas. A escolha de seu nome contrariou Amaranta Úrsula, que havia escolhido o nome Rodrigo. Porém, ganhou o argumento de Aureliano Babilônia que queria se chamasse Aureliano como o coronel e ganhasse 32 guerras.

Através das lágrimas, Amaranta Úrsula viu que era um Buendía dos grandes, maciço e voluntarioso como os Josés Arcádios, com os olhos abertos e clarividentes

dos Aurelianos, e predisposto a começar a estirpe outra vez do princípio e purificá-la de seus vícios perniciosos e sua vocação solitária, porque era o único em um século que tinha sido engendrado com amor. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 440).

Porém, quando viram a criança de costas, todos os que estavam no local perceberam que ela portava um rabo de porco, mas, por desconhecimento das angústias da matriarca Úrsula, não se preocuparam de pronto. Contudo, a alegria de Aureliano Babilônia duraria pouco: o parto resultou na morte de Amaranta Úrsula e, logo depois, também seu filho morreria ao ser carregado e comido pelas formigas, ratificando o que diziam os manuscritos de Melquiades: “O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 444).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o estudo da obra *Cem anos de solidão* a partir da perspectiva etimológica e onomástica se mostra muito profícuo ao desvelar diversas características imbuídas nos nomes dos personagens, visto que tais escolhas lexicais não foram feitas ao acaso. Afinal:

O texto não é somente o vestígio de uma atividade enunciativa, mas o produto de uma história geralmente muito rica, um enunciado que geralmente atravessou múltiplos contextos, sofrendo constantes modificações, um objeto de múltiplas culturas. (MAINGUENEAU, 2010).

A repetição atrelada aos antropônimos, principalmente dos Arcádios e dos Aurelianos, imprime a sensação de tempo cíclico, como se mesmo diante dos nascimentos e mortes, das idas e vindas, dos casamentos e das separações, todos ainda estivessem entranhados em uma profunda solidão e ligados a um mesmo destino, pois:

A história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que teria continuado dando voltas até a eternidade, se não fosse o desgaste progressivo e irremediável do eixo. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2015, p. 425).

Portanto, tentamos, neste artigo, demonstrar mais uma possibilidade no que tange aos estudos em Onomástica e Etimologia, que, enquanto ciências linguísticas, também são campos riquíssimos e apresentam interação com diversas outras disciplinas. Como já salientamos, em nenhum momento almejamos fornecer uma interpretação de cunho literário, mas sim traçar um paralelo entre estudos linguístico-literários, visto que não devam ser visões dissociadas. Esperamos ter contribuído no sentido de incentivar outros pesquisadores a não só se interessarem pela Onomástica, que tanto material ainda apresenta (e necessita) para análise, mas também ao demonstrar, a partir de uma metodologia bem estruturada nos princípios etimológicos, que é possível a realização de outras pesquisas nesse mesmo viés, aplicado a outras obras.

Também não poderíamos deixar de reconhecer que *Cem anos de solidão* certamente é um livro que faz jus à ideia da América Latina como uma região diferenciada do mundo inteiro. Na obra é possível observar como as questões políticas, a solidão, as guerras e o esquecimento em muito se assemelham à história da própria região, com sua literatura até há pouco relegada e inferiorizada se

comparada aos cânones de origem europeia, por exemplo. Não à toa, também, que García Márquez escolhe Macondo, local fictício, para ser o cenário da obra. Decerto, não faltaram opções no momento dessa escolha, mas optar por um local imaginário resulta em uma construção – por que não? – metonímica de toda a América Latina em detrimento de Macondo que, por sua vez, representa-se metonimicamente a partir da casa da família dos Buendía, pois na medida em que esta prospera ou recrudescer, prospera ou recrudescer também toda a aldeia. De fato, García Márquez mostrou profundo conhecimento da alma latino-americana, não só nas suas falas em agradecimento aos prêmios que recebera, mas principalmente pelas obras que escreveu ao longo de sua carreira e que fizeram com que o mundo olhasse com outros olhos a produção realizada na América Latina.¹⁰

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Elis Almeida. Neologia e textos literários. *In*: ALVES, Ieda Maria; PEREIRA, Eliane Simões (org.). *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas/Capes, 2015. p. 333-342.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Antroponímia: um velho caminho, um novo instrumental de análise linguístico-literária. *Revista Álvares Penteado*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 115-135, 2002.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem Anos de Solidão*. Tradução: Eric Nepomuceno. 91. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

¹⁰ Para saber um pouco mais a respeito das impressões de Gabriel García Márquez sobre sua própria obra, conferir: <<https://youtu.be/BWKQxvf3hgw>>.

- MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 2003. v. 2
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso e literatura: problemas epistemológicos e institucionais. *Linguagem*, São Carlos-SP, v. 13, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2F3pHdG>>. Acesso em: 28 dez. 2018.
- MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.
- MOTA, Maria Alice. *Formas de referência a pessoas: uma abordagem variacionista*. 2013. 173f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- RODRIGUES, Leticia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 76 f. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução: J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Versão em português. *Cem anos de solidão*, ([2016]). Disponível em: <<https://bit.ly/2O6yEXv>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SOBRE OS AUTORES

A. Ariadne Domingues Almeida

Doutora em Letras e Linguística (2007) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, é Professora Associada dessa universidade, onde atua na graduação em Letras e na Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinc), na condição de professora permanente. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica, Linguística Cognitiva, Complexidade, atuando principalmente nos seguintes temas: história do sistema conceptual, semântica, conceptualização, categorização, multimodalidade e sistemas complexos. Coordena Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), com núcleos na UFBA, Universidade do Estado da Bahia e Universidade de Brasília; é associada ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA). Realizou estágio pós-doutoral em Estudos de Linguagens na UNEB. Organizou com outros professores os seguintes livros: *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos* (2018); *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* (2018); *Estudos filológicos: Linguística Românica e Crítica Textual* (2016); *Linguagens e cognição* (2016); *Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas* (2015); *Saberes lexicais: 324 entre mundos, mentes e usos*

(2015) e *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* (2012).

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1889863405443454>.

E-mail: ariadnealmeida@uol.com.br; ada_domingues@gmail.com.

André Conforte

Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011), onde é Professor Adjunto, atuando, principalmente, nos seguintes temas: letras de samba, gêneros textuais, metalinguagem, metadiscurso, interdiscurso e intertextualidade, produção textual e análise estilística.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6385720491591190>.

E-mail: andreconforte@yahoo.com.br.

Deivid Borges Santos

Bacharel (2017) e licenciado (2016) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia, onde é mestrando em Língua e Cultura e desenvolve pesquisa sobre as construções com o verbo “dar” no período arcaico da Língua Portuguesa, tendo como base teórico-metodológica a Gramática das Construções. Tem experiência em estudos linguísticos voltados para os níveis morfológico, semântico e sintático da Língua Portuguesa. Seus interesses: estudo histórico das línguas; Linguística Cognitiva; abordagem construcionista da gramática.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5490459843231852>.

E-mail: deividborges001@gmail.com

Elisângela Santana dos Santos

Elisângela Santana dos Santos Doutora em Letras e Linguística (2011) pela Universidade Federal da Bahia, tendo realizado estudos na Universidade Católica Portuguesa (2010), por meio do Programa de Estágio de Doutorado no Exterior, viabilizado pela Capes. É Professora Titular do curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde também é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Coordena o Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), no núcleo da UNEB, vinculado ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA) e participa do Núcleo de Estudos do Léxico (NEL/UNEB). Desenvolve pesquisas sobre história da língua portuguesa, semântica cognitiva, polissemia e léxico. Organizou com outros professores os seguintes livros: *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos* (2018); *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* (2018); *Linguagens e cognição* (2016); *Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas* (2015) e *Saberes lexicais: entre mundos, mentes e usos* (2015).
C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9181473845079796>.
E-mail: elisangelasantana2008@gmail.com.

Juliana Esposito Marins

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013), onde atualmente é Professora Adjunta, atuando na graduação. Detém-se na investigação do comportamento do sujeito pronominal nas línguas românicas, partindo dos indícios de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) no português brasileiro (PB). Tem se dedicado ao estudo de estruturas

existenciais com verbos “ter”, “haver” e “existir” nas variedades brasileira e lusitana, buscando evidências de reflexos no sistema da remarcação do PSN no PB.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2570423322498863>.

E-mail: juespmarins@hotmail.com

Juliana Soledade

É Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2004), da qual é Professora Associada, e está em exercício na Universidade de Brasília (UnB). Investiga, em perspectivas sincrônica e diacrônica, o léxico comum e o léxico onomástico, com enfoque nos processos morfológicos de sua constituição, em uma perspectiva cognitivista (morfologia construcional e gramática das construções). É membro do Programa Para a História da Língua Portuguesa e coordena o projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil. Integra o Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva, coordenando-o na UnB. É membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7658434641998530>.

E-mail: julisoledade@gmail.com

Letícia Santos Rodrigues

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. É mestre por esse mesmo programa. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Dedicar-se a estudos voltados para o léxico, Morfologia, Etimologia, Onomástica, Linguística Histórica e Linguística Cognitiva.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9443855538199252>.

E-mail: letisr.618@gmail.com.

Natal Almeida Simões Neto

Mestre em Língua e Cultura (2014) pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, faz doutorado nessa instituição. É professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. É membro do Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva e do Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil, ambos vinculados ao Programa Para a História da Língua Portuguesa. Organizou, com L. Picoli, o livro *Redes lexicais: descrições, análises e histórias* (2016). Tem interesse em pesquisas sobre morfologia, léxico, antroponímia e semântica do latim, do português e das demais línguas românicas.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2978224861970814>.

E-mail: natalalneto@gmail.com.

Paulo Henrique Duque

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Atualmente, é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde atua na graduação e pós-graduação em Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Modelos Baseados no Uso, atuando principalmente nos seguintes temas: Linguística Cognitiva, construções gramaticais, semântica da simulação, e discurso e cognição.

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0409894285408135>.

E-mail: duqueph@gmail.com.

Sofia Merlino

Doutoranda em Linguística pela Universidad Nacional del Sur (UNS) e pelo Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet, Argentina), tendo sua linha de pesquisa organizada em torno dos padrões linguísticos e retóricos no discurso da Bioética.

Bacharel em Letras pela UNS, Bahia Blanca, Argentina (2010). Exerce a docência na UNS, na disciplina Análise do Discurso e em oficinas de compreensão e produção de discursos focados na argumentação jurídica. Integra equipes de projetos de pesquisa dedicados a estudos dos aspectos da textualização dos saberes científicos. É coautora do livro *La argumentación en el discurso*, editado pela editora EdiUNS em 2012, e publicou vários artigos em revistas especializadas, como “Confrontar, conversar, convivir: argumentación cooperativa en Bioética”, publicado na *Revista del Hospital Italiano de Buenos Aires* (v. 34, n. 3, 2015); “La argumentación en la interfaz ética/biomedicina. Una retórica de la colaboración”, na revista *Rétor* (v. 2, n. 1, 2012); “La configuración del espacio argumentativo de la Bioética: consenso y colisión” na revista *RASAL Lingüística* (n. 1/2, 2009), entre outros. *E-mail*: sofiamerlino@hotmail.com

Formato: 150 mm x 210 mm

Fontes: Minion Pro

Papel miolo: Pólen, 80 g/m²

Papel capa: Cartão Supremo, 300 g/m²

Impressão: Setembro de 2019

Gráfica ImpressãoBigraf

Elisângela Santana dos Santos

Elisângela Santana dos Santos Doutora em Letras e Linguística (2011) pela Universidade Federal da Bahia, tendo realizado estudos na Universidade Católica Portuguesa (2010), por meio do Programa de Estágio de Doutorado no Exterior, viabilizado pela Capes.

É Professora Titular do curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde também é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Coordena o Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), no núcleo da UNEB, vinculado ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA) e participa do Núcleo de Estudos do Léxico (NEL/UNEB). Desenvolve pesquisas sobre história da língua portuguesa, semântica cognitiva, polissemia e léxico. Organizou com outros professores os seguintes livros: Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos (2018); Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar (2018); Linguagens e cognição (2016); Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas (2015) e Saberes lexicais: entre mundos, mentes e usos (2015).

A. Ariadne Domingues Almeida

Doutora em Letras e Linguística (2007) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, é Professora Associada dessa universidade, onde atua na graduação em Letras e na

Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinc), na condição de professora permanente. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica, Linguística Cognitiva,

Complexidade, atuando principalmente nos seguintes temas: história do sistema conceitual, semântica, conceptualização, categorização, multimodalidade e sistemas complexos. Coordena Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), com núcleos na UFBA, Universidade do Estado da Bahia e Universidade de Brasília; é associada ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA). Realizou estágio pós-doutoral em Estudos de Linguagens na UNEB. Organizou com outros professores os seguintes livros: Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos (2018); Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar (2018); Estudos filológicos: Linguística Românica e Crítica Textual (2016); Linguagens e cognição (2016); Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas (2015); Saberes lexicais: 324 entre mundos, mentes e usos (2015) e ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias (2012).

Natal Almeida Simões Neto

Mestre em Língua e Cultura (2014) pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, faz doutorado nessa instituição. É professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. É membro do Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva e do Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil, ambos vinculados ao Programa Para a História da Língua Portuguesa. Organizou, com

L. Picoli, o livro *Redes lexicais: descrições, análises e histórias* (2016). Tem interesse em pesquisas sobre morfologia, léxico, antroponímia e semântica do latim, do português e das demais línguas românicas.

A presente obra, como o próprio nome sugere, reúne dez pesquisas que elegem o léxico como elemento agregador. A partir de contribuições de professores e estudantes de universidades nacionais e internacionais, o léxico é explorado em variadas perspectivas e interfaces, a saber: Linguística Cognitiva, Linguística Histórica, Gramática Gerativa, Sociolinguística, Linguística Sistêmico-Funcional, Estilística, Onomástica e Literatura. O perfil multifacetado e plural da organização expõe a gama de possibilidades teórico-metodológicas e de diálogos interdisciplinares que podem ser realizados nesse âmbito dos estudos linguísticos. Destaque-se, ainda, o caráter experimental e didático dos textos que compõem esta coletânea, sempre esclarecendo os pressupostos das teorias utilizadas, a fim de garantir melhor compreensão aos leitores, sobretudo os que se encontram no início de suas trajetórias nas Letras.



<https://portal.uneb.br/eduneb>

ISBN 978-85-7887-369-1



9 788578 187369 1

